

# Itaytera

Número: 37

Ano: 1993

Roubou-nos a morte, nos seus mistérios e designios insondáveis, a maior figura humana do Crato dos últimos tempos.

Deixou de viver e já foi recebido de volta ao seio da terra generosa que ele tanto amou e pela qual viveu, tão devotadamente, o escritor e jornalista J. de Figueiredo Filho.

A irreparável perda que o Crato acaba de sofrer abala toda a sua estrutura e abre um claro difícil de ser preenchido, por muitos e muitos anos.

Não é em toda geração que surge um homem do porte de José de Figueiredo Filho.

Figuras luminares como a do cratense que se foi, Deus presenteia muito raramente uma comunidade.

Lutador intemerato, sua pena esteve 55 anos a serviço da terra, na causa da terra, em defesa da terra, projetando-a, elevando-a, dignificando-a, exaltando-a, na mais pura, na mais honesta, na mais sincera, na mais produtiva folha de serviços que um homem pode emprestar à sua terra.

Lutador incansável, fez da pena a sua arma, dos livros e jornais, a sua trincheira, do campo jornalístico e do cenário da cultura, o magnífico palco onde exercitou, cotidianamente, o bom combate, na glorificação de sua causa e na elevação de sua gente.

Projetou o Crato aos pináculos da glória, nas conferências, nos congressos, nos simpósios, nas academias científicas e literárias, no descortínio do alto mundo intelectual do Estado e fora dêle, sempre com a preocupação única de servir e engrandecer o Crato.

Fez da pesquisa histórica a luminosa trajetória em que se abriram novos rumos ao conhecimento de nossa formação intelectual, cívica, moral e política.

E na Cátedra, exercitou o bom combate, nesse contato diário e proveitoso com a juventude, na qual inoculou os sentimentos mais sadios de brasilidade, de civismo, de amor telúrico à terra comum de todos nós.

Sua vida foi, portanto, um hino constante de amor, desvelo e devotamento ao Crato que era a razão de ser de sua existência e o carinho maior do seu coração incendiado de amor patriótico.

No Instituto Cultural do Cariri, que fundou e manteve, como permanente tocha, acesa ao fogo dos seus ideais, marcou uma época realmente esplendorosa de pujantes e saudáveis realizações.

Na Faculdade de Filosofia, que animou com força vigorosa do seu espírito, exaltou a terra e serviu à cultura.

Na Academia Cearense de Letras, aonde chegou, depois de muito relutar, em vista de sua imensa modéstia, codificou na imortalidade acadêmica um nome que a posteridade já aprendeu a amar.

E assim se foi J. de Figueiredo Filho.

Foi, deixando atrás de si a luminosidade marcante de uma intensa e extensa produção literária, jornalística, científica - nos jornais, nos livros, nas conferências, no brilho dos simpósios e congressos, na marcante personalidade que se revela até nos bilhetes íntimos aos amigos mais caros, no entusiasmo avassalador por um Crato melhor.

E assim se foi J. de Figueiredo Filho, construindo uma obra imperecível que dignifica o seu nome e lhe exalta a figura humana, onde os traços de bondade, de caráter forte e sem jaça, se misturam à grandiosidade de um espírito público que só soube construir, nunca destruir.

(Publicado no nº 18, da revista ITAYTERA)

(J. de Figueiredo Filho - 20 anos de sua morte)

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI - CRATO - CEARÁ



# ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri  
Fundado a 18 de Outubro de 1953

Primeiro Presidente :

DR. IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO

\*\*\*\*\*

Registrado no Cartório do Registro de Títulos e Documentos, Crato, no Livro A - 1, fls. 417 — sob número 6, em 30 de Setembro de 1954, publicado no Diário Oficial 20-10-54.

Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA por Lei Municipal nº 453, de 22 de Setembro de 58, publicada no Diário Oficial do Estado.

Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA pela Lei Estadual 10.125, de 27-10-77, publicada no Diário Oficial do mesmo dia, Governo Adauto Bezerra.

Tem o seu C.G.C. sob nº 05.357.359/0001-86

\*\*\*\*\*

Registrado no Conselho Nacional do Serviço Social do MEC

Endereço : Praça Juarez Távora, 950

CEP 63.100-000 — Crato-Ceará

\*\*\*\*\*

DIRETORIA ATUAL DO ICC

A diretoria atual do Instituto Cultural do Cariri foi eleita em Assembléa Geral Eleitoral de 6-8-90 — empossada em Sessão de 24-8-90, estando assim constituída :

Presidente :

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Vice-Presidente :

JOSE EMERSON MONTEIRO LACERDA

Secretário-Geral :

FOO. HUBERTO ESMERALDO CABRAL

Secretária :

MARIA LIREDA ALENCAR NORONHA

Tesoureiro :

JOSÉ DE PAULA BANTIM

\*\*\*\*\*

COMISSÕES

De Ciências, Letras e Artes :

PLÁCIDO CIDADE NUVEENS, MARGARIDA  
ANGÉLICA RAMOS SIEBRA,

LA-SALETE LIBÓRIO RIBEIRO DA SILVA

De Sindicâncias :

JOSE PEIXOTO DE ALENCAR CORTÉZ,  
ANTÔNIO NIRSON MONTEIRO, ELOI  
TELES, DE MORAIS E ANTÔNIO CORREIA  
COELHO

Da Revista Itaytera : JOÃO LINDEMBERG  
DE AQUINO, FRANCISCO DE ASSIS BRITO  
E JURANDY TEMÓTEO DE SOUSA

DIRETOR DA REVISTA ITAYTERA

Jornalista : João Lindemberg de Aquino.  
ITAYTERA aceita permuta com publicações  
congêneres, do País e do Exterior.

# Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

## SECCÃO DE LETRAS

- 1 - PATRONO : Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina  
OCUPANTE : João Lindemberg de Aquino
- 2 - PATRONO : Bruno de Menezes  
OCUPANTE : Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 3 - PATRONO : José Alves de Figueiredo  
OCUPANTE : Pe. Neri Feitosa
- 4 - PATRONO : Alexandre Arraes de Alencar  
OCUPANTE : Maria Edméia Arraes de Alencar
- 5 - PATRONO : Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva  
OCUPANTE : Vaga
- 6 - PATRONO : Dr. Irineu Nogueira Pinheiro  
OCUPANTE : Vaga
- 7 - PATRONO : Antônio Barbosa de Freitas  
OCUPANTE : Vaga
- 8 - PATRONO : Álvaro Bomilcar da Cunha  
OCUPANTE : Dr. José Newton Alves de Sousa
- 9 - PATRONO : Dom Francisco de Assis Pires  
OCUPANTE : Prof. Rubens Gondim Lóssio
- 10 - PATRONO : Pe. Emídio Leite Cabral  
OCUPANTE : Vaga
- 11 - PATRONO : Raimundo Gomes de Matos  
OCUPANTE : Vaga
- 12 - PATRONO : Leandro Bezerra Monteiro  
OCUPANTE : Dr. Antônio Araujo Ribeiro
- 13 - PATRONO : Dr. Otacílio Macêdo  
OCUPANTE : Cláudio Martins
- 14 - PATRONO : Manoel Rodrigues Monteiro  
OCUPANTE : Vaga
- 15 - PATRONO : Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona  
OCUPANTE : Vaga
- 16 - PATRONO : Pe. Francisco Pita  
OCUPANTE : Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO : João Brígido dos Santos  
OCUPANTE : Vaga
- 18 - PATRONO : Raimundo Monte Arraes  
OCUPANTE : Vaga
- 19 - PATRONO : José de Figueiredo Filho  
OCUPANTE : Mozart Soriano Aderaldo
- 20 - PATRONO : Senador José Martiniano de Alencar  
OCUPANTE : Vaga
- 21 - PATRONO : Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira  
OCUPANTE : Pe. Antônio Vieira

## SECCÃO DE CIÊNCIAS

- 1 - PATRONO : Dr. Barreto Sampaio  
OCUPANTE : Dr. Napoleão Tavares Neves

# INSTALADA DE FORMA SOLENE A FUNDAÇÃO J. DE FIGUEIREDO FILHO

Criada por Lei Municipal de 1993, do Prefeito Antonio Primo de Brito, a Fundação José de Figueiredo Filho destina-se a coordenar e realizar toda a política cultural do Município. Ela foi instalada no dia 29/08/1993, quando se celebravam 20 anos da morte do seu Patrono. Eis, na íntegra, o convite distribuído pela Prefeitura do Crato:

*PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO*  
Secretaria de Educação e Cultura  
*FUNDAÇÃO CULTURAL J. DE FIGUEIREDO FILHO*  
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

\*\*\*\*\*

## *C O N V I T E*

A Administração Municipal do Crato tem a honra de convidar V. Exa. e Exma. Família para a solenidade de instalação oficial da "FUNDAÇÃO CULTURAL J. DE FIGUEIREDO FILHO", conforme programa anexo.

ATENCIOSAMENTE,  
*ANTONIO PRIMO DE BRITO*  
PREFEITO MUNICIPAL

\*\*\*\*\*

DIA 29 DE AGOSTO DE 1993 — DOMINGO  
20º ANIVERSÁRIO DE MORTE DE J. DE FIGUEIREDO FILHO

05:00 Horas — Alvorada e Salva, na Praça da Sé.

09:00 Horas — Missa na Sé Catedral.

10:00 Horas — Hasteamento das Bandeiras do Brasil, do Ceará e do Crato, no Museu Histórico.

10:30 Horas — Abertura da Exposição de Publicações de J. de Figueiredo Filho, no Museu Histórico.

19:00 Horas — Solenidade de Instalação Oficial da "FUNDAÇÃO CULTURAL J. DE FIGUEIREDO FILHO", com palestra do Jornalista J. Lindemberg de Aquino e Outorga do "Troféu J. de Figueiredo Filho" ao Instituto Cultural do Cariri, no Museu Histórico.

20:00 Horas — Programa "BAR DO ALAGOANO, DE VOLTA AO FUTURO", Especial dedicado a J. de Figueiredo Filho, no Coreto da Praça da Sé.

CONCURSO LITERÁRIO — Redação sobre J. de Figueiredo Filho: Para o 1º Grau Maior da 5ª a 8ª Série e 2º Grau.

CONCURSO DE CARICATURA — Para estudantes em geral.

# ITAYTERA, MAIS UMA VEZ

Circula, com este presente volume, o número 37 da revista ITAYTERA órgão do Instituto Cultural do Cariri.

Dadas as dificuldades encontradas, inicialmente, para a sua publicação, já estávamos na estrada do desengano, acreditando que iríamos interromper, pela primeira vez, a série tão entusiasmaticamente iniciada em 1955, com o número 1.

E isso seria, para nós, bastante constrangedor, pois neste ano o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI completa, a 18 de Outubro, seus 40 anos de existência, e passar essa data sem a Revista seria por demais decepcionante.

Tentámos, por duas vias, a publicação do presente número: uma pela Universidade Federal do Ceará, cuja gráfica universitária, por mais de uma vez, acolheu nossa publicação. E tentámos pela Prefeitura Municipal do Crato, cujo atual titular, o empresário Antônio Primo de Brito, sempre prometera, inclusive, de público, em sua campanha eleitoral, que jamais deixaria de ajudar o ICC e Itaytera.

Com efeito, S. Excia. cumpre a promessa, e num gesto de largo descortínio, produto de sua visão de homem prático e do profundo amante das cousas do Crato — autorizou, à conta da Prefeitura, a publicação da nossa revista, tirando dos nossos ombros um pesadíssimo fardo e aliviando as nossas preocupações.

Um gesto de tamanha envergadura somente o futuro poderá avaliar a sua importância.

Ao tomar essa decisão, o Prefeito Antônio Primo de Brito inscreve seu nome entre os benfeitores do Instituto Cultural do Cariri e animador do movimento cultural, literário e artístico do Município que administra, com tanta visão, pois em outros setores da cultura igualmente deu provas do seu apoio, do seu estímulo e de sua preciosa colaboração.

Não poderíamos abrir a presente edição sem expressar o nosso profundo e respeitoso agradecimento ao chefe da comunidade cratense.

O Poder Público, na área municipal, felizmente cumpre o seu papel de incentivador das atividades culturais. Isso é deveras elogiável e digno de registro, demonstrando maturidade e grandeza, que não podem passar despercebidos e merecem o reconhecimento, a admiração e o registro, para conhecimento e gratidão da atual e das futuras gerações.

A Direção de Itaytera e do ICC.

YI 1

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Presidente do « Instituto Cultural do Cariri »

---

---

# JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO E O CRATO

---

---

Se justo é dizer-se de um ser humano que, pelos seus feitos, se constitui glória de sua terra, José Alves de Figueiredo Filho é, sob todos os títulos, uma glória imarcescível do Crato.

Não é sem razão que se diz — Crato de Bárbara de Alencar e de Irineu Pinheiro, Juazeiro do Norte do Padre Cicero Romão Batista, Ceará de José de Alencar, Clóvis Bevilacqua e Capistrano de Abreu, Pernambuco de Joaquim Nabuco e Olegário Mariano, Bahia de Rui Barbosa e Castro Alves, e assim por diante, para limitar-me apenas à prata de casa e não ir além pelo velho mundo de civilização milenar e onde floresceram gênios que ainda hoje deslumbram a humanidade e immortalizam os seus países de origem.

O homem é tanto mais afirmativo quanto mais preso às seduções telúricas e aos interesses vitais do torrão em que nasceu.

Figueiredo Filho é a imagem perfeita do próprio Crato, que amou com todas as veras do seu coração e cujos problemas defendeu ardorosamente até a morte com o invencível escudo da sua amestrada pena.

Nasceu no Crato, viveu no Crato, morreu no Crato, mas ainda hoje vive e viverá sempre na memória do Crato.

Cedo ouviu declamado certamente nos serões familiares da velha Crato estes maviosos e enternecidos versos de autoria do seu pai — José Alves de Figueiredo — Zuza da Botica — outra figura que a cidade não esquece:

Este rio que passa aqui gemendo  
E vem da serra envolto em mil cipós,  
Anda plangente desde que me entendo,  
Desde que se entenderam meus avós.

X

É um rio de amor que vem trazendo  
O cristal que regala a todos nós,  
Seu gemido é segredo que desvendo,  
Pois nele fala o Crato em terna voz.

Cantem outros os encantos de outros rios  
Como fez com o Tejo o vate luso,  
Que eu cantarei em doces murmúrios.

X

Do Granjeiro esta voz que sempre acuso  
Como um lamento, um canto de amavios,  
Um lamento de Deuses que eu traduzo!

Crescendo neste ambiente de doce aura poética e de devoção às belas letras, Figueiredo Filho não poderia deixar de sentir cedo impregnar-se-lhe a alma e enriquecer-se-lhe a inteligência desse inexaurível tesouro que só a cultura intelectual proporciona.

Nenhum monumento, disse, se não me falha a memória SHAKESPEARE, resiste mais à ação destruidora do tempo do que os do espírito.

E fiel a essa inclinação irresistível para as letras, Figueiredo Filho publicou — "Meu Mundo é uma Farmácia", em cujas páginas transcreve toda a sua vivência de boticário matuto, como ele dizia. Vivência que lhe proporcionou a oportunidade de estudar detalhadamente a alma simples do povo, com o qual vivia em contato diário, transformando a botica, por assim dizer, num laboratório atuante e vivo de Antropologia Cultural.

Para dar maior expansão ao seu gênio Criador, juntou-se a outros luminares das nossas letras e fundou o Instituto Cultural do Cariri, entre cujas paredes agigantou-se, dando largas à sua vocação de jornalista, escritor, historiador, através, sobretudo, das páginas dessa fabulosa revista "Itaytera", veículo incontestável da cultura regional em todos os quadrantes do País.

Segue-se, em 1958 "Engenhos de Rapadura do Cariri", em que descreve, com fidelidade absoluta, toda a história dessa fase áurea da nossa indústria canavieira, responsável por largo tempo da nossa pujança econômica, e, conseqüentemente, da projeção social e política da nossa terra.

Figueiredo Filho foi — não há exagero em dizê-lo — o CÂMARA CASCUDO do Cariri.

Ninguém estudou e divulgou no Cariri o folclore como ele.

Ler "Folgedos Infantis Caririenses", o "Folclore no Cariri" é usufruir horas do mais saboroso prazer intelectual.

Diante de nós estampam-se vivos, como num caleidoscópio, todos aqueles brinquedos da meninice e as folganças ingênuas do nosso povo, numa quadra da vida em que não havia cinema, nem rádio, nem televisão, nada que absorvesse e prendesse no recesso dos lares as famílias, entregues a toda sorte de programas, entremeados muitas vezes de gostosos cochilos.

É ainda de sua lavra o substancioso ensaio — CIDADE DO CRATO — de parceria com Irineu Pinheiro, ilustrado com vistas



te paisagens do Cariri, publicado pelo Ministério de Educação e Cultura em 1953. Toda a sua obra, como se vê, gira em torno da história, da vida, do que foi, do que era e do que viria a ser esta região num futuro que vaticinava próximo.

Lembro-me que, tempos atrás, quando o Crato atravessava uma das suas mais graves crises, Quixadá Felício em artigo publicado num periódico local, previa o seu fracasso, ou estagnação, com palavras alarmantes. Basta o título do artigo que, se não me falha a memória, era mais ou menos assim: "Venha ver o Crato, antes que ele se acabe". Figueiredo não suportou o pessimismo exagerado e numa réplica fulminante destruiu uma por uma as conclusões do sófrego articulista, que também amava, como Figueiredo, o Crato e apenas temia pelo seu futuro. Queria, mas não foi feliz nas suas proposições, sensibilizar as descuidadas autoridades responsáveis pelos destinos da urbs histórica.

Ele foi contra a criação do Estado do Cariri. Combateu ardorosamente o plano, que quase se converteria em realidade.

Não poderia compreender a terra querida do seu berço desligada do seu não menos querido Ceará.

Era assim, Figueiredo Filho, ligado, como disse, visceralmente, teíricamente, à sua terra e à sua gente.

Professor universitário, preferiu na Faculdade de Filosofia a cátedra de História do Cariri, que tencionava enfeixar em alentada obra. A morte, porém, o colheu quando concluído já o 4º Volume. Esse trabalho, tamanho o acervo bibliográfico que compulsou, constitui um monumento que, por si só, dá as dimensões da cultura e da operosidade e do amor de Figueiredo à gleba do seu nascimento.

A sua fama transpôs as fronteiras do Estado.

Dele se ocuparam escritores da estatura mental de Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Mauro Mota, Raimundo Girão, Renato Braga e tantos outros que tiveram oportunidade de privar da sua amizade ou conhecê-lo através de sua vasta produção científica e literária. Científica e literária, sim, porque, entre outros estudos objetivos, ressalta-se o que escreveu, cientificamente, sobre o Piqui — a carne vegetal do pobre — que ilustre professora e escritora pernambucana em carta a ele dirigida, pediu que enviasse números desse precioso trabalho aos alunos da Escola Agrícola de Recife.

A sua morte foi pranteada dentro e fora do Estado. Os jornais do Crato, Fortaleza, João Pessoa e Recife ocuparam-se longamente da perda irreparável que era para as letras pátrias o seu desaparecimento.

A revista Itaytera, Nº 18, 1974, alonga-se em torno do triste acontecimento em mais de cinquenta páginas, em que o homem e a obra são analisados e ressaltados em todo o seu valor e grandiosidade.

Os mais altos sodalícios da inteligência brasileira não poderiam prescindir da presença, no seu recinto e nas suas publicações, do escritor Figueiredo Filho. E chamaram-no ao seu seio a Academia Cearense de Letras, a Sociedade Geográfica Brasileira, com sede em São Paulo, a Associação Brasileira de Professores Universitários de História de São Paulo, a Academia Uruguaiana de Letras, Rio Grande do Sul, o Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco, para não citar Simpósios, Seminários e Congressos aos quais compareceu em diversos Estados da Federação.

O limitado espaço de tempo de que disponho não permite que me alongue mais na apreciação da inconfundível personalidade de Figueiredo Filho.

O Rotary fiel à sua destinação de cooperar em tudo que diz respeito à sua comunidade, inclusive homenageando valores da terra, vivos e *post mortem*, os vultos que a serviram e os que ainda a servem, não poderia deixar passar esta data, que perfaz precisamente 20 anos da morte do inolvidável historiador, sem prestar-lhe esta significativa, tocante e merecida homenagem.

Por mim, pessoalmente, e pelo Instituto Cultural do Cariri que tenho a honra de presidir e ao qual Figueiredo deu as melhores das suas energias intelectuais, a nossa solidariedade e o testemunho de nossa eterna admiração ao grande vulto cuja morte hoje deploramos e relembramos com pesar.

(Palestra proferida pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges no Rotary Club do Crato, na plenária do dia 19 de Agosto de 1993, no transcurso dos 20 anos da morte de Figueiredo Filho).

---

---

## INSTITUTO CULTURAL PREPARA-SE PARA COMEMORAR EFEMÉRIDES

No decorrer do próximo ano de 1994 inúmeras efemérides locais merecerão condignas comemorações do Instituto Cultural do Cariri.

Dentre elas, os 50 anos do falecimento de André Cartaxo, que foi das mais importantes figuras da comunidade. Vai essa data ocorrer em 27/10.

O centenário de nascimento de Cícero Araripe vai ocorrer em 27/10/94.

Em 1º de Outubro de 1994 vão ocorrer os 50 anos do falecimento de Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva.

Em 16 de Junho de 1994 teremos o centenário de nascimento do Monsenhor Doutor Manoel Macêdo, figura ilustre do clero.

Em 7 de Março de 1994 teremos o centenário de nascimento de Antonio Duarte Junior, fundador do ICC com o grupo inicial, político, advogado, orador e publicista, falecido em 10/7/70.

# Realizado o 16.º Festival

---

---

# Regional do Folclore

---

---

Cumprindo uma tradição que remonta a muitos anos, o ICC e a Prefeitura, com a colaboração de outros órgãos, levaram a efeito o 16º Festival Regional de Folclore, em Agosto de 93, em Crato. Vejamos, como documentação histórica, o convite e o programa do aludido festival.

## C O N V I T E

Convidamos V. Sa. a participar do 16º Festival de Folclore a se realizar no Crato no período de 15 a 22 do corrente.

A programação a ser desenvolvida segue anexo.

Atenciosamente,

os Promotores.

**REALIZAÇÃO:** Instituto Cultural do Cariri — ICC  
Clube dos Amigos do Folclore  
Fundação Cultural J. de Figueiredo Filho  
Prefeitura Municipal do Crato

**APOIO:** Serviço Social do Comércio — SESC  
Serviço Social da Indústria — SESI  
Instituto Ecológico e Cultural Martins Filho — IEC —  
URCA

## P R O G R A M A Ç Ã O :

**DIA 15/08 (Domingo)**

19:00 Horas — Sessão da Academia de Cordelistas na Biblioteca Pública Municipal — Lançamento de 06 (seis) cordéis.

Exposição de Folclore — Museu Histórico e Biblioteca

**DIA 16/08 (Segunda-Feira)**

- Jornada Folclórica na Feira Livre — De 8:00 às 10:00 horas
- Lançamento da Semana de Vídeo sobre Folclore no Instituto Ecológico e Cultural Martins Filho I E C — 19:00 horas.

**DIA 17/08 (Terça-Feira)**

- Palestras nas Escolas
- Noite de Exibição de Vídeos sobre Folclore no Instituto Ecológico e Cultural Martins Filho — I E C — 19:00 horas.

**DIA 18/08 (Quarta-Feira)**

- Palestras nas Escolas
- Noite de Exibição de Vídeo no Instituto Ecológico e Cultural Martins Filho — I E C — 19:00 horas.
- Corêto da Praça da Sé — Banda de Música do SESI e Coral da URCA — 19:30 horas.

**DIA 19/08 (Quinta-Feira)**

- Palestras nas Escolas

19:00 Horas — Noite de Exibição de Vídeos no Instituto Ecológico e Cultural Martins Filho — I E C

**DIA 20/08 (Sexta-Feira)**

- Palestras nas Escolas

19:00 Horas — Noite de Exibição de Vídeos Folclóricos no Instituto Ecológico e Cultural Martins Filho — I E C

19:00 Horas — Noitada Folclórica no SESC — Shws Folclóricos e outros.

**DIA 21/08 (Sábado)**

12:00 Horas — Debate na Rádio Araripe sobre Folclore

19:00 Horas — Noite do SESI no Corêto da Praça da Sé

**DIA 22/08 (Domingo)**

12:00 Horas — Saudação ao Dia Internacional do Folclore — Prefeito — URCA — I C C

18:30 Horas — Desfile de Encerramento pelas ruas centrais da cidade com participação de todos os grupos.

- Salva com os Bacamarteiros.

# Ao Receber a Medalha

---

# CLOVIS BEVILAQUA

---

\*  
*Raimundo*  
*de*  
*Oliveira*  
*Borges*

Exmo. Sr. Dr. José Roberto Batochio  
Digníssimo Presidente do Conselho Federal da Ordem dos  
Advogados do Brasil

Exmo. Sr. Dr. José Feliciano de Carvalho  
Digníssimo Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil —  
Secção do Ceará

Exmo. Sr. Dr. Ernando Uchôa Lima  
Digníssimo Vice-Presidente do Conselho Federal da Ordem dos  
Advogados do Brasil e Presidente da Comissão Organizadora  
do 4º Congresso Brasileiro de Advocacia

Ilustres Colegas

Minhas Senhoras

Meus Senhores.

\*

Estarreceu-me o convite — quase imposição — mas imposição amiga, dos colegas do Ceará, agraciados pela Secção deste Estado da Ordem dos Advogados do Brasil, com o TROFÉU CLÓVIS BEVILAQUA, para interpretar-lhes os sentimentos nesta noite memorável.

Estarreceu-me, na verdade, e sinceramente o confesso, porque aqui vejo, em todos eles, figuras notáveis pela cultura e pela ilustração, os quais, pela eloquência da palavra e pela elevação do pensamento, desempenhariam com mais precisão e brilho, a nobilitante, posto que árdua e difícil tarefa que ora me pesa, enorme, sobre a velha mente, trabalhada já por tantas lutas.

Certo que nesta oportunidade da abertura do Congresso já famoso, de repercussão nacional, não se debatem as teses que propriamente o consubstanciam, mas, de qualquer maneira, representa o primeiro passo, ou o marco inicial para os estudos, exames e sugestões em torno da problemática jurídico-social que assinala uma fase tumultuária que tanto inquieta a nacionalidade.

Assim, por enquanto, o que importa é dizer da significação destas homenagens àqueles que, ao longo da estrada da vida, vêm lutando, atuantes, em defesa das nossas instituições contra as arremetidas dos perturbadores da ordem e do bem estar social.

Deixar de fato uma Faculdade, credenciado por um diploma a duras penas conquistado, para pregar no vasto coração da Pátria a religião do Direito, e, nessa pregação, consumir muitas vezes energias vitais irrecuperáveis, constitui por sem dúvida u'a missão que só os apóstolos do Bem conseguem com altivez e coragem desempenhar.

Só nas horas sombrias como as que atravessamos, sente-se o valor dos que militam no foro e batem à porta da Justiça clamando contra a desagregação e a morte do rico patrimônio que nos custou sangue, suor e lágrimas.

Sem direitos protegidos, ou respeitados, não há povos livres.

Preservá-los é a nossa missão, a missão dos advogados do Brasil "atormentado e aflito" na lapidar imagem do poeta, que não teve, como agora, uma aplicação tão justa e adequada.

De mim, saído da Faculdade de Direito do Ceará no dia 8 de Dezembro de 1937 — já lá vão 56 anos — finquei pés na região em que nasci, no Cariri cearense, cujo nome a história registra e reverencia pelos feitos notáveis que a celebrizaram nas lutas pela independência.

Vivi e vivo, com outros colegas, nos adustos sertões nordestinos, a odisséia dos desbravadores de todos os tempos.

Obedeço, nesta espécie de *curriculum vitae*, à sugestão de um dos agraciados.

Orador da minha turma, não me envaideci por isso.

Vaidade é erva daninha que nunca deixei medrar nos canteiros da minha vida.

Representei naquele dia solar da existência, em que o moço vislumbra no horizonte as miragens da glória e das conquistas profissionais no futuro, uma turma de 47 bacharelados, que se compunha de vultos, que depois tanto se ilustraram, como Walter de Sá Cavalcante, jornalista, advogado, deputado federal, morto em plena ascensão de uma carreira brilhante; Flávio Marcílio, constitucionalista, parlamentar de prestígio, que presidiria a Câmara Federal por mais de uma vez; Colombo de Sousa, professor da Escola de Cadêtes do Ceará, deputado federal, desembargador, incansável lidador a quem o Cariri deve em grande parte a sua eletrificação pela energia de Paulo Afonso; Pedro Pinheiro de Melo, figura inconfundível de juiz, elevado, merecidamente, a desembargador pelo nosso egrégio Tribunal de Justiça; Everton Dantas Cortez, advogado, professor, secretário de Estado no Rio Grande

do Norte; Francisco Olavo de Sousa, advogado e professor universitário; Hilário Gaspar de Oliveira, advogado, jornalista e escritor; estes, em parte, os que já se foram deixando em nós outros, que ainda continuamos, uma saudade que não se apaga. Vivos, Wilson Gonçalves, ex-senador da República, ex-governador do Estado. Ministro aposentado do Tribunal Federal de Recursos; Fran Martins, professor, escritor, jurista, acatado mestre na difícil área do Direito Comercial; Cláudio Martins, financista, ex-secretário de Estado no Ceará, poeta, presidente anos atrás da Academia Cearense de Letras; José do Nascimento, conceituado causídico e orador brilhante; Américo Barreira, advogado, municipalista, vice-prefeito de Fortaleza anos atrás; João Hipólito Campos de Oliveira, advogado, professor, jornalista e historiador; José Cardoso de Alencar, advogado de renome nas pugnas do tribunal do júri; Hugo Porto, professor e membro do Conselho Estadual de Educação; Lauro Maciel Severiano, culto e afamado advogado trabalhista; Murilo Mota, jornalista, procurador fiscal do Estado; Zacarias Amaral Vieira, promotor de justiça em Fortaleza. Não mais porque, salvo engano, resta apenas dos 47 do quadro, quando muito, uma duzia.

Eu me satisfiz com a advocacia interiorana. Mas, antes, fiz parte do Ministério Público do Estado e da Assistência Judiciária aos Necessitados. Presidi a Sub-Secção do Cariri da Ordem dos Advogados do Brasil, quando sediada em Crato. Dirigi as faculdades de Filosofia, Ciências Econômicas e de Direito daquela cidade num período para as três de 15 anos. Participei de parceria com o hábil advogado Dr. Meton Vieira, do 1º Simpósio de Advogados do Ceará, realizado em Fortaleza, quando da gestão, na Seccional, do eminente professor Luiz Cruz de Vasconcelos, em que debatemos o tema — A Vida do Advogado no Interior. Ocupo, atualmente, a Presidência do Instituto Cultural do Cariri, em Crato. Instituto que, através de sua revista Itaytera, já no 36º número, tanto tem contribuído para o desenvolvimento cultural não só daquela região como do Ceará como um todo.

De Luiz de Borba Maranhão, radicado também no Cariri logo depois da formatura em 1935, manda a verdade que trace o seu perfil como um dos mais bem sucedidos advogados da nossa terra, algo desabusado, — por que não dizê-lo? mas notável sobretudo como profissional consciente de suas prerrogativas e distinguido por sua prestimosidade humanitária a toda prova. Foi o primeiro Diretor da Faculdade de Direito do Crato.

Wagner Barreira, contemporâneo quando a Faculdade de Di-

reito ainda funcionava nos baixos do prédio da Assembléia Legislativa, à Praça General Tibúrcio, o professor e advogado que honra as tradições de cultura da nossa terra, o continuador do renome do pai-Dolor Barreira, professor emérito, consagrado autor dessa obra fabulosa que é a História da Literatura Cearense, e vai também transmitindo ao professor Wagner Barreira Filho os mesmos dotes de inteligência e de sabedoria.

Do professor Olavo Oliveira, de saudosa memória, grande, insigne advogado e político dos mais hábeis de quantos têm integrado, em todos os tempos, a representação cearense no Congresso Nacional. Fui seu correligionário e figurei na chapa de deputados estaduais que apresentou ao eleitorado conterrâneo pelo Partido Social Progressista, do qual era chefe nacional o governador de São Paulo Ademar de Barros. Fiquei numa modesta suplência e guardo o diploma, como se diz, por desconto dos meus pecados e como marco ou etapa final da minha incursão pelos meandros da política, da qual, em boa hora, a Providência Divina me afastou, *AD PERPETUAM REI MEMORIAM.*

Dos demais, nada mais posso acrescentar por me faltarem dados e mais esclarecedores conhecimentos. Basta, porém, para identificá-los o alto valor dos cargos que ocupam e das funções que exercem: Dr. José Roberto Batochio Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e Dr. José Gerardo Frota Parente, lídimo representante da Princesa do Norte, a cidade de Sobral de gloriosas tradições, onde se impõe, pela cultura e eficiência, como um dos mais credenciados profissionais do foro.

Tive, no desempenho do meu munus advocatício a vida em perigo por algumas vezes, apesar da prudência e do respeito com que sempre tratei os juizes, os colegas e as partes. Não rememorarei os transe por que passei. Seria alongar por demais esta fala que já vai demasiado extensa. Certo, naturalmente, é que não morri e estou contando a história do alto dos meus 86 anos bem vividos.

Eu disse uma vez, numa solenidade da Sub-Secção do Cariri da Ordem, em Juazeiro do Norte, dirigindo-me especialmente aos jovens advogados e aos universitários ali presentes, que o advogado, como as crianças, têm um Anjo da Guarda que os protege, não deve ter medo nem receio de aceitar a causa que seja ou lhe pareça ser perigosa ou difícil. Porque não estamos no mundo a serviço do Mal, mas como paladinos do Bem. Devemos ser valentes, não da valentia pessoal, individual ou física, que gera a violência, mas da valentia que vem da força do Direito.



Não há causas indignas de patrocínio.

Quando eclodiu no País a campanha civilista, chefiada pelo imortal Rui Barbosa, Evaristo de Moraes, o rábula famoso que se bacharelou e se tornou expoente máximo como criminalista, adepto fervoroso do Mestre na sua pretensão à Presidência da República, foi convidado, passada a refrega eleitoral, por um ardoroso adversário que a desdita levava a praticar um considerado bárbaro crime de homicídio, para patrocinar-lhe a defesa, sobre antipática, difícil.

Evaristo hesitou e quis ouvir antes o chefe, solicitando um parecer que o tranquilizasse.

A resposta de Rui, como não poderia deixar de ser, é uma soberba lição de ética profissional.

Não há crime, por mais hediondo que seja, indigno de defesa, disse a Águia de Haia.

O processo judicial se caracteriza e completa por duas peças essenciais: a acusação e a defesa, com os complementos que o integram. Sem uma delas o processo inquina-se de nulidade e obsta o pronunciamento correto e sereno do julgador. Os interesses de ordem política, continuou Rui, não devem interferir na órbita da Justiça, que deve pairar acima de quaisquer paixões.

Não fui, não sou, não tenho a pretensão, ou a veleidade de considerar-me um advogado modelo, mas diz-me tranquila a consciência que fiz do Código de Ética da classe a minha Bíblia ou o Breviário da minha conduta profissional.

Profundo admirador desde os bancos acadêmicos da obra monumental de Clóvis Bevilacqua e consulente infalível dela nas lides forenses, tive oportunidade, por ocasião do transcurso do centenário de nascimento do civilista, filho, para honra nossa, do Ceará, de pronunciar sobre ele uma palestra em um dos estabelecimentos de ensino do Crato. Trabalho que foi enfeitado em opúsculo na Imprensa da Universidade Federal do Ceará sob o título — A ELOQUÊNCIA E O DIREITO — porque ali também me ocupei de Rui, quando da sua interferência na discussão, do ponto de vista linguístico, do projeto do Código Civil Brasileiro. Rui-orador, Clóvis-jurista.

Terminei, naquela ocasião, por considerar as manifestações de reconhecimento prestadas ao civilista insuperável, levadas a efeito em todo o País, por demais justas, por merecê-las o Mestre, o Sábio, o Santo.

Como santo, na verdade, tem sido ele qualificado por todos aqueles que se ocupam e analisam a sua obra e a sua vida.

Assim, é com o coração transbordante de júbilo que recebo nesta hora o Troféu com o seu aureolado nome.

O 4º Congresso Brasileiro de Advocacia, aqui instituído pela Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, é um certame que honra os foros de cultura por que é merecidamente tida a terra cearense.

Ressalte-se, como preito de justiça, o valioso empenho, no sentido de torná-lo cada vez mais atuante e proveitoso às letras jurídicas do País, dos ilustres doutores Luiz Cruz de Vasconcelos, Ernando Uchôa Lima e José Feliciano de Carvalho, incansáveis no trabalho de aprimoramento da Instituição, tratando-a com apuro, devotamento e sabedoria.

Aos ilustrados colegas, Dr. Ernando Uchôa Lima, Presidente, e demais membros da Comissão Organizadora, que nos brindam nesta noite de festa espiritual com tão gratificante e honrosa distinção, o nosso imorredouro agradecimento e o penhor da nossa comovida gratidão.

(Discurso proferido pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges na solenidade realizada no Imperial Othon Pálace, em Fortaleza, na noite de 11 de Agosto de 1993, quando a Ordem dos Advogados do Brasil, Seccção do Ceará, agraciou o mesmo com o "TROFÉU CLÓVIS BEVILAQUA").

---

---

## Uma Efeméride: 150 anos do Pe. Cícero Romão Batista

Deverá decorrer no dia 24 de Março de 1994 a grande efeméride do Cariri, qual seja, os 150 anos do nascimento do Pe. Cícero Romão Batista.

Sacerdote de acrisoladas virtudes, político, figura discutida e controvertida, de renome nacional, o Pe. Cícero Romão Batista nasceu em Crato em 24 de Março de 1844 e ainda hoje é o sacerdote mais conhecido do Brasil, tendo falecido em 20 de Julho de 1934, aos 90 anos.

O Crato, sua terra natal, não pode deixar passar despercebida tão importante data. O Prefeito Municipal deve constituir comissão especial, para, a nível do Crato, festejar, com grande ênfase, esse sesquicentenário.

## Documentando

---

---

# Município de Santana do Cariri com novos Distritos

---

---

LEI Nº 307/91 DE 10 DE SETEMBRO DE 1991.

**EMENTA:** Cria os Distritos de Inhumas e Pontal da Santa Cruz (ex-Povoado de Cancão) e redefina os limites interdistritais do Município de Santana do Cariri, e adota outras providências.

**O PREFEITO MUNICIPAL DE SANTANA DO CARIRI, ESTADO DO CEARÁ**

Faço saber que a Câmara Municipal de Santana do Cariri, aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

**Art. 1º** — Ficam criados os Distritos de Inhumas e Pontal da Santa Cruz (ex-Povoado de Cancão) no Município de Santana do Cariri.

**Parágrafo Único** — A Sede do Distrito de Inhumas é o Povoado do mesmo nome e a Sede do Distrito de Pontal da Santa Cruz também é o Povoado do mesmo nome, que ficam elevados à categoria de Vilas.

**Art. 2º** — Ficam alterados os limites dos Distritos de Santana do Cariri (Sede), Araponga, Dom Leme, Brejo Grande e Anjinhos.

**Parágrafo Único** — Fica alterado o nome do Distrito de Araponga para Araporanga.

**Art. 3º** — Dentro do Município de Santana do Cariri, as linhas divisórias interdistritais passam a ter os seguintes limites:

A) Entre os Distritos de Santana do Cariri e Araporanga:

Começa no ponto em que a carroçável CE-255 — Triunfo, cruza com o riacho da Pedra Branca, sobe por este riacho até a sua nascente, daí por uma reta tirada para a nascente do riacho do Jacu, vai até o limite Municipal com Nova Olinda.

B) Entre os Distritos de Santana do Cariri e Pontal da Santa Cruz:

Começa no limite Municipal com Crato na carroçável Crato-Buriti segue por esta carroçável até o seu cruzamento com o riacho do Buriti no lugar Buriti, desce por este riacho até a foz do riacho dos Azedos, daí segue pela reta tirada para a torre de Pedra do Mota até sua incidência com o riacho do Brejo Grande.

C) Entre os Distritos de Santana do Cariri e Inhumas:

Começa no ponto referido no final da alínea anterior, desce pelo riacho do Brejo Grande até a foz da Grota do Inhumas, sobe por esta Grota até o seu cruzamento com a rodovia CE-255, segue por esta rodovia até o entroncamento da carroçável para Triunfo e segue por esta carroçável até o seu cruzamento com o riacho da Pedra Branca.

D) Entre os Distritos de Pontal da Santa Cruz e Dom Leme:

Começa na divisa interestadual com Pernambuco no cruzamento da carroçável Pontal da Santa Cruz — Serra do Cajueiro dos Rosas e segue por esta carroçável até a nascente do riacho do Buxixé.

E) Entre os Distritos de Pontal da Santa Cruz e Brejo Grande:

Começa na nascente do riacho do Buxixé e desce por este riacho até a sua foz no riacho do Brejo Grande.

F) Entre os Distritos de Pontal da Santa Cruz e Inhumas:

Começa no ponto referido no riacho da alínea anterior e desce pelo riacho do Brejo Grande até o seu cruzamento com a reta tirada da torre de Pedra do Mota para a foz do riacho dos Azedos no riacho do Buriti.

G) Entre os Distritos de Brejo Grande e Dom Leme:

Começa na nascente do riacho do Buxixé, na crista da Chapada do Araripe e segue por esta crista até a torre de Pedra do Mota.

H) Entre os Distritos de Brejo Grande e Inhumas:

Começa no ponto referido no final da alínea anterior e daí segue em linha reta para a foz do riacho do Buxixé no riacho do Brejo Grande.

I) Entre os Distritos de Dom Leme e Anjinhos:

Começa na divisa Municipal com Araripe, na incidência do prolongamento tirada da reta da nascente do riacho do Capelão ou Saco Grande para a nascente do riacho São Gonçalo ou Saquinho e segue nessa direção até a nascente do riacho São Gonçalo ou Saquinho.

J) Entre os Distritos de Dom Leme e Araporanga:

Começa no ponto referido no final da alínea anterior e daí segue em linha reta para a nascente do riacho do Capelão ou Saco Grande.

L) Entre os Distritos de Dom Leme e Inhumas:

Começa no ponto referido no final da alínea anterior e daí segue por uma reta até a torre de Pedra do Mota.

M) Entre os Distritos de Anjinhos e Araporanga:

Começa no limite Municipal com Assaré, na carroçável Araporanga — Aratama, segue por esta carroçável até o seu cruzamento com o riacho Seco, sobe por este riacho até a sua nascente, de onde, por uma reta vai à nascente do riacho São Gonçalo ou Saquinho.

N) Entre os Distritos de Inhumas e Araporanga:

Começa na nascente do riacho do Capelão ou Saco Grande, desce por este riacho até a sua foz no rio Cariús, sobe por este rio até a foz do riacho da Pedra Branca pelo qual sobe até o seu cruzamento com a carroçável CE-255 — Triunfo.

Art. 4º — Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura Municipal de Santana do Cariri, Estado de Ceará, em 10 de Setembro de 1991.

JESUS WERTON GARCIA

PREFEITO MUNICIPAL

SANDRA LÚCIA DE MATOS

SEC. DA ADMINISTRAÇÃO

# UM NOVO AMOR

*Audálio Gomes Alves*

Encontrei-me amando novamente  
Já no outono desta minha vida  
Entrego-me a ela com amor ardente  
Como se essa fosse uma paixão antiga.

Vejo-me em seus braços a acariciá-la,  
Beijando sua boca com sofreguidão  
Eu nunca pensei que fosse assim amá-la  
Com todas as forças do meu coração.

Dizem que para o amor não existe idade,  
quando Cupido atira a flecha da paixão  
Mesmo sem querer, a gente tem vontade  
De dar aos desejos uma total vasão.

Não sei se este meu conceito é paradoxal  
Para esta nova onda que me invade a alma  
Só sei que ela me leva a uma paz total  
Abranda a minha ira e reconduz-me à calma.

Ela é cantada em prosa e verso  
Por mil poetas e escritores  
Que vão proclamando, pelo universo  
Suas desvantagens com seus amores.

Vivi toda a minha vida sempre a desejá-la  
Pelos mares revoltos onde naveguei  
Depois de muito tempo foi que vim a amá-la  
Se me perguntam a razão, respondo: são sei.

Ela é uma mulher de sensibilidade  
De infinita beleza e doce candura  
Para aliviar minha paixão, vou dizer a verdade,  
O nome dela? É literatura.

Audálio Gomes Alves é poeta, marinho reformado, cearense de Milagres. Conquistou segundo lugar com esta poesia, em concurso no Rio de Janeiro. É hoje membro da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, cadeira que tem como Patrono historiador Joaquim Catunda.

# Saudação ao Dr. Carlos Henrique Costa de Albuquerque Maranhão

---

## NOVO CIDADÃO DE BARBALHA

DR. JÁCIO BERARDO SAMPAIO

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Barbalha

Exmo. Sr. Prefeito Municipal desta cidade.

Senhores Vereadores

Distintos convidados

Minhas senhoras, meus senhores:

Incumbido, pela Presidência desta Casa, e na forma regimental, de saudar o novo filho de Barbalha, Dr. Carlos Henrique Costa de Albuquerque Maranhão, faço-o com satisfação espiritual e imensa alegria no coração, pois estamos diante de um homem que tem história e que fez história, e que, por isso, está inserido no contexto daqueles que representam a força, a resistência democrática e o espírito indomável dos grandes brasileiros, que venceram, com garra, coragem e determinação, as tremendas forças da ditadura militar e a repressão que pairaram sobre esta sofrida Nação, naqueles dias nebulosos.

Irão me permitir os que me ouvem, neste instante, fazer uma ligeira pre-homenagem, a dois homens profundamente ligados à AÇUSA, homens que fizeram história em Barbalha e que, indiretamente, por causa da vinda e consolidação dessa empresa em nosso meio, tornaram possível termos, diante de nós, o novo cidadão barbalhense.

Refiro-me, numa grandiloquente homenagem de saudades, a Antônio Costa Sampaio, alma espírito e coração desta terra, sob cujo comando vieram para Barbalha seus maiores empreendimentos. Foi ele quem mais lutou pela vinda da AÇUSA. A ele devemos a realização, aqui, desse empreendimento formidável. A história guarda-lhe o merecido lugar, no reconhecimento dos pósteros.

Outro, ainda entre nós, não é menos merecedor de encômios.

Trata-se do veterano e querido Edmundo Sá Sampaio, admirável figura humana, monumento vivo de honradez, integridade e dinamismo, cuja luta contribuiu decisivamente, para que aqui tivéssemos a AÇUSA. Foi ele o empreendedor nato, o comandante em chefe de uma batalha, seu maior soldado, seu artífice admirável, lúcido e consciente, a quem Barbalha deve, não só a AÇUSA, mas inumeráveis outros empreendimentos de ordem social e econômica que alavancam o desenvolvimento desta terra de Santo Antônio.

Citando os dois, meu caro Dr. CARLOS HENRIQUE, faço-o com unguida emoção, pois bem sei que V. Sa. tem seguido à risca o exemplo de trabalho, de dinamismo e de honradez de ambos, espelhando-se na ação criadora que ambos trouxeram a esta indústria, hoje profundamente vinculada a esta comunidade.

V. Sa., Dr. Carlos Henrique, como novo filho de Barbalha, traz, consigo, o mastro luminoso de um homem de lutas, que viveu no exílio, amando a Pátria, que por ela lutou até ao seu sacrifício pessoal, que por ela se imolou, durante anos, nos seus ideais, vivendo na França, escrevendo, produzindo cinema, literatura e arte, envolvendo-se na admirável atividade do espírito, com que amenizou as dôres de uma distância da terra amada, sem deixar de dar-lhe significativa contribuição intelectual, de alto peso.

Somos conhecedores, através da vivência pessoal com V. Sa. e do seu riquíssimo currículo, de sua ação patriótica e do seu espírito de nobreza, jamais se curvando aos poderosos do dia, mas, ao contrário, empunhando a espada da justiça, na defesa dos seus concidadãos.

Sua atuação no cinema, na literatura e na imprensa, consolidou-se, na volta à Pátria, na colaboração riquíssima de dinamismo, nos empreendimentos industriais e desenvolvimentistas da família, que alicerçam a promoção do bem estar de milhares de famílias, contribuindo para a paz social e a melhoria dos níveis das condições de vida do povo sofrido do Nordeste.

Barbalha se orgulha de tê-lo como filho. De recebê-lo, nesta oportunidade, entre os seus. De acolhê-lo junto aos seus novos irmãos, na certeza de que sempre contará com sua ação radiosa de trabalho e de pujança mental.

Barbalha é nobre.

Barbalha tem princípios de fidalguia, de antiguidade e de nobreza, trazidos pelo seu fundador, das principais famílias portuguesas que adentraram o país na época da colonização lusitana.



Aqui se formaram e se cristalizaram famílias, cujos rebentos se espalham por todo o mapa da Pátria.

Aqui se trabalha e se contrói.

Aqui se cultiva o espírito e se forja uma raça, vigorosa e fúcida, detentora de qualidades morais e cívicas que são o orgulho da gente cearense.

Aqui se cultiva o bem e se proclama a excelência do trabalho.

Aqui se cantam louvores a Santo Antônio e à exuberante natureza dos pés de serra, dos vales de águas límpidas e das fontes eternas.

É esta sociedade, é esta Barbalha, que recebe seu novo filho, entre galas e festas, incorporando-o ao seu patrimônio humano, com orgulho e alegria, na certeza de que esta foi uma das suas melhores aquisições humanas, pois se trata de um homem de nobres precedentes, de inteireza moral, de calor humano e de irradiante personalidade.

Estamos contentes em recebê-lo.

Como filho desta terra, doravante, tome conta da terra que o acolhe, e lhe dê amor e trabalho, fé e constância, apreço e carinho, pois saberemos retribuir-lhe multiplicado isso muitas vezes, passando a formar, ao seu lado, na sintonia de uma amorável convivência, na grandeza de um sentimento eloquente e altivo, e, sobretudo, na confiança, que o bom filho inspira à sua mãe querida.

Barbalha o recebe e o abraça, no aconchego dos seus mais nobres princípios. Todos nós estamos de parabéns.

Seja benvindo!

Barbalha, 11.12.92.

Tem nome e tradição em  
Impressos Padronizados!

**Tipografia e Papelaria do CARIRI**

Rua Dr. João Pessoa, 386 - CRATO-CE  
agora com sua moderna  
impressora a LASER...

# ALEXANDRE ARRAES: 50 ANOS DEPOIS

---

J. Lindemberg de Aquino

Convidado pelo Conselho Diretor do Rotary Club do Crato para falar, hoje, sobre a inolvidável figura que foi Alexandre Arraes, tento desincumbir-me dessa missão trazendo para os que me ouvem alguns dados sobre a vida e a obra desse notável homem público que tantos serviços prestou ao Crato..

"Ele fôra, realmente, sem sombra de dúvidas, e isto o atesta o testemunho de todos os seus contemporâneos, um homem que não só excedeu o nível do seu meio — afirma Monte Arraes —, senão, também um cidadão que ao descrever, no período de 30 anos — breve tempo em que se encerrou sua vida adulta — o ciclo de gravitação, qual um astro de incomensurável grandeza, arrastou, em sua órbita, um mundo de nebulosas a que teve de dar, com a luz dos seus fecundos ideais, todos os reflexos humanos que irradiava sem cessar.

"Quase criança, vira sucumbir o seu progenitor, que se exornara, como ele também o faria mais tarde, das mais nobres virtudes públicas e privadas. Numa idade em que lhe deviam florir na alma os mágicos sonhos da adolescência, sentiu que o destino lhe colocara, inopinadamente, nos ombros, o peso de responsabilidades, que, pelo seu alcance, desafiavam, para o seu desencargo, aptidões mais amadurecidas, inteligências mais adestradas, braços mais afeitos e mentes mais exercitadas.

"O titã, porém, não se intimidou e depois de haver concluído os estudos primários, internara-se num seminário eclesiástico, do qual porém, após breve mas brilhante passagem, retornaria à aldeia, onde havia respirado o primeiro oxigênio revitalizador, para, com a decisão de um herói, a proficiência de um mestre, a pureza angelical de um justo, amparar sua santa progenitora, e guiar, apostolicamente, os irmãos que a orfandade, e mais do que isso, a pobreza, ameaçavam vergar ao sópro dos vendavais, que, em sua fúria destrutiva, carregam, para destinos incertos, os débeis rebentos das árvores imaturas".

Foi nesse aspecto de pobreza, angústia e orfandade que se desenvolveu a adolescência do nosso homenageado.

Cinquenta anos depois do seu desaparecimento físico, ocorrido em 15 de agosto de 1943, as novas gerações não lhe conhecem o nome nem a obra, num país de memória curta em que a crença nos valores humanos vai se diluindo por força de um desenvolvimento materializado, fincado sem raízes espirituais, onde dominam a politicagem, o analfabetismo e a indiferença.

Estamos, aqui, pois, para recordá-lo, por breve espaço, porém. Sua existência, dourada de exuberantes realizações pessoais e materiais, daria uma conferência de muitas horas.

Eis os seus dados biográficos:

Alexandre Arraes de Alencar. Pais, Miguel Arraes Sobrinho e Maria Silvinha de Alencar Arraes. Nasceu em Araripe, a 13 de Fevereiro de 1895 e faleceu em Crato a 15 de Agosto de 1943, como Prefeito Municipal. Uma vida de 48 anos. Após deixar o Seminário de Fortaleza, onde estudou apenas um ano, teve, como primeira profissão, a de telegrafista, e aos 18 anos já se iniciara nas lides intelectuais, escrevendo para o jornal O POVO sob o pseudônimo de Aloisio Amaral.

De uma prodigiosa inteligência, de uma agudêza mental poucas vezes igualada, Alexandre Arraes foi, aos poucos, se impondo como moço sóbrio e de muita capacidade de trabalho nos anos 30, em Crato, onde já passara a residir, por força de transferência do seu emprego para os Correios desta cidade.

Casou-se com Noemi de Alencar e do casamento nasceram os seguintes filhos: ALINE, esposa do comerciante Ernani Silva; Maria Edmeia, esposa do comerciante José Alencar Lima; Miguel Edson, Eldenora, Emanuel, Terezinha, Maria Silvinha e José Arraes Sobrinho, este último foi vice prefeito de Walter Peixoto, falecendo antes de terminar o mandato. Os demais, quase todos, já não pertencem a este mundo.

Com um capital, àquela época, de sete contos de réis, ameaçado entre os familiares, Alexandre Arraes fundou em Crato a empresa ALMINO COMÉRCIO E INDÚSTRIA S/A, antes, Fábrica Aliança, que, por muitos anos, foi a maior firma do sul do Ceará e durante um determinado período forneceu energia à Princesa do Cariri.

A 27 de Dezembro de 1937 assumiu a Prefeitura do Crato, para marcar ali, com a sua administração, o período áureo da vida pública em nossa cidade

Dotado de fibratura cívica, Alexandre Arraes incentivou e estimulou as comemorações, pela comunidade, de todas as grandes datas. De espírito ecológico sem par, já àquela época, quando a

ecologia era tão pouco conhecida, fundou o Horto Florestal Municipal e distribuiu mudas nas escolas, nas famílias, entre os amigos. Era amigo incondicional da árvore e sofria ao ver uma delas abatida.

Defensor, por isso mesmo, intemerato, da Serra do Araripe, era, também, um cultor de suas belezas, um conhecedor profundo dos seus mistérios e riquezas. Sabia, exatamente, onde se localizavam todas as suas fontes, veios d'água e clareiras. Sabia o nome de quase todas as suas árvores.

Foi ele quem dotou o Crato de água encanada e energia elétrica, construindo a hidrelétrica da Nascente que inaugurou em 1938, pioneira no Nordeste. Proibia a devastação nas margens do Grangeiro e do Batateiras, arborizou com bambus todo o percurso do Rio Grangeiro, impedindo que fossem construídas casas nas faldas do morro do Seminário, para evitar erosão.

Criou em Crato o Grupo Escolar Municipal, experiência sem par e inédita de ensino ruralista, criou a Biblioteca Pública, o posto anti-rábico, criou e presidiu a Associação Comercial do Crato, foi seu primeiro Presidente, a Associação Rural, hoje Associação dos Criadores. Construiu pontes, restaurou e pavimentou estradas, e exercia, pessoalmente, a fiscalização de todas as obras municipais. Dotou o Crato de um matadouro modelo, bem moderno e avançado na sua época.

Alexandre Arraes escrevia fluentemente. Era um orador de grandes dotes. Falava com singeleza, profundidade e sabedoria. Tinha grandes planos para o Crato, como avenidas de Contorno, elevador para o Seminário, parques ecológicos e zoo-botânicos, indústrias, etc. Conhecia profundamente o Município, tendo, de memória, todos os dados sobre o Crato, sempre pronto a demonstrá-los a qualquer embaixada que nos visitasse.

Alexandre Arraes, a despeito de suas qualidades de apolítico, era uma verdadeira antena humana, um sensível posto de escuta, a recolher, constantemente, tudo o que a imprensa divulgava.

Tudo o que saía em jornais, revistas e periódicos, os acontecimentos nacionais e estaduais, políticos e literários, era do seu conhecimento. Do mesmo modo se tornara um profundo conhecedor da região sul-cearense, de modo que quase nada lhe escapava desta opulenta região, vista e analisada com a agudêza de sua observação. O solo, com as suas riquezas, a agricultura, a pecuária, o comércio, a indústria, a cronologia regional, com a variedade dos seus tons peculiares, nada escapava às dissertações com que deslumbrava seus ouvintes. A avalanche de palavras do expositor,

medida, precisa e ajustada, deslisava tal qual uma torrente cristalina. Era um narrador de uma fidelidade inexcedível (Monte Arraes).

Era de um espírito ecumênico. Dele, ainda, diz Monte Arraes: a desprevenção com que agia, o ardor com que lutava pela prosperidade comum, acabaram por ligá-lo a homens de todas as classes, desde as mais humildes até as mais abastadas.

Com verdadeira surpresa o vi ligar-se para levar por diante seus afagados empreendimentos, concomitantemente, a personalidades e grupos cujas tendências eram, aparentemente, as mais contrapostas e irreconciliáveis, desfrutando, por igual, do apreço de todos e de cada um.

Foram de Alexandre Arraes os primeiros sinais para a futura instituição do ensino superior em nossa terra.

Em apenas um quinquênio de sua vida pública em Crato, argamassou o bloco monolítico, que, numa jornada de quase dois decênios, conformou a superestrutura de sua obra monumental.

Alexandre Arraes tinha o poder da fascinação pessoal, a serenidade, a tolerância, a compreensão, a bondade, a honradez, a prestibilidade que constituíam, ao lado de sua inalterabilidade de humor, o segredo dos melhores triunfos e dos seus êxitos políticos e pessoais.

Jamais desequilibrou-se ou precipitou-se, descontrolado, sobre os abismos da violência, do ódio ou das paixões inopitáveis.

Calmamente e medido, sensato e firme, arguto e ponderado, pisava sobre fios de arame sem perder a sua verticalidade.

O Crato, mês a mês, em seu governo, ganhou benefícios sem conta. As estradas deram vasão à produção agrícola, enriquecendo o Município e aumentando a arrecadação. Todas as ruas foram pavimentadas. Iniciou-se um processo sem par de alfabetização da zona rural. A chapada do Araripe foi dividida em zonas agrícolas e de pecuária, devidamente planejadas, respeitando-se a Floresta. Todos os edifícios públicos mereceram seu carinho, houve distribuição de terras entre colonos e os bairros foram urbanizados e estendidos.

Tamanha a sua força espiritual e a sua cintilante inteligência, que a imprensa acolhia sua esmerada colaboração, produto de uma cultura sem jaça, de uma linguagem castiça e elegante.

Tamanho o seu prestígio que, no seu enterro, cinco mil dos 12 mil habitantes do Crato de 1943, acompanharam seus restos mortais ao campo santo. Durante uma semana inteira a imprensa do país inteiro dele se ocupou, em rasgados elogios à sua personalidade.

Foi este, resumindo, e aqui concluindo, o grande homem que hoje homenageamos, quando, no próximo domingo, se completarão 50 anos de sua morte.

Bem feliz a iniciativa do Rotary Club, ao prestar-lhe esta singela homenagem.

Ele foi, em síntese, um homem de serviço, um homem a serviço, um homem que fez do serviço a sua agenda diária. Um homem que deu tudo de si antes de pensar em si, na mais legítima expressão do pensamento rotário.

Jamais morrerá aquele que vive no coração do povo.

Muito obrigado!

(Palavras proferidas na plenária do Rotary Club do Crato, em 12 de Agosto de 1993, na homenagem que o clube prestou a Alexandre Arraes de Alencar.

## *Agradecendo*

O “Instituto Cultural do Cariri”,  
e o Departamento Editorial de

# Itaytera,

agradecem a colaboração do  
Prefeito Municipal do Crato  
Antonio Primo de Brito,  
pela publicação desta revista, que  
sempre dignificou a nossa cultura.

# Uma Lágrima e nada mais

---

Hildebrando de Barros Primo

Ao partir para outro amor  
pense duas vezes, duas vezes mais.  
Para que, depois arrependido  
com um ar triste e sofrido  
Não venha a derramar  
uma lágrima e nada mais.

Ao ver que o caminho que está seguindo  
É aquele que enche seu coração de mágoa  
E que não pode voltar atrás  
Ver em seu rosto a marca do desgosto  
E nele rola uma lágrima e nada mais.

Quando lembrar de alguém  
Que já amou no íntimo da alma.  
Que esquecer não é capaz  
Chora, e chorando banha o rosto  
com uma lágrima e nada mais.

Quando alguém derrama sobre o seu rosto o pranto  
É sinal que sente alguma dor no íntimo da alma.  
Que tenta esconder e não suporta mais,  
Em seus olhos brilham uma lágrima e nada mais.

A lágrima não é sinal só de dor  
Nem falta de amor, como também solidão.  
Ela vem dos olhos de alguém  
Que encontra seu bem sentindo uma emoção.  
E assim, uma lágrima, para mim  
Representa o que sente o coração.

# A Noite

*Hildebrando de Barros Primo*

Ao ver enegrecer o céu  
Vejo o sol desaparecendo no horizonte  
Com os seus últimos raios que deslizam  
Lentamente sobre as águas de uma fonte.

É noite; os pássaros cantam  
Dando adeus a mais um dia que morre  
As rosas fecham suas pétalas  
E ouvindo o murmurar da brisa, dormem.

A noite: grande mistério,  
Descansam as crianças  
Dormem felizes os homens sérios.  
Os animais ficam todos juntinhos  
Fazendo aquecer uns aos outros  
Dormem ao mesmo ninho.

À noite o céu se cobre de véu escuro  
E as lindas estrelas ficam ausentes.  
Nas escuras águas dos rios  
Os peixes enfrentam as águas correntes.

A noite: calma e enluarada  
Saem alimentando-se e dando suas passeadas  
Os animais noturnos  
Rompendo o silêncio da noite  
Com seus arrepiantes sussurros.

Através da escuridão da noite  
Há sempre quem se cobre com seu enegrecido véu  
Fazendo coisas que clamam o céu  
Sonham os amantes com o seu amor fiel.



# Oração à Cana

---

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Barbalha, Dr. Antonio Marcondes Luna Alencar.

Senhoras e Senhores,

Ao receber o título de Cidadão de Barbalha, envaidecido, meu pensamento vai de imediato a algumas pessoas em particular, envolvido em sentimentos de gratidão, admiração e saudade.

De gratidão, em especial, à comunidade de Barbalha representada por esta câmara nas pessoas de seus vereadores e em particular ao edil Jácio Berardo Sampaio pela honra que me deram ao me considerarem um de seus concidadãos.

De gratidão e de admiração ao meu querido Edmundo de Sá Sampaio, companheiro mais velho, amigo de todas as horas, conselheiro fundamental dos momentos mais difíceis dos meus dias em Barbalha

De gratidão e admiração a minha mulher Myriam companheira do dia a dia, conselheira dos momentos de alegria e tristeza.

De gratidão e admiração a minha mãe, educadora, amiga solidária de todos os momentos.

De gratidão, admiração e saudade por aquele que juntamente com minha mãe, Gisela, além de me ter dado vida, me deu as qualidades de homem que sou: meu pai, Fernando, com o qual tentei aprender as nobrezas de caráter, de honestidade, da franqueza, como também do convívio humano, da administração dos negócios e da humildade ao fazê-los.

Minha admiração e saudade flui naturalmente para dois homens dessa terra: Um que tive a alegria de conhecer, exemplo de inteligência e dinamismo: Antonio Costa Sampaio. Outro, cujas qualidades humanas conheci através de estórias contadas pelos mais velhos, Manoel José da Costa Filho, meu avô e nome dessa usina de açúcar e álcool que tenho orgulho de dirigir.

Minhas palavras de gratidão não poderiam esquecer os meus irmãos que em trabalho de comunhão administram, como diretores ou conselheiros, o nosso grupo empresarial.

Não poderia esquecer os meus colaboradores na tarefa diária de funcionamento da usina, seja na fábrica, no campo, no transporte, seja na administração aqui ou no escritório em Recife, sal de nossa empresa.

De gratidão é dirigido também meu pensamento a todos os amigos aqui presentes nesta solenidade em que me honram com a cidadania barbalhense; e entre esses amigos estão naturalmente, aqueles, matéria básica da existência da nossa usina, os fornecedores de cana.

Cana... Barbalha... difícil, impossível desvincular esses dois nomes; tão intimamente ligados.

Todos nós aqui presentes, além de tudo que foi falado, temos de uma forma ou de outra, isso em comum: CANA.

Nos vem de imediato a idéia de imensidões verdes cobrindo esses vales com aquele farfalhar próprio de suas folhagens. Para mim, barulho gostoso, reconfortante, sal da terra. Para milhares em Barbalha e centenas de milhares por esse Brasil afora, garantia de sobrevivência, do pão de cada dia, do emprego difícil no país de hoje. Cana, matéria prima de riquezas como o açúcar e a rapadura alimentos básicos de nossa gente; Cana, matéria prima do combustível renovável não poluente de nossas ruas e estradas, o álcool. Apesar dessa importância vital para tanta gente, para economia e para o meio ambiente, tantas vezes mal compreendida a nossa atividade agro-industrial.

Governos federais sucessivos a tratam como responsável de muitos de nossos problemas. E perguntamos por que? Se ela é criadora de empregos, de riquezas, de produtos baratos, de geração de impostos? E hoje, responsável, como aliás toda a agricultura, pela permanência do homem no campo, impedindo o êxodo para as grandes cidades, palco de toda sorte de violência.

A cana, o açúcar e o álcool são hoje os únicos produtos da atividade privada com preços controlados pelo governo. Tudo bem. Mas esses preços teriam de ser remuneradores. Existe lei que prevê isso. Que define que sejam estabelecidos a partir de levantamento de custos do próprio governo. E esse levantamento hoje reconhece uma defasagem de mais de 50%. Vamos esperar e lutar com os meios disponíveis, que o atual governo desperte enfim para isso e que a importância dessa atividade seja definitivamente reconhecida.

Para encerrar as minhas palavras gostaria de dizer aos meus concidadãos da Barbalha que a honra que me deram com esta homenagem só fará aumentar a minha responsabilidade com a cidade que há muito já tinha escolhido como aquela do coração.

Muito obrigado.

*Carlos Henrique Costa de Albuquerque Maranhão*  
Diretor Presidente da Usina Manoel Costa Filho

# ORAÇÃO DE AGRADECIMENTO ( \* )

---

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

Venho agradecer-vos, Senhor meu Deus, as mercês que a Vossa infinita bondade me tem prodigalizado ao longo destas sete décadas, hoje completados.

Têm sido tantas e tamanhas. incluídas aí as provações, que eu não ousaria contá-las.

Deixai-me, contudo, mencionar algumas e fazê-lo de alma plena e coração orante.

A primeira foi o dom da própria vida e o haver nascido de mais cuja fé católica jamais esmoreceu ou titubeou.

Depois os irmãos, o mais velho dos quais, José Nilo, chamastes há um mês e três dias. Éramos sete, somos, agora, seis, permanecendo solidários e amigos.

A cidade natal, Crato, de raízes civilizacionais adentradas num passado de trabalho, cultura, religiosidade, sofrimento e, por vezes, heróismo.

Esta em que atualmente vivo, e para onde vim, pela vez primeira, em fevereiro de 1942, (a segunda foi em fevereiro de 1952 e a terceira, em julho de 1971), cidade ilustre, cidade-história, cidade-inteligência, cidade-corção perante a qual me ponho em oferta.

Os estabelecimentos de ensino em que me formei, desde as modestas escolas de D. Neves e de D. Vicência Garrido, passando, em seguida, para o Externato Santa Inês, onde tive por mestra D. Stella Cabral, ainda viva, integrando a comunidade das Irmãs do Coração de Maria, de Olinda, nesta Capital. E, ainda na cidade do Crato, o Grupo Escolar, a Escola Técnica de Comércio e o Ginásio, posteriormente Colégio Diocesano.

A graça de, vindo para Salvador, com o fito de estudar Medicina, poder matricular-me no antigo Ginásio da Bahia, de inolvidáveis tradições, freqüentando-o até o momento em que, descobrindo-me efetivamente não vocacionado para a carreira médica, optei por Ciências Sociais, passando, bem sucedido que fui

no concurso vestibular, a integrar a turma fundadora da Faculdade de Filosofia da Bahia, hoje Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, de quem me aposento, por força da lei, porém não me separo, por força de amor.

Os sacerdotes — e foram tantos! — a cujo ministério e a cujo magistério devo o melhor de minha formação humanística e cristã.

Os mestres civis, alguns deles ainda vivos e lúcidos, cujas lições guardo, profundamente reconhecido.

Maria Ruth, seara esponsalícia fecunda e laboriosa, de cujo ventre procedem meus queridos nove filhos, ampliados em genros e noras e desdobrados em netos, que são alegria e encanto para meus olhos e festa para meu coração.

Os alunos de ontem e os de hoje, cujas feições refletem, ora a beleza de uma juventude exuberante e ativa, ora as marcas do trabalho ou os sinais das preocupações. Ah! Eu os guardo a todos, no que há de mais sensível em meu viver profissional.

Os colegas, em estabelecimentos de ensino de variadas modalidades, graus e feições, colegas que, por seu preparo, por sua estima e por seu exemplo, me têm sido incentivo e apoio, desde o início da jornada.

Os parentes e amigos, universo de bondade e delicadeza que me sensibiliza ao extremo.

Os educandários, de Salvador e de Crato, onde tenho realizado minha vocação docente: D. Macedo Costa, São José, Sophia Costa Pinto, Antônio Vieira, Bahiano de Ensino, N. S. das Mercês, Instituto Feminino, Bom Jesus, S. Jerônimo, Modelo, Pio XII, Brasil, Luís Tarquínio, Polícia Militar, Escola Técnica de Comércio da Associação dos Empregados no Comércio do Crato, S. João Bosco, Escola de Serviço Social e Faculdade Católica de Filosofia da Bahia (pré-existente à UCSAL), Faculdade de Filosofia do Crato, Academia de Polícia Militar e Universidade Católica do Salvador e Federal da Bahia.

A oportunidade que tive de servir, exercendo cargos e funções, um deles de natureza política, na condição de Secretário de Educação e Cultura do Município do Crato; a direção, por doze anos ininterruptos, da Faculdade de Filosofia do Crato, agregada à Universidade Federal do Ceará; a vice-Reitoria da Universidade Regional do Cariri, durante sua fase de organização e implantação, tendo como Reitor o Prof. Antônio Martins Filho fundador e primeiro Reitor da Universidade Federal do Ceará — todas essas foram

ocasiões que me cobraram responsabilidade não pequena e até certo grau de audácia, que Vós, Senhor, sem que eu o merecesse, permitistes e fortalecestes.

E que dizer das Associações e Movimentos religiosos a que pertenci ou pertengo: Cruzada Eucarística, Congregação Mariana, Ação Católica, Serra Internacional, Encontro de Casais com Cristo, cada qual com seus traços característicos e suas próprias finalidades, mas todos propiciadores de enriquecimento espiritual?

E entidades outras, tais como o Instituto Brasileiro de Filosofia, Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, o Instituto Geográfico Histórico da Bahia, o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, o Instituto Cultural do Cariri, a Academia de Letras e Artes "Mater Salvatoris", a Academia Baiana de Educação, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Círculo de Estudos Bíblicos da Vitória, o Círculo de Estudo, Pensamento e Ação, agremiações literárias entre as quais o Centro Tristão de Athayde, a Associação Cratense Pró-Cultura, em Crato, e o Centro Cultural Jackson de Figueiredo, em Salvador, a Soberana Ordem Militar de Malta, a Santa Casa de Misericórdia da Bahia, a Sociedade dos Amigos da Cidade, nas quais a inteligência encontra seus caminhos, o civismo motivos de elevação e a solidariedade razões para melhor servir.

E os exercícios inicianos que, ano a ano, com alguma involuntária exceção, me tendes permitido fazer, a fim de que a espiritualidade do Congresso se acrisole e a do cristão se renove?

Venho agradecer-vos a celebração desta Eucaristia, oficiada nesta Capela de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, que tão eloqüentemente nos fala, a todos aqui presentes, do mistério da Ressurreição e das luzes do Paráclito.

Obrigado, Senhor meu Deus, por tudo isso e por aquilo que não pude ou não soube dizer, mas que recebi de Vossa inesgotável misericórdia.

Mil vezes obrigado.

E fazei de mim, apesar de minhas falhas e de meus limites, missionário de Vosso Reino e veículo de Vosso Amor.

Salvador, 05 de junho de 1992

(\* — Lida após a Missa gratulatória, concelebrada na Capela do Colégio SS. Sacramento. Foram concelebrantes: Mons. José Hamilton Almeida Barros, Mons. José Edmilson de Macedo e Pe. Boaventura Veiga Ferraz.

# 10 POESIAS de Dandinha Vilar

---

---

Meu Ceará  
*Dandinha Vilar*

Terra da luz! Onde a jandaia canta  
Nos coqueiros, saudando o verde mar;  
E onde a onda bravia se levanta  
E carinhosa a praia vai beijar.

Terra do sol! Onde o roceiro planta  
Crente que a chuva não lhe vai faltar;  
Porém se falta ele não desencanta  
E bravo e forte luta a esperar.

Terra do amor! Onde a mulher rendeira  
Com mãos de fada, meiga, hospitaleira,  
Dignifica a sua profissão.

Meu Ceará! Onde ao cair do sol  
Como um delírio canta o rouxinol  
Poetizando as plagas do sertão.

## De lembrança em lembrança

---

*Dandinha Vilar*

Recordo os belos tempos já passados  
Da minha vida, na ridente aurora.  
O convívio com meus antepassados...  
...Tudo quanto de bom eu tive outrora!

Meus sonhos que dormiram abandonados;  
A casa onde vivi, que lembra agora  
Minhas tias e avó, meu bem amado  
Padrinho. Como eu lembro a toda hora!

Mas a vida passou tudo mudando!  
E o tempo os seus caminhos percorrendo  
Tudo levou. E eu triste, meditando.

De lembrança em lembrança vou vivendo;  
De tristeza em tristeza vou penando...  
...De saudade em saudade eu vou morrendo!

## Onde está Deus

---

*Dandinha Vilar*

Lançando o olhar no azul do firmamento  
E aos encantos sem par da natureza,  
Ou contemplando o mar, o sol, o vento,  
De que existe Deus temos certeza.

Mas não devemos procurá-lo atento  
Do alto do infinito na grandeza;  
Porque perto de nós em todo tempo  
Ele está, nos olhando com clareza.

Ele está na criança abandonada,  
Sem lar, sem teto, sem amor, sem nada;  
No velho que, com fome, o pão te implora.

No doente que sofre, e no gemido  
Que se perde no ar sem ser ouvido...  
...Ao teu lado, no pranto que alguém chora!

## O Retrato

---

*Dandinha Vilar*

Sala deserta na penumbra imersa  
E na parede um quadro pendurado;  
Sobre os frangalhos de um tapete persa,  
Lá num canto um piano empoeirado.

Contra os vitrais, na direção inversa,  
Um móvel antigo, sujo, desbotado;  
Como a mostrar cumprir sorte adversa  
Um divã noutro canto abandonado.

Abri a porta. Entrei. Tudo era triste.  
Na solidão apenas a certeza  
De que mais nada ali já não tem dono.

Mas qual! Num desafio que assim resiste,  
Um retrato sorrindo sobre a mesa  
No mais letárgico e tético abandono.

# Cicatrizes

---

*Dandinha Vilar*

A penumbra do tempo vem chegando  
E eu sinto o meu olhar turvo, cansado.  
No declínio da vida resvalando  
Vai se distanciando o meu passado.

Mas as recordações fui estagnando  
No album que no peito está guardado  
Onde uma história então fui registrando  
Na consciência de um viver honrado.

Murcharam para sempre as esperanças...  
Já quase nada resta. Só lembranças...  
Do que foi, cicatrizes que ficaram.

Escondidas no peito dolorido,  
Nas rugas do semblante combalido,  
Nos cabelos que os anos desbotaram.

# O rio Jaguaribe

---

*Dandinha Vilar*

Cai a chuva. E os riachos recebendo  
A água que dos morros vem rolando,  
Uns para outros sempre se envolvendo  
Formam-se rios, noutros despejando.

E sucessivamente acontecendo  
No grande leito vão se avolumando.  
É o Jaguaribe que lá vai descendo  
Para o mar, as ribeiras arrastando.

Continua o trajeto. A água sobe  
Agigantando-se com o furor que pode  
Corre bravo, feroz, grande, profundo.

Mas quando a chuva foge, ei-lo minguando  
E pouco a pouco logo se tornando  
O maior rio seco que há no mundo.



## Duas lembranças

---

*Dandinha Vilar*

Tudo quando decorre em nossas vidas,  
Em face o desdobrar do itinerário  
Deixa algumas lembranças refletidas  
Que desfilam quais contas de um rosário...

Algumas dentro em nós acham guarida  
E permanecem em natural fadário,  
Outras se apagam na incessante lida  
Desprezadas em leito mortuário.

Em minha vida, no cruel degredo,  
De que me arranquem eu só tenho medo,  
Do pobre peito, no escrínio amigo.

Duas lembranças: — meu maior segredo!  
De uma esperança que morreu bem cedo  
E uma saudade que ficou comigo!

## O beija-flôr

---

*Dandinha Vilar*

Volúvel, irrequieto, peregrino,  
Rápido e breve como é breve a aurora  
Esvoaças de leve, pequenino,  
Beija uma flor e outra e vai embora.

Assim, com traquinices de menino  
Que não pode parar nem se demora  
Rodopia ao calor do sol a pino  
Nas tardes ou manhãs, a qualquer hora.

Qual leve pluma que no espaço adeja  
Numa doce carícia eis que voeja  
Aspirando a delícia dos olores.

Na beleza da tua profissão  
Como és feliz cumprindo esta missão  
De beijar sem cessar todas as flôres!

# Chora, violão!

*Dandinha Vilar*

Canta, meu violão, que este teu canto  
Registra o teu perfil interior.  
É poesia que transmite o encanto  
De aureos sonhos que se abriam em flor.

Chora, meu violão, que este teu pranto  
Traduz a angústia que te gera a dor;  
Retrata n'alma todo o desencanto  
Que ainda resta de um perdido amor.

Chora, meu violão, chora comigo,  
Pois teu canto, pra mim é o castigo  
Do desencanto destes meus encantos.

Teu canto é o pranto que te vem da alma;  
Teu pranto é o canto que te dá a palma  
Dos teus encantos feitos desencantos.

# Disparada

*Dandinha Vilar*

Atarefadas nuvens pressurosas  
Correm no céu, fugindo apressadas;  
Correm as borboletas vaporosas  
Sobre as flores, com asas agitadas.

Pirilampos, em noites pavorosas  
Correm na mata. (Errante luz alada!)  
Corre o rio em torrentes fragorosas  
Atirando-se em louca disparada.

Pelo espaço, zunindo corre o vento!  
Celeremente corre o pensamento  
Sem destino, sem direção, sem norte.

Também nós, nesta vida de incertezas  
Corremos por um mundo de surpresas  
Indubitavelmente para a morte.

# QUE VIVA A URCA

EMERSON MONTEIRO LACERDA

Como no princípio, que era o Verbo, e Ele se fez carne, habitando entre nós, assim também tudo tem de passar pela idéia (leia-se "esquema") para se concretizar, no mundo das coisas tangíveis. É essa a lei do mundo fenomênico, que, de forma matemática, ocorre sempre, nos ritos da Natureza.

Para que um povo tenha autonomia civilizatória, é necessário que antes organize o intelecto, salto definitivo que se equivalente ao percurso da animalidade à cultura, tão bem representado por Stanley Kubrick, no filme "2001, Odisséia no Espaço" (cena dos macacos a lutarem com clavas de ossos, quando uma delas se transforma — corte cinematográfico — em nave espacial viajando no futuro).

Ponto de detalhe e vemos isso ocorrer agora, nas terras do Cariri cearense, quando, afinal, no âmbito dos séculos, surge a formalização auspiciosa de sua universidade, com todos os foros jurídicos de autarquia, homologada por lei estadual nº 11.191, de 02 de junho de 1986, autorizada pelo decreto federal nº 94.016 de 11 de fevereiro de 1987.

Que a região dispõe de flexibilidade e infra-estrutura para a iniciativa, quem se atreve duvidar?

Foram longos anos de conquistas, desde os primeiros capuchinhos, passando pelas didáticas insurreições de 1817 e 1824, com Bárbara de Alencar, Tristão Araripe, Pereira Filgueiras, além de outros heróis, até os educadores modernos e seus tradicionais colégios (Seminário São José, Diocesano, Santa Teresa, em Crato, Salesiano, em Juazeiro do Norte, e Santo Antônio, em Barbalha.

Lideranças eméritas, como Antônio Martins Filho, José Newton Alves de Sousa, Pedro Felício Cavalcanti, Raimundo de Oliveira Borges, Luiz de Borba Maranhão, dentre outras, elaboraram os alicerces da educação superior aos caririzeiros.

Acatemos, pois, de bom grado, o prêmio maior que se merece.

Os intelectuais fazem história por intermédio da transmissão de conhecimentos, como os técnicos pela aplicação da Ciência; dessa maneira, admitimos a vitalidade educacional, processo que se perfaz acima da política partidária, tantas vezes razão de estagnação e retrocesso.

Alguns retóricos sugerem a incerteza como tônica do futuro. No entanto, se sabe, pela livre experiência de viver, que incerto foi o passado, vistos os seus erros acumulados, que o tempo recolheu na bagaceira dos engenhos primitivos, anacrônica agroindústria canavieira, para tempero da garapa nas caldeiras e tachos do amanhã. E somos os contemporâneos que responderemos, neste pé-de-serra, ao desafio, fornecendo luz aos clientes do saber, nossos filhos e os filhos deles.

Em seu nascimento, a Universidade Regional do Cariri tem direito ao nosso mais carinhoso abraço, e sonhar com ela o verde porvir das grandes realizações torna-se obrigação principal.

## D A D O S P E S S O A I S

José Emerson Monteiro Lacerda nasceu em Lavras da Mangabeira — Ceará, no sítio Tatu, a 26 de março de 1949, terceiro dos cinco filhos de Luiz de Lacerda Leite e Maria de Lourdes Monteiro Leite. Em 1954 veio para Crato, onde fez os primeiros estudos e se iniciou no jornalismo, através de crônicas publicadas nas rádios Araripe e Educadora e no jornal "A Ação" (locais). Em 1967, como funcionário do Banco do Brasil, passou a residir na cidade de Brejo Santo — Ceará. Mais tarde (1971), foi viver em Salvador, tendo, na capital baiana estudado Comunicação e se interessado por outras áreas do conhecimento, como Psicologia e Arte, produzindo trabalhos de pintura, colagem, fotografia e cinema.

Em 1977, voltou a Crato, publicou artigos e reportagens na imprensa de Fortaleza, além de participar de exposições na região do Cariri, onde também se propôs a realizar um filme de média metragem, super 8 ("Terra Ardente"), inacabado.

Em 1978, retornou à Bahia por apenas sete meses, fixando-se em Crato desde o ano seguinte. Tem demonstrado interesse pela literatura voltada ao aperfeiçoamento humano, estuda religiões comparadas e suas implicações sociais. Chega a admitir uma mudança real na História, partindo de nova consciência individual, quando, só então, será possível revolução verdadeira, com a tão sonhada transformação do gênero humano para a felicidade definitiva.

Em 1991, divulgou texto (SOMBRA E LUZ) visando transmitir as bases dessa proposta, fruto de experiências pessoais.

Agora, reúne crônicas publicadas em jornais, continuando em sua proposta de avaliar acontecimentos sob aspectos críticos, resultado de caminhada persistente nas veredas interiores.

# “Uma Família a Serviço do Bem”

---

---

**José de Alencar Bezerra**

O chefe da família José Barroso Vieira é um lutador, tendo uma família de sete filhos conseguiu dar-lhes educação de 1º e 2º graus fornecendo-lhes todo material didático e escolar.

A sua esposa e companheira, Terezinha Costa Vieira, cooperou em tudo para a educação da família e ainda cuidou dos pais de nenê, apelido familiar de José Barroso Vieira.

Terezinha foi criada por Maria Angélica da Costa que lhe deu uma fina educação. Angélica protegia meia-dúzia de parentas idosas e doentes, Terezinha tinha de cuidar de todas: dar banho, fazer alimentação adequada a cada uma e atendê-las em suas necessidades. Foi sempre uma coluna de apóio de toda família.

A filha mais velha, Maria Neuma Vieira de Almeida casou-se com Francisco Fábio Carvalho de Almeida. Trabalhou como executiva nas Empresas Mehisa e Gráfica e Editora Carlitu's. Neuma teve dois filhos Fábio Luiz e Emerson Vieira de Almeida, são estudantes com bom aproveitamento. A mãe os auxiliou nos deveres escolares providenciando para eles Colégio no ensino particular.

A segunda filha Maria Nilda Vieira de Lima fez com destaque o 1º e 2º grau. Fez o curso profissionalizante de química no Colégio de 2º grau Marvin. Casou-se com Manuel Messias de Lima, funcionário destacado da Fundação Nacional de Saúde, que atuou ativamente em todas as campanhas daquela entidade. Tiveram uma inteligente filhinha Thereza Raquel que promete ser uma jovem de futuro brilhante.

O terceiro filho: José Newton Vieira, funcionário da Fundação Nacional de Saúde, bom pai de família, muito cumpridor de seus deveres funcionais. Casou-se com a professora Auristela de Lima Vieira, tiveram duas interessantes filhinhas. Lívia e Ana Lídia de Lima Vieira.

A quarta filha: Maria do Socorro Costa Vieira, professora de Geografia formada pela Universidade Estadual do Ceará, tendo concluído o curso de língua estrangeira (espanhol) pela Casa de Cultura da Universidade Federal do Ceará, tem grande liderança no bairro, muito jeitosa para artes nutricionais.

A quinta filha: Nina Rosa Costa Vieira, concluiu seu 1º grau na Escola de 1º grau Dr. Cláudio Martins e o 2º grau na Escola de 2º grau Marvin. Tem muito jeito para o serviço social, sendo funcionária da secretaria de saúde do Município.

A sexta filha: Nívea Maria Costa Vieira concluiu o 1º grau no Instituto Mater Amabilis, onde aprendeu as noções básicas de religião e se destacou com muito brilhantismo nesta escola. Concluiu o 2º grau no Instituto de Educação de Ceará, onde foi oradora oficial de sua turma no Curso Normal. Participa da Pastoral Vocacional de seu bairro. Foi líder estudantil atuante em todos os Colégios por onde passou.

A sétima e última filha Nirla Maria Costa Vieira, terminou o 1º grau na Escola Marechal Juarez Távora. Tem-se destacado no grupo teatral da paróquia Senhor do Bomfim.

---

---

## “A PROVÍNCIA” EM NOVA FASE

Deve-se ao espírito arguto, ao dinamismo e a capacidade do professor Jurandy Temóteo o renascimento de A PROVÍNCIA, prestigiosa publicação do Crato, da qual somente haviam circulado 3 números, nos anos 50.

A PROVÍNCIA voltou, maior, mais sólida, mais rica, mais informativa, com colaboração mais variada. Um verdadeiro documentário do Crato e do Cariri.

Está circulando de 6 em 6 meses. Já saíram 3 números na nova fase, e fazemos votos de que, desta vez, tenha vida longa, prestando inigualáveis serviços à cultura regional.

---

---

## UNIÃO DOS ESTUDANTES: 50 ANOS

Em Junho do próximo ano de 94 outra eféride será celebrada em Crato: os 50 anos da União dos Estudantes do Crato, fundada por Gilberto Pinheiro, Jales de Alencar Araripe, Humberto Cordeiro e outros. Uma vasta programação deverá assinalar a efeméride.

## Discurso em Conceição (\*)

Retornar a Conceição é, para mim, motivo de imensa alegria.

Aqui eu me realizo e me reencontro. Aqui me vejo nos verdes anos, recorro tempos e cousas, abraço amigos e parentes, revejo meus amigos e inúmeros clientes, que necessitavam de meus cuidados médicos, quando clinicava na vizinha cidade de Brejo Santo, onde, ainda hoje, possuo um Hospital.

Aqui, antes de tudo, visto e oro à Virgem da Conceição, que me viu nascer, crescer e me tornou feliz.

Meus senhores:

Se é com imenso prazer que sempre volto à minha terra e abraço o meu povo, hoje esta alegria é infinitamente multiplicada, por participar das festividades de sua emancipação política, e assistir a inauguração de uma praça em homenagem ao meu saudoso Pai, José de Figueiredo Rangel.

José de Figueiredo Rangel nasceu nesta cidade, em 12/08/1906, filho do Major Otoni Leite de Sousa Rangel e de Ana Alencar Figueiredo Rangel. Neto, pelo lado paterno, de José de Sousa Leite e Avelina de Sousa Leite e, pelo materno, de José Figueiredo e Marica de Alencar Figueiredo.

Portanto, com entrelaçamento genético com as principais famílias deste Município. Fez suas primeiras letras nesta cidade, indo, depois, estudar em Cajazeiras e João Pessoa.

Em 1930, a Paraíba foi sacudida por uma luta fratricida, em que o Governo João Pessoa era ameaçado por tropas do Município de Princesa Isabel, bafejadas pelo Governo Federal. O clima neste Município tornou-se tenso e ameaçador. Conceição, por sua vizinhança com Princesa e por seus chefes comungarem com o Governo João Pessoa, se sentia ameaçada, e seu comércio poderia ser saqueada a qualquer momento.

Meu avô, Major Otoni Rangel, próspero agropecuarista e comerciante de tecidos nesta cidade, temeroso, convocou meu pai, ainda estudante, para retirar sua loja, para a vizinha cidade de Brejo Santo, onde reinavam paz e segurança. Meu pai, juntamente com Paulino e Francisco Braga, ambos casados em primeiras e segundas núpcias com suas primas legítimas, se deslocaram para o Ceará, onde permaneceram até a vitória das forças revolucionárias.

Meu pai regressa, mas na cidade de Brejo Santo deixa seu coração com uma jovem de dezesseis anos, minha futura mãe, Tônia de Araujo Rangel, filha do prestigioso chefe político Napoleão de Araujo Lima, de saudosa memória. Em 1931 se casam. Meu pai, com bastante amor à sua terra e à sua gente, aqui vem residir. Concomitantemente, assume o lugar de secretário municipal na administração do seu primo e grande amigo, José Leite. Durante toda sua existência, Rangel foi um homem quase totalmente devotado às lides agrárias, sendo por todos reconhecido como um dos mais organizados agropecuaristas de sua época.

Em 1945, todo o País é despertado nos seus anseios e ideais democráticos.

É abolida a Ditadura Vargas. O País é redemocratizado.

Sob a orientação do Dr. João Sérgio Maia, então Juiz de Direito da Comarca, é dada a Francisco de Oliveira Braga a chefia do Diretório da União Democrática Nacional, de que faziam parte, como fundadores, José de Figueiredo Rangel, Cônego Antônio Andrade, vigário da Paróquia, João Nunes de Sousa, Paulino Braga, José Pereira Frade, Edilton e Teodomiro Ramalho Rangel, Bindo Leite, Severino Bezerra, Lino Mangueira, José Antônio, Zeca Rosa, João Ferreira Furtado e muitos outros. Todos, homens de bem e incansáveis batalhadores.

Vieram as campanhas políticas, os pleitos acirrados, Municipais e Estaduais. A política era disputada palmo a palmo. O partidarismo era um fato autêntico e incontestado. Ser udenista ou pessedista era pôr em jogo e em risco a honra e a vida.

Nas campanhas, notava-se sempre a presença de José Rangel, um dos primeiros em tudo, a encarnar perfeitamente o espírito da vitória, participando dos comícios e passeatas e no dia da apuração, juntamente com seus amigos, defendiam com intrepidez o fruto de seu labor político. Sua residência na época era uma das melhores da cidade, onde normalmente se hospedavam as caravanas políticas.

Em 1947, no Governo Osvaldo Trigueiro, é nomeado Prefeito Municipal. O Partido, em convenção, escolhe o chefe Francisco Braga para sucedê-lo.

Não existindo estradas e meios de transportes, a campanha foi feita a cavalo, sob sol inclemente e desconforto total. Sairam de vila em vila, de sitio em sitio, casa em casa, uma semana no Lira, Cachoeirinha, Saco, outras semanas para Santa Inês, Umbuzeiro, Figueira, Maria Soares, Ibiara, Santana, numa longa pere-



grinação por todo o Município, com uma única finalidade, a vitória de Braga.

No quadriênio 1950-1954, José Rangel, numa composição feliz, é eleito Vice Prefeito na chapa encabeçada pelo insigne Dr. Nelson Lopes Ribeiro.

Nesse período, muitas vezes foi Prefeito em exercício.

Foi também, durante muitos anos, suplente de Juiz.

Como Agropecuarista, Secretário da Prefeitura, Vice Prefeito e Prefeito, sempre se portou com dignidade e muito contribuiu para o progresso de sua terra, honrando e dignificando os cargos que ocupou.

Em 1978, bastante doente, levo-o para Brejo Santo, no Ceará, onde falece em 21 de Julho de 1980.

Esta, meus senhores, é, em rápidas palavras, a modesta mas encantadora biografia do homenageado de hoje.

Ele, com um grupo de amigos, já citados, fundando em Conceição, em 1946, o Diretório da União Democrática Nacional, sob o comando magistral de Francisco Braga, lançaram, em solo profundo e fértil, a semente que germinou e cresceu e cujos frutos são a incontestante hegemonia política que mantemos hoje na Paraíba, na pessoa de V. Excia., Governador Wilson Braga.

Uma verdadeira e leal amizade nunca morre.

A homenagem a José de Figueiredo Rangel, prestada por vossas excelências, sr. Francisco Braga e senhores Vereadores municipais atesta, sobejamente, que Conceição não esquece seus diletos filhos.

Nossos agradecimentos ao Vereador Nonato Belmiro, afilhado de batismo de José de Figueiredo Rangel e autor do projeto e ao amigo Antonio Matildes por suas palavras, que enaltecem, com raro brilhantismo, a personalidade de meu Pai.

Esta homenagem muito nos anima e envaidece.

Em nome da família de José de Figueiredo Rangel, de minha mãe, Tônia de Araujo Rangel, viuva, filha, nora, genro, netos do homenageado, o nosso eterno muito obrigado!

(\*) Discurso pronunciado em Conceição, Paraíba, quando dos festejos dos 103 anos do Município, em 08 de Outubro de 1992. Na oportunidade, o orador agradeceu a homenagem prestada ao seu Pai, José de Figueiredo Rangel, cujo nome foi dado ao moderno calçadão inaugurado naquela cidade paraibana.

# 5 SONETOS

ZENITH  
FEITOSA

---

---

## OBLATA

Sempre que penso em ti, a saudade aparece,  
mas generosidade a envolve em doce vaga:  
faz-se oblação à Vida, em amorosa prece,  
para que uma vez mais teu coração me traga...

É aragem singular, pois, sendo amena, aquece  
minha alma enregelada à tua ausência, e afaga  
todo o meu ser que assim de júbilo estremece,  
crendo-a carícia tua, em transcendência maga!

Mas, paradoxo cruel! Agora, ao recordar-te,  
a saudade que dentro em mim se evidencia,  
ao maltratar minha alma, o coração me parte...

Pois que, em desolação, possuída de agonia,  
diz-me que nunca mais, na Vida, hei de encontrar-te  
e que um vácuo abissal de ti me distancia...

## CONHECIMENTO

Eu conheci sua afetividade!  
Eu conheci sua ternura infinda,  
na voz a se expressar com suavidade,  
e nos olhos dizendo-me: "bem-vinda!"

De sua rica emocionalidade  
sentí-me o enlevo, a fantasia linda,  
sentí-me, enfim, sua felicidade,  
pelas bênçãos do amor, que me ungem ainda...

Em privilégio raro e bem bonito,  
eu conheci sua alma... Acalentei-a  
em seus mistérios e ânsias de infinito...

A beleza envolveu-me em régia teia!  
Quem diria?! — Em você estava escrito  
o céu por que meu coração anseia!

# OS PÁSSAROS

Enquanto os homens se destroem, possuídos  
de egoísmo e inveja, com furor nefando  
de almas em treva, os pássaros em bando,  
ou sozinhos, são no ar cristais partidos...

E, alegres, dançarinos coloridos,  
Vão pelo espaço, em vôos, ou pousando  
de ramo em ramo, assim os decorando  
com os lindos tons de que são revestidos.

São do ar também as singulares rosas,  
de cujo olor, volutas harmoniosas  
espiralam-se em lípidas canções...

Almas enfeitam de alegrias suaves!  
— Ah, bendito O que criou tão lindas aves,  
trazendo enlevo e paz aos corações!



## SAUDOSISMO

Havia uma inocência eterna  
no coração dos poetas  
que ouviam e entendiam estrelas...  
Havia uma ânsia de ascensão e de infinito  
no galgar do lirismo,  
em busca da Poesia...  
Havia o pudor em metáforas contido,  
metáforas tão belas  
que eram moldura para o sentimento  
e tela para as emoções...  
Desnudavam-se as almas, tão-somente.  
E, sobre os corpos,  
havia espaço para a imaginação,  
na tessitura de rendas e bordados...  
Veículo para a alma,  
a carne era objeto, apenas,  
jamais objetivo...  
Mas, isso agora é retórica, é metáfora  
de puro saudosismo!

# CINZAS DE SOL

A chuva forte da manhã estanca  
com pingentes de lágrimas que o vento  
sacode e às coisas eco triste arranca,  
com o débil som do próprio desalento.

O dia é um verso de Florbela Espanca!  
Cinzas de sol, ao denso tom nevoento,  
mancham pelo ar a claridade branca,  
tal qual a mágoa mancha o sentimento.

Há sugestão de dor e de saudade!  
Há sombras, névoas, queixas e ansiedade...  
Esconderam-se os pássaros nos ninhos.

Caem cinzas de sol em grãos de chuva  
e vão tecendo plúmbeos véus de viúva  
por sobre a natureza sem carinhos...

---

## Academia dos Cordelistas do Crato é Sucesso

Afirmou-se definitivamente como núcleo disseminador da cultura popular, a Academia dos Cordelistas do Crato, constituída de todos os que se dedicam ao cordel em nosso meio. Todos os meses edita as produções dos seus associados. Doze deles dirigem os seus destinos, um a cada mes, num tranquilo revezamento. Cultuando o cordel, tem feito ressurgir no Crato, com incomum entusiasmo, esse aspecto da cultura folclórica.

Agora está em plena campanha para aquisição de gráfica própria.

São nossos votos de que tenha êxito.

---

## Novos Empreendimentos na Cidade do Crato

A cidade do Crato, passando, atualmente, grande fase de progresso, contará, nos próximos meses, com o prédio próprio da Junta de Julgamento e Conciliação do Ministério do Trabalho; com o novo edifício-séde do SENAC, com muitas salas de aula e auditório; com o novo edifício do IPEC e o novo edifício do Centro de Atividades do SESC. A Prefeitura, em 94, dotará o Crato de novas pontes, de um Matadouro Industrial e um Aterro Sanitário, além de haver instituído ampla reforma administrativa.

# DOIS GRANDES FILHOS DO CRATO:

## Os Irmãos Denizard e Nertan Macedo

D E N I Z A R D M A C E D O

Nasceu no Crato no dia 1º de Setembro de 1921, dia da Padroeira, NOSSA SENHORA DA PENHA.

Filho de Júlio Teixeira de Alcântara e Corina Macedo de Alcântara.

Bacharel em Ciências Contábeis pela Academia de Comércio do Ceará, em 1944; em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará, em 1945, e Doutor em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará, em 1960.

Denizard Macedo se destacou no cenário cultural como Professor, Historiador e Orador de largos recursos tribunícios.

Ensinou no Colégio Militar do Ceará foi membro dos mais evidentes da Academia Cearense de Letras, integrou, com relevo, o Conselho de Educação do Estado, membro também do venerando Instituto do Ceará, da Sociedade Cearense de Geografia e História e do Instituto Cultural do Cariri, de cujo órgão oficial, a revista ITAYTERA, foi um dos mais apreciados colaboradores.

Na administração pública, exerceu as elevadas e importantes funções de Secretário de Cultura, Desportos e Promoção Social do Estado, no governo do Cel. José Aداuto Bezerra.

Católico de sincera e aprimorada formação, defendia com ardor, em quaisquer circunstâncias, e quando se fizesse mister, os princípios da religião que o norteou, indefectivelmente, na vida, desde os verdes anos até o amargo fim.

Daí o conceito que sobre ele emitiu, com justeza, o escritor Mozart Soriano Aderaldo, no transcurso de sua morte, depois de analisar-lhe carinhosamente a vida e a obra.

"As disposições iniciais, diz o autor de "História Abreviada de Fortaleza", de seu testamento — e divulgo isso na convicção de que sua família aprovará este meu gesto — formam um retrato inteiro do grande professor que a Universidade e o Ceará perderam. É peça de alto valor moral e espiritual, pois suas primeiras disposições são no sentido de que nascera ele e desejava morrer no seio da SANTA Igreja Católica, Apostólica e Romana, cujo chefe visível é Sua Santidade o Papa que está em Roma. Eis o

homem, continua Mozart, integralmente revelado, em documento escrito com os olhos na Morte e em Deus, hora em que ninguém ousaria escamotear. Eis o amigo, fiel e leal, que discordava do erro mas tolerava o que errava, que combatia as idéias por ele reputadas errôneas mas que respeitava o adversário. Era, realmente, o nosso Bayar "o cavalheiro sem medo e sem mácula". (Itaytera, vol. 29, página 184).

E o não menos ilustre escritor F. Alves de Andrade, por seu turno, lamentando na mesma época a grande perda, e ressaltando o seu telurismo, o seu amor à gleba querida do Cariri, disse:

"A personalidade de Denizard Macedo de Alcântara é sob múltiplos aspectos merecedora de estudos completos, inteiriços, visto não somente por fora, frente às posições que ocupou — Secretaria de Cultura, Vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará e Presidente do Conselho Estadual de Educação, professor universitário e do magistério do Exército, mas, por dentro, na projeção de seu pensamento e ação junto ao Instituto do Ceará, Instituto do Cariri, Academia Cearense de Letras, Sociedade Cearense de Geografia e História, Instituto do Nordeste e clubes de serviço, como político também e dedicado pai de família, formador de consciências cívicas no magistério secundarista na capital cearense e no interior do Estado. A tônica regionalista e profundo telurismo do seu universo emocional tornaram o cratense Denizard Macedo um deslumbrado do seu torrão natal, chegando a dizer que "não compreendo o Cariri sem a Chapada do Araripe — sua história, sua ecologia repousam na ligação do homem com as águas do sopé plasmando a aglutinação social de um *habitat* que é ilha úmida dos sertões. Foi ali "mirando a chapada que corre fronteira como uma muralha de safira as lindes cearenses e pernambucanas" que ele nos veio para os embates culturais." (Rev. da Academia Cearense de Letras vol. 83, nº 44, 1983, pag. 70).

Privei da sua amizade. Conservo com a maior estima a monografia — "Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro", de sua autoria, que me ofertou com a seguinte cativante dedicatória: "Ao Dr. Raimundo Borges — com a dupla cordialidade do caririense "duzentão" e euclideano "enragé", a par da admiração e sincera amizade — Denizard. Fortaleza, 21.9.1963".

Ele sabia que eu era um constante leitor de Euclides da Cunha e de tudo que aparecia ao meu alcance, escrito sobre o genial autor de "Os Sertões".

Eu havia inclusive lhe oferecido um folheto de minha autoria, que intitulei: "A Presença de Euclides da Cunha na Nossa História",

aula inaugural na Faculdade de Filosofia do Crato em 1963, editado pela Imprensa Universitária do Ceará.

A "Vida do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro" é um trabalho em que Denizard estuda com profundo conhecimento e absoluta probidade histórica a figura veneranda do defensor dos Bispos Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira e Dom Macedo Costa, de Olinda e Belém do Pará, respectivamente, na célebre "Questão Religiosa", que tanto abalou o País no 2º Império, notadamente o mundo católico inconformado com a condenação dos zelosos e destemidos antístites com trabalhos forçados.

Não me consta que o Crato até hoje tenha — e é pena — prestado ao grande filho Denizard Macedo de Alcântara as homenagens póstumas a que tem ele incontestável direito, pela projeção que deu à terra com o seu amor e as virtudes religiosas, cívicas e culturais que possuía.

#### N E R T A N M A C E D O

Nasceu no Crato a 20 de Maio de 1929. Filho de Júlio Teixeira de Alcântara e Corina Macedo de Alcântara.

Um escritor fecundo.

Jornalista — redatoriu o Diário de Pernambuco e o Jornal do Comércio, de Recife e O Jornal, Tribuna da Imprensa e Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro. (Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos, pág. 114).

Do Instituto Cultural do Cariri, Crato, ocupante da Cadeira nº 17, de que é Patrono João Brígido. Vaga.

De Nertan disse o jornalista João Lindemberg de Aquino ao recebê-lo na Solenidade da sua posse, no Instituto, na noite de 27.2.1973 depois de analisar-lhe a vida e a obra, de projeção nacional:

"Deixemos tudo de lado, só queremos receber, neste instante, o NERTAN pessoa humana, simples e afável, autêntico, apreciador da água da Nascente e dos alfenins dos nossos engenhos, da bagaceira dos brejos, das histórias malassombradas da Serra do Araripe e da sua infância na Praça da Sé.

Os outros Nertans já pertencem ao Brasil todo. Queremos receber aqui Nertan Macedo, menino travesso das ruas e bêcos do Crato antigo, o Nertan nosso, boa prosa, bom papo, "causeur" admirável... que mesmo com as características nacionais permanece autêntico das suas origens... O fan do piqui e do doce de buriti, da mangaba e da seriguela..."

Ocupou também, como o irmão Denizard, uma Cadeira na Academia Cearense de Letras.

Saudando-o, no momento da posse, proferiu o escritor Hugo Catunda as seguintes palavras:

"Sois, Sr. Nertan Macedo, uma dessas novas vidas que aqui abrolham de perenidade fecundativa da semente maravilhosa, para a imortalidade do pensamento e da beleza.

E entre nós não chegais de mãos vazias, mas, ao contrário, trazendo para o altar litúrgico do nosso culto a grata oferenda de tantos excelentes frutos que já colhestes na seara das letras".

Fechando, com chave de ouro, o magnífico discurso que pronunciou como recipiendário no Instituto Cultural do Cariri, disse Nertan:

"Sou grato, de coração, ao meu querido Padre Gomes, aos meus caros Figueiredo Filho e José Newton Alves de Sousa e aos demais não menos caros companheiros do Instituto Cultural do Cariri por esta acolhida tão amável e generosa.

Persegue-me, há tempos, o remorso de não ter ainda tomado posse desta Cadeira. Deus sabe, porém, porque não tinha feito, preocupações e trabalhos que me assoberbam no Rio de Janeiro, onde resido.

Mas aqui estou. Para dizer do prazer e da honra que sinto neste momento, em sentar nesta Casa como um dos seus membros efetivos. Graças aos senhores, estou mais uma vez pisando a terra do Crato.

E pode haver maior felicidade para quem, como eu, nasceu aqui?"

A Antologia dos Poetas Cearenses Contemporâneos, aludida, publica entre outras uma poesia de Nertan intitulada "Viagem às Alamedas de Santo Antônio no Recife" (cemitério) em que ele termina assim:

"Acontece que amanheço habitualmente triste com mania de viagens

Dia virá em que farei longa viagem sem beijo nem adeus e sem bilhete

Uma dessas viagens que sonho cada manhã cada noite cada dia."

A morte o preocupava. A morte o traiu, a eterna traidora.

Ele fez essa viagem inesperadamente, prematuramente — por que não dizê-lo? — pois morreu relativamente moço, quando podia ainda dar muito da sua fecunda inteligência a todos nós, que tanto nos deliciamos com os livros maravilhosos que escreveu.



Era um enamorado impenitente do sertão, que nunca esqueceu, das suas paisagens, dos seus homens valentes, das suas mulheres bonitas, dos verdes canaviais do seu Cariri, da silhueta azul da Serra do Araripe, das fontes murmurantes que irrompem do seu seio inesgotável, da Praça da Sé das suas peraltagens de menino, do seu Crato antigo, hospitaleiro e bom.

Referindo-se ao afogamento de que ia sendo vítima Antônio Conselheiro, ainda menino, salvo por João Brígido, em Quixeramobim, não esqueceu Nertan do poço das Piabas, em Crato, onde também fez as suas estrepolias, recordando no discurso com que transpôs os umbrais do Instituto Cultural do Cariri.

"...estrepolia que também fiz muitas vezes no nosso saudoso poço das Piabas, nos tempos de Cleto Milfont."

Cleto Milfont, o endiabrado Cleto que também figurava nas peraltices de Fran Martins e ao qual este se refere tantas vezes no seu grande livro — "A Rua e o Mundo".

Poço das Piabas que é o mesmo Poço-da-Escada que Cláudio Martins, outro saudosista do Crato, relembra num poema bellissimo, que transcreverei em parte quando cuidar, mais adiante, desse outro notável homem de letras do Cariri.

Poço-das Piabas, Poço-da Escada e aquele outro Poço-da-Panela, do mavioso cantor das cigarras, Olegário Mariano.!

Como as coisas boas, deliciosas da infância prendem, teluricamente, o homem e o acompanham, como um sonho bom, pelo resto da vida!

Joaquim Nabuco teve a sua Massangana, Gilberto Amado o seu Vasa Barris, até o causticante Agripino Grieco teve o seu Rio Paraíba do Sul.

Eu, humildemente confesso, porque também sou homem, tive o meu "Poço-da-Raposa" na minha Serra de São Pedro do Cariri.

Como ao seu ilustre irmão Denizard, já aqui focalizado, o Crato, que me conste, ainda não tributou também a Nertan as homenagens post-mortem a que fez jus pelo seu talento, pela sua projeção nos grandes meios jornalísticos e literários do País e pelo seu entranhado amor à terra do seu berço.

As obras que produziu, quase todas de sabor regional, dizem bem alto do seu valor:

- 1 — Caderno de Poesia — 1949
- 2 — Aspectos do Congresso Brasileiro — 1956
- 3 — Cancioneiro de Lampião — 1959
- 4 — Rosário, Rifle e Punhal — 1960
- 5 — O Padre e a Beata — 1961
- 6 — Capitão Virgulino Ferreira Lampião — 1962
- 7 — Memórias de Vila-Nova — 1964

- 8 — O Clã dos Inhamuns — 1965
- 9 — O Bacamarte dos Mourões — 1966
- 10 — Agreste, Mata e Sertão — 1964
- 11 — Da Provence ao Capibaribe — 1980
- 12 — O Clã de Santa Quitéria — 1967
- 13 — Floro Bartolomeu — O caudilho dos Beatos e Cangaceiros.

Vale lembrar, a esta altura, uma página cruenta da história do Cariri, descrita por Nertan no seu livro — "Floro Bartolomeu — o Caudilho dos Beatos e Cangaceiros" — o último constante da relação feita.

Reportando-se à degola que, dominado o arraial de CANUDOS, na guerra fratricida, levou o Exército a efeito nos miseráveis jagunços aprisionados, diz o historiador:

Muitas histórias como essa, me foram contadas, da infância à idade madura, pelos meus irmãos sertanejos, a quem tenho dado, inteiro, o que Deus me deu de coração e de inteligência. E quando me decidi a escrever este livro sobre o Doutor-General Floro Bartolomeu da Costa, o homem que levou as degolações de Canudos para o Ceará, lembrei-me dessa história do velho Joaquim Góis, de Sergipe, que a escutou de um jagunço de Canudos, João Belchior. Este livro resume a crônica de um caudilho, que foi também médico e coronel do sertão, e que se fez poderoso, politicamente, não por dominar uma comunidade, mas por se ter tornado o mentor do chefe espiritual dessa comunidade — o Padre Cícero Romão Batista." (Prefácio, página 3) .E continuando:

"A RODAGEM. Aquela gente temia a *rodagem*... A *rodagem* ali estava unindo o Crato a Juazeiro do Padre Cícero. O medo da estrada, porém, era o terror que descia do Dr. Floro, caudilho que se tornou o poder político. Era na *rodagem* que o Dr. Floro Bartolomeu da Costa, vindo da Bahia para o Ceará, mandava justicar assassinos, arruaceiros e ladrões. A tiro de rifle, ou no ritmo de Canudos, degolados a faca. Os mortos eram postos em rêdes, sepultados em trechos anônimos da terra. Algumas vezes, segundo a tradição oral, abandonados mesmo à flor da terra, para escarmento dos vivos, e comidos pelos urubus. Mas contam que, no auge do seu poderio, tendo já o Doutor empolgado completamente vontade e sentimento do reverendo, o poder político se assenhoreando totalmente do espiritual, já não se preocupava tanto com a manutenção das próprias aparências: ordenava aos degoladores, ou fuziladores, que levassem os cadáveres nas suas rêdes e os jogassem à porta da cadeia do Crato." (obr. cit. página 5). Naquele tempo o local era deserto.

Lá estão, ainda hoje, as cruzeiras que os piedosos vizinhos mandaram colocar, ou eles mesmos colocaram, nas sepulturas dos fuzilados.

Também ainda hoje quem transita por lá, pela rodovia asfaltada, denominada Avenida Padre Cícero, entre Crato e Juazeiro, vê, à margem, nas proximidades da Fábrica Norguaçu, no Dia de Finados, velas votivas acesas com que os fiéis reverenciam a memória dos infelizes sumariamente trucidados, ou pagam promessas por considerá-los santos, ou mártires.

É a crença popular.

Pouco importa que tenham sido assassinos, arruaceiros ou ladrões, pois também em Mossoró, no local em que foi enterrado o célebre "Jararaca", do grupo de Lampião, crentes acendem velas e pagam promessas como se o facinora fosse um santo, pois a versão corrente é que ele teria sido atrocemente maltratado pelos policiais que o capturaram, já ferido.

Floro, um homem de bem ou um homem mau? Divergem as opiniões.

O certo é que Nertan, depois de prometer: "Espero neste depoimento, formar melhor juízo e dar melhor retrato do Doutor-General, essa curiosa figura do sertão", arremata, sentencioso:

"Floro Bartolomeu da Costa, o implacável *homem da rodagem*".

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

(Do livro — "O CRATO INTELECTUAL — Dados bio-bibliográficos", em preparo).

---

---

## Sociedade de Cultura Artística do Crato Realizou Festival

A exemplo dos anos anteriores, a tradicional e prestigiosa Sociedade de Cultura Artística do Crato realizou, no período de 26 a 29 de Outubro, o seu festival anual, denominado "Concertos da Primavera".

Durante 4 dias, o Teatro Rachel de Queiroz recebeu um público seletivo e entusiasta, que vibrou com as apresentações dos alunos nos mais variados instrumentos e executando partituras das mais diferentes procedências. Houve a Noite dos Professores, em que o professorado daquela Sociedade também mostrou seus conhecimentos e dotes artísticos.

Uma promoção que já se tornou uma tradição na cidade, merecendo o profundo reconhecimento do nosso povo.

# O Centenário de UM LIVRO TRISTE

---

Raimundo Farias de Oliveira

Há cem anos, em pleno mês de abril, vinha a lume, em Paris, o "SÓ" de Antonio Nobre, com a advertência, em versos, do próprio autor: ... "Mas, tende cautela, que não vos faça mal.../Que é o livro mais triste que há em Portugal!"

Abril é um mês bonito, cá no Brasil. O outono chega enfarpelado no azul muito límpido de um céu fascinante e as folhas começam a cair, com delicadeza, no compasso lânguido da grande valsa da Natureza. Mas, o nosso mês de abril não deixa de mostrar, também, o seu traço de estranha melancolia contagiante e os sons dolentes de uma tristeza misteriosa que se evolva de cada folha caída, de cada pétala que morre na calçada por onde passamos todos, alegres ou tristes, felizes ou infelizes. E o pai do poeta, quando ainda solteiro, aqui esteve, e certamente admirou-se da estranha beleza melancólica do nosso abril...

O livro de Antonio Nobre, tesouro do lirismo português, é um verdadeiro ramalhete de flores tristes que o imortal poeta colheu nas suas andanças por Leça, Porto, Coimbra, Paris, Canal da Mancha, Hamburgo..., enfim, em toda a via dolorosa de sua atribulada existência tão fugaz e tão trágica. Versos e mais versos onde o bardo triste se converteu no profeta do próprio sofrimento que o aguardava no crepúsculo de sua vida de apenas 33 anos incompletos. "SÓ" nasceu em abril e carregou consigo a melancolia de abril, a tristeza das pétalas esmagadas, a dor da saudade sem fim. "Ah, pudesse voltar à minha infância!/Lar adorado, em fumos, a distância,/Ao pé de minha irmã, vendo-a bordar:/Minha velha aia! conta-me essa história/Que principiava, tendo-a na memória,/ "Era uma vez..." Ah, deixem-me chorar! (Canal da Mancha, 1891).

Cem anos são passados. O mundo foi sacudido por guerras e revoluções. A revolução tecnológica é uma delas. Os artistas e as artes sofreram e sofrem o impacto de tais acontecimentos. A própria emoção estética ou a estética da emoção, se preferirmos,

recebe o choque das mutações históricas e sociais desse tempo decorrido. Certas escolas e estilos nascem e desaparecem ao sabor dos acontecimentos.

"SÓ", no entanto, a despeito das fustigações que recebeu de uma corrente de críticos, à época de sua primeira edição, nasceu fadado a viver, olímpicamente, no paraíso da eternidade. Por quê? Porque é simplesmente um livro endereçado à mais aguda sensibilidade dos homens de todos os tempos e lugares; uma mensagem espiritual de uma "singeleza adorável" que arrebatava seus destinatários estejam onde estiverem. Isto porque não há "revolução" que destrua ou mutila a sensibilidade humana e se a poesia é o exercício dessa sensibilidade é claro e evidente que ela, já por essa circunstância, há de ser eterna como eterno é o espírito.

A dor, a tristeza, a saudade, o amor são sentimentos transformados, ao longo da história humana, em "temas" ou "idéias" que norteiam as criações artísticas nos páramos da música, da pintura e da poesia, notadamente. Antonio Nobre, embora haja produzido "Primeiros Versos" e "Despedidas", publicados postumamente, precisou de apenas um livro — "SÓ" — para eternizar-se na galeria dos grandes vates lusitanos e espargir sua comovente influência nos salões da poesia brasileira.

Ribeiro Couto (1898-1963), nascido em Santos, diplomata de carreira e poeta por vocação, publicou "O Jardim das Confidências" (1921), o primeiro, e "Longe" (1961), o último de seus livros.

Dele, escreveu o poeta Geraldo Pinto Rodrigues, da Academia Paulista de Letras, no livro "Poetas por Poeta" (ed. de 1988, Marideni Embalagens e Artes Gráficas Ltda.): "Poeta melancólico ele o é, do primeiro ao derradeiro verso, e não é à toa que, já na maturidade do seu canto, *louvava-se ainda na voz lusitana de Antonio Nobre...* (pág. 36).

O mesmo e ilustre autor, na mesma obra, ao apreciar "Vão absoluto", do poeta baiano Telmo Padilha (Civil. Bras., 1977) faz a seguinte observação à pág. 71: "Percebe-se, com nitidez, que Telmo Padilha é sobretudo um lírico. Um lírico cujas raízes devem situar-se, certamente, nas fecundas realizações do lirismo português, de um Camões, de um Cesário Verde, de um *Antonio Nobre...*"

É curioso esse entrelaçamento e essa sublime fraternidade das musas que povoam o céu da língua portuguesa, pátria de tantos, com a devida licença de Fernando Pessoa. É o milagre da mesma fala transmitindo a mesma emoção, a mesma alegria, a mesma dor, a mesma saudade.

Do nosso poeta Raimundo Correia, nascido no Maranhão, em 1860, e falecido em Paris, em 1911, não há quem não conheça, entre os amantes da poesia, o célebre soneto "As pombas", cujos tercetos dizem: "Também os corações, onde abotoam/os sonhos, um por um, céleres voam/como voam as pombas dos pombais./No azul da adolescência as asas soltam,/fogem... mas aos pombais as pombas voltam,/e eles aos corações não voltam mais..."

Antonio Nobre, precisamente em "SÓ", no soneto "Menino e Moço" canta nos seus tercetos: "Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância /que me enchiam de lua o coração, outrora, /partiram e no céu evolam-se, à distância!/Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:/Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,/Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais..."

E o grande Manuel Bandeira, que conviveu longos anos com a tísica, o mesmo mal terrível que ceifou a vida de Antonio Nobre em plena floração, também "chorou" versos assim: "Eu faço versos como quem chora/De desalento... de desencanto.../Fecha o meu livro, se por agora/Não tens motivo nenhum de pranto.../... Eu faço versos como quem morre." (Teresópolis, 1912). Ou neste outro poema ("Na solidão das noites úmidas")... Oh, viver contigo!/Viver contigo todos os instantes.../Vivermos juntos, como seria viver a verdadeira vida/Harmoniosa e pura./Sem lastimar a fuga irreparável dos anos,/Dos anos lentos e monótonos que passam,/Esperando sempre que a maior ventura/Viesse um dia no beijo da mesma morte..." E Antonio Nobre em "Males de Anto". em "SÓ", geme assim: "Meu Deus! Que pesadelo! Ah, tanta febre assusta.../Struggle-for-life! Ó velho Darwin, tanto custa!/Antes não ter nascido. Ó morte, vem buscar-me..."

Eis aí a saga humana de todos os tempos, a certeza da vida e da morte — essa "trágica dicotomia", estampada nas rimas dos poetas, escondida na arte e na capacidade divinatória desses extraordinários seres sensíveis de nosso planea, onde Antonio Nobre, graças ao "SÓ", agora centenário, ostenta, merecidamente, as insígnias de "Príncipe" dessa grande Corte instalada nas montanhas da eternidade.

Raymundo Farias de Oliveira é sócio da União Brasileira de Escritores — UBE. Publicou, entre outros, "Poemas da Madrugada" e "Companheiros de Viagem" (novela) e "Parlamentarismo — Plenitude Democrática". Cia Editora Nacional — São Paulo.

# RELEMBRANDO CRATO

*Simeão Luna Machado*

Hoje eu estava lendo  
Os versos de Helder França,  
Então foi me aparecendo  
A mais bonita lembrança  
Do meu Crato pequenino,  
Dos meus tempos de menino,  
Quando era feliz de fato,  
Jogando minhas peladas,  
Brincando pelas calçadas,  
Nas velhas ruas do Crato.

Papagaios de papel,  
As partidas de pião,  
A linha no carritel,  
Ou a fieira na mão!  
Aquiio tudo era belo!  
Quando jogando castelo  
Com castanhas de caju,  
As brigas sem consequências,  
Xingando com veemência,  
Calças curtas, peito nu.

Também havia o carrinho,  
Aquele rude aparelho,  
Disparado no caminho,  
Descendo o Barro Vermelho,  
Por força da gravidade,  
Até entrar na cidade,  
Na rua da Boa Vista.  
Era grande a emoção,  
Disparando o coração,  
Deixando p'ra trás a pista.

Não dava para esconder  
A alegria da gente,  
Lutando para vencer  
Na diversão inocente.  
Nas muitas competições  
Gozava as emoções  
De vencer, na brincadeira.  
Mas, de todos instrumentos  
Que me davam bons momento  
O maior — a baladeira!

Naquele tempo, menino,  
No Belmonte e no Lameiro,  
Nas matas do Constantino,  
Com alma de aventureiro,  
Andava pelos grotões,  
Sozinho, com meus botões.  
Não tinha medo de nada.  
Com a minha baladeira  
Eu tinha a mão bem certa,  
Não errava uma pedrada.

No Lobo, com o Mundê,  
Fizemos belas caçadas.  
Relembrando a gente vê  
Que fomos bons camaradas.  
A amizade persiste,  
Nada mudou, é tranqüilo.  
Da minha distante infância  
So teve a mesma constância  
O falecido Zé Nilo.

Morava na Boa Vista,  
Hoje Nelson de Alencar;  
E por mais que eu insista  
Não posso me acostumar  
Com aquela justa troca.  
Talvez eu seja um boboca  
Ligado no "antigamente",  
Com saudades do passado,  
Por viver distanciado  
Deste Crato diferente.

Não é que eu tenha algo  
Contra esse grande cratense;  
Foi importante, um fidalgo,  
O ilustre cearense.  
Mas não gostei da mudança  
Dos nomes que, em criança,  
Eu aprendi a amar.  
Nossa antiga Boa Vista  
Era a primeira da lista  
Que não devera mudar.

Outra que me dá saudade,  
Onde morei alguns anos:  
Travessa da Liberdade,  
Que me trouxe desenganos,  
Pois passou naqueles dias  
A ser Duque de Caxias,  
O que nada tem a ver.  
Sei que ao Brasil teve amor,  
Que lutou com destemor,  
Mas, por que a troca haver?

Quando estes versos escrevo,  
O que me vem na lembrança  
É que à liberdade devo  
Manter a minha esperança  
De ver o Crato crescer,  
O seu povo conhecer  
O que há de bom na vida  
Ter trabalho e moradia,  
Saúde e muita alegria,  
Educação e comida.

Eu não reprovoo as mudanças  
Que houve em outras vias,  
Onde nós, inda crianças,  
Curtimos, todos os dias,  
As gostosas brincadeiras.  
Mas a rua das Laranjeiras  
Não devera ser mudada,  
Por seu grande romantismo  
Que bem lembrava o lirismo  
Da branca flor perfumada.

Rua do Fogo, rua da Vala,  
Rua da Palha, rua Formosa,  
Contra a troca não se fala;  
U'a mudança imperiosa!  
Da então Pedra Lavrada  
Eu também não digo nada.  
Assim, do Fundo da Maca,  
Deviam mesmo mudar,  
Para de vez acabar  
Com nomeação tão fraca.

Mas deixemos para lá  
A mudança acontecida;  
A tolice feita está;  
Que não seja repetida!  
Relembremos no momento,  
Do Crato, o encantamento,  
As belezas do lugar,  
Suas fontes, a cascata,  
Sua viridente mata  
Que se deve conservar.

Revendo a bela "avenida",  
Siqueira Campos, falada,  
À noite, numa sortida,  
Ia ver a namorada,  
Apreciando a retreta,  
Era uma boa receita  
P'ra muita felicidade.  
Ia depois ao Cassino,  
O cinema mais granfino  
Que havia na cidade.

Revi a Praça da Sé  
Onde andei de bicicleta;  
Ladeira de São José,  
Subindo como um atleta  
Para ir ao Seminário,  
Então grande educandário  
Onde mamãe me internou.  
Com muita garra estudava,  
E certamente rezava,  
Até que Deus a levou.

Revi em poucos instantes  
A minha Crato de antanho,  
Senti dos anos distantes  
Saudade deste tamanho;  
O Dedé mexeu comigo  
Lembrando o Crato antigo,  
Dos meus tempos de menino.  
Das coisas que não esqueço  
E que hoje reconheço,  
Foram um presente divino.

Fortaleza 20/09/92



# A FARINHADA

*Simeão Luna Machado*

Vai saindo para a roça,  
De manhã, muito cedinho,  
Deixando atrás sua palhoça,  
Tocando a sua carroça,  
Cantando pelo caminho.

Leva consigo a esperança  
De um dia bem proveitoso  
Enquanto a carroça avança  
Para chegar sem tardança  
Naquele tempo invernos.

Já preparada a maniva  
Que deverá ser plantada,  
E a neblina incertiva  
A labuta cansativa,  
A cansativa jornada.

Essa maniva enterrada,  
Em pouco tempo ela brota.  
E com a terra molhada  
A roça está situada,  
A cansativa não importa.

Sua roça está bonita  
Mas uma coisa o intriga:  
Há uma praga maldita  
E uma grande desdita,  
Apareceu a formiga.

Com o fole na carroça  
Para matar a saúva,  
Trabalho em que se esforça,  
Lá vai ele para a roça,  
Apenas cessada a chuva.

São muitos dias de luta,  
Trabalho continuado,  
De pouca folga desfruta,  
Uma terrível labuta,  
Mas sempre bem conformado.

Dessa roça vai tratando  
Com tal determinação,  
Assim, meses vão passando,  
Da sua roça cuidando,  
Raiz crescendo no chão.

Alegre, sempre sorrindo,  
Desde o amanhecer,  
Sua roça vai carpindo  
E o chão vai se abrindo,  
Pela raiz a crescer.

Depois da roça madura,  
Chega a hora da colheita.  
Vai ter a grande ventura  
De tirar da terra dura  
A raiz que se aproveita.

Arrancador de mandioca,  
Trabalhando com cuidado,  
Tem de comer mais paçoca,  
Pois muita terra desloca  
No seu trabalho pesado.

Para ter bom rendimento,  
Um monte aqui, outro lá;  
Um menino com jumento,  
Vai juntando num momento,  
Estando no caçua.

E toca com toda pressa  
Para o aviamento.  
E descarrega depressa  
Onde a turma já começa  
A raspar com muito tento.

A moçada diligente  
Raspa o primeiro lote,  
Porque da raiz, somente,  
A metade, prontamente,  
Se transformou em "capote".

A mandioca que era escura  
Agora branquinha está.  
E quando, nesta altura,  
O boi com muita cordura,  
Roda a bolandeira lá.

A sevadeira, na banca,  
Vendo o caititu rodar,  
Numa atitude bem franca,  
Vai metendo a raiz branca,  
Seva, seva, sem parar.

A massa cai do outro lado,  
Num cocho. Que diferença!  
E o preneiro afobado  
Vai ajuntando apressado  
Pra botar logo na prensa.

Depois da massa prensada  
Vai para a peneradeira.  
A hora boa é chegada  
Para quem tem namorada,  
Ficando os dois na peneira.

E a massa peneirando,  
Ficam eles na conversa,  
As suas mãos se tocando,  
A massa esmigalhando,  
Trabalham sem muita pressa.

O forno já está quente,  
A massa, já peneirada,  
Se tranfere lentamente  
E o forneiro de repente  
Começa a sua fornada.

Com o rodo bem comprido  
Ajunta e torna a espalhar  
A massa em cada sentido,  
Parar não é permitido,  
P'ra massa não embolar.

E continua a luta  
Para a massa enxugar;  
O forneiro na labuta  
Não muda sua conduta  
Até o "ponto" chegar.

Passada mais de uma hora,  
Remexendo sem parar,  
A farinha, seca agora,  
É tirada sem demora  
E medida pra guardar.

Mal retirada a fornada  
Outra entra no lugar.  
A luta é recomeçada  
Com atenção renovada  
P'ra massa não engrolar.

E assim passa a semana  
Na luta continuada:  
Arranca a mandioca, Santa;  
Raspa a mandioca, Germana;  
Toca o boi, Mané Buchada!

Seva a mandioca, Joaquina;  
Prensa a massa, Zé Bernardo;  
"Penera", Maria Pereira!  
Torra a farinha, Palmeira!  
Não podes ficar parado.

E o velho Pedro cuidando  
De tudo com atenção,  
Vê a bolandeira rodando,  
A sevadeira sevando  
E a raspadeira em ação.

Passa logo p'ra peneira  
A massa bem enxugada,  
Quando grita o "seu" Palmeira:  
Acabem com a brincadeira!  
Prepara a massa, moçada!

E no forno, já secando,  
Mexe a massa sem parar;  
O seu rodo manejando,  
E o forneiro gritando:  
Vem seu Pedro, vem tirar!

Assim termina a semana;  
Domingo é p'ra descansar  
Mas a vida não engana,  
P'ra viver precisa "grana",  
Continua a trabalhar.

# PARA RAQUEL - (Nos seus 15 anos)

*Simeão Luna Machado*

R AQUEL! Que linda flor no meu jardim!

A gora, na idade da beleza.

Q uinze anos, na adolescência, enfim,

U nindo tua graça a tua bondade,

E leva-se, chegando a essa idade,

L uzente astro, tão perto de mim!

L embro-me de quando eras pequena:

U ma bela criança, u'a simpatia.

N o teu rostinho, só beleza havia;

A legria, da minha vida, plena.

D e tudo, o que almejava, com certeza,

E ra ver-te crescer, com muita nobreza.

A gora, já passada aquela infância,

L utarás com todo destemor,

M antendo sempre a mesma confiança,

E studando e à vida tendo amor;

I lustrando-a quanto possível for,

D entro da ética, da moral que, sem favor,

A inda são, da vida, o maior valor.

Fortaleza, 06.12.92

Na montaria ligeira,  
P'ro Crato vai viajar.  
Amanhã é dia de feira,  
A farinha é de primeira,  
Fácil de negociar.

Faz sua feira, mesmo assim:  
Compra arroz, açúcar e sal;  
Um pedaço de "toicim",  
Café, bolacha e, enfim,  
Mais coisas do trivial.

Porém é um ledó engano  
Se um bom lucro almeja.  
Sofre grande desengano,  
Pois farinha, neste ano,  
Não dá o que se deseja.

Volta em seguida p'ra Serra;  
De suas roças vai cuidar.  
Tem amor àquela terra,  
E a fé que o peito encerra  
De um dia Deus ajudar.

Fortaleza, 22.11.92

# VOLTANDO ÀS ORIGENS

*Simeão Luna Machado*

Quando parti daqui, quase menino,  
Já levava no peito uma saudade,  
Companheira constante, na verdade,  
Perseguindo sem trégua o peregrino.

Então em mim, durante a mocidade,  
Bem distante, depois, noutra destino,  
Despertavam as lembranças de menino,  
Do tempo em que vivi nesta cidade.

E nesse "filme", coisas que deixara,  
Os engenhos, as fontes, brincadeiras,  
As mangas, outras frutas, o pequi.

Casas e ruas, em que eu morara,  
Exoram: Torna às plagas fagueiras!  
— Meio séc'lo depois me encontro aqui

Crato, 3 de março de 1990

# TRISTE LEMBRANÇA

*Simeão Luna Machado*

No terreiro da casa, o céu olhando,  
Perscruta alguma coisa no Nascente:  
U'a nuvem, um lampejo reluzente  
A indicar o inverno já chegando.

Muitas vezes a cena renovando,  
Em busca de qualquer sinal patente,  
Entrava em casa, sério, já descrente,  
Pois nada via, nada estava achando.

O Sol, crestando tudo, impiedoso,  
A projetar um quadro doloroso  
Dentro da seca que já longa vai!

Hoje eu relembro como era triste  
E vejo que tal cena inda persiste  
Como a triste lembrança do meu pai!

Crato, 15.01.93

# NOSSA CASA

*Simeão Luna Machado*

Era uma casa rosa, ao pé da serra,  
Enriquecida por muitas fruteiras.  
Verdes canaviais formando esteiras  
No belo vale mais verde da terra.

Vivas lembranças que meu peito encerra;  
Um lenitivo p'ra minhas canseiras,  
Quando me fogem as forças derradeiras,  
Fim de batalha numa dura guerra.

Revejo a serra, ao lado, majestosa,  
Ostentando a floresta grandiosa  
Que mantém, no sopé, as fontes puras.

E na prece sincera, a Deus rezada,  
Almejo essa riqueza preservada,  
A ser legada às gerações futuras

Fortaleza, 10.11.92

# S O S ARARIPE

*Simeão Luna Machado*

Como era bela a Serra onde vivi!  
Lá no agreste, frondosos pequiseiros,  
Compondo com os mais belos visgueiros,  
A mais rica paisagem que já vi!

Nas suas frondes cantava o bem-te-vi;  
Nas sombras descansavam os tropeiros;  
Repousavam, também, bravos vaqueiros,  
A brava gente com quem convivi.

Cavalgando, passava pela mata  
Que hoje nada tem, está tão pobre,  
Por causa da ganância que a maltrata.

É urgente que o povo participe:  
Vamos lutar por esta causa nobre,  
Salvando a floresta do Araripe!

Crato, 24.07.92

# VIAGEM AO CARIRI

Cândida L. Carneiro

Há alguns dias estive em Missão Velha, após muitos anos de ausência. A cidade surpreendeu-me pelo seu progresso. O comércio deescentralizado, apresentava grandes magazines com vitrines bem arrumadas. Chamou-me a atenção o bom gosto de quem as decorou. Ao entrar em um deles, atendeu-me uma recepcionista tão gentil, que no seu rosto de sorriso franco, procurei traços de uma amiga dos tempos de outrora. Em vão. Ali eu não conhecia mais ninguém, como igualmente ninguém me conhecia. No entanto, esse fato não me tirou o prazer da visita à terra que me viu adolescente.

Não foi possível rever toda a cidade, porque eu tinha pressa. Até não entendi, pois para revê-la, eu sabia de antemão que dispunha do tempo que quisesse. Propus-me iniciar a visita pelo Grupo Escolar Pedro Rocha, onde estudei de 1950 a 1952. Ali eu esperava as diretoras de então: D. Jácome e D. Maria Alice e as minhas gratas educadoras, D. Giselly e D. Nelse. Não realizei, contudo, o meu intento. Detive-me, não sei por que, nas imediações da Farmácia dos Pobres, de meu tio Mozart. Farmácia, para os que dela precisassem, mas, para mim, apenas o mirante de minha tia Alzira. Incomodavam-me os seus olhos atentos, a vigiar-me enquanto, com minhas colegas, perdia-me em voltas sucessivas em torno do quarteirão defronte, até o soar da sineta da escola.

Não tendo até aqui chegado a parte alguma, seguimos, eu e minhas lembranças, em busca da casa de Dr. Sobreira e D. Elza. Seria bom revê-los e ao "Bambino" como eu chamava seu filho, Paulo de Tarso. Não os vi. Outra frustração. Já não moravam mais na rua do Correio como antigamente. De um transeunte obtive a informação vaga de que ele era ou havia sido prefeito da cidade.

Saí em direção à matriz de São José, mas só consegui chegar à esquina da Prefeitura. Veio-me à lembrança, então, aquele grupo de rapazes que, após as missas ou novenas, costumava aguardar ali a passagem das moças. Eu e minha irmã sempre saíamos acompanhadas de nosso pai, inibindo-lhes a intenção de um gracejo. Terminava aí minha visita a Missão Velha.

Segui para Juazeiro, onde a mesma pressa inexplicável impediu-me de revê-lo conforme eu desejava. Estive apenas na Travessa Carlos Gomes, onde morei de 1947 a 1949. Aliás, sua modificação radical se não me agradou, foi pela saudade da simplicidade que ela tinha no passado e acabou. Admirei-me da beleza em que fora trans-

formada a Rua São Pedro e lembrei-me, com nostalgia, das caminhadas para a escola que há muitos anos certa menina fazia...

Fui para Crato. Lá chegando, encaminhei-me à Escola de D. Toinha Simões na estrada da Batateira, o que devo ter feito guiada pelo subconsciente. Alguma coisa fez-me lembrar a dívida de gratidão que eu tinha para com ela, pela paciência com que me ensinou as primeiras letras e preparou-me para a primeira comunhão. Não encontrando, no entanto, o que buscava, passei num parque infantil e fiquei a observar algumas crianças que brincavam num escorregador. Umas tranquilas... Outras irrequieta e tagarelas... Por instantes, evoquei fatos de uma época que já vai tão longe, mas me revelaram que muitas facetas, da personalidade da mulher que sou, já estavam bem delineadas na menina que eu era.

Em seguida passei pelas Praças Siqueira Campos e Cristo Rei e tomei o rumo do Buriti. Persistia aquela pressa, agora justificada pelo desejo saudosista de rever a casa de meus avós, onde nasci e passava férias. Guiou-me a ilusão de que eu me veria através da primeira criança que eu visse correndo para ver o trem passar. Que idéia! A criançada ali tem hoje outros atrativos que a impedem de interessar-se por coisas tão simplórias como o apito do trem.

Ali eu já não me via através de ninguém e nem de coisa alguma, a não ser das próprias lembranças que me cercavam por todos os lados. Eu me sentia ilhada. Também não encontrei meus avós. Procurei-os até no engenho de Lídia Lobo, onde, por certo, jamais eu os encontraria. Se estivesse havendo missa na Capela de sua casa, ali sim, religiosamente eles estariam.

Lembrei-me então do cartório e voltei ao centro da cidade. Claro, era ali que devia estar meu avô — o velho Cícero Lobo — e eu não tinha pensado nisso antes! Uma vez lá, só encontrei Geraldo Lobo. Este, como se ignorasse que já não existiam a casa e as pessoas que eu buscava, falou-me como se estivesse perdido no passado. "Volte novamente ao Buriti. Lá você vai encontrá-lo com certeza. Deve estar na sala de visita fazendo palitos — seu único hobby — e pigarreando, cada vez que se torna insuportável a tagarelice dos netos que costumam brincar defronte, na cajareneira. Fiquei intrigada com aquela informação. Vivendo em Crato, como Geraldo podia ignorar que o Buriti dos meus tempos se acabara? Saí dali frustrada. Mas, pra compensar, encontrei Malu e Ana Maria, primas que há muito tempo eu não via. Senti-me gratificada. Recordei num breve instante, todas as brincadeiras das noites de luar de nossa infância... No entanto, a maldita pressa que me persegue, não me deixou falar com elas. Tentei fazê-lo, mas antes que o fizesse eu acordei.

# A ANA MARIA

---

*Cândida L. Carneiro*

Há muitos anos deixei o Cariri  
e não mais voltei lá.  
Vim pra Maranguape e fui ficando,  
mas há algum tempo,  
as lembranças de minha terra  
estão me machucando.  
Nasci no Crato, mas de lá  
eu quase nada sei.  
E ali fiz a primeira comunhão  
e fui da Ação Católica  
e me alfabetizei.

Agora, acordam em minha mente,  
lembranças de locais por onde andei:  
A Igreja São Vicente,  
a Praça Siqueira Campos  
e a Praça Francisco Sá,  
que a gente chamava Cristo Rei.  
Vejo o sítio de meu avô,  
e a imagem me é tão cristalina,  
dos folguedos dos tempos de menina,  
que sendo progressista como sou,  
torno-me retrógrada quando penso:  
que bom se ele estivesse ainda,  
do mesmo jeitinho que ficou.

É por isso, Ana Maria,  
que estou buscando você.  
Desejo voltar ao Crato,  
mas não antes que me arranje  
algumas obras pra ler.  
Quero através da leitura,  
reencontrar o Crato antigo,  
que eu penso que só existe  
nas lembranças que agora,  
resolveram andar comigo.



Sabe, prima, Evandro e eu,  
somos folhas soltas ao vento.  
Cedo fomos deesgarrados  
das árvores que deram vida  
as vidas donde viemos.  
Somos partes de famílias,  
das quais poucos sabemos.  
Por isso temos um plano  
pra chegar aos Pires de Holanda  
e aos Mariano,  
truncos de onde viera  
a sua mãe Leonor,  
bem como às minhas raízes:  
os Bezerra Lobo,  
os Tavares de Luna  
e os Gomes das Neves,  
seja difícil como for.

Foi aí que me lembrei de você.  
Quem sabe, pode ajudar-me  
a tornar realidade  
o que ainda é só quimera!  
Se conto com seu apreço,  
vou querer que me consiga,  
— a mim não importa o preço —  
todas as publicações  
da Revista ITAYTERA.  
Da missão não ser possível,  
confesso que tenho medo,  
e como se não bastasse,  
eu quero também as obras  
de Joaryvar Macedo.

Devo estar sonhando alto,  
devo ser pretenciosa,  
querendo edição antiga,  
uma coisa preciosa.  
Mas a culpa é do desejo  
de reencontrar as raízes  
deixadas no Cariri.  
Chame a isso saudosismo  
da neta de Cícero Lobo  
que nasceu no Buriti.

Maranguape-Ce, 15.09.87

**Itaytera =** Uma revista que  
traduz a cultura de uma região...

# MEUS ANSEIOS

*Cândida L. Carneiro*

Estou sempre a pensar no que serei,  
sem conseguir deter-me no que sou,  
Estou sempre esperando o amanhã,  
o que certamente eu não queria,  
pois quando ele me chega,  
já me preparo para um novo dia.

Estou sempre querendo alguma coisa,  
que não sei o que é nem onde está,  
e sempre lutando contra o tempo,  
com medo desse tempo se acabar,  
enquanto vejo o meu envelhecer,  
que impiedoso vai me conduzindo  
para a caminhada irreversível  
do deixar de ser.

Eu nunca estou comigo inteiramente,  
mas em busca de mim,  
vagando por aí.  
É o desejo de me conhecer.  
É a vontade de me definir.

Talvez seja devido aos meus anseios,  
que não me sinto só, quando estou só.  
As idéias me fazem companhia  
para que eu lhes dê melhor arrumação,  
e eu me ocupo tentando convencê-las  
de que pra isso não há solução.

Talvez seja devido aos meus anseios,  
que eu sou toda um complexo  
de guerra e paz,  
coragem e covardia;  
realidade,  
e simultaneamente fantasia.

Maranguape-Ce, 27.08.87

# GRATA MENSAGEM

Cândida L. Carneiro

Meu avô deixou-me como herança,  
muita frustração, muita ansiedade,  
contidas no desejo de ter na lembrança  
um carinho seu, uma camaradagem,  
coisas que na minha infância,  
nunca foram além de uma miragem.  
Era uma saudade que não procedia,  
de um convívio bonito,  
que só existiu na minha fantasia.

Depois, como se não bastasse,  
minha mente transformou-se em mal presságio,  
quando eu sonhava com ele.  
É que sempre que isso me ocorria,  
algo de mal logo acontecia,  
e eu punha a culpa nele.  
Mas há seis anos,  
uma coisa boa aconteceu:  
Sonhei que ele estava envolto em flores,  
em sua casa, em Crato onde nasci,  
e ele silenciosamente me fitava,  
como a me dizer: Eu te adorava,  
mas só percebi quando morri.

Toda vez que eu te vinha ver em sonho  
e presumias que irias sofrer,  
eu só queria avisar-te de perigos  
que estavam prestes a te acontecer.  
Eu pretendia com o meu aviso,  
minimizar as agruras que viriam.  
Eu só queria te proteger.  
Nunca choravas, pois, porque me vias,  
mas me vias porque ias chorar...  
Jamais pretendi te amedrontar.



# Fernando Píancó, Secretário de Cultura

Acumulando as funções de Secretário de Cultura do Município com as de Presidente da Fundação Cultural J. de Figueiredo Filho, o jovem ator Fernando Píancó tem sido uma das mais gratas revelações da Administração Pública. Tem renovado todo o esforço de uma vigorosa política cultural do Crato, dando ênfase aos museus, simpósios, conferências, lançamentos de livros, palestras, e uma ampla divulgação cultural. O Crato está de parabéns com o jovem assessor da atual administração, que tem sido um grande colaborador do Instituto Cultural do Cariri e dos grandes amigos de Itaytera.

Agora, só vim me despedir.  
Comigo não mais tu sonharás,  
pois descontados os pecados meus,  
estou indo para o céu, graças a Deus.  
Antes, porém, eu precisei te ver,  
pelo desejo de te convencer  
de que de lá eu velarei por ti.  
Eis a mensagem que no meu mutismo,  
estou tentando transmitir.

Quando acordares te sentirás tranquila  
e vais acreditar daqui por diante  
que sou realmente teu amigo,  
mesmo depois de teres me impingido  
com teu medo de mim, o meu castigo.  
Não imaginas tu quanto sofri!  
Não conseguir me fazer compreender  
quando em teus sonhos eu te vinha ver,  
foi a punição que recebi.  
Mas agora sei que me perdóas,  
por eu não ter sido o avô amável  
com quem tu sonhaste,  
mas um velho inacessível,  
como na tua infância observaste.  
E para compensar o amor que não te dei,  
por toda a tua vida eu te protegerei.

São Gabriel da Cachoeira - AM, 10.03.81

**Impressos? Tipografia e Papelaria do CARIRI**

Rua Dr. João Pessoa, 386 - FONE: 521 - 1223 - CRATO - CE

# Os Caminhos da ARTE

---

## e as Tarefas do ARTISTA

---

Um dia perguntaram a Vinicius de Moraes para que servia a poesia. E o grande poeta boêmio respondeu com lúcida espontaneidade: "A poesia serve para transmitir aos outros uma série de experiências peculiares a todos nós. O poeta é um intérprete. É o que dá forma a uma série de sensações, intuições, conhecimentos. Todo o imponderável dos sentimentos humanos é o poeta que revela. Por que? Não sei. Provavelmente, porque o poeta é dotado de *antenas* que lhe permitem sentir o mundo".

De outra feita, também a Vinicius de Moraes perguntaram qual o papel da poesia no mundo moderno, ao que ele respondeu: "A função primordial da poesia é cantar o que existe de belo. Transmitir a beleza que o poeta tem dentro dele. Como o mundo bonito que ele guarda em si entra em conflito com o mundo que o cerca, o poeta se revolta. Daí acho, diz ainda Vinicius, nascer freqüentemente a poesia social. O poeta é um permanente revoltado, mas não o considero um desajustado. Partindo daí, o poeta atinge o social, no momento em que este se torna um problema agudo e predomina sobre os demais" (Moraes, 1965: 132).

Geir Campos, poeta capixaba de a *Rosa dos Rumos* e *Operário do Canto* disse numa entrevista que concedeu a Olga Werneck: "O que caracteriza o verdadeiro poeta é a sua indignação, a sua falta de acomodação às desumanidades do mundo. O poeta verdadeiro é, antes de tudo, um indignado. Para o poeta, a poesia serve para ele manifestar essa sua revolta; para o leitor, a poesia serve para ajudá-lo a formular a sua própria revolta ou fazê-lo sentir

que não está revoltado sozinho". Em seguida, passa à teorização: "A poesia é a mais antiga das artes humanas e a que há mais tempo se encontra na história da humanidade. Bem no começo, a poesia era uma arte muito popular, coletiva como todas as coisas na vida em comum primitiva. Quando a sociedade passou a dividir-se em classes, sempre houve poetas que escolheram a classe dominante e outros ficaram com a classe dominada. Com essa divergência de classes, os interesses divergem e os propósitos da poesia entram nessa divisão: de uns tempos para cá, nota-se evidentemente a coexistência de uma poesia de elite e uma poesia do povo, ou melhor, uma ideologia de elite e uma ideologia popular traduzida em verso" (Campos, 1965: 140).

Gustavo Dahl, investigando a tarefa do artista na sociedade, coloca o problema nos seguintes termos: "Poder-se-ia estabelecer uma relação dialética entre vida, sociedade e História, como entre poesia, política e moral, como entre sentimento, consciência e autenticidade. E imaginar o artista tentando realizar a síntese das sínteses, aquela da autenticidade, da moral e da História. No fundo de si própria, enfatiza Dahl, cada pessoa sabe que a Idade de Ouro virá quando sua autenticidade coincidir com a de todos, transformando-se em Moral, e esta, institucionalizada no Estado, coincidir com o sentido da História, que é liberdade do homem. O artista é um dos muitos que crêem no advento desta utopia e para ela trabalham".

"A possibilidade de o homem criar mais do que a natureza, uma ferramenta ou um símbolo, donde se originariam a organização social e a linguagem, prossegue Dahl, é a raiz de toda e qualquer arte. O controle relativo criou a vontade de um controle absoluto. Por causa desta vontade, o homem deu a suas ferramentas e a seus signos um sentido mágico e os transformou em arte, cuja função era a de proporcionar poder, sobre a natureza, sobre o inimigo, sobre o oponente sexual, sobre a realidade e sobre a coletividade. Mas esta vontade de potência absoluta é já consciência de sua impotência. E, sendo pela arte que este conflito se manifesta, é o normal que seja o artista quem mais violentamente sofre suas conseqüências. A partir de então, o artista tenta resolver o conflito entre o homem e a natureza, cantando um acordo no qual ele/artista seria o celebrante. Quando a divisão do trabalho e a propriedade particular fragmentaram a sociedade em classes em luta, mais uma vez o artista tenta restaurar a unidade perdida. Em ambos os casos, sua função é eminentemente social" (Dahl, 1965: 178).

Toda esta sinuosa, mas inevitável caminhada especulativa, tem sua importância. É ela imprescindível à compreensão de que a obra poética de Patativa do Assaré extrapola os próprios limites e confins da cultura popular. É ela também indispensável para que se possa compreender em profundidade maior que a vida de Patativa não se esgota na modesta configuração dos seus dados biográficos. Vida e obra do inconfundível bardo sertanejo são luzes de fulgurante luminosidade, de valor inquestionável para quem se decida a percorrer os caminhos tortuosos do conhecimento do sertão, com seus mistérios e desafios, suas figuras humanas, seus problemas sociais, com todo o seu universo fascinante. Aliás, Oswald Barroso já havia assinalado esta imbricação: "obra e autor são a mesma unidade" (Barroso, 1983: 51). Unidade luminosa para melhores esclarecimentos da vida sertaneja.

O que faz Patativa do Assaré no decantado poema *Cante lá que eu canto cá?* Apresenta-se como verdadeiro, autêntico e legítimo intérprete do sertão, como diz Vinicius de Moraes na sua conceituação de intérprete. Patativa dá forma a uma série de sensações, intuições e conhecimentos capazes de tornarem o sertão mais palpável e mais perceptível na sua realidade inteira pois plasmada sob as dimensões de um documentário estético, apreendido pelas antenas do coração lírico de um poeta telúrico. Neste documentário estético há mais pulsação de vida, há mais densidade humana. Por isso, Patativa como poeta, ao abordar este universo não pode esconder a sua indignação ante as desumanidades do mundo do sertão, como salienta Geir Campos.

No famoso poema, Patativa apresenta pelo menos dez razões de ordem ética como justificativa para ser intérprete do sertão. É uma *questão de posse e identificação*: "Cante a cidade que é sua, que eu canto o sertão que é meu". É uma *questão de respeito e bom entendimento*: "Por favor,, não mexa aqui, que eu também não mexo aí". É uma *questão de tirocínio e prática*: "Das coisas do sertão não tem boa experiência, nunca fez uma palhoça, nunca trabalhou na roça, não pode conhecer bem". É uma *questão de vivência*: Pra gente cantar o sertão precisa nele morar, ter almoço de feijão e janta de muncunzá". É uma *questão de autenticidade*: "Cá no sertão eu enfrento a fome, a dor, a miséria, pra ser poeta de vera precisa ter sofrimento". É uma *questão de realismo e objetividade*: "Seu verso é uma mistura, é um tal sarapaté, que quem tem pouca leitura lê, mas não sabe o que é. Tem tanta deusa, tanta fada, tanto mistério e condão e outros negócios impossíveis... Eu canto as coisas visíveis do meu querido sertão... "É uma

*questão de sensibilidade*: Pra aqui ser poeta é preciso fazer rima completa, não precisa professor. Basta ver no mês de maio, um poema em cada gaio e um verso em cada flor". É uma *questão de diferença*: "Pois você já tá ciente: nossa vida é diferente e nosso verso também". É uma *questão natural*: "Não tenho estudo nem arte, a minha rima faz parte das obras da criação". E, é, sobretudo, uma *questão de simpatia, de compaixão, de extrema afinidade*: "Não canta o sertão tão direito porque você não conhece nossa vida aperreada. E a dor só é bem cantada, por quem padece".

Nesta vocação de intérprete legítimo porque fundamentado em razões éticas emerge o traço marcante e inconfundível da vida e da obra de Patativa do Assaré, já sublinhado com aguda perspicácia por Salatiel de Alencar na introdução do livro *Cante lá que eu canto cá*: "O poeta do sertão sofredor tem uma inesgotável capacidade de comunhão e simpatia pelos que vivem humilde e pobremente, pelos fracos, pela gente simples do nosso povo". E salienta: "Seu canto não é de protesto, nem de revolta, mas de compaixão" (Alencar, 1978: 6).

O Professor Joseph Fuchs, em seu livro *Teologia Moral*, ensina que a vida de cada homem, em última instância, se consuma num dilema: tem que fazer uma opção fundamental que dê sentido à sua vida, que lhe sublime todas as energias, que oriente todo seu talento e que lhe proporcione toda felicidade ou perde-se nos labirintos alienantes da dispersão banalizante.

A opção fundamental da vida de Patativa do Assaré foi, permanecendo enraizado na sua cultura, tornar-se intérprete dos seus irmãos sertanejos, num canto de compaixão, mas também de talento e convocação: "Sua mentalidade mostra-se sadiamente cristã, enraizada na tradição religiosa da Bíblia, que vê nos pobres e nos injustiçados, os prediletos de Deus, do Deus de Jesus Cristo Libertador, que os convida a levantar a cabeça e reconhecerem sua dignidade" (Alencar, 1978: 6).

Além de Salatiel, o Jornalista Davi Emerich, em artigo publicado no *Correio Brasiliense*, assinala também o perfil cultural do grande intérprete do sertão, observando: "Alma cristã, Patativa viaja a terra, sem dela tirar os pés, não se perdendo nos absurdos e nos mistérios tidos como insolúveis que tanto escravizam o homem" (Emerich, 1981: 181). Em comentário ao livro *Ispinho e Fulô*, Firmino Holanda faz a mesma observação: "Seus versos são ainda enraizados na ética e no sentido de justiça cristãos; revelam o ceticismo do povo diante da hipocrisia reinante na



sociedade que o oprime" (Holanda, 1988:).

Aristides Teodoro, na *Tribuna Popular*, de Mauá, Estado de São Paulo, considera Patativa um *humanista*, escrevendo: "Patativa do Assaré é um poeta preso à sua terra e à sua gente, um desses homens que, antes de tudo é humanista, cheio de piedade, não só pelo ser humano, mas também pelos animais que sofrem as conseqüências das prolongadas secas. O Escritor é um homem altamente social, não um revoltado gratuito, porém, um denunciador das mazelas de nossa terra" (Teodoro, 1980: 191).

Michele Federico Sciacca, na sua *História da Filosofia*, assinala como característica do Humanismo precisamente a posição antropocêntrica na visão do mundo e da História, resgatando a dignidade do homem, seu valor e sua consciência (Sciacca, 1968: 9).

Assim, o intérprete do país dos sertanejos é um humanista cristão. Finca suas raízes culturais na ética cristã — sentimento de justiça, anseio de igualdade, sonho por melhores dias, e com o coração de poeta, "dotado de antenas que lhe permitem sentir o mundo", como diz Vinicius de Moraes, Patativa pode conhecer bem tanto o sertão como até a própria saga do sertanejo migrante. A situação aflitiva do sertanejo, sua lida pesada, sua vida aperreada e a sina tirana são enfocadas descritiva e analiticamente. Patativa descreve também a alienação e a inconsciência do caboclo e é capaz de indigitar as causas humanas da situação dramática do sertão e do sofrimento esmagador do sertanejo. Então, torna-se seu porta-voz e até oferece subsídios pedagógicos para a luta transformadora.

Patativa não fica confinado no mundo do sertão. Como destaca Júlio César Montenegro no artigo "Cante lá e cante cá também", publicado no jornal *O Globo* do Rio de Janeiro, Patativa delimita áreas para a sua poesia, mas em defesa contra o poeta da cidade. Mas esta delimitação é para o "poeta e cantor da rua que na cidade nasceu, porque o poeta do sertão faz sua investida na problemática urbana" (Montenegro, 1978:). Luzanira Rego observa também que "além da realidade sertaneja, do cantar matuto, Patativa aborda em seus poemas muito da realidade político-econômico-social da região nordestina, reproduzindo e interpretando na poesia, o noticiário que ouve no rádio nos momentos de lazer" (Rego, 1978:).

Outro aspecto desta incursão de Patativa pelo vasto chão dos problemas humanos da migração, transparece quando ele acompanha com sua musa a saga do migrante nordestino no penoso dia a dia no sul do país, assinalando os perigos a que estão sujeitos:

"Se por um lado melhora, aumentando mais o pão, por outro lado piora a grave situação pois os garotos ficando e a vida continuando sem os cuidados dos pais naquele pequeno abrigo se expõe ao perigo da vida dos marginais". A emigração do nordestino e suas agruras na cidade grande merecem a preocupação do vate cearense, conforme se apreende no "Emigrante nordestino no Sul do País".

Assim, Patativa não apenas vive e conhece o sertão. Não apenas o interpreta, torna-se o seu porta-voz e acompanha a sina do sertanejo nos labirintos desumanos da extrema periferia das grandes cidades. Patativa dá a razão desta situação em que vive o sertanejo. "Patativa é sensível à dor e às labutas dos que pelejam duramente. Sua visão da realidade, contudo, não é fatalista. Ele sabe muito bem indigitar as causas humanas destes males, sem atribuí-las erroneamente a uma má sorte dada por Deus" (Alencar, 1978: 6). Esta posição aparece bastante explícita no poema *Nordestino sim, Nordeste não*, do *Ispinho e Fulô* onde adverte o nordestino que "não foi Deus que lhe deu um destino causador do padecer". Refere-se, textualmente, aos ingratos da terra, à desigualdade política, econômica e social. Arremata, em conclusão, denunciando que os grandes martírios dos sertanejos não provêm da permissão de Deus, mas da culpa dos governantes: "Nunca diga, nordestino, que Deus lhe deu um destino causador do padecer. Nunca diga que é o pecado que lhe deixa fracassado, sem condição de viver". E, ainda mais claramente, esclarece: "Já sabemos muito bem de onde nasce, de onde vem a raiz do grande mal. Vem da situação crítica, desigualdade política, econômica e social". E põe ainda mais pimenta: "Mas, não é o Pai Celeste que faz sair do Nordeste legiões de retirantes. Os grandes martírios seus não é permissão de Deus. É culpa dos governantes". Se neste poema indica o governo como culpado, já na *Triste Partida* denuncia o sistema. Nesta lúcida reflexão sobre as conseqüências humanas e sociais da seca, Patativa apresenta uma denúncia explícita contra o sistema econômico, quando verbera o oportunismo do proprietário inescrupuloso, aproveitador da situação calamitosa: "E vende o seu burro, o jumento e o cavalo, até mesmo o galo vendero também pois logo aparece feliz fazendeiro e por pouco dinheiro lhe compra o que tem" (IN: 56).

Patativa penetra mais fundo na realidade do sofrimento e abandono do sertanejo. Ele não vê apenas a realidade social de abandono, sofrimento e exploração do sertanejo. Vê, sente e chora a situação mental e ideológica do caboclo. Dias da Silva em comentário sobre o *Canta lá que eu canto cá* focaliza o realismo

da abordagem de Patativa: "Mais que uma obra de criação pura, de devaneios poéticos, de ficção, *Cante lá que eu canto cá* é um manifesto de vida em favor do oprimido, dos desamparados. Dos explorados pela ganância dos que muito já têm. "Canto a vida dessa gente que trabalha até morrer, sorrindo, alegre e contente, sem fé do padecê" (Silva, 1980:). Não é apenas um manifesto de vida, é também uma constatação. O grande sofredor vive alienado, rindo do próprio sofrimento. Depois de mergulhar no âmago desta realidade, sai fortalecido, com energias dobradas. Sua voz torna-se mais forte. Rosemberg Cariri informa: "Em todas as grandes lutas sociais e políticas do Ceará, Patativa disse: "Presente". Quem não se lembra da multidão de 40 mil pessoas, no Comício das Diretas-Já, cantando com Patativa a *Lição do Pinto*?" (Cariri: 1980: II). Neste poema, o velho bardo cariariense recolhe ensinamentos da sua vida sertaneja e os transmite, como orientação pedagógica, à luta do cidadão metropolitano: "O pinto prisioneiro pra sair do cativo vive bastante a lutar. Bate o bico, bate o bico, bate o bico, tico, tico, para se libertar" (IF: 146).

Estas descrições colocam um problema comum neste tipo de abordagem do pensamento das pessoas. A questão da maturidade, para alguns ou da evolução para outros. Sobre uma evolução de Patativa, José Maria Andrade, na Seção Literatura da revista VEJA, tece estas considerações: "A exemplo da maioria dos violeiros e dos poetas de cordel, ele começou fazendo cândidas trovas de gracejo que, embora tivessem sucesso, mostravam mensagens desprovidas de consistência. Mais tarde, caminhou para a poesia social que viria a ser sua marca e da qual, aos poucos, desapareceu a nostalgia sentimentalóide". Chegou a "uma poesia que pede Reforma Agrária, reclama contra o abandono do nordestino, contra o sistema de meação vigente no campo, contra a seca" (Andrade, 1978: 90).

O aspecto alienado e alienante da literatura de cordel é descrito por Moacir Japiassu, na rescensão divulgada na revista LEIA LIVROS: "No tempo em que Catulo da Paixão Cearense virava os olhos para os lares do sertão, o latifúndio dormia sossegado o seu sono secular, o lavrador botava uma pedra de sal na janela e um terço na mão à espera da chuva que ia, na verdade, engordar o patrão. De noite, o corpo quebrado da surra da cnxada, o cabocló encostava o umbigo no balcão e mergulhava na cachaça e na viola, a reclamar desta vida, a pedir a proteção ao Padim Ciço. Os mais virtuosos engalfinhavam-se na peleja bordada de versos do martelo agalopado ou do galope à beira-mar,

glosavam os motes mais engraçados ou obscenos, mas não havia uma palavra de revolta. No máximo, o sertanejo procura tocar o coração do fazendeiro, num canto choroso, cheio de auto-compaixão e inexplicavelmente leal" (Japiassu, 1980: 90).

Patativa percorreu esse trajeto, fez esta caminhada. Na *Autobiografia*, publicada em *Inspiração Nordestina* e reeditada em *Cante lá que eu canto cá*, Patativa recorda: "De treze a quatorze anos, comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois o sentido de tais versos era o seguinte: brincadeiras de noite de São João, testamento do Juda, ataque aos preguiçosos que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc." (Patativa, 1956, 13). Depois, passou para a descrição. Começa expressando uma certa ingenuidade, transpirando sentimentalismo, nostálgico, excessivamente lírico. Em seguida, encaminha-se para o processamento tipológico de *figuras humanas* (O Vaqueiro, o Caçador, O Rico Orgulhoso, A Menina Mendiga), de *paisagens* (O Terreiro da Choupana, A Fogueira de São João, Minha Serra, e *situações* (A Morte de Nanã, A Triste Partida, A Festa da Natureza, A Vida Aqui é Assim, Emigrante Nordeste no Sul do País). E, por fim na tipificação de *processos históricos*, como as questões de terra, cujo retrato se obtém no poema *História de uma Cruz*. De fato, as velhas estradas do sertão eram sinalizadas por cruces silenciosas e eloqüentes. A fé num futuro de eterno descanso se materializa numa história de violência (questões de terras, disputa de vizinhos pelas invasões dos bichos, muitas vezes animais famintos à procura de pastos e águas) e histórias de abandono e solidão (quantos sertanejos morreram "de repente", fulminados por complicações cardíacas precipitadas pelos aperreios da vida). A cruz indica uma saída, a fé que engendra a resignação e a vingança. A justiça será feita na eternidade. O justo gozará plena felicidade na eternidade ditosa, enquanto o perverso sofrerá o fogo eterno nas profundezas do inferno: "Minha vingança é que depois da morte, tem ele a sorte de viver aflito, lá nas caldeiras do porão do Inferno, tem fogo eterno... (CL: 286).

Como se vê, também a inspiração cristã de Patativa tem no início a figuração de uma mentalidade reinante no profundo sertão nordestino. Na *Vingança de Matuto*, falando na terceira pessoa, portanto, tipificando uma mentalidade corrente no seu sertão, o poeta transpõe para a eternidade a solução dos problemas presentes na forma de um lenitivo alienante, como então pensava o caboclo roceiro.

Percebe-se uma notável evolução desta inspiração cristã no

poema *A Terra é Naturá*. Patativa, falando em primeira pessoa, emitindo, portanto o pensamento do intérprete verdadeiro e legítimo, recorre a conceitos bíblicos (Pai, Criador, Justo) para formular uma rigorosa reflexão permeada de lirismo e ensinamentos. Deus é Pai. Deus é Criador. Deus é Justo. O Deus Justo não erra. Foi Deus quem criou a terra, obra da natureza, para todos e cada um. Deus criou também o sol, a chuva, a lua e o vento, obras da natureza. O sol nasce todos os dias, brilhando para o grande e para o pequeno. Ilumina a alta montanha e as fontes mais discretas. Protege o elefante imenso e a pequenina formiga. A Chuva que vai da praia à campina, molha todos. A tapera do pobre e a grande casa do rico. A lua é para todos: dos namorados aos moribundos. O vento, quando sopra caprichosamente, joga terra nos olhos do grande e do pequeno. E tira a conclusão: o vento, o sol, a lua, a chuva e a terra, são comuns — “é coisa minha e sua” CL: 154). A terra é natural, foi criada por Deus e, por isso, tem destinação universal. O pai não discrimina. O Deus justo não erra: a terra, obra da natureza, pertence a cada um.

Da mesma forma, evolui da simples descrição do sofrimento para a análise objetiva das suas origens, razões e causas. Além de intérprete, faz-se porta-voz, conclama à ação, orienta pedagogicamente. Sugere a lição do pinto como roteiro pedagógico. Pelos caminhos da arte, a comisseração inicial, leva o poeta a uma opção fundamental: revelar o sofrimento do sertão, mostrar suas causas e apresentar a utopia, futuro perfeito com quem sonham todos os poetas de coração limpo.

Na sua evolução e maturidade, Patativa do Assaré, segundo a crítica de Moacir Japiassu, supera Catulo da Paixão Cearense pois contempla o luar do sertão com o mesmo enlevamento lírico e, como intérprete e porta-voz do sertão, apresenta ao caboclo roceiro uma proposta política, mais nacionalista e menos romântica, apesar da forte tonalidade da cor local, mais engajada e compromissada e menos deslumbrada, apesar da emotividade telúrica com que se reveste: “Quero ver do Sul ao Norte, o nosso caboclo forte trocar a casa de palha por confortável guarida. Quero a terra dividida para quem nela trabalha. Eu quero o agregado isento do terrível sofrimento, do maldito cativo. Quero ver o meu País, rico, ditoso e feliz, livre do jugo estrangeiro” (Cl: 117). O artista que não se revolta com a desumanidade, dela se acumplicia.

Esta abordagem que considera a obra de Patativa como um documento estético deve, evidentemente, situar-se num con-

texto mais amplo e abrangente. Trata-se de uma exaustiva observação apaixonada e de uma arguta reflexão, longamente ruminada, que procura o significado pleno da vida do sertão e do sertanejo. Referindo-se ao livro *Cante lá que eu canto cá*, Cipriano Carlos Luckesi desenvolve oportunas considerações: "Os poemas nele contidos nada mais são do que a observação da realidade e uma reflexão sobre ela, buscando o seu significado, o seu sentido e a sua função". Para justificar este nosso ponto de vista — assinala Luckesi — vamos tomar as palavras de Karl Jaspers, no seu momento de maturidade filosófica, em sua obra intitulada *Introdução ao Pensamento Filosófico* onde assim se refere à filosofia: 'seja a filosofia o que for, ela está presente em nosso mundo e a ele se refere necessariamente. Certo é que ela rompe os quadros do mundo para lançar-se no infinito, mas retorna do infinito para encontrar o seu fundamento histórico sempre original. Certo é que tende a horizontes situados para além do mundo, a fim de conseguir ali, no eterno, a experiência presente. Contudo, nem mesmo a mais profunda meditação terá sentido se não se relacionar à existência do homem, aqui e agora. A filosofia entrevê os critérios últimos, a abóbada celeste das possibilidades e procura à luz do aparentemente impossível, a vida pela qual, o homem poderá dignificar-se em sua existência'. E Luckesi conclui: "Este é exatamente o sentido e a profundidade do canto de Patativa do Assaré. Sua poesia tem o gosto da terra e dos costumes do sertão, da vida e do sentir sertanejo. Porém, nos mesmos poemas, Patativa do Assaré deixa as amarras da realidade e vai ao profundo daquilo que vive e observa. Sobre o *aqui* e o *agora* da vida do sertão alça sua meditação buscando uma significação e um sentido para aquilo que canta" (Luckesi, 1980: 214).

Na mesma direção, encaminham-se as anotações de Firmino Holanda: "Patativa do Assaré realiza sua reflexão crítica da História — do momento que vivencia em rica poesia que fala de trabalho, amor, natureza, política, costumes, etc. Seus versos oferecem a argamassa humana que, freqüentemente, falta às teses sociológicas mais bem intencionais" (Holanda, 1980: orelha).

Neste sentido, Firmino Holanda rejeita qualquer tentativa de enquadrar Patativa num esquema analítico, conforme escreve na apresentação de *Ispinho e Fulô*: "Qualquer tentativa de se classificar Patativa correria o risco de ser restritiva. Não pode, é óbvio, esquecer que ele é — também — o *poeta camponês*. É o rótulo que mais facilmente se tem à mão. Contudo, é necessário dizer que, por trás deste solo, esconde-se aquela cômoda maneira.

através da qual nossa cultura (digamos "não camponesa" e tida por sofisticada) o coloque automaticamente noutra plano paralelo. Assim, a poética nascida da miséria rural, mesmo quando valorizada pelas elites, deve manter-se distante das acadêmicas antologias literárias. Em meio a jacarandás, rebecas, potes de barro, pífanos, rendas, ou mamulengos, os versos dali surgidos são confinados em redomas culturais — para que abnegados folcloristas, vez em quando se dirigem a fim de fazer o resgate das dívidas do saber popular. Mas, postas numa redoma de vidro, tais manifestações acabam asfixiadas pela própria pureza e artificialismo da atmosfera" (Holanda, 1988: (bis).

O Centro de Documentação, Estudos e Pesquisas — CENDEP, da Fundação Padre Ibiapina, em Crato, e o Instituto Cultural do Cariri, ao lançarem Patativa, através de uma Editora de grande porte e com rede de distribuição nacional, tiveram este objetivo, como que atendendo à justificada recomendação de Japiassu: "Patativa pertence a uma estirpe que está se acabando e é necessário estudá-lo para que haja um mínimo de compreensão do que vem a ser a cultura popular" (Japiassu, 1980: 193).

No artigo "Cante lá que eu canto cá também", Júlio César Montenegro parece temer uma redução na amplitude da obra de Patativa do Assaré, quando observa: "O poeta é ainda apresentado no livro e comentado por Plácido Cidade Nuvens que vê na poesia de Patativa do Assaré "o mundo visionário e fantasmagórico do caboclo" onde "os valores mais expressivos são a honradez, a lealdade, a capacidade de trabalho". E esboça uma crítica: "Essa visão redutora e esquemática de um estereotipado universo caboclo aparece, de forma não acadêmica, clara, em muitas poesias de Patativa. Este, entretanto, fala da própria experiência e daí contradizer também de vez em quando os esquemas estabelecidos por estudiosos e que não se dão conta das ricas contradições culturais do dia-a-dia de alguém que trabalha no campo influenciado pela "vida da cidade" e influenciando-a de volta" (Montenegro, 1978).

Como profissional das Ciências Sociais, ao entrar em contato com a obra de Patativa, pelas mãos do Jornalista Antonio Vicelmo, então meu aluno no Curso de Direito, encontrei nela um precioso instrumental para aprofundamento do estudo da realidade sertaneja e foi o que fiz ao apresentar, no *Cante lá que eu canto cá*, Patativa do Assaré como *poeta social*: "através da sua obra poética, oferece incomparável contribuição ao estudioso de problemas humanos que pretenda uma abordagem compreensiva do sertão nordestino"

(Nuvens, 1978: 13).

Seguindo estas minhas pegadas, coloca-se Cipriano Carlos Luckesi, quando afirma: "Ao lado do veio filosófico da obra, muitos aspectos de estudo poderão ser levados em conta. A *antropologia cultural* pode aí encontrar a vida social do homem nordestino sertanejo na sua vivência *por dentro* tais como religião, linguagem, costumes e seus significados. Os *linguistas* poderão aí encontrar grafada a linguagem oral do povo; novos significados são dados aos termos; a ortografia sofre transformações constantes. Um estudioso da *fenomenologia religiosa* descobre elementos da vivência do sagrado e suas manifestações no sentido e no pensamento sertanejo. A *Ciência Política* pode descobrir o modo de ver a política: sua ingenuidade, por vezes, seu senso crítico, em outras situações". E conclui: "A obra ora publicada pela VOZES, pode ser um manancial muito grande de estudos e reflexões ao estudioso dos diversos âmbitos do conhecimento das chamadas Ciências Humanas (Luckesi, 1980: 214).

Estes esclarecimentos ajudam a mostrar que não fiz reducionismo ao apresentar Patativa como *poeta social*. Simplesmente aponteí uma fonte inesgotável, uma obra monumental que pode ser estudada sob os mais diferentes enfoques, como sugeri, depois, Carlos Luckesi. E a esquematização aqui apresentada tem uma finalidade didática, visando a tornar mais compreensível esta abordagem aqui desenvolvida que procura identificar a vida e a obra de Patativa como uma unidade, sendo uma indispensável para a compreensão da outra, tendo como referencial teórico o sentido da arte e a tarefa social do artista.

—0—

#### Abreviações

CL — *Cante lá que eu canto cá*

IF — *Ispinho e Fuló*

IN — *Inspiração Nordestina*

—0—

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ALENCAR, F. S. de "Patativa do Assaré, Poeta Compassivo", em *Cante lá que eu canto cá*, Petrópolis, 1978 : 6.
02. ANDRADE, J. M. "Voz do Sertão", em *Veja*, 08.11.1978 : 80.
03. ASSARÉ, Patativa do. "Autobiografia", em *Inspiração Nordestina*, Rio de Janeiro, 1956 : 13.
04. BARROSO, O. "Patativa do Assaré — Amigo da Cultura", em *Itaytera*, nº 27 (1983) : 50.



05. CAMPOS, G. "Poetas falam de poesia — depoimentos a Olga Werneck", em *Revista Civilização Brasileira*, nº 3 (1965) 178.
06. CARIRI, R. "Patativa do Assaré — Um Mestre da Poesia Popular", em *Ispinho e Fulô*, Fortaleza, 1988: II.
07. CARVALHO, O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará, Fortaleza 1973: 132.
08. DAHL, G. "Uma arte em busca da Verdade Humana", em *Civilização Brasileira*, nº 3 (1965): 178.
09. EMERICH, D. apud CENDEP: "Resenha de informações e críticas", em *Hyhyté*, nº 7 (1980): 191.
10. FUCHS, J. *Teologia Morale*, Roma, 1966.
11. HOLANDA, F. "Patativa do Assaré, em *Ispinho e Fulô*, Fortaleza, 1988.
12. JAPIASSU, M. apud CENDEP: "Resenha de Informações e Críticas", em *Hyhyté*, nº 7 (1980): 193.
13. JASPERS, K. *Introdução ao Pensamento Filosófico*, São Paulo, 1976.
14. LUCKESI, C. C. "Cante lá que eu canto cá", em *Revista da Cultura Vozes*, nº 2 (1979):
15. MONTENEGRO, J. C. "Cante lá e cante cá também", em *O Globo*, 05.11.1978.
16. MORAIS, V. "Poetas falam de poesias — depoimento a Olga Verneck, em: *Revista Civilização Brasileira*, nº 3 (1965): 132.
17. NUVENS, P. C. "Patativa do Assaré — Poeta Social", em *Cante lá que eu canto cá*, Petrópolis, 1978: 13.
18. REGO, L. "Patativa do Assaré, Poeta das Injustiças e do Sertão", em *Diário de Pernambuco*, 03.10.1978.
19. SCCIACA, M. F. *História da Filosofia*, vol. II, São Paulo, 1968: 9.
20. SILVA, F. D. da, apud CENDEP "Resenha de Informações e Críticas", em *Hyhyté*, nº 7 (1980): 210.
21. TEODORO, A. apud CENDEP "Resenha de Informações Críticas", em *Hyhyté*, nº 7 (1980): 191.

## "Vivendo a Ecologia em Tempo de Poesia"

Esse é o nome de uma obra de substancial importância para a compreensão dos assuntos da Ecologia. O autor, Humberto de Argollo, é natural de Salvador, Bahia, onde exerce importantes funções no magistério. É destacado poeta, conforme sua auto-apresentação, no livro, em versos "Me chamo Humberto/Vivo Encoberto/na Solidão". Professor de História, roteirista, escreveu 3 coleções de História para os cursos supletivos, mantém programas de rádio e TV.

O livro, todo em versos, ensina-nos a compreender e amar a ecologia, que o autor apresenta de forma atraente, inteligente e versátil, constituindo-se uma primorosa obra ao alcance de todos.

# Conselheiro Tristão Entre as Ruas do Crato

O Conselheiro Tristão, dos maiores vultos do Ceará e do Brasil, passou a figurar, também, nas ruas do Crato, mediante Lei da Câmara Municipal, iniciativa do Dr. Ailton Esmeraldo.

## D A D O S   B I O G R Á F I C O S

Tristão Gonçalves de Alencar Araripe Júnior, o CONSELHEIRO TRISTÃO — um dos maiores cearenses de todos os tempos, segundo Hugo Vitor, era filho de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e de dona Ana Triste de Alencar Araripe.

Nasceu em Icó a 7 de Outubro de 1821 e faleceu no Rio de Janeiro em 2 de Junho de 1908.

Foi de uma lúcida inteligência, tendo ocupado cargos e funções as mais diversas, que honraram e enobreceram o Ceará.

É vasta a sua obra literária e política. Corporificou grande parte da história do Ceará desde os tempos coloniais.

Formou-se na Academia de Direito de S. Paulo em 1845. Dois anos depois era Juiz, por concurso, em Fortaleza.

O Conselheiro Tristão foi, seguidamente: Deputado provincial, Presidente da Assembléa Cearense, Juiz de Direito em Bragança, no Pará; Chefe de Polícia no Espírito Santo; Chefe de Polícia em Pernambuco; Chefe de Polícia no Ceará; Juiz especial do comércio do Recife.

Desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia. Desembargador do Tribunal de Justiça em S. Paulo, do qual foi Presidente; Desembargador no Rio de Janeiro, em plena côrte; Conselheiro de Estado; Presidente das Províncias do Rio Grande do Sul e do Pará; Deputado federal pelo Ceará em 3 legislaturas, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Ministro da Justiça e Ministro da Fazenda no governo do Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro Presidente da República. Pertenceu a inumeráveis instituições científicas, jurídicas e literárias, foi condecorado inumeráveis vezes, era pai do maior crítico literário do Brasil, o escritor Araripe Júnior, da Academia Brasileira de Letras.

Vida tão extraordinária pela projeção política, cultural, social e jurídica, a vida do Conselheiro Tristão tem sido um exemplo para a mocidade cearense. Seu infortunado Pai, Tristão Gonçalves, só teve com ele 3 anos de convivência, pois morreu em 31 de Outubro de 1824, na tragédia de Santa Rosa. O tio, senador Martiniano de Alencar, e o primo, escritor José de Alencar, tinham por ele grande admiração e apreço.

João Brígido traçou-lhe o mais admirável necrológio, reconhecendo os seus méritos e colocando-o no pedestal da glória.

# Conselheiro Honorário do C. E. E.

---

---

*Mons. Francisco de Holanda Montenegro*

---

---

A honrosa condecoração que acaba de me ser outorgada pelo Egrégio Conselho de Educação do Ceará, Órgão Normativo do Ensino, constitui para mim um testemunho formal de reconhecimento a um velho caminheiro de grandes travessias nesta longa viagem de mais de cinquenta anos a serviço da Educação.

Vejo nesta comenda um troféu conquistado com coragem, com sacrifício, com muito amor. Leio, na entrega generosa deste Título honroso, a nobreza de um gesto, a delicadeza de uma atitude, a seriedade de um sentimento, a grandeza de uma amizade, a riqueza de uma gratidão. O ATO do Egrégio Conselho de Educação para mim é, deveras, comovente, gratificante, emocionante. Foi ali, naquela Casa de Educação, que encontrei amigos dos melhores, exemplos edificantes do Bem e da Verdade, missionários da Educação e da Cultura, sentinelas vigilantes que sabem guardar com seriedade e dignidade os destinos da Educação do meu País.

*Senhor Presidente do Conselho de Educação do Ceará, Senhores Conselheiros:* Esta condecoração traduz plenamente a alma do vosso Apostolado, a beleza do vosso Ministério, o encanto da vossa Amizade, o transbordamento da vossa Fraternidade, o engrandecimento do vosso Magistério.

A minha convivência com os Mestres da Educação do Estado, no Órgão Normativo do Ensino, durante dezoito anos, representando esta privilegiada Região do Cariri me fortaleceu, me rejuvenesceu, me deu força, energia, coragem a continuar trabalhando, sem interrupção, na árdua e gratificante missão de Educador. *Senhores Conselheiros,* a vossa presença nesta Casa, no dia de hoje, valeu para mim como um Voto de Louvor, que veio acordar a JUVENTUDE do meu coração de Educador.

Esta vossa visita honrosa, portadora desta linda e preciosa condecoração, toca de cheio o coração da gente. "*Conselheiro Honorário do Conselho de Educação*" deste Conselho que sempre me olhou com o olhar sereno da Bondade, deste Conselho que sempre me acompanhou com o coração transbordante de ternura,

deste Conselho que procurou sentir de perto toda a minha caminhada a serviço da Educação, incentivando-me com palavras de coragem e estímulo, nas horas difíceis do meu Mandato. A este Conselho, parte integrante da minha Vida, a minha eterna gratidão. E não podia deixar de manifestar, nesta hora solene, um agradecimento todo especial ao Autor da proposta do honroso Título, meu dileto amigo, Professor Jorgelito Cals de Oliveira, Homem sério, Homem simples, Homem bom, Mestre dos melhores que, com a generosidade do seu gesto, com a segurança da sua palavra cativante, revolucionou o meu coração demonstrando como é bom saber viver a beleza do Sacerdócio, a grandeza do Magistério, a riqueza do Educador.

A ele, o meu cordial afeto.

*Meus Amigos:* Gostaria de aproveitar esta oportunidade para lembrar aos Mestres da Educação do Órgão Normativo de Ensino um pouco da História da Educação na Região do Cariri, salientando a influência decisiva da Cidade do Crato, no setor educacional.

O Crato, Cidade Bi-Centenária, chamada com muita propriedade "Princesa do Cariri", tem uma História. Tem uma Vida. Situado no sopé do Araripe, nasceu de simples aglomerado de selvícolas, aldeados por Missionários Capuchinhos. No aldeamento, chamado "Missão do Miranda", aprendia-se a ler, a escrever, a contar e a cantar hinos religiosos, ao lado da aprendizagem do Catecismo. Os índios recebiam instrução, educação e trabalho, e assim conseguiam integrar-se nos benefícios do Cristianismo e da Civilização. Foi à Luz da Fé e da Educação que nasceu o Crato. Frei Carlos Maria de Ferrara, fundador histórico do Crato, conseguiu ministrar o mínimo de conhecimentos necessários, criando condições sociais indispensáveis para que a Missão do Miranda conquistasse foros de *VILA* e, mais tarde, fosse elevada à categoria de *Cidade*.

Crato nasceu privilegiada. Seu nome, derivado do grego *KRATOS*, significa: *FORÇA — VIGOR — ENERGIA — VALOR*.

O sociólogo Joaquim Pimenta definiu Crato assim: "celeiro de riquezas e de homens". Dr. Fernandes Távora, por ocasião das festas centenárias da Cidade, faz esta saudação: "... teus heróis e teus mártires escreveram, com o próprio sangue, as páginas imortais da tua história e os seus descendentes, herdeiros de tão alto legado, serão eternos e vivos pregões de tua excelcitude e do teu civismo..." E concluiu o Mestre Senador Fernandes Távora: "Terra abençoada que amei na minha infância, admirei

na mocidade e venero na velhice”.

*Meus amigos:* O Crato se fez em Luz na Terra da Luz. Buscou os fundamentos da sua grandeza na Educação. Traçou seu itinerário de glória na preocupação do cultivo das letras.

Para testemunhar e para atestar a beleza e a grandeza dessa gente inteligente, brava, altiva, humilde e corajosa, transmitindo o ontem e o hoje às gerações do amanhã, ai está “*O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI*”, com a sua Revista “*ITAYTERA*”, mais do que uma Revista, uma verdadeira Antologia cultural do Cariri, “documentário que legitima o trabalho intelectual em todos os campos de atividade no plano da inteligência, da história, das tradições, da poesia, da geografia e do jornalismo”.

*A influência da Educação na Região do Cariri.* Dois acontecimentos importantes ocorreram, na Cidade do Crato, com grande repercussão em toda a Província e na circunvizinhança. Esses dois fatos marcantes se deram no ano de 1855 e 1875: *O JORNAL e o EDUCANDÁRIO*. Instituições que melhoraram sensivelmente a nossa cultura criando novos horizontes nas atividades intelectuais. No ano de 1855, foi fundado o jornal “*O ARARIPE*”, pelo brilhante jornalista João Brígido dos Santos, o primeiro hebdomadário, em ordem cronológica, no interior cearense. Um jornal sério, lutador, defesa intransigente dos problemas vitais do Vale do Cariri. João Brígido no seu jornal, soube intensificar o gosto pela Imprensa e pelas letras em toda a região do Cariri. O segundo grande acontecimento, realizado no ano de 1875, foi a fundação do Seminário São José na Cidade do Crato, no dia 7 de março de 1875. O primeiro Bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, transferiu-se da sua sede episcopal, na cidade de Fortaleza, para a cidade do Crato, numa distância de seiscentos quilômetros e chega ao Crato, pela segunda vez, com a finalidade de apressar os trabalhos do Seminário São José. Passou seis (6) meses em Crato e só regressou quando viu realizado o seu sonho com o funcionamento do Seminário. *Uma Casa de Ensino*, celeiro de vocações, para bem servir à ZONA DO CARIRI e aos sertões dos Estados vizinhos. De sua fundação até agora, tem prestado o Seminário do Crato inestimáveis serviços à Educação de nossa gente. Durante longos anos foi ele, nos largos sertões do Nordeste, uma ilha, a única, em que se instruiu a Juventude de cinco Estados brasileiros: Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí. Fruto abençoado da Igreja de Deus obra maravilhosa que conduziu os destinos desta região para rumos certos em busca da educação do seu povo, transformando a Missão do Miranda de

Frei Carlos Maria de Ferrara na Linda Cidade do Crato.

No ano de 1868, o Apóstolo do Nordeste, Padre Mestre IBIAPINA, fundou a Casa de Caridade do Crato, obra grandiosa para aqueles tempos atrasados de outrora. Padre Ibiapina, Homem de visão, Homem de Deus, não quis instalar apenas escolas de aprendizado do alfabeto. Criou múltiplas Instituições para alfabetizações de moças, ao mesmo tempo que lhes dava profissão condigna para futuramente enfrentar a Vida. A Casa de Caridade do Crato nasceu sob o signo benfazejo do ensino de letras, da religião e de ofício digno para uma jovem. A Instituição prosperou e foi pioneira, no nosso meio, das benéficas escolas profissionais.

*A criação da Diocese do Crato e sua influência na Educação.*

Com a criação da Diocese do Crato, foi nomeado o seu primeiro Bispo, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, Sacerdote Santo, Mestre dos melhores, grande Educador. A 10 de março de 1915, foi eleito Bispo do Crato e, desde então, tornou-se a alavanca do progresso do Crato e de toda a Diocese. Abriu o Colégio Diocesano, funcionando na ala norte do prédio do Seminário e reabriu o Seminário São José com os Cursos Maior e Menor — Primário — Secundário e Curso de Filosofia e Teologia. Fundou o Colégio Santa Teresa de Jesus, educandário para o sexo feminino, que até hoje vem prestando relevantes serviços à Educação no Crato e toda a Diocese. A Congregação das Filhas de Santa Teresa constituiu uma das mais arrojadas iniciativas empreendidas pelo primeiro Bispo do Crato. Com as bênçãos de Deus e a proteção de seu Pai Fundador, as Filhas de Santa Teresa, religiosas e educadoras, plantaram na Cidade do Crato a semente do Magistério, que brotaria mais tarde provocando a revolução educacional no setor feminino do Crato e de toda a vizinhança. Graças à tenacidade de Dom Quintino, Pastor e Educador, a Congregação e o Colégio Santa Teresa foram crescendo paulatinamente, equacionando o problema mais sério e urgente do aprimoramento da educação da juventude feminina. E já em novembro do ano de 1925, o Colégio Santa Teresa de Jesus é equiparado à Escola Normal Justiniano de Serpa, de Fortaleza.

O 2º Bispo da Diocese, Dom Francisco de Assis Pires. Foi um presente do Céu a sua eleição para Bispo do Crato. No setor da Educação, seguiu o mesmo caminho do seu antecessor. A causa da Educação lhe mereceu atenção especial. Ampliando as Instalações de Ensino, assegurou e consolidou a primazia da Diocese nas Obras Educacionais. Num gesto de generosidade, reintegrou ao patrimônio da Diocese o Ginásio do Crato, adquirindo o imóvel

e direitos dessa Instituição e transformando-a em Instituição Diocesana. Sob seu fecundo episcopado, o Colégio Diocesano do Crato, antes, Ginásio do Crato, enriquecido de benemerências em todos os aspectos, alcançou suas grandes vitórias, adquirindo, assim, o renome que goza em toda hinterlândia nordestina.

*D. Vicente de Paulo Araújo Matos — 3º Bispo do Crato.* Com uma visão ampla do extenso campo de trabalho que compatia cultivar, traçou seu Plano de Ação e delineou as metas principais que teria de atingir. Salientou em primeira linha a consolidação da Obra Educacional na Diocese. Deu continuidade ao Plano educacional de seus antecessores e fundou a Faculdade de Filosofia do Crato. Instalou a Rádio Educadora do Cariri. Estruturou a Organização Diocesana de Escolas Radiofônicas para alfabetizar adultos à distância. Para levar às populações desassistidas do campo conhecimentos rudimentares e preventivos sobre saúde, higiene, trabalhos domésticos e artesanais, criou a Equipe de Líderes Rurais, uma seção do MEB e o CETREC — Centro de Treinamento do Crato. Fundou o Ginásio e a Escola Normal Madre Ana Couto, abrindo oportunidades para as famílias de baixa renda educarem seus filhos e criando empregos como meio de amenizar os graves problemas sociais.

*Meus amigos* — Uma das figuras mais fascinantes da História da Educação do Crato foi, sem dúvida, o Mons. Francisco de Assis Pita, o nosso lembrado Padre Pita. Inteligência privilegiada e visão lúcida dos problemas básicos do Cariri, sentiu, bem cedo, a realidade ambiente, reclamando com urgência a fundação de um Educandário Regional Modelo, que viesse cuidar, com seriedade, da Educação dos nossos jovens em terras do Cariri. Surgiu, assim, em sede própria, em março de 1927, o *GINÁSIO DO CRATO* em "regime de equiparação prévia", com Inspetor Federal vindo diretamente do Rio de Janeiro, fiscalizando o "Exame de Admissão" ao 1º Ano Ginásial, dando início à formação da primeira Turma, que concluiria o Curso no ano de 1931. Atingindo a Juventude do sul cearense e dos Estados vizinhos, Paraíba, Pernambuco, Piauí, o Ginásio do Crato transformou-se, na época, em modelar estabelecimento de ensino, ostentando eficiente e preparado Corpo Docente a serviço de um corpo discente que apresentava alto índice de aproveitamento. Foi a primeira Unidade Escolar, no interior do Nordeste, que foi equiparada ao Colégio Pedro II, tendo como ponto positivo um excelente Corpo Docente e o melhor Gabinete de Física, Química e História Natural que uma Escola Secundária possuía no Estado do Ceará. O Padre Mestre Diretor, incansável

na busca da qualidade do ensino, contratou professores dos mais abalizados, um Francês parisiense para lecionar o Francês, um Inglês para lecionar o Inglês. Para reger as cadeiras de Física e Matemática atraiu ao Crato um professor da Escola Politécnica do Recife e para as demais disciplinas, professores dos melhores da Cidade, como o Dr. Álvaro Madeira, o Professor Joaquim Moreira de Sousa, o Padre Antônio Gomes de Araújo, o Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, Dr. Elísio Gomes de Figueiredo, o Padre Osvaldo Rocha, sem falar no próprio Diretor, PADRE PITA, revelação portentosa do Magistério no tempo e na época. O Mestre Dr. Cláudio Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, membro do Conselho de Educação do Ceará, ex-aluno do Padre Pita no Ginásio do Crato, num gesto de gratidão fala assim: "Estou convicto de que sem as rajadas habituais da generosidade de grande Educador Padre Pita bem diverso teria sido o destino de autênticas vocações para as letras e para qualificação em grau Superior".

*Meus Amigos* — No começo da década de 60, o Professor Antônio Martins Filho lançou no Crato a idéia de uma *Universidade Regional do Cariri* — URCA — O Cariri foi a primeira Região do Interior do Estado a inserir-se no esquema Universitário. — O nosso Comandante da primeira hora, o Homem das Universidades, filho dos mais ilustres desta Região, nos garantiu o signo da vitória e, numa caminhada segura, ele mesmo, valente e corajoso, trouxe a Universidade, a tão sonhada UNIVERSIDADE DO CARIRI. E aí está ela com toda a sua grandeza, com todo o seu poderio, com toda a sua magnificência, para nos tranquilizar nos momentos da tempestade. Consolidando, renovando, enriquecendo cada vez o Patrimônio Sagrado da Educação e da Cultura da nossa Boa Gente.

Crato, 30 de outubro de 1992

Sala — Auditório da URCA

Discurso pronunciado em Crato, quando da reunião do Conselho Estadual de Educação do Ceará

---

---

**MUSEU J. DE FIGUEIREDO FILHO :**  
**Um resgate da nossa cultura...**

---

---



## Mons. Francisco Rodrigues Monteiro ( O “HOMO DEI” )

O Crato ainda não prestou, como devia, a homenagem a que fez jus um dos seus grandes benfeitores — MONSENHOR FRANCISCO RODRIGUES MONTEIRO.

Nem ao menos uma rua, mesmo das menos importantes, ostenta, sequer, na cidade o seu nome.

Não sei se de último a edilidade teve essa preocupação. Até hoje o trabalho mais completo a respeito é o de João Lindenberg de Aquino — ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO — e nele não consta o nome do ilustre sacerdote.

Natural do Icó, com a mudança dos pais para o Crato, aqui chegou ainda em tenra idade, fez os primeiros estudos e, em seguida, ingressou no Seminário de Fortaleza, onde lhe foram conferidas as ordens sacerdotais em 30 de Novembro de 1873 por D. Luiz Antônio dos Santos, fundador do Seminário São José do Crato.

Aqui iniciou as suas atividades como coadjutor, granjeando pelos seus bons predicados a simpatia geral dos paroquianos.

Dele diz o BARÃO DE STUDART:

“Filho de Manuel R. Monteiro e D. Maria Luiza Monteiro, nasceu a 25 de Dezembro de 1847 e faleceu em Crato a 20 de Janeiro de 1912. Ordenou-se em 1873, cantando a sua primeira missa na Capela da Prainha de Fortaleza. Foi vigário de Coité, pároco encomendado de Iguatu, delegado apostólico e reitor do Seminário do Crato. Há muito que estava cego. Teve por título de 6 de Agosto de 1886 as honras de Monsenhor Camareiro honorário extra urbem. Deve-se-lhe a Igreja, que se alteia no Barro Vermelho, subúrbio do Crato.” (Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense, Volume Segundo, página 417).

O Barro Vermelho é hoje o bairro Pinto Madeira e a igreja a que se refere o Barão de Studart é a de São Francisco, cujo dia os habitantes do desenvolvido bairro, que não é mais subúrbio mas parte integrante da cidade, festejam solenemente todos os anos.

O ALBUM DO SEMINÁRIO, publicado em 1925, por ocasião do cinquentenário de fundação do venerando educandário, estampa, por sua vez, o retrato de Monsenhor Monteiro, à página 93, e traça-lhe, em resumo, o perfil, do qual destaco alguns tópicos.

"Nesse tempo (logo após a ordenação) foi nomeado coadjutor do Crato, nesse cargo conquistou a simpatia dos cratenses que, sem exceção, o estimavam como a um pai.

Morto o vigário, Padre Manuel Joaquim Aires do Nascimento, o último pároco colado, foi provisionado para substituí-lo o Padre Antônio Fernandes da Silva.

O povo fez abaixo assinado a D. Joaquim José Vieira pedindo a nomeação de Monsenhor Monteiro, mas a provisão do novo vigário já se tinha lavrado.

O humilde sacerdote, calcando os desejos do coração, obedeceu à voz do superior que o destinara para dirigir a paróquia do Iguatu.

E partiu do Crato. Deixando uma multidão derramando lágrimas, deixando o que de mais caro possuía na terra — a velha mãe — mas partiu para obedecer.

Do Iguatu voltou ao Crato, quando recebeu ordens de reabrir o Seminário cujo prédio aumentou edificando o atual refeitório."

Em 1899 Monsenhor Monteiro foi acometido de grave moléstia ocular. Foi ao Rio em tratamento, mas não obteve a cura desejada. Cegou.

"Mesmo cego, continua o ALBUM, quando pregava a palavra de Deus, ainda apareciam lampejos de uma inteligência que outrora dignificara o público católico, ainda dos seus lábios brotavam, fluentemente, os belos ensinamentos evangélicos, e tinha o invejável dom de tocar os corações.

Treze anos de cegueira passou no Crato e foi um forte auxiliar do Vigário no sacramento da Penitência. Faleceu em Dezembro de 1912.

No seu enterramento o povo do Crato demonstrou, exuberantemente, o quanto queria a Monsenhor Monteiro, o sacerdote modelo, o amigo franco, o "Homo Dei", na expressão da Escritura Sagrada." (Album e pág. cites.).

O Crato deve honrar-lhe a memória.

E esta dívida, sem resgate, tem mais de 80 anos.

## O APÓSTOLO DO NORDESTE, nascido em Sobral, pode tornar-se o primeiro Santo genuinamente Brasileiro

Com quase 500 anos de existência oficial — como colônia e depois nação independente — o Brasil, que hoje abriga cerca de 150 milhões de habitantes, não possui um só de seus filhos elevado aos altares católicos. E não há motivo para tanto, já que a vida de cada um, nas agruras e apertos de um país em permanente crise, já representa um milagre. Alguns processos tramitam na Santa Sé, visando à beatificação e posterior santificação de uns poucos nativos. Padre Anchieta (já beatificado) e Padre Cícero são dois fortes postulantes, e mais a única mulher, a carmelita Maria José de Jesus. Mas, é o sobralense padre Ibiapina, o criador das Casas de Caridade, que reúne as melhores condições para alcançar a santificação. Outro sobralense, padre Sadoc de Araújo, é o relator para a causa de Ipiabina.

O calendário onomástico da Igreja está repleto de homens admiráveis, que buscaram, em vida, a imitação de Cristo. Com certeza muitos dos brasileiros tentaram o mesmo. Mas são poucos os que a tradição religiosa fez chegar aos dias atuais plenamente imaculados. Mesmo o padre Anchieta, nascido nas Ilhas Canárias, mas identificado com o Brasil, com toda a sua catequese local, apresenta uma nódoa em sua biografia. Conta-se que ele, certa feita, presenciando a tortura até a morte de um escravo, e penalizado com o sofrimento do cativo, ao invés de obter a sua libertação fez com que antecipasse o seu fim. Já o "beato" padre Cícero tem sua vida repleta de contradições, a começar pela desobediência às autoridades eclesásticas de seu tempo, além do envolvimento com os cangaceiros e com líderes políticos de duvidosa moral.

Por enquanto, além do padre Anchieta, beatificado na década passada, apenas a italiana naturalizada brasileira, madre Paulinã do Coração Agonizante de Jesus (batizada Amabile Lúcia Visintainer); fundadora da congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, foi beatificada, em 1989. Ela aqui chegou, com os pais, aos dez anos, fixando-se em Santa Catarina. No Vaticano estão os primeiros documentos para a satisfação de Honorina, a madre Maria José, filha do Cearense Capistrano de Abreu. Agora, corre também o processo do sobralense Ibiapina, o apóstolo do Nordeste.

Os primeiros levantamentos feitos pelo professor e Sacerdote Francisco Sadoc de Araújo mostram que toda a sua vida foi um milagre, pelo exemplo de amor aos mais necessitados. "Quando juiz de Direito, foi obrigado a assinar a absolvição de um criminoso, porque a promotoria não conseguiu reunir provas que incriminasse o homem. A partir daquela data, ele declarou que nunca mais assinaria sentença contra a sua consciência e desistiu da magistratura", diz o relator. Não há prazo para conclusão do processo de santificação, mas a esperança de que o cearense seja o primeiro brasileiro nato a ser canonizado é muito forte no Nordeste; onde está plantada a sua obra social até hoje reconhecida como inigualável. Para muitos, o padre-mestre Ibiapina foi o maior apóstolo da Igreja brasileira em todos os tempos.

## O Pe. Ibiapina e suas "Casas de Caridade"

É com muita razão que se renova entre nós o interesse por uma figura eclesiástica da mais alta significação para o Nordeste: o padre Ibiapina (1806-1883).

O que marca a vida desse padre pode ser resumido na frase de um beato, seguidor dele, redigida em 1853 numa "Crônica das Casas de Caridade", publicada pelas edições Loyola de São Paulo em 1981 — Eis a frase: "Ele (o Ibiapina) tinha entrado no âmbito de nossa sociedade, tinha visto em todas as suas faces e em toda a sua hediondez a miséria em que se debatem as classes menos favorecidas da fortuna" (Ibidem, nº 14).

As peripécias da vida missionária do Padre Ibiapina, entre 1860 e 1876, estão intimamente ligadas ao drama da miséria que se abateu sobre a região desde o momento em que o centro da economia brasileira foi transferido para o Sul, e que o Nordeste se afundou sempre mais na dependência econômica, na desagregação política, na tremenda desigualdade social.

A atividade de Ibiapina se situava em quatro frentes, simultaneamente: ele quis combater primeiramente e de forma imediata o drama da fome e da doença que aflingiam o povo do interior; em segundo lugar ele percebeu que com os dois elementos básicos do drama estava no desamparo em que vivia a mulher pobre; em terceiro lugar ele lutou contra a desagregação política e num quarto nível combateu a desvalorização de vida religiosa baseada na tradição dos beatos e das beatas. Foram intuições profundas e geniais, oriundas de um contacto direto com o povo nas suas

múltiplas andanças pelo interior do Ceará, de Pernambuco e da Paraíba.

A grande realização do Padre Ibiapina foi a organização de "20 Casas de Caridade" por diversas cidades do Nordeste: em Pernambuco Gravatá (1860), Santa Cruz (1873), Pombos (1866), Bezerras (1866), Cabeceiras (1872), Santa Cruz da Baixa Verde (1875); na Paraíba Campina Grande (1862), Areia (1862), Arara ou Santa Fé (1860), Pocinhos (1866), Soledade (1872), Santa Luzia (1862), Sousa (1870), Cajazeiras (1870); No Ceará Crato (1869), Barbalha (1868), Missão Velha (1865), Milagres (1869), Sobral (1860), Acaraú (1860).

Na vida quotidiana dessas Casas se deu um vigoroso impulso no sentido de valorização da vida feminina através de um trabalho livre mas bem feito, na arte de cozinhar, tecer, fiar, costurar, plantar sementes, fazer chapéu de palha, fazer tinturaria doméstica com algodão (em cor preta, sempre), pintar flores, fazer "crochê", "labirinto" e renda. A famosa "mulher rendeira" de Lampião foi diretamente inspirada nos trabalhos domésticos da mulher nas "Casa de Caridade", assim como a figura — não menos famosa — de professora doméstica nas cidades do interior nordestino. Todos sabemos que o ensino primário praticamente repousa sobre ombros femininos. É um trabalho pessimamente remunerado por um tipo de política que visa o lucro e não o engrandecimento do homem nordestino. A nossa professora primária é herdeira direta dos cuidados, do dinamismo e da seriedade que reinavam nas "Casas de Caridade" do Padre Ibiapina.

Infelizmente as autoridades eclesiásticas após 1833 (a morte do padre) não souberam compreender o trabalho absolutamente fundamental que Ibiapina tinha realizado em prol do Nordeste. De uma forma estúpida e imbuídas de uma romanização imposta de fora para dentro e de cima para baixo elas se empenharam a dismantelar as Casas de Caridade. O que as impulsionava era o fortalecimento do sistema clerical a sacramentalização sumária e massal, a organização das paróquias, a manutenção do patrimônio de igreja, o prestígio do clero junto à sociedade, e não a solução das grandes questões do povo nordestino tão bem percebida pelo Padre Ibiapina e tão bem encaminhada.

Algumas Casas de Caridade decaíram por falta de interesse, outras foram aproveitadas como colégios, ginásios, centros sociais, bibliotecas e até faculdades. Mas o espírito de Ibiapina não está presente nesses novos "arranjos" dados aos prédios que ele conseguiu erguer com tanto dinamismo. (Crônica, pág. 29)

A ruptura pastoral provocada pela romantização da igreja no Nordeste ainda não foi descrita em toda sua extensão e dramaticidade. É pena que a igreja não tenha conseguido continuar na linha dos "grandes" como Antonio Conselheiro, Padre Ibiapina, Padre Cícero, por sinal todos três cearenses. A igreja foi se perdendo sempre mais na mesquinhez e na covardia, aceitando sucessivas intervenções de fora para dentro e de cima para baixo. Tudo isso ela engoliu sem dizer nada, deixou perder-se a herança de um Conselheiro, um Ibiapina, um Cícero. Tudo ela trocou por uns favores formais, na timidez e no silêncio diante de "ordens superiores". Quando surgiu a Teologia de Libertação não foi mais possível encontrar a feliz harmonia de servir o "homem todo", não apenas as "almas", que tanto caracterizara a ação de Ibiapina (crônica, p. 28). Entre a luta pelas necessidades econômicas, sociais e políticas de povo de um lado e as necessidades espirituais do outro lado se instalou uma infeliz controvérsia, com os resultados que todos conhecemos. Não foi mais possível reencontrar a harmonia da ação de Ibiapina que cuidava tanto das almas como dos corpos, pois cuidava do "homem todo".

O desaparecimento do Padre Ibiapina deixou a igreja do Nordeste orfã de líderes. Até agora não apareceu outro que se lhe possa comparar. É nesse sentido que só podemos aplaudir a iniciativa da diocese de Guarabira, onde se situava a Casa de Caridade de Arara (Santa Fé), de introduzir em Roma a causa da beatificação do Padre Ibiapina.

## Missionário Milagroso nos Sertões

O missionário milagroso que percorreu o Brejo, o Curimataú e os sertões nordestinos por mais de trinta anos, nasceu na Fazenda Morro do Jaibara, em Sobral, no dia 5 de agosto de 1806. Recebeu no batismo o nome de José Antonio Pereira Ibiapina. Terceiro filho de um casal pobre — Francisco Miguel Pereira e Teresa de Jesus — "Pereirinha" iniciou seus estudos em Icó. Foi desde então considerado um menino muito inteligente.

A vocação sacerdotal surgiu ainda cedo. Quando jovem, deslocou-se para Olinda, onde pretendia frequentar o Seminário, mas logo recebeu a notícia da morte da mãe e a seguir o assassinato de seu irmão mais velho e o fuzilamento do pai, por motivos políticos. Retornou ao Ceará para cuidar da família. Resolvidos os problemas urgentes, voltou a Pernambuco em companhia de

duas irmãs menores. Lá, ao invés do Seminário, matriculou-se na primeira turma de bacharéis de Olinda, em 1832, e no ano seguinte já era nomeado Juiz de Direito e Chefe de Polícia de Quixeramobim, no Ceará.

Conquistou a maior votação para deputado, na legislatura de 1834-1837. Deixou a carreira política e se dedicou à advocacia. A sua verdadeira vocação, entretanto, só foi abraçada em 1853, aos 47 anos, quando foi ordenado sacerdote, a 26 de julho, mudando o sobrenome Pereira para Maria, em homenagem à mãe de Jesus. Passou a se chamar Padre José Antonio Maria Ibiapina.

Após a ordenação, ficou dois anos na sede de Olinda, como professor do Seminário e Vigário-Geral. Com a licença do Bispo, tornou-se missionário percorrendo cidades do interior do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, durante 28 anos (1855 a 1883). Como o "Apóstolo do Nordeste" realizou missões populares, organizou o povo, reconciliou os ânimos, levantou Igrejas, construiu açudes, edificou cemitérios e ergueu e instituiu as 22 Casas de Caridade. Nelas, moravam grupos de Irmãs consagradas.

As Casas de Caridade abrigavam orfãs, que recebiam a educação formal e cristã. Na de Santa Fé, no município paraibano de Arara, havia um programa para amparar os retirantes. Foi o socorro dos flagelados na seca de 1877. Sobre o fato, ele escreveu em uma de suas crônicas: "Já tinha sido censurada a Casa, quando dava água francamente ao povo, expondo-se a ficar sem ela... Mas o programa da caridade é morrer com os pobres sequiosos e famintos, e não vê-los morrer de sede e de fome. É essa a lei fundamental da caridade".

Na manhã de sua morte, a 19 de fevereiro de 1883, em Santa Fé, contaram os fiéis que o amparavam, que ele, tomado de uma extrema alegria, apontava e repetia sorrindo: "Maria! Lá está Maria!". E logo a seguir expirou o servo e devoto de Nossa Senhora. O seu túmulo, desde então, se tornou ponto de romaria. Um memorial será edificado na cidade pela Prefeitura, em honra ao Padre-Mestre.

Sobre ele escreveu Dom Marcelo Pinto Carvalheiro, Bispo da Diocese de Guarabira (Pb): "Sua fé heróica, sua impressionante devoção e sua caridade evangélica sem limites estavam na raiz de toda a sua atividade. Esta já era vista, no seu conjunto, como um constante milagre da Divina Providência". Dom Marcelo preside a comissão pela causa do santo, agora acrescida do sobralense Monsenhor Francisco Sadoc de Araújo.

# Padre Antônio Vieira, 50 Anos de Sacerdócio

---

SEM PAPAS NA LÍNGUA, PADRE ANTONIO VIEIRA SE  
CELEBRIZOU POR POLEMIZAR COM A IGREJA, COM OS  
MILITARES E GANHOU FAMA NACIONAL QUANDO  
SAIU EM DEFESA DO JUMENTO.

---

Figura das mais respeitadas e queridas do Ceará, ele carrega consigo a rebelião do gênio e a fraternidade típica de quem prega a justiça e a igualdade. Padre Antônio Vieira, também conhecido como o "padre do jumento" — desde que lançou o livro "O jumento nosso irmão" e se tornou o mais ardoroso defensor da classe asinina — completa, no próximo dia 27, meio século de sacerdócio.

Festas foram programadas em Fortaleza, Crato e na sua cidade natal, Várzea Alegre, mas em seus planos de comemoração nada mais consta do que uma viagem ao Rio de Janeiro onde pretende passar três dias totalmente dedicado a orações. Aproveitando a oportunidade irá também a São Paulo, onde participa, no dia 28, da gravação de dois programas: O badaladíssimo Jô Onze e Meia e o menos chique Porta da Esperança, ambos do SBT, no qual pedirá patrocínio para publicar um dos seus quatro livros inéditos.

Professor, filósofo, advogado, escritor e ex-deputado federal — cassado durante o regime militar — padre Antônio Vieira nasceu, em 1919, numa localidade chamada Serra dos Cavalos (como que num prenúncio de sua luta futura em defesa de animais indefesos),



no município de Várzea Alegre. Menino inquieto e de inteligência rara, surpreendeu a todos quando aos 11 anos de idade decidiu que queria ser padre. Movido mais pelo fascínio do poder exercido pela Igreja que pela vocação em si, o jovem Antônio Vieira foi mandado para o Seminário do Crato, onde estudou durante seis anos. "Naquela época eu já era o campeão de rebeldia e não dava sóssego aos padres", relembra.

Aos 17 anos, o adolescente Antônio Vieira, veio estudar em Fortaleza, no Seminário da Prainha, onde a vocação sacerdotal floresceu. "Os estudos me entusiasmaram, me aplicaram". Ordenou-se em 1942, depois de ter amargado os dissabores de um erro médico que quase impediu sua ordenação. Já no início da carreira sacerdotal teve sérias divergências com os bispos da época por discordar de alguns posicionamentos da Igreja. A batina não calou sua inteligência.

"Saí do Seminário com medo de duas coisas: bispo e mulher", confidencia padre Vieira, explicando que o medo de bispo foi causado pela adoração extra-terrena com que eles eram tratados. "E de mulher porque no Seminário nos ensinavam que elas eram o esterco de Satanás". Mas, a lavagem cerebral incutida na cabeça dos jovens seminaristas não surtiu efeito com Antônio Vieira que foi indócil até na hora de justificar a data da formatura. "Me ordenei no dia de São Cosme e São Damião e avisei que escolhi esta data porque só assim um puxava e outro tangia".

Crítico de primeira hora do celibato e da utilização da Igreja como instrumento de dominação e exploração, padre Antônio Vieira não se encaixa nos moldes de um sacerdote convencional. Apesar das discordâncias com a Igreja, se considera um cidadão autêntico e diz que se tivesse que voltar no tempo escolheria outra vez o caminho da religião. "Eu não teria outro ambiente para desenvolver minha capacidade cultural". Depois de 73 anos de vida e 50 dedicados ao sacerdócio, ele lamenta não ter tido a chance de perpetuar-se através da paternidade, pela imposição do celibato. "Me negaram um direito que na natureza é dado até aos animais", critica.

Entre os momentos marcantes de sua vida, padre Vieira lembra que 1962 foi o início de um período culminante na sua trajetória de luta em favor dos mais humildes. "Foi exatamente aí que começou minha briga com os políticos", justifica. O primeiro alvo de sua pregação foi o líder político da cidade de Icó, para onde havia sido transferido, o "cangaceiro" Nilton Nogueira Fernandes que depois de dizer que "prendia e arrebentava" acabou

se curvando diante do carisma e do magnetismo popular de padre Vieira.

O gosto pela política — que passara a ser vista como uma forma de ajudar aos menos afortunados — aumentou e, em 1966, contra todas as recomendações de seus superiores imediatos, lança-se candidato a uma cadeira na Câmara dos Deputados em Brasília. Sem tradição política e sem verbas, elege-se como segundo mais votado no Estado. Um detalhe. Na época a Igreja não permitia que os padres postulassem cargos políticos.

“Depois que saiu o resultado da eleição, eu recebi o aviso da Nunciatura notificando que minha candidatura estava proibida, mas então já era tarde demais e eu já havia sido eleito”, conta. Na Capital Federal o pequeno padre cearense transformou-se num gigante. Em plenos anos rebeldes, onde a ditadura militar cassava todos aqueles identificados com lutas populares, a batina não foi usada como escudo pelo padre-deputado. Para quem pensava que o fato de ser padre o impediria de falar e de ser ouvido, mais uma vez o padre cearense surpreendeu. No tempo em que exerceu seu mandato, foi autor de 37 projetos de Lei, presidiu duas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI) e proferiu 82 discursos que lhe valeram a cassação dos direitos civis por 10 anos.

Impedido de legislar, foi para o Rio de Janeiro, onde trocou a tribuna pela sala de aula. Lecionou Filosofia e Ética na Universidade de Santa Úrsula e na Faculdade Jacobina. Foi também capelão no Colégio “Sacré Coeur de Jesus”. Em 1974, formou-se em Direito, recebendo os méritos de melhor formando do seu curso. O retorno ao Ceará só aconteceria 10 anos depois.

Com a abertura política, padre Vieira foi informado de que seria anistiado. Consciente de ter cumprido seu dever para com os que o elegeram, mais uma vez deixou seu espírito de rebeldia tomar as rédeas da situação. “Diante dos parlamentares disse que não aceitava a anistia porque não havia cometido nenhum crime. Criminosos foram eles, os militares, que cassaram meu mandato”, relata. “Também disse que em sinal de protesto não aceitava de volta a cidadania e rasguei, publicamente, meu título de eleitor”. Foi aplaudido de pé.

A trajetória de brilhantismo e de genialidade enveredou pela área do Direito. De volta ao Ceará, padre Vieira decidiu que iria advogar em defesa de uma sobrinha numa causa de aposentadoria. Depois de seis anos de recursos utilizados pelo INPS, ganhou a questão considerada pelos melhores juristas da cidade como causa perdida.

Com o bloqueio dos cruzados, logo após a posse do presidente Collor, a exemplo de outros brasileiros, o padre-advogado tentou liberar seu dinheiro. Como resultado conseguiu ser o único advogado a desbloquear os cruzados retidos sem alegar problemas de saúde. O juiz Hugo Machado da 5ª Vara da Justiça Federal, de Recife, considerou seu recurso tão brilhante que mandou tirar cópias do processo e as distribuiu para juizes desde Teresina até a cidade de Recife.

A morte parece não assustá-lo. Padre Vieira fala sobre ela sem aparentar temores, tanto que até mantém armada em sua casa (uma espécie de pequena chácara), que fica numa rua sem nome, sem calçamento e sem infra-estrutura, no bairro de Messejana, uma rede branca, bordada e com varanda que lhe foi presenteada em 1988 quando ficou gravemente enfermo. Ele confia que "quando morrer quero ser levado numa rede branca como esta por dois negros nus da cintura para cima e não quero choro porque na verdade não terei morrido, mas apenas mudei de morada".

O repórter Dedé de Castro escreveu em 1954 uma série de reportagens focalizando a dizimação de jumentos para fabricação de vacinas anti-rábica. Profundamente indignado com o extermínio dos humildes animais, o sacerdote Antônio Vieira decidiu desenvolver uma campanha contundente contra a mortandade do rebanho asinino. Como resultado abriu na literatura nacional o Cielo do Jumento, com a publicação do livro "O Jumento Nosso Irmão", no ano de 1964. Daí em diante, passou a ser chamado de o padre dos jumentos.

O livro teve larga repercussão, não só no Brasil, mas também no Exterior, a ponto da BBC de Londres, considerá-lo a obra mais completa sobre o assunto já escrita até hoje. "O Jumento Nosso Irmão" já está na sua terceira edição e em breve deverá ser reeditado em quatro volumes. A publicação ficará a cargo da Gráfica do Senado Federal (Segraf). Não bastando tudo isso, o sacerdote fundou, à guisa do "Lyons Clube", o Clube Mundial do Jumento. Personalidades importantes como o ex-presidente americano, Lyndon Johnson; os senadores Mauro Benevides e Mário Covas e o ator Lima Duarte (Sassá Mutema) foram diplomados pelo Clube do Jumento.

Na bagagem literária, padre Vieira traz um total de 22 obras já publicadas, com destaque para "Filosofia Política e Problemas Jurídicos", "Mensagem de Fé Para Quem Não Tem Fé", "Gramática do Absurdo" e "100 Cortes sem Recortes".

# Monsenhor Antonio da Silva Távora Ganha Nome de Rua

O Vereador Ailton Esmeraldo apresentou à Câmara Municipal um projeto de Lei dando o nome de Mons. Távora a uma das ruas do Crato. Uma justa homenagem a quem se incorporou à história da cidade.

## D A D O S B I O G R Á F I C O S

Monsenhor Doutor Antônio Fernandes da Silva Távora foi um dos mais cultos e piedosos sacerdotes cearenses. Doutor em Filosofia pela Universidade de Roma, era de uma fama digna de nota.

Crato teve sorte de tê-lo como vigário em nossa Sé Catedral, onde, durante alguns anos, presidiu com descortínio os destinos espirituais da nossa gente. Apaixonado pela agricultura, reunia os principais agricultores do Município, distribuía sementes variadas e selecionadas e ensinava-lhes as mais avançadas técnicas agrícolas da Europa e da América.

Grnde orador sacro, reunia à inteligência o dinamismo, tendo sido responsável por reformas substanciais no velho templo de Nossa Senhora da Penha.

## D A D O S P E S S O A I S

Filho de Antonio Fernandes da Silva Távora e de Idalina Alves de Lima Negreiros Fernandes Távora nasceu a 17 de Outubro de 1851 na Fazenda Caranguejo, em Jaguaribe. Coursou o Seminário de Fortaleza, ordenando-se sacerdote em 30 de Novembro de 1879. Foi Vigário de Jaguaribe até 1883 e de 1883 a 1891, vigário do Crato.

Foi deputado provincial pelo Crato, e depois Senador Estadual. Depois foi vigário de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, e Vassouras, Estado do Rio. Em 1894 acompanhou dom José Lourenço de Aguiar, primeiro Bispo de Manaus, para instalar aquela Diocese, sendo nomeado Cura da Catedral de Manaus. Fôra, antes, vigário em Juiz de Fora.

Coursou a Universidade Santa Apolinária, em Roma, conquistando, ali, os graus em Bacharel e Doutor. Fez os cursos de diplomacia e tratados, sendo nomeado Camareiro Secreto do Papa Leão 13.

Faleceu em Sena Madureira, no Acre, em 1916.

Escreveu em jornais da Italia e Portugal. Deixou peças importantíssimas sobre a Economia Cearense, na Assembléia e imprensa de Fortaleza. Custeou os estudos dos seus irmãos — um deles, dom Carloto, bispo de Caratinga. Educou o sobrinho, Manoel do Nascimento Fernandes Távora, que estudou no Seminário do Crato e em Crato foi médico, tendo sido, mais tarde, senador da república e pai do cel. Virgílio Távora.

Monsenhor Antonio Fernandes Távora é uma das glórias do clero e da política cearenses.

## APRESENTANDO O LIVRO "O CASO BAGÉ"

A memorialística brasileira é um campo restrito e limitado a umas poucas inteligências. Não são, portanto, numerosos os escritores e jornalistas que se dedicaram a esse importante ramo das letras. Podemos apontar, dentre outros, um Joaquim Nabuco, um Gilberto Freyre, um Monteiro Lobato, um José Lins do Rego, um Carlos Lacerda, um Samuel Wayner, um Gustavo Barroso, um Raimundo Girão — e, por último, o maior deles, descomunal pela sua obra de memórias em 6 volumes, notável pela erudição e pela beleza do estilo, Pedro Nava, sem esquecer que, no passado, tivemos também um Humberto de Campos.

Dentro desse seleto grupo acaba de incluir-se o prof. Aldenor Jaime de Alencar Benevides. Não veio com as fanfarras das grandes obras, mas com um modesto volume, edição do próprio Autor, em gráfica do interior, sem pretensões e veleidades de querer ombrear-se com as figuras marcantes da literatura brasileira.

Mas conseguiu o seu intento. Hoje pode enfileirar-se, decididamente, sem deslustrar seus patrícios de norte a sul, tal a beleza cativante do seu livro, o perpassar bem posto de toda uma vida iluminada por um ideal, pela tessitura emocional de cada capítulo, onde evoluem emoções de todos os matizes, sobressaindo, sobretudo, a envergadura moral, a couraça e a solidez de um pensamento uno, indestrutível, comovente, rico, brilhante e indiscutível, que o leitor absorve com carinho e com amor.

Espiritualista, cósmico, como ele mesmo se define, suas memórias vencem um longo período, desde a inocente fase infantil na pequenina e encantadora Pacatuba, passando pelos dias nebulosos de uma ditadura inenarrável pelos males que causou, a uma plenitude de marinheiro de todos os portos, todos os amores, todas as cidades, todas as profissões, a que se adaptou e se amoldou de forma admirável, construindo uma vida cheia de ilusões e de esperanças, para dar no que deu hoje, um cidadão probo, em paz com a vida e a natureza, com elas convivendo admiravelmente, respeitando ventos e pássaros, insetos e flores, onde haja vestígio de vida e de uma ação divina, superior, criadora, balisadora dos destinos de todos os que vivem na face da terra...

"Não sei se para Benevides tristeza é ausência de alegria ou alegria é ausência de tristeza", diz Francisca Teles com muita propriedade, na apresentação do livro. Pelo volume, de 169 páginas, é difícil colher qual seja o verdadeiro Benevides, tantas e tão desconstruídas são as revelações, as emoções, as opções de carinho, as impressões espirituais, os afagos, o bem querer, as desditas, mágoas e venturas, as alegrias e tristezas, os coloridos e os nublados dias vividos, que a gente se enche todo e se engalana com a riqueza presente dessa personalidade ao mesmo tempo tão simples e tão meiga, tão atraente e tão dura, tão teimosa e tão viril, tão delicada e tão agressiva com os seus postulados de honra, saber, ciência, religião, ciência e consciência da maneira de viver, em meio a tantas sutilezas, detalhes, opiniões e posições que a vida lhe ensinou...

Seus colegas de escola tanto em Pacatuba como no Liceu do Ceará, se enfileiram entre as maiores personalidades do Estado. Benevides poderia estar lá, nessa galeria em que figuram Parsifal Barroso, Plácido Castelo, Perboyre e Silva, Rachel de Queiroz, Jáder de Carvalho, Djacir Menezes, Moésia Rolim, Walter Pompeu, Landry Sales, Perilo Teixeira, Waldmick Sampaio, Stenio Gomes, Ubirajara Índio, Alisio Mamede, Expedito Sampaio, Nilo Carleial e outros.

Todavia, guiado pela estrela do destino, preferiu outras terras, outros caminhos, outras gentes... Consorciou-se com o mar, que lhe deu vida, emoções, lembranças inesquecíveis e inapagáveis, formação moral e cívica, amoldou-lhe a cidadania, temperou o rígido caráter, robusteceu-lhe a consciência, preparou, enfim, o cidadão do mundo em que ele se transformou — minúscula célula desse mundo de bilhões de seres, é verdade, mas que tem cumprido, religiosamente, a sua missão benfazeja.

"Cangaceiro da paz e da luz, do bem e do amor, cangaceiro de Deus e do coração"; na canção feliz de Paulo Nunes Batista, segue Aldenor a sua vida, indo da América para a Europa, passando por países latino americanos, aprendendo de tudo, inclusive a ser bom dançarino.

Seu livro espelha, realismo invulgar, com rara capacidade de percepção, com um lastro admirável de memória, toda uma vida de lutas e de inglórios sofrimentos, matizada de momentos felizes de intensa riqueza espiritual.

Fugitivo da Polícia política de Vargas e de Felinto Muller, que um dia fizeram descer nuvens negras sobre o Brasil e os brasileiros na longa noite da ditadura, mal poderia Benevides imaginar que ambos pagariam bem caro ao que fizeram com esta Nação

e seu nobre povo e sua altiva gente. Vargas sairia de cena com um tiro no coração, em 24 de agosto de 54. Felinto teria fim mais dramático: morreria carbonizado, com a mulher e um neto, num avião que explodiu ao descer de mau jeito, no aeroporto de Orly, em Paris, em 68.

Mas voltamos ao livro — O CASO BAGÉ.

É um livro denso de emoções, já o disse. Cheio de verdades, honesta contribuição à história do país e de sua marinha mercante, que serviu de pano de fundo a um cearense que conheceu Charles de Gaulle, que viveu em Washington, Nova Iorque e Havana, Rio e outras cidades, mas que encontrou sua AURA, seu destino, seu objetivo, aqui nesta abençoada Juazeiro do Norte, onde vive em nosso meio, para felicidade nossa. Amigo de Conserva Feitosa e Manoel Pereira Diniz, amigo de todos, tem dado a sua contribuição valiosa em livros e jornais, onde retrata fielmente as luzes de sua privilegiada inteligência e do seu saber. Maçom ou protestante, católico ou espírita, todos se curvam à beleza de sua personalidade e engrossam o cordão dos admiradores desse homem que morou em Brasília, no Rio e em tantas terras, mas que trazido pela força descomunal da espiritualidade do Pe. Cícero, aqui se deixou ficar, a produzir os ótimos frutos de sua literatura única, sem par, pois que honesta, digna, altruística, singela, de rara beleza, de espiritualidade e amor, que derrama à mancheias para todos os que dele se aproximam ou tem o supremo privilégio de com ele conviver e conhecer o seu talento imortal.

O CASO BAGÉ, livro em que resume ao mínimo sua vida que daria muitos livros, é uma obra que veio para ficar, e onde ele expressa sua filosofia de vida, ao dizer: "Sou um homem feliz porque me preparei para terminar esta minha passagem pela terra aqui em Juazeiro do Norte. Foi aqui onde firmei propósito de ingresso na Escola da Espiritualidade... Nunca deixei de ser contra as insídias políticas, sociais e religiosas, responsáveis por tantas desgraças e infortúnios. Sem tendência partidária, estarei sempre ao lado do povo sofredor e oprimido, injustiçado, carente de orientações de protesto e de cultura cívica, vítima de governos desumanos, subservientes, impatrióticos e corruptos...

...Não pouparei esforços no sentido de ajudar o avanço da cultura popular, o aprimoramento moral e espiritual, contra preconceitos e tabus, as separações entre irmãos religiosos, as rixas políticas e de famílias...

...Fora com as ilusões, a ignorância, o analfabetismo, a mentira, o cinismo, o atraso, as incompreensões entre as pessoas,

o fanatismo e rivalidades, as falsas e cínicas promessas".

Tal o retrato deste homem que temos à frente.

Tal o retrato do seu livro, que nos expõe a realidade nua e crua de sua vida, dos seus ideais, de sua filosofia, de sua formação.

Tal, pois, a riqueza do livro — O CASO BAGÉ — que honra a literatura brasileira e que, doravante, deveria estar, obrigatoriamente, em todas as estantes, em todas as bibliotecas deste imenso país.

Porque, contribuição como essa, desse livro aparentemente desprezioso, mas cheio de riqueza moral e cívica, estão cada vez mais raras, e contribuem para evitar o desfibramento da raça, a poluição moral, o charco político, o lodaçal da miséria, da fome e da vergonha que teem sido, infelizmente, a característica maior desta Nação de todos nós!.

J. LINDEMBERG DE AQUINO, ao apresentar, O CASO BAGÉ, de Aldenor Jaime de Alencar Benevides, no Instituto Cultural do Vale Caririense, em 1º de Agosto de 1993.

---

---

## CRATENSES COMEMORAM BÔDAS DE OURO EM BRASÍLIA

Um casal de cratenses, Menandro Macêdo Lemos-Dezinha Lemos, completou 50 anos de casados e em Brasília, onde reside, comemorou condignamente a data, com uma Missa em ação de graças na Igreja de S. José, na capital federal, seguindo-se elegante recepção no Salão de festas daquela Paróquia. Menandro é filho do saudoso casal Vicente Francisco de Lemos-Ana, é ex-combatente da FEB e a esposa, enfermeira e assistente social. Ambos são aposentados.

São filhos do casal: João Jaques, Antonio Humberto, Vicente Sávio e Maria Carlides. Dona Dezinha é da tradicional família Medeiros. Os amigos prolongaram as comemorações na residência do casal, SQN 405, Bloco N, apartamento 205, para onde foram enviadas muitas mensagens.

Lemos é irmão do Dr. Emídio Macêdo Lemos, que vai ocupar a Cadeira anteriormente ocupada por Nertan Macêdo, e que tem João Brígido como titular, no Instituto Cultural do Cariri.



# Reflexões Sobre o Menor Abandonado

"Deixai vir a mim as criancinhas porque delas é o Reino de Deus".

Onde estão as nossas criancinhas? Onde estão as criancinhas do Brasil?

O nosso país tem uma população de 57 milhões de zero a 17 anos. Podemos responder que onze milhões de crianças e adolescentes estão abandonadas.

Os números implacáveis destes 11 milhões: 71% são marginalizados; 19% são totalmente abandonados nas ruas das cidades, principalmente das grandes cidades; O Estatuto da Criança e do Adolescente considera criança a pessoa até 12 anos de idade, incompletos, e adolescentes entre 12 e 18 anos.

Para ilustrar, colhemos dados de estatística do ano de 1991 da Delegacia da Família e do Menor em Fortaleza sobre a conduta destes menores marginalizados, que cometeram 2.842 atos infracionais, sendo: 1.155 furtos, 324 pichações, 116 porte ilegal de armas, 115 assaltos, 92 lesões corporais, 70 danos materiais diversos, 26 portes de drogas, 13 homicídios, 353 outros atos infracionais. Nessa Estatística há uma particularidade que chama a atenção. Do total de adolescentes, 1.312 são analfabetos, 1.032 possuem o primário, 458 têm o 1º grau, 39 o segundo grau e 01 é universitário. Isso nos deixa a pensar que a Educação é um dos fatores de inibição ao crime e à marginalização.

Aquela criança que chega à Escola está se distanciando do mal. Quem leva a criança à Escola? A Família. Justamente o que falta ao abandonado.

Segundo Jean-Jacques Rousseau, "O homem nasce bom. A sociedade é quem o corrompe". Onde está a nossa responsabilidade?

Nós caminhamos para a conquista dos nossos direitos individuais, mas a partir do momento em que fazemos parte de uma sociedade, ou Clube de Serviço como o Rotary Club e Casa da Amizade, nos comprometemos, perante nossos princípios de bem Servir, a conquistar o direito do próximo, também.

Nossa Coordenadora Nacional, Miriam Eduardo, nos indica como meta a VIDA, seja como tema a Mulher, o Idoso, o Adolescente, ou o Menor-Carente. Vida é lema e é meta. Os lemas do Rotary "Olhe mais Além de Si Mesmo", "Serve quem melhor

serve", "Mais se beneficia quem melhor serve" incentivam à doação, e, como diz o Presidente de Rotary Internacional, "Saber doar é o que torna a vida sublime". Vamos sublimar nossas ações!

Você, companheira, que tem uma religião, que admira os princípios do Rotary em consonância com seu marido, você que é mãe, seja um instrumento na sociedade, tentando recuperar alguns desses menores abandonados, usando sua condição profissional na área da Educação ou na área da Saúde, das Leis, do Serviço Público, na Igreja, na Política, seja onde for sua atuação, mergulhe na problemática de nossas crianças e adolescentes abandonadas!

A mulher quando enfrenta uma campanha consegue o milagre de transformar ideais em expressivos resultados concretos.

Vamos pedir às autoridades competentes: Por favor, não matem nossas crianças! Sabemos que por trás de um bando de crianças e adolescentes marginais existe sempre um adulto que o corrompe, que lhe dá armas, que o faz usuário e traficante de drogas, que o incentiva ao assalto...

No Brasil, entre 1984 e 1989 foram exterminados 1.397 meninos em todo o país, sendo destes 87% do sexo masculino. 74% tinham entre 15 e 18 anos. Levando-se em conta o ano desta Estatística (1989) sabemos que estes números já estão defasados.

Você pode temer um grupo de trombadinhas, mas se você ousar fixar o rosto em um só, verá uma criança, uma criança que um dia foi abandonada.

No Recife existem centenas e centenas de menores dormindo nas ruas, nas praças, sob viadutos, sob pontes, etc. Atualmente já se nota a redução desse número. Acredito que seja o fruto de uma campanha que D. Helder Câmara está fazendo pelo menor abandonado, ele mesmo mantendo contacto pessoal com eles e os orientando. Agora, em vez deles abordarem os carros da Avenida Agamenon Magalhães, eles oferecem uma flor ao passageiro, que, estando esperando violência, se surpreende e lhes dá algum dinheiro.

O Rotary, que um dia já encampou a campanha Polio-Plus, a campanha da Ecologia e outras de grande vulto, pode ser que um dia volte sua potência em favor do menor.

Qual a solução? Fixar o homem ao campo? Planejamento familiar? Educação gratuita integral? Policiar os adultos que corrompem e se aproveitam dos furtos dos menores? Punir os traficantes que usam o menor como "avião"? É, sem dúvida, um problema social. Vamos sonhar e pedir a Deus que nossas crianças voltem a sorrir! E nós, um dia, diremos como Jesus: "Venham a nós as criancinhas, porque delas é o Reino de Deus".

(Oração pronunciada no Interclubes Rotário, Crato, 15.2.92)

## Apresentação do Terceiro Volume de "OS CAPUCHINHOS NA BAHIA"

O fr. Vitorino Regni, para a comemoração do centenário dos Capuchinhos das Marcas na Bahia, nos mimoseia com a publicação do terceiro volume de sua obra histórica: Os Capuchinhos na Bahia.

Com a mesma seriedade histórica dos dois volumes anteriores, o Autor procurou escrever a primeira parte dos noventa e um anos em que a Província Picena esteve na Bahia como responsável pelo bem espiritual de nossa gente e sobretudo empenhada na implantação da Ordem nessa região do território nacional.

Consultou arquivos, leu documentos, estudou-os com desvelo e como fruto de seu trabalho, nos oferece neste volume uma visão fiel dos acontecimentos que vão de 1892 a 1937.

Quem leu o segundo volume daquela obra, se lembra muito bem em que estado deplorável se achava a Prefeitura Apostólica da Bahia na última década do século passado.

Para remediar a situação caótica o Revm<sup>o</sup>. Padre Geral resolveu confiar os destinos daquela missão aos cuidados da Província das Marcas, muito embora seu Superior de então, fr. Venâncio de Ferrara, cuja personalidade é bem focalizada pelo Autor, pertencesse à província monástica de Bolonha.

E, como numa fita cinematográfica, vemos sucederem-se os fatos, alguns dolorosos, quase desalentadores, mas vencidos pela dedicação dos missionários da velha guarda, auxiliados e encorajados pelos jovens que, com mil dificuldades, por causa dos tempos calamitosos do fim do século XIX, foram mandados para a missão. Presenciamos momentos felizes, mormente com a abertura de uma nova casa em Esplanada e com empreendimentos pioneiros, qual a experiência pároquial de Petrolina-PE.

Temos oportunidade de conhecer figuras imponentes como a de fr. Venâncio de Ferrara, já citado, de fr. Evangelista de Montemarciano, sem dúvida, o capuchinho mais conhecido no Brasil no final do século passado, por sua fracassada missão de paz em Canudos, o reduto de Antônio Conselheiro.

Encontramos missionários como fr. Gabriel de Cagli, o primeiro Superior Regular piceno, a quem se deve, entre tantas benemerências, a fundação do hospício de Esplanada. Fr. José de Monsano, precursor da atividade paroquial entre os capuchinhos da Bahia. Fr. Gregório de San Marino, o homem de fogo, que estava sempre a pensar em promoções humanitárias em benefício da gente pobre da zona de Esplanada, onde passou seus primeiros anos como missionário. Entre outras obras, fundou o Hospital de Esplanada, o único daquela região por muito tempo. Mas seu grande mérito está certamente em ter inaugurado, nos idos de 1928, o Seminário Seráfico de Esplanada para o cultivo das vocações locais e, como corolário, a abertura do noviciado interprovincial do Norte-Nordeste em 1934 com sede naquela mesma cidade.

O último capítulo tem uma importância toda particular pelo estudo que o Autor fez sobre a organização e desenvolvimento das Santas Missões. Além de discorrer sobre as mesmas, passa em resenha os frades que mais se distinguiram neste setor. Lembramos como exemplos fr. Inocêncio de Apiro, pelo seu espírito de arguto observador do que via em suas andanças missionárias e fr. Agostinho de Loro Piceno, pela sua santidade de vida.

---

---

## Presidente do I C C Parabeniza o Poeta

O Presidente do Instituto Cultural do Cariri — Dr. Raimundo de Oliveira Borges — enviou a seguinte carta ao poeta José Esmeraldo da Silva:

Crato, 11 de Novembro de 1993

José Esmeraldo da Silva:

Recebi mais uma flor — "O RISO DA NATURA" — que você colheu no jardim de sua privilegiada inteligência.

No deserto de paz e de amor da vida atual, consola encontrar um oásis, como o seu livro de melodiosos poemas, em que descansar, na estafante jornada, a cabeça tão cheia de apreensões e de medo...

Apreensões do amargurado presente, medo do incerto futuro que os maus governos estão nos preparando...

Parabéns, poeta, por mim pessoalmente, e pelo Instituto Cultural do Cariri.

Com um cordial abraço do amigo e admirador —

*Raimundo de Oliveira Borges*

# CRATO - Ontem e Hoje

Crato das cadeiras nas calçadas e os vizinhos se confraternizando e dialogando sobre assuntos do dia-a-dia. Dona Nininha Pereira, Dr. Tadeu e Dona Zenilda, Sr. João Lima e Dona Zezinha, Zenir, Papai e Mamãe... Rua Nelson Alencar!

Crato, das praças bonitas e jardins repletos de rosas "La França Amélia, Sangue de Cristo" e "Canteiros de boa-noite", sem nenhuma invasão pública. Crato, da Praça Francisco Sá, do Cristo, da "Coluna da hora", hora marcada por relógio de badalar afinado e pontual.

Crato, da Estação Ferroviária, de familiares e amigos ansiosos à espera do bater do sino, avisando que o trem já se aproximava. Crato, dos "chapeados" carregando malas de pessoas que a pé, fagueiras e conversando, dirigiam-se para suas casas ou Crato Hotel. Crato, dos automóveis, na sua maioria pretos e confortáveis, fretados, conduzindo os mais abastados às suas residências. Crato do jornaleiro, "olha o Correio e O POVO, quem quer... quem quer comprar?" Papai, assíduo comprador.

Crato, da festa de setembro, da padroeira Nossa Senhora da Penha, das quermesses, os partidos azul e vermelho, do vaivém das mocinhas, cada dia vestindo uma roupa nova e a expectativa dos encontros escondidos com namorados e flertes dirigidos a rapazes sonhadores e remânticos.

Crato, do Colégio Diocesano, seu externato e internato masculino. Pe. Montenegro, na direção do ensino, oferecendo aos estudantes locais e dos municípios circunvizinhos, um aprendizado de nível. Taí para provar os inúmeros nomes ilustres de homens que passaram por este setor educacional.

Crato, do Colégio Santa Tereza de Jesus, das madres Feitosa, Cecília e irmã Alves minha primeira professora de piano. Crato, das estudantes de saia vermelha e pregas, blusas branca de cambráia, mangas e meias longas, sentadas no patamar da igreja da Sé ou namorando no "beco da igreja", aguardando o iniciar das aulas e esquecendo a mesma, correndo apressadas para encontrar o portão aberto e controlado pela fiel Toinha.

Crato, do professor Arnaldo Salpeter, professor de piano, exímio músico, que tocava e regia a orquestra que animava os bailes do Tênis Clube para sua seleta sociedade e proporcionava concertos de piano, dos quais eu fazia parte.

Crato, do mês de junho frio, das festas juninas caracterizadas com carros de boi, com transporte, moças e rapazes vestidos a caráter, Guiomar, minha prima, era uma graça na sua roupa de roça e ensaiando um linguajar matuto!

Crato, da Praça Siqueira Campos, local de encontro diário, enfatizando os sábados e domingos, dos jovens, velhos e crianças e onde nasciam flertes, namoros e posteriores casamentos. Tinha ainda a retreta!

Crato, do Cine Cassino, seu primeiro cinema, Cine Moderno, os filmes românticos, seriados do Zorro e os filmes do Gordo e o Magro!

Crato, da sorveteria Glória, do meu avô Luiz Martins, onde saboreávamos um sorvete com frutas naturais e um cachorro quente, como nunca mais vi igual.

Crato, do circo, "Circo Teatro Show", dos palhaços de pernas de pau, hoje tem palhaçada?, tem sim senhor!", respondia a galera.

Crato, do banho na "nascente", local turístico da época, belo pela sua simplicidade, e quando só a natureza era a arquiteta.

Crato, do Lameiro, seus sítios, seus pés de mangas-rosa e espada, de olhos d'água, dona Zulmira e Sr. Aderson Alencar, dos engenhos, das rapaduras, da garapa e do alfinim.

Crato, do Seminário, fincado no alto, suas inúmeras janelas, coberto por vegetação verde, de onde saíram tantos padres, Pe. Vieira, famoso escritor e do Monsenhor Rocha.

Crato católico e de tantas igrejas.

Crato, do Rotary Club, seus sócios, entre estes os Srs. Cândido Monteiro, Jefferson Albuquerque, Orestes, Alexandre Sauly Mourão, meu pai, um de seus presidentes.

Crato, da Amplificadora Cratense, da crônica "Boa Noite para você", como fundo musical contendo música de Glenn Miller e lida pelo competente radialista Wilson Machado.

Crato, da Ave Maria às 18 horas, do Natal à meia-noite, com homenagem ao Deus menino, "Papai Noel... que é que você tem?... " e eu criança, à espera do presente.

Crato, da Dona Ceicinha, parteira experiente e querida, que através de suas mãos trouxe tantas crianças ao mundo, no Crato

de ontem e que se transformaram no Crato de hoje, em gente culta, meus irmãos Ivens Roberto, engenheiro civil, Antônio Marcelo, médico, Mourão, economista, Alexandre, engenheiro mecânico, e com eles tantos outros(as).

Crato, da minha saudade, de minha juventude, das colegas Maria Lúcia, Jadey, Aracy, La Salete, Irismar, Ivone, Marfisa e Ita Ayres, Arety do Sr. Jorge Lucety e Dona Auxiliadora (Lamentavelmente mortos), hoje tão sofrida, pela incapacidade de sua família não compreender a gravidade e os delírios da esquizofrenia!

Crato, da Rádio Araripe, seus programas, suas músicas executadas — Trio Los Panchos — “Solamente una vez!... Nora Ney, Trio Irakitan, Nelson Gonçalves, entre outros, os mambos e boleros, ritmos sensuais e um convite a dançar de rosto e corpo colados!.

Crato, de hoje, moderno, do telefone, da antena parabólica, da televisão, que contribuiu para o recuo das cadeiras nas calçadas!

Crato, do clube de Campo Grangeiro, sofisticado, construído ao pé da serra, com seus jardins, piscinas e bicas, carente de mais divulgação, pois nada tem a dever a outros pontos turísticos do País.

Crato, de clubes de campo SERRANO E ITAYTERA, também belos pela sua essência e à espera de promoção!

Crato, dos barzinhos, em vez das praças. Crato da moçada vestindo “Jeans”, em substituição às roupas sofisticadas de outras décadas — Das anáguas!

Crato, repleto de carros, motos, ônibus, do avião, mas sem o trem, criminosamente desativado.

Crato, de ruas asfaltadas, que saudade do paralelepípedo, menos quente e mais resistente e eu de bicicleta, corpo esguio, cabelos longos ao vento, felicidade expressa no rosto!

Crato, tanto Ontem como Hoje, hospitaleira, amiga, culta. Pólo cultural, Crato das universidades, dos escritores e dos poetas, do geólogo nato Hermógenes Martins, meu tio e hoje nome de rua.

Crato, cidade tanto Ontem como Hoje, verde, linda, com a Serra do Araripe, guardando e emoldurando as belezas nela contidas. Crato de Ontem, da minha infância e princípio de adolescência, quando vivi os momentos mais felizes de minha vida!

Crato, onde o riso fazia parte do meu ser e se lágrimas algumas vezes banharam minha face, foram de alegria ou por casinhos de amor!

Crato, que aprendi a amar, desde a mais tenra idade e que até hoje, mesmo morando distante, trago-a presa à mente, em recordação do passado, e hoje, pelo progresso e fidelidade da lembrança.

Crato, quando vou até aí e lhe piso, lhe cheiro e meus olhos passeiam pelo seu corpo, formado pelas suas ruas, suas praças, seus recantos tão queridos e guardados dentro de mim!

Crato, que se transforma em Amor, quando a você retorno, encosto-me e no encontro lhe repasso um abraço, um cochicho, um balbuciar, com vontade de gritar, para fazer ecoar por toda planície que faz o Cariri um muito obrigada, por lhe ter conhecido. Vivido com você no aconchego e no chamego e ainda ter oportunidade de, movida pela inspiração e veia poética, traçar um paralelo entre a Crato de Ontem e Crato de Hoje e cientificar para seus filhos e para mim, Como Amo Você!

Maria Iára de Araújo Mourão — Assistente social, funcionária pública — Órgão: Secretaria de Saúde do Estado — Rua Professor Lino da Encarnação, 1026 — Fortaleza-Ceará.

(Publicado novamente por haver saído incompleto)

---

---

## CRATENSE EM DESTAQUE NA EUROPA

O Dr. George Roger Ribeiro Justo, filho do empresário Joaquim Justo e Nelzanir que está fazendo P. H. D. na Inglaterra, com apenas 28 anos, se projetou na Europa pelo brilhantismo como defendeu a sua tese de Doutorando.

Já percorreu vários países da Europa, a convite das universidades, quando seus trabalhos foram publicados em conferências Internacionais.

Em Hong Kong Dr. George foi aplaudido numa conferência e considerado o *Crâneo* da *Informática* onde foi capa de revista.

Em Londres fez um concurso concorrendo com (50) cinquenta Ingleses pra uma vaga e foi ele o vencedor sendo considerado uma inteligência rara no mundo.

Vem constantemente recebendo convites das melhores Universidades do Brasil que tomaram conhecimento do seu sucesso.



# J. Lindemberg de Aquino Eleito Sócio Correspondente do "Instituto do Museu Jaguaribano" de Aracati

O Jornalista J. Lindemberg de Aquino, do Crato, vem de receber a seguinte comunicação:

Aracati, 10 de Junho de 1992

A Diretoria do Instituto do Museu Jaguaribano, em sua sessão de 20 de Maio p. findo, por unanimidade de votos, resolveu eleger V. Sia. SÓCIO CORRESPONDENTE deste Instituto, no Município do Crato, em reconhecimento aos seus inegáveis méritos de destacado escritor e de articulista notável da imprensa cearense e como uma homenagem simples, é verdade, e sincera, desta mesma instituição ao cratense ilustre, ao proficiente Diretor da Revista ITAYTERA, do sempre lembrado ex-Presidente do Instituto Cultural do Cariri, do digno membro da Academia de Letras do Piauí e da Academia de Letras de Petrópolis e do cidadão exemplar que ora completa quatro décadas de patriótica atividade jornalística.

Julgamos ser do interesse de V. Sia. ter conhecimento de que o Parágrafo único do art. 14 do Estatuto desta agremiação recomenda que o sócio correspondente manifeste, por escrito, a aceitação de sua eleição, dentro do prazo de 3 meses, a contar da data do recebimento da comunicação de sua escolha.

Com os nossos votos de boas vindas ao quadro social do Instituto do Museu Jaguaribano, apresentamos a Vossa Senhoria as expressões da nossa mais alta consideração e distinguido aprêço.

Instituto do Museu Jaguaribano  
*Simão Regis Pierre Chanal* — Presidente

## OUTRAS ENTIDADES

O ex-Presidente do ICC é também sócio, por decisão das respectivas Diretorias, destas outras entidades:

Instituto Cultural do Vale Caririense — Juazeiro do Norte — titular, Cadeira 29

Instituto do Ceará — Fortaleza, sócio correspondente

Academia Piauiense de Letras — Terezina — sócio correspondente

Academia Uruguaiana de Letras — Uruguaiana, R. G. do Sul — sócio correspondente. —→

# Cratenses Imortais : Geógrafo de Castro e Silva

---

Geógrafo de Castro e Silva era filho de Antônio de Castro e Silva (nascido a 4 de Junho de 1817 e falecido aos 2 de Dezembro de 1851) e de D. Francisca de Paula Vieira de Gusmão Castro e Silva, esta, falecida em 13 de agosto de 1888.

Geógrafo nasceu em Crato aos 28 de Fevereiro de 1841.

Bisneto do capitão-mor, Antonio de Castro e Silva e de D. Custódia de Castro e Silva, portuguesa; neto de Inácio de Castro e Silva e de D. Rosa Maria do Nascimento.

Geógrafo assentou praça em 3 de Abril de 1886 e foi promovido a Alferes em 18 de Janeiro de 1868; a tenente em 17 de Novembro de 1869, a capitão em 31 de Janeiro de 1877, a Major a 17 de Maio de 1890, a Tenente Cel. a 6 de de Agosto de 1897 e a Coronel do Exército em 1898.

Tomou parte na Campanha do Paraguai, sendo citado por diversas ordens de serviço por atos de bravura. Casou-se em 28 de Junho de 1879 com D. Maria do Rosário Martins, de quem teve um filho, de nome Alfredo de Castro e Silva, nascido em 18 de agosto de 1881. Faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 18 de Maio de 1899.

Ele tem seu nome numa das ruas da Vila Lobo, mas quase nenhum cratense conhece sua vida cheia de heroismos e de glórias.

---

---

Academia Petropolitana de Letras — Petrópolis — RJ — sócio correspondente

Associação Cearense de Imprensa — sócio

Associação Cearense de Jornalistas do Interior — sócio, ex-Diretor É, ainda, J. Lindemberg, chefe do Escritório da Junta Comercial do Estado do Ceará, em Crato, é da Assessoria de Relações Públicas da Prefeitura do Crato e da Câmara Municipal de Barbalha, é correspondente da Tribuna do Ceará, de Fortaleza, e Rádio Progresso, de Juazeiro, e secretário-executivo do Rotary Club do Crato, CDL do Crato, Sindicato dos Lojistas do Crato, mantendo, ainda, coluna social diária na Rádio Educadora do Cariri.

É também o Diretor da Revista ITAYTERA desde o número 18, tendo sido dos seus fundadores. Foi Secretário, Tesoureiro, Secretário Geral e Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

# Vicente Leite

---

---

Vicente Rosal Ferreira Leite — era este o seu nome completo.

Nasceu no Crato, no dia 6 de Agosto de 1900, no sítio Bata-teira, arredores da cidade. Sítio que é hoje um próspero bairro com o mesmo nome, porque lá já chegou a urbs, na sua lenta, mas ininterrupta marcha desenvolvimentista.

Pais: Felix Ferreira Leite e Maria Rosal Ferreira Leite.

Felix Foguetreiro era a alcunha do genitor, pelo fato de fabricar ele, artisticamente, fogos de artifício com que animava as festas religiosas e cívicas da cidade e adjacências.

x x x x

Vicente Leite foi um artista do pincel de fama internacional.

Vale, perfeitamente, presumir que, vendo em casa, ainda em tenra idade, o esmero com que o velho se entregava ao seu officio pirotécnico, tenha o menino Vicente Leite se inclinado a ser também um artista. Um artista diferente e em outro sentido mais delicado, em outro estilo, mas, de qualquer maneira, denunciador da inclinação atávica para as superiores criações do espirito.

A natureza circundante em que nasceu e se criou, luxuriante e bela: os verdes canaviais dos brejos do Cariri, a majestosa silhueta da nunca assaz decantada Serra do Araripe, as águas murmurantes que brotam dos seus flancos inesgotáveis, — todo esse conjunto de cores, de sons e de harmonia deve ter calado, fundo, na imaginação primaveril do pintor, que o transportaria, tempos depois, na magia de sua arte, às telas deslumbrantes que deixou.

Aquela linda paisagem de sua autoria intitulada "SOLITUDE" — Jardim Botânico — que se encontra em quadro exposto no Museu que tem o seu nome, em Crato, bem pode ter sido inspirado não no famoso recanto carioca, mas uma possível transposição, ou transplante como se diz hoje, de algum bosque encantado de sua gleba natal, que lhe teria ficado para sempre gravado nos longes das suas doces reminiscências. A hipótese é cabível.

Ainda alcancei ali, anos atrás, entre os sítios Retiro e Bata-teira, onde agora se ergue o Hospital Manuel de Abreu e as ruas

vão galgando os morros, densos bosques de frondosas árvores, na contemplação das quais, no começo deste século,, que foi o da infância do pintor, pode este ter se inspirado, guardando nos recônditos da memória a paisagem majestosa, corporificando-a, na fase áurea da sua criatividade, na "SOLITUDE" ou em outra qualquer das suas magníficas produções artísticas.

Fatos, episódios por nós observados, ou mesmo vividos nos verdes anos, surgem, ou podem surgir, muitas vezes, de inópino, na madureza da vida, com a mesma nitidez como se estivessem acontecendo no momento presente.

x x x x

Pais pobres, humildes, não encontrava Vicente Leite em casa as condições necessárias à satisfação de sua sede de saber. Emigrou para Fortaleza, onde poderia encontrar meios mais propícios à sua expansão artística. O Presidente do Estado — João Tomé de Saboia e Silva, — ciente do valor do moço, concedeu-lhe uma pensão, e ele, com essa ajuda, seguiu para o Rio, ali se dedicando de corpo e alma aos seus estudos prediletos.

Os nossos governos, no entanto, têm a mania destestável de desfazer ou interromper tudo aquilo de bom que os seus antecessores fizeram ou iniciaram. Os exemplos são inúmeros. A descontinuidade administrativa, de fato, tem sido a causa maior do nosso atraso. No campo educacional, então a incúria, o desleixo é revoltante.

O interior do País continua a ser o grande desprezado. Há dinheiro para tudo nas Capitais: prédios públicos suntuosos, monumentos faraônicos, feitos muitas vezes sem necessidade alguma, só para armar o efeito. Continua a civilização de caranguejo, de que já falava Frei Vicente do Salvador no começo da nossa História.

Enquanto isto, por cá, por estes sertões que são também Brasil, ou, principalmente, o verdadeiro Brasil, alguma realização que existe de fonte oficial, mesmo assim sem maior expressão, foi obra de caridade, de emergência, ou de esmola.

Há mais de 30 anos foi iniciada em Crato a construção de um Ginásio Coberto, destinado sobretudo à juventude escolar. Os anos vão passando e a obra continua, ou permanece, na estaca zero.

Por último, ou mais ou menos há dois anos, o Ministério da Educação passou a direção dos trabalhos à Universidade Regional do Cariri (URCA), obrigando-se, todavia, ele próprio a custear os serviços.

Neste sentido, porém, até agora não se moveu uma palha sequer, quanto mais ferro e cimento... As verbas não vêm. Os pilares existentes continuam com os seus esqueletos erguidos para o alto, numa atitude de súplica sem resposta...

X X X X

A ajuda concedida a Vicente Leite por João Tomé foi suspensa pelo seu sucessor. Agora, sem a ajuda, viu-se ele amparado apenas pela sua própria inquebrantável força de vontade. Enfrentou a duras penas a caminhada que o levaria à glória.

Fez concursos com aprovação, ganhou medalhas, prêmios de viagem pelo Brasil e pelo velho mundo, não realizando, porém, esta última em virtude da deflagração, concomitante, na Europa, da chamada Grande Guerra.

Bruno Menezes e João Lindemberg de Aquino enaltecera-lhe a vida e a obra.

O primeiro em "VICENTE LEITE — Glória da Pintura Brasileira" — sugere e advoga para o conterrâneo a ereção de um busto numa das Praças do Crato. Ainda não foi erguido.

E o segundo em "ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO" :

"No Rio cursou com brilho a Escola Nacional de Belas Artes, o marco decisivo para o aperfeiçoamento de suas habilidades de paisagista.

Um dos seus quadros mais belos reflete a beleza das praias cearenses com os coqueiros balançando as verdes copas à brisa marinha. Comungou com a natureza, dela retirando quadros inesquecíveis, de suprema magia, de coloridos verdadeiramente extasiantes".

Vítima de pertinaz enfermidade, Vicente Leite faleceu no Rio a 14 de Outubro de 1941.

O seu sepultamento foi uma verdadeira consagração.

O Crato não lhe deu ainda, como disse, o busto sugerido por Bruno de Menezes, mas perpetua-lhe a memória no MUSEU DE ARTE VICENTE LEITE, à Praça da Sé, e numa das suas principais ruas.

*RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES*

(Do livro "O CRATO INTELECTUAL — Dados bio-bibliográficos"  
— Em preparo).

# A Criação da Vila de Aracati e a Praça Cruz das Almas - (I)

---

Uma das leis municipais que integram o Plano Diretor de Aracati, de 1960, e aprovam as normas de sua orientação e controle estabeleceu a Zona de Preservação da cidade — um retângulo pelas ruas Cel. Alexandrino e Santos Dumont (esta ao longo do Rio), envolvendo em suas extremidades a Igreja Matriz e sua praça (ao norte) e a Praça Cruz das Almas (ao Sul), tendo ao centro, no sentido norte-sul, uma terceira via, a Rua Cel. Alexanzito (antiga Rua Grande).

ACERVO CULTURAL AMEAÇADO. Não obstante, continuam acintosas as agressões ao patrimônio que se quis preservar. Chegou ao conhecimento do Instituto do Museu Jaguaribano que unicamente no exercício de 1989, mais oito prédios desse conjunto urbano arquitetônico foram sacrificados; seis, na Rua Grande e dois, na Rua Cel. Alexandrino, além do ato de desrespeito do BNB ao esforço da comunidade no sentido da preservação da harmonia desse acervo de arquitetura colonial, ao edificar o prédio-sede de agência em estilo que se não coaduna com a linha de dignidade daquela ambiência.

Ao tempo da instituição de mencionado Plano Diretor, via-se nos muros de vários pontos da cidade esta frase, em grandes letras: "Aracati, os monumentos que ainda restam te saúdam".

Esta exclamação refletia (embora utilizados meios reprováveis, como a "pichação"), refletia, repetimos, clara reprovação de segmentos da sociedade a certa prática absurda de tentar separar Aracati de seu passado tradicional, usando o "eufemismo enganoso de sua modernização".

A vocação da cidade, no entanto, é ser "destaque nacional pela sua arquitetura e herança cultural", que deverá ser mantida se não desejarmos vê-la "cair ao baixo nível de outras cidades brasileiras que já perderam sua identidade e sua memória".

**PRAÇA LOTEADA.** Nessa época tinha início o torpedeamento da Praça que tivera a primazia, a glória, a honra de ser palco da solenidade para a ereção à Vila do "Lugar Aracati, Porto de Barcos do Rio Jaguaribe", "em obediência à ordem do muito alto e poderoso Senhor Dom João, o quinto Rei de Portugal"; Praça que assistira ao nascimento oficial da Vila, na presença do "Ouvidor Geral da Comarca do Ceará Grande", "o Doutor Manuel José de Faria e o Escrivão da Ouvidoria, Veríssimo Thomas Perera", aos 10 de fevereiro de 1748.

Ganhava corpo a investida predatória que, então, começava a atingir a Praça Cruz das Almas, recanto da cidade que, em 1901 pelo historiador Antônio Bezerra fora colocada entre "as belas praças da cidade" (Almanach do Ceará, para 1902, p. 134). Certo também é que há cerca de dez anos era ela uma das maiores de Aracati, talvez com as dimensões originárias.

**MENOSCABO À MEMÓRIA DA CIDADE.** Considerado núcleo populoso e lugar de negócios em pleno desenvolvimento, o povoado de São José do Porto dos Barcos foi elevado a Vila, por Alvará de D. João V, datado de 11 de abril de 1747, passando a chamar-se Vila de Santa Cruz de Aracati, Porto de Barcos do Rio Jaguaribe, por existir no local uma Cruz, in memoriam. E o Senado da Câmara adotou como estandarte da Vila "pano de damasco vermelho tendo no centro uma tarja apresentando de um lado as armas reais e do outro uma cruz por serem estas as armas da Vila".

Como vemos, o que hoje acontece com esta Praça é, no mínimo, um menoscabo à memória da Cidade.

**CENTRO COMERCIAL AGITADO, PALCO DE CONTENDAS.** Quando o Capitão-Mór da Capitania do Ceará D. Francisco Ximenes de Aragão, em 8 de janeiro de 1743, enviou correspondência a D. João V, por intermédio do Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco, renovado posteriormente a 24 de julho de 1744, inserindo em seu contexto representação do Ouvidor Geral do Ceará Manuel José de Faria, na tentativa de demonstrar a imperiosa necessidade de se assegurar que naquele lugar da foz do Rio Jaguaribe, onde "todos os anos muitos barcos ali vão carregar carnes"... "assistisse um Juiz Ordinário com um Tabelião da Vila de Aquirás, enquanto os mesmos barcos se detivessem naquele porto, para se evitar desordens que ali se cometiam" (G. S. Nobre, Oficinas de Carnes do Ceará, p. 69); esse fato deixa patente que tal atividade saladeril já existia e em franco desenvolvimento, em tempos mais recuados, anteriores

ao da criação da Vila (11.04.1747).

A este propósito ("os contínuos distúrbios e de quando em vez assassinatos, por ocasião da estadia de barcos no porto"), refere Antônio Bezerra (Ob. cit. p. 142) que o Governador de Pernambuco, já em 8 de setembro de 1739, havia proposto ao Rei de Portugal a ida de um destacamento de 50 praças para Aracati e a mudança da Vila do sítio de Aquirás para ali, sem contudo obter a autorização pleiteada.

Na verdade, acredita o professor Geraldo da Silva Nobre (Ob. cit. p. 119) que "o abate e salga, dando origem às oficinas de carnes do Ceará" datam provavelmente do "ano de 1707, em uma atividade que foi crescendo na medida da conquista do mercado mais próximo, o de Pernambuco".

Ao ser erigida em Vila, Aracati "já apresenta uma certa ascendência sobre os pontos circunvizinhos". E "sua importância, diz Antônio Bezerra, provinha principalmente do comércio de carnes" (Ob. cit. ps. 133 a 151).

## A Criação da Vila de Aracati e a Praça Cruz das Almas-(II)

Por fim chegou a notícia auspiciosa de que as sugestões do Ouvidor Geral do Ceará, contidas em sua carta de 4 de maio de 1744, anexada à correspondência do Capitão-Mor Dom Francisco Ximenes de Aragão foram levadas na devida consideração pelo Conselho Ultramarino que, em seu Parecer, não somente se manifestou favorável a designação de um Juiz Ordinário para o Porto dos Barcos do Rio Jaguaribe, como foi mais longe, opinando "que se mandasse fundar uma Vila em este Porto de Aracati", encarregando desse mister, o Ouvidor acima apontado e "ordenando-lhe... passe logo ao dito porto e escolha sítio que sendo mais livre das inundações do rio, fique commodo, assim as embarcações e forasteiros que vão nelas commerciais, como aos moradores da dita villa" (G. S. Nobre, Oficinas de Carnes do Ceará p. 70).



O Parecer do Conselho Ultramarino tinha a data de 12 de novembro de 1746 e o despacho de Sua Majestade. aprovando-o, a de 11 de abril de 1747.

**AS RECOMENDAÇÕES DO PARECER DO CONSELHO.**  
Este documento é bem explícito quanto à Praça em referência: "... escolhido o dito sítio... ao longo do rio... demarque em primeiro lugar a área que há de servir de praça com tal proporção que não padeça o defeito de acanhada... ainda que a dita Villa tenha o aumento que se espera;... no meio da dita praça levantará o Pelourinho e aos lados dela ficarão os edifícios públicos, como casa da Câmara, cadeia e mais oficinas que forem necessárias... "(A e ob. cit. p. 70).

Percebe-se aí, a participação de súbditos dotados de alto espírito público e superior visão administrativa, na elaboração do documento no qual foram registradas, além destas, outras prudentes e sensatas indicações aos futuros gestores da Vila nascente, preocupados, frisavam com o bem estar, com o "commodo de seus moradores", tanto quanto com o "commodo do tráfico e uso do país".

**A PRAÇA CRUZ DAS ALMAS.** Na sua ata da instalação da Vila lê-se este registro: "e sendo ali chegado as casas do Coronel Domingos Tavares mandou fincar uma grande carnhuba pera do lugar em que esta se por se cordiar por rumos diretos o lugar que havia de servir de praça a mesma villa e depois de posto o dito marco mandou (o Ouvidor Geral) deitar o rumo da agulha de marcar e cordiando a lessueste com sincoenta e oito braças e meia ao fim delas em pouca distância de humas cazas que se disse eram de Dona Rosa se mandou fincar otra carnhuba da qual virando o rumo ao sul sudueste se foi correndo a corda com sento e sinco braças no fim das quais se mandou levantar otra carnhuba donde seguindo o rumo de alues noroeste com otras sincoenta e oito braças e meya no fim delas se meteo outro Marco de carnhuba que fica... com o primeiro que se meteo junto as cazas do Coronel Domingos Tavares e desta sorte ficou fixada a prassa com figura quadrangular, e seguindo o rumo do nordeste que lhe faz face pela parte do rio e chegando ao meio dele com cinquenta e duas braças e meya se botou o rumo de lessueste a buscar o meyo da praça demarcada com vinte e nove brassas e huma coarta honde se designou o lugar de Pillourinho etc". (Paulo Santos, Formação das Cidades do Brasil Colonial, p. 45).

Catorze dias depois a 24 de fevereiro de 1748, no lugar assinalado (centro da praça), "levantou-se o Pelourinho de tijolo,

barro e cal, tendo em cima no remate coatro brassas de ferro com suas argolas na ponta vindo a ter desde o pedestal athe o remate vinte palmos, e a 26 foi demarcado o lugar para casa da câmara e cadeia, dando-se-lhes para isso quinze braças de terreno" (A e Ob. cits. p. 45).

Inequívoca é a mutilação do patrimônio cultural da cidade. E, sem sombra de dúvida, o remédio para a erradicação desse mal quando causado por particulares está nas mãos da autoridade mais próxima que, infelizmente se vem omitindo de modo estranho, infenso àquelas sábias e tão claras indicações dos fundadores da Vila.

Assume porém, gravidade maior o problema, quando o ato predatório parte da própria autoridade a que, por lei competia o dever de proteger o bem descaracterizado ou destruído.

**OCORREU EM 1990 O QUE SE TEMIA EM 1774.** O que naquele tempo receavam o Ouvidor Geral do Ceará Manuel José de Faria, o Capitão-Mor Francisco Ximenes Aragão, os membros integrantes do Conselho Ultramarino e Sua Majestade Dom João V, tanto que recomendaram de modo expresso: "a área que há de servir de praça seja demarcada com tal proporção que não padeça o defeito de acanhada", infelizmente aconteceu em nossos dias.

Cumprida fielmente pelos fundadores da Vila, a recomendação aqui apontada foi sendo vilipendiada pelos seus sucessores.

A maior de todas, a Praça Cruz das Almas, é hoje a menor. Reduzida a um mínimo minimorum, padece em 1990 do temido defeito (em 1747) de acanhada, se é que ainda poderia ser chamada de praça, tendo além, do mais a empanar-lhe a visão, três vagões-lanchonetes e uma barraca de palha justapostos e a par disso um tosco banheiro de alvenaria em flagrante atentado às normas de um equilibrado urbanismo — o que lastimavelmente não atende a "formosura do aspecto público", nem "utilidade desejada em a formosura da vila", singular aspiração também dos camaristas da época de sua criação e instalação.

Instalada em 1748 com 6.090 braças quadradas, a Praça Cruz das Almas está reduzida, hoje em 1990, a 110m<sup>2</sup>, numa estimativa otimista.

A sociedade atual orgulha-se do acervo cultural que lhe foi transmitido por gerações passadas e os seus gestores não podem contemporizar impunemente com aqueles que o mutilam ou arruinam.

# D. PEDRO II

(POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DE SUA MORTE)

---

Raras são as ocasiões em que D. Pedro II é lembrado. E, no entanto, sua grandeza merecia muito mais do povo brasileiro. Aproximando-se a data do centenário de sua morte, 5 de dezembro deste ano, é chegado o momento de, novamente, trazer-mos à nossa memória a figura, tantas vezes virtuosa, de nosso último Imperador. E só sobre essas virtudes alongar-nos-emos, deixando a atuação de D. Pedro no cenário político para outros memorialistas, que não hão de faltar.

Senso de justiça, honradez, extrema bondade, tolerância, simplicidade, liberdade, generosidade, equilíbrio, cultura, amor aos estudos e ao progresso, patriotismo são as virtudes que, conforme o republicano Valentim Magalhães, fizeram de D. Pedro II "honra de sua Pátria e de seu século".

Este é um leque de virtudes que não são, propriamente, as do herói que tem a sua principal característica no impulso para a ação transformadora de uma situação indesejável em uma outra, adequada aos ideais de seu povo. Mas são as que melhor se ajustam à personalidade daquele outro herói, o que, contínua e incansavelmente, as aplica todas a um único fim: o progresso e a felicidade de sua Nação. Tal foi D. Pedro II.

A História Universal conserva melhor em sua memória os que pretenderam fazer a felicidade de suas nações pela vitória de suas hostes guerreiras. Assim foram os cézares e os napoleões. Todavia, maior glória alcançam aqueles que, não por impulsos intermitentes da inclinação bélica, mas pelo contínuo exercício de suas virtudes cívicas, promoveram, de modo muito mais feliz, o progresso de seus povos. Entre estes brilha, inexcelsivelmente, D. Pedro II.

Ele foi grande em todas as suas virtudes. A primeira que manifestou foi o amor aos estudos. Desde cedo teve tendência para a literatura, a filosofia e as ciências, o que conservou durante

toda sua vida. Sempre foi seu desejo, muitas vezes satisfeito, manter proveitosas conversas com escritores, filósofos e cientistas, tais como Victor Hugo, Nietzsche, Pasteur, inventores como Graham Bell e muitos outros. Os conhecimentos que adquiriu, graças à sua incansável curiosidade intelectual, eram enciclopédicos. Ainda na adolescência, além das matérias tradicionais dos primeiros anos e das artes que sua pauta de estudos lhe impunha (música, pintura, equitação, esgrima, dança), enfronhava-se na astronomia, física, biologia, etnografia, política, administração pública, economia política, direito público e internacional. Os idiomas formam um capítulo à parte. Era poliglota: falava fluentemente francês, inglês, espanhol, italiano e alemão. Conhecia o latim e o grego. Desenvolveu conhecimentos do sânscrito, hebraico, árabe e, também, do guarani.

D. Pedro II fez três viagens à Europa (todas por sua conta), sempre com o intuito de se instruir. Era conhecido por sábio entre os homens de letras e de ciências e por eles admirado. Ouçamos Gladstone, o ínclito estadista e parlamentar inglês: "Esse Imperador é um modelo para todos os soberanos do mundo, graças à sua dedicação aos seus altos deveres. Atualmente, percorre o mundo, empregando seu tempo em adquirir conhecimentos de todo gênero, dos quais saberá tirar proveito na volta à Pátria, onde continuará a ser o promotor do bem estar e felicidade de seu povo. Eis aí o que eu chamo um grande soberano, exemplo e benção para o seu País".

À sua inteligência e cultura aliava D. Pedro II extrema e reconhecida bondade. Traduzia-se pela sua generosidade material, a que socorre os pobres, e sua generosidade espiritual, aquela que desconhece o rancor e a vingança, virtudes essas reconhecidas por todos os seus contemporâneos. Ouçamos Gonçalo Moniz, em seu opúsculo "D. Pedro, o Bom", transcrito no volume 195 (abril/junho 1947) da Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro: "D. Pedro II possuía caráter eurrítmico, temperamento sintônico. Daí a sua invariável calma e serenidade, a sua assaz estável emotividade. Isento de paixões intensas, incapaz de qualquer violência, nunca por ele praticada. Jamais ninguém lhe viu assemos de cólera, explosões de mau humor. Falava sempre a todos, assim aos mais humildes como aos colocados nas mais altas hierarquias sociais, com a maior brandura, a mais fina polidez, a mais franca e lhana afabilidade. O ódio, a vingança eram sentimentos totalmente ausentes do coração do magnânimo brasileiro".

Inexcedíveis eram o altruísmo, a liberdade, a generosidade de D. Pedro II. De seu bolso concedia pensões a estudantes pobres

e subvenções a escolas e instituições, quer de caridade, quer literárias ou científicas. Para a construção da sede do benemérito Instituto Pasteur, de Paris, concedeu doativo particular de cem mil francos. Eis porque na sala da biblioteca daquela instituição está o seu busto de mármore. Aos sábados, recebia, na varanda do palácio da Quinta da Boa Vista, sem prévia marcação de audiência, a quem lhe quisesse falar. A maioria era de necessitados, a quem acolhia com bondade, socorrendo-os com dinheiro de seu bolso. Esta generosidade estendia-se, também, aos talentos sem meios para se aperfeiçoar. Como exemplo, além de muitos outros, temos Carlos Gomes, na música, Pedro Américo e Victor Meireles, na pintura, que, além de auxílios oficiais, justificados pelo interesse das artes no Brasil, contaram, também, com a ajuda particular do soberano. Durante a guerra do Paraguai, D. Pedro II destinou um quarto de sua dotação às despesas de guerra. A tanto ia o seu desprendimento, o seu patriotismo.

O segundo imperador era irreprensível em suas relações com os republicanos. Sua tolerância causava espanto até aos mais íntimos. Nunca deixou de nomear republicanos para cargos de seu provisionamento, desde que, pelos seus méritos, fossem os mais indicados. Não só não permitia qualquer discriminação contra eles, como lhes oferecia segurança quando autoridades subalternas pretendiam dificultar suas atividades. A propaganda republicana era livre. Não a temia. Mas costumava dizer: "Se os brasileiros não me quiserem para seu imperador, irei ser professor".

D. Pedro II era de grande modéstia e simplicidade. Sempre se esquivou do fausto e da ostentação. Recusava, sistematicamente, homenagens e glorificações, a não ser as estritamente protocolares. Abrimos espaço para Oliveira Torres no seu resumo da "História do Império": "A Família Imperial brasileira, em todos os tempos, vivia com grande simplicidade e discrição. Os príncipes viviam sem qualquer aparato ou pompa. Muitos criticavam os costumes por demais simples e modestos da família imperial. Os visitantes estrangeiros, acostumados ao rigoroso protocolo das cortes europeias, estranhavam os modos simples do Imperador do Brasil, cujo estilo de vida era mais modesto do que o de muita gente rica da Europa".

Não há no País estátuas ou bustos de D. Pedro II, a não ser em recintos fechados, e pouquíssimos. No entanto, não faltaram iniciativas para o erguimento delas. O Imperador, sistematicamente, se opunha. Como ocorreu em 1870, quando, em regozijo pela vitória contra o Paraguai, a Associação Comercial do Rio

de Janeiro fez uma coleta pública com aquela finalidade. D. Pedro recusou, como sempre, e fez aplicar o dinheiro na construção de três escolas, uma das quais ainda conserva o mesmo nome: a Escola Gonçalves Dias, ao lado do Colégio Pedro II, no Campo de S. Cristóvão, no Rio de Janeiro. (Que diferença do culto desenfreado dos governantes, que ocorre hoje nas chamadas "repúblicas populares").

Integérrimo e desprendido foi D. Pedro II em questões de dinheiro. Por ocasião da Maioridade, a chamada "lista civil" do imperador era de 800 contos anuais, para cobrir não só as despesas da família imperial como a dos palácios e seus funcionários. Esta dotação permaneceu a mesma durante todo o 2º Reinado (49 anos), por decisão de D. Pedro, mesmo depois que o Corpo Legislativo triplicou os próprios subsídios, alegando que eram os mesmos desde a Constituição de 1824, quando o país ainda se refazia da crise financeira de 1821. As três viagens que o Imperador fez ao Exterior, foram custeadas com recursos pessoais, tendo, por ocasião de uma delas, recorrido a empréstimos.

D. Pedro II recusou, indignado, por ocasião de seu exílio, a quantia de cinco mil contos, que lhe foi oferecida pelo governo provisório da república, embora tivesse partido pobre, como nos relata Magalhães de Azeredo: "Quanto ao desinteresse pessoal de D. Pedro II, desafia qualquer comparação e excede qualquer louvor. Em meio século de reinado, esse estoico não cogitou de ajuntar para si e os seus a mais medíocre fortuna, de confiar capitais a bancos nacionais ou estrangeiros. Todo o valor da sua lista civil, que não era suntuosa, ele o despendeu, deduzidos os gastos de subsistência e representação (e sua corte era a mais simples das cortes), em obras de utilidade pública e de caridade, auxílios e iniciativas beneméritas, pensões a escritores e artistas de talento, a famílias necessitadas. Não admira, pois, que, ao ser proclamada a república, ele se achasse literalmente pobre, exemplo único nos anais da realeza!"

E foi por causa dessa recusa, que os homúnculos da república, assombrados com tanta dignidade, que não podiam entender, parecendo-lhes, por isso, uma afronta, vingarem-se, decretando: "É banido do território brasileiro o Sr. D. Pedro de Alcântara e com ele sua família". A perversidade do episódio fica abaixo de qualquer comentário. (Colhido em Herculano Gomes Mathias, em seu pequeno livro "D. Pedro II").

Se fossemos prosseguir na citação de todos os justos elogios que se fizeram a D. Pedro II, precisaríamos de muitos volumes.

Contudo, é esta a melhor maneira de bem conhecermos o Imperador. De tal sorte que encerraremos o rol com dois autores que nos darão, um (Ronald de Carvalho), uma idéia síntese do Homem, e outro (Affonso Celso), um retrato sumário, mas correto e eloquente do que era o Brasil de D. Pedro II.

Ronald de Carvalho: "O Segundo Império no Brasil é a época das verdadeiras liberdades. Em toda a América Latina nunca houve presidente mais democrático que o nosso Imperador. Esse homem, de gravidade sem aspereza, que provava, nos quartéis, a razão dos soldados, que, em suas audiências públicas, recebia a todos os que o procuravam e a mão de todos apertava, erguia-se tão alto acima dos preconceitos que, como escreveu Ferrero, perdera, na filosofia e no saber, "a consciência da monarquia". Rodeado de poetas e doutores, a nobreza que mais distinguiu e amou foi a da inteligência. Grande parte dos nossos barões e dos nossos condes, foi ele buscar entre os letrados e os cientistas. Seu caráter era inflexível em pontos de honra. Um simples deslize, que perdoadaria nas classes humildes, castigava duramente nos representantes da aristocracia, que tinham que pautar seus atos pela mesma honradez que ditavam os do Imperador".

Affonso Celso: "O Império foi a fase áurea do nosso evolver. No decurso dela, inúmeros degraus galgamos na escada da civilização. Éramos um povo respeitado e forte. As velhas nações poderosas nos designavam como juiz em suas contendas, curvando-se à nossa decisão. Nosso crédito emparelhava com o dos mais prósperos e felizes. Iluminavam-nos principalmente a máxima liberior interior tínhamos paz, ordem, moralidade, garantias. Invioláveis os direitos dos cidadãos. Dominante a opinião pública. Vivíamos prósperos e felizes. Iluminavam-nos principalmente a máxima liberdade, a tolerância absoluta. Éramos a consoladora exceção da América Meridional".

## Deposição e Exílio — A Grande Injustiça

A virtude da generosidade e do perdão teve o Imperador em altíssimo grau na sua deposição e exílio. Foi D. Pedro II intimado por Deodoro, em documento brutal e calunioso, a deixar o País em vinte e quatro horas. Deveria embarcar de noite. Tomado de espanto, exarou D. Pedro o único queixume que se permitiu em todo o episódio: "Mas embarcar de noite? Não vou. Não sou

nenhum fugido. Retirar-me-ei do Brasil, porém de dia". Presente o barão de Jaceguai, convenceu-o, conciliatoriamente, dizendo-lhe que "a hora indicada parece a mais conveniente". Escreveu, então, D. Pedro o bellissimo documento que bem reflete a sua alma generosa:

"À vista da representação que me foi entregue hoje, às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir com toda a minha família para a Europa, deixando esta pátria de nós estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação durante quase meio século, em que desempenhei o cargo de Chefe do Estado. Ausentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade".

E já a bordo, rumo ao exílio, declarou: "O meu maior desejo é ter notícias, na Europa, de que tudo se passou sem derramamento de sangue".

E a 2 de dezembro, sendo seu aniversário comemorado a bordo, ergueu sua taça, dizendo: "Brindo à prosperidade do Brasil".

No exílio, em Paris, dizia ao Conde de Affonso Celso: "Amo os brasileiros como sempre e sempre os amarei. Quem me dera acabar meus dias entre eles". E mandou trazer um punhado de terra do Brasil, colocando-o sob o travesseiro, para repousar a cabeça sobre um torrão de sua Pátria. É o que disse em seu soneto "Terra do Brasil":

"Perdida é para mim toda a esperança  
De volver ao Brasil; de lá me veio  
Um pugilo de terra; e nesta creio  
Brando será meu sono e sem tardança".

Manifestou-se o desprendimento de D. Pedro II de forma perfeita em seu exílio. Recusou hospedagem oficial em palácios de Lisboa, preferindo morar, às suas custas, no hotel Bragança. A mesma coisa aconteceu na cidade do Porto, onde, no Grande Hotel, faleceu a ex-Imperatriz D. Teresa Cristina, outra grande dor a somar-se aos sofrimentos do exílio. Antes, havia recusado residir em Viena, convidado que fora pelo Imperador Francisco José, preferindo morar em Paris, no modesto Hotel Bedford, da rua de l'Arcade. E seus recursos financeiros chegavam ao fim, forçando-o a recorrer a empréstimos feitos pelo capitalista português, Visconde de Alves Machado.



Naquele hotel, faleceu o grande brasileiro em 5 de dezembro de 1891. Antes de ser o corpo levado para a sepultura em São Vicente de Fora, Lisboa, recebeu, de parte do governo francês, honras fúnebres de Chefe de Estado, em solenes funerais.

Jornais de Paris publicaram amplos necrológicos. Vejamos trechos de alguns. "Le Figaro": "As tristezas do exílio tornaram esta majestade duas vezes sagrada para nós. Consumiu a vida inteira no estudo, nas reformas e no amor do seu país."; "Le Petit Journal": "Pode-se dizer que tudo quanto seja de generoso no Brasil, de há 50 anos para cá, foi inspirado por ele. Apesar de tantos serviços que prestou foi destronado por uma rebelião militar no Rio de Janeiro".

Sobre a deposição e exílio de D. Pedro II escreveu o republicano Valentim Magalhães as seguintes emocionantes e justíssimas palavras: "A desgraça é o crisol dos fortes, é a pedra de toque dos heróis. Ver-se improvisadamente despachado do fastígio do poder e das honras ao abismo sombrio e gélido da deposição e do banimento, sem um queixume, sem um protesto, nenhuma palavra de irritação; atravessar, calmo, digno, impassível rigores, desdêns, ingratidões e afrontas é força, é grandeza, é heroísmo de que raros exemplos nos conta a História e de que basta um só para honrar uma Pátria e assombrar um século".

Eis por que pôde D. Pedro dizer:

"Serenamente aguardarei no meu jazigo

A justiça de Deus na voz da História".

E dizemos nós, com o Visconde de Taunay:

"D. Pedro II honrou a humanidade inteira".

E foi contra este Homem, aureolado de tão grandes virtudes, como o mundo inteiro reconhece, que se voltou, de forma indigna, aquele pequeno grupo de exaltados, completamente desligados do sentimento nacional. Não só D. Pedro II, mas toda a Nação, toda a Humanidade foi atingida pelos acontecimentos do nefasto 15 de novembro de 1889.

Mas, agora, apresenta-se a nós, brasileiros, a última oportunidade, em todas as nossas vidas de repararmos a GRANDE INJUSTIÇA.

Se este for o nosso desejo, a única e efetiva ação que nos cabe é votar pela Monarquia no plebiscito de 1993.

Rio de Janeiro, 1991.

# **Sarah Cabral no Conselho Estadual de Educação**

Por ato do Governador do Estado, Ciro Ferreira Gomes, foi nomeada para integrar o colegiado do Conselho Estadual de Educação a professora cratense Sarah Cabral, com uma larga tradição na vida educacional da cidade e da região. A nomeação provocou euforia na população cratense.

Maria Sarah Esmeraldo Cabral é professora diplomada, tendo, também Curso Superior na antiga Faculdade de Filosofia do Crato. Prestou serviços em diversos setores da Diocese e da Fundação Pe. Ibiapina. Na Universidade Regional do Cariri exerce, atualmente, as funções de Pro-Reitora, prestando inestimável cooperação àquela Universidade.

A ilustre intelectual conterrânea deverá, dentro de mais algum tempo, empossar-se na Cadeira nº 5, do Instituto Cultural do Cariri, na vaga aberta com o desaparecimento de D. Lourdinha Esmeraldo, Cadeira que tem como Patrono Monsenhor Pedro Esmeraldo.

---

---

## **Perenes Amigos do I C C**

Na relação dos amigos e colaboradores do Instituto Cultural do Cariri, muitos nomes são perenes. Nunca nos negaram sua ajuda.

Podemos ressaltar, dentre outros, Dr. Napoleão Tavares Neves, Madre Feitosa, Dr. Cleidson de Araujo Rangel, Simeão Luna Machado, Dr. Osmar Nicodemos, Dr. Carlos Barreto, Francisco Vasconcelos, José de Alencar Bezerra, Zenith Feitosa, José Vasconcelos (Muricy), Valdelice Alves, Dr. Wellington Alves, Audálio Dantas, Eneas Athanásio, Edson Queiroz Filho, Cel. Humberto Bezerra, Anibal Couto Gondim, etc. Existem muitos outros, ainda.

A todos, nosso eterno reconhecimento.

---

---

## **Tipografia e Papelaria do CARIRI**

onde a sua IMPRESSÃO causa uma boa impressão . . .  
RUA DR. JOÃO PESSOA, 386 - TEL. 521-1223 - CRATO-CE

# CÂMARA CASCUDO E O CONDE D'EU

"Há nos trabalhos de você dois erros que em assuntos técnicos, me parecem fundamentais, a falta de paciência e o desprezo da medida. Me explico. O desprezo da medida, aliás, em grande parte deriva da nossa pobreza de bibliografia. Vou dar exemplos do seu descomedimento: a sua monografia sobre o Conde D'Eu.

Mas franqueza, porque você atacou um assunto tão desimportante, uma figura de nenhum alcance fundamental pra pesquisar, tantos dados e dadinhos sobre ela!"

(Carta de Mário de Andrade a Câmara Cascudo de 9 de julho de 1937, Obras de Mário de Andrade, vol. 24, Vila Rica, Belo Horizonte, 1991, pág. 147).

Há precisamente sessenta anos, a Editora Nacional de São Paulo, responsável pela Biblioteca Pedagógica Brasileira, lançava o vol. XI da série V da coleção Brasiliana, sob o título "O CONDE D'EU".

O autor era um jovem polígrafo potiguar, que aos trinta e quatro para trinta e cinco anos, já havia produzido intelectualmente em vários campos, deixando claro aos críticos de boa fé, que era um espírito vocacionado para o jornalismo circunstancial, para a história e para as ciências humanas.

Moço irrequieto, buscando incessantemente seu rumo na vida, Luis da Câmara Cascudo, deixou um dia sua cidade do Natal para estudar no Rio de Janeiro, onde se enturmaria com a intelectualidade da época, privando dos delírios ambulatórios de Lima Barreto, no limiar dos anos vinte, pouco antes do desaparecimento do autor de Policarpo Quaresma. Depois, na Bahia, Cascudo tentara o curso de Policarpo Quaresma. Depois, na Bahia, Cascudo tentara o curso de Medicina e, no Recife, completaria afinal a Faculdade de Direito.

Doze anos antes de ver seu livro lançado pela editora paulista,

Câmara Cascudo, já se correspondia com o Conde d'Eu, com quem planejava escrever ousado trabalho sobre a participação do marido da Princesa Isabel na última fase da Guerra do Paraguai. Baldou-se-lhe o intento, por força da morte do Conde a 28 de agosto de 1922, quando o velho Marechal fazia viagem ao Brasil para participar das festas do centenário da Independência.

A frustração pela impossibilidade de realizar seu projeto sobre a famosa campanha da Cordilheira de 1869 principiou-os de 1870, deve ter compelido o jovem Câmara Cascudo a escrever uma espécie de livro de consolação sobre o principal protagonista da referida campanha. Livro de amor, Livro de resgate de uma personalidade que poderia ter dado muito ao Brasil, se este estivesse à altura de sua nobreza e de suas leais intenções. Livro de restauração da verdade, sobre uma das figuras mais incompreendidas e injustiçadas da nossa pobre história. Livro corajoso porque ousou trazer a lume um rerato de corpo inteiro do Conde d'Eu, de seus antecedentes genealógicos ao protagonizador de eventos que marcaram fundo a nossa memória. Livro suculento, a revelar nos seus trinta e poucos anos o sociólogo Luis da Câmara Cascudo, consagrado na Sociologia do Açúcar, obra madura dos anos setenta.

Enfim, a erudição, a fina sensibilidade, o caráter, o espírito de justiça, a grandeza de alma, alinhavados por um estilo inconfundível, juntaram-se em Mestre Cascudo para produzir "O Conde D'EU", obra que a Brasileira lançou para integrar sua biblioteca sobre os grandes temas nacionais, hoje orçada em cerca de quatrocentos volumes.

Mas o rastilho de malquerença que, outrora nunca abandonara a figura do Conde, acabou atingindo o autor do livro, que, entre outras farpas, colheu as que lhe mandara de São Paulo seu amigo e compradre Mário de Andrade.

Não se sabe se foi má fé ou ignorância, ou os dois, que levaram o autor de Macunaima a escrever as duras e injustas palavras transcritas no limiar deste ensaio.

Tudo leva a crer que Mário de Andrade não tenha lido com paciência "O Conde d'EU", porque se o tivesse feito, certamente teria esbarrado em trechos fundamentais de reconstrução histórica e de sagacidade na coleta de algumas de nossas realidades psicossociais.

Interessante que o trêfego Mário de Andrade, escrevendo muita vez de afogadilho e por isso mesmo revendo constantemente a sua obra de modo a escoimar erros gritantes nela cometidos, ousou chamar Mestre Cascudo de impaciente. Merecerá esse epíteto quem

escreve um dicionário do folclore? E não venham dizer que Cascudo adquiriu paciência depois da chamada do Mário. Dizem os espanhóis: Genioy figura hasta la sepultura.

Também não tinha Cascudo o desprezo da medida. Não é verdade que o provinciano seja um incapacitado para elaborações nos campos da história e das ciências, por eventualmente lhe negar o meio a bibliografia e os condicionamentos técnicos necessários à pesquisa.

O Barão de Studart produziu toda a sua obra no Ceará, Pereira da Costa foi um gigante agarrado ao seu torrão pernambucano e Nina Rodrigues, na Bahia do princípio do século tornou-se o vanguardeiro no estudo da cultura afro-baiana. E o próprio Câmara Cascudo, provinciano incurável, como ele mesmo dizia, jamais precisou deixar a sua cidade do Natal para legar à posteridade uma das maiores bibliotecas do seu Estado e colossais volumes que entroncam a cultura brasileira no universo etnológico. Para evitar os espraimeiros pouco produtivos, vale apenas lembrar que os grandes folclorólogos argentinos são da província e não de Buenos Ayres.

Já no mérito há que contestar Mário de Andrade, ante sua afirmação da desimportância do Conde d'Eu. O simples exame da obra de Mestre Cascudo dirá melhor.

As primeiras páginas do livro prendem-se à genealogia da Casa d'Orleans. São mais de mil anos da gloriosa história da França, protagonizada por uma família de reis, de heróis, de guerreiros intemoratos. Gastão d'Orleans, o Conde d'Eu, nascido em 28 de abril de 1842, foi o filho mais velho de Luis Carlos Felipe Rafael d'Orleans, Duque de Nemours e de Vitória Augusta Antonieta de Saxe Coburgo Gotha. Era neto paterno do rei Luiz Felipe, destronado pela revolução de 1848.

Filho e sobrinho de militares, Gastão d'Orleans viu aos 6 anos a derrocada do avô e a necessidade do exílio. Reinando na Espanha Isabel II, cunhada de um tio seu, teve a oportunidade de cursar a academia militar de Segovia. Sobrevindo a guerra do Marrocos, o jovem Gastão insistiu para incorporar-se às hostes espanholas. Destacando-se pela bravura na batalha de Tetuan, ganhou a medalha da Ordem Militar de São Fernando e os galões de capitão. Voltando a Segovia, concluiu o curso.

Em agosto de 1864 viajou para o Brasil e aqui, a 15 de outubro do mesmo ano, casou-se com a Princesa Isabel.

A simples presença de um estrangeiro ao lado da futura Imperatriz brasileira, haveria de suscitar os pruridos xenófobos

c machistas de alguns segmentos da sociedade tupiniquim.

Câmara Cascudo sintetiza, mostrando o perfil do Conde:

"Não o vemos intervir ostensivamente nos debates políticos que apaixonavam meio mundo. Manteve-se arredio à própria defesa do seu nome, presa fácil à eloquência trepidante das bancadas de oposição.

O Conselheiro privado da herdeira do trono, jamais pode ser identificado nas suas sugestões... O Conde d'Eu possuía a extrema delicadeza de sua posição de melindre. Temia ferir a suscetibilidade de um povo facilmente irritável, impulsivo, instantâneo no amor e na cólera."

Mas as forças de oposição insistia em aludir ao futuro reinado, como o reinado francês.

Tudo era pretexto para intrigar o marido da Princesa Isabel com a opinião pública.

O ar distante dele, era traduzido como orgulho. Esse erro de interpretação provocou em Cascudo comentário revelador de sua fina sensibilidade em assuntos da psico-sociologia brasileira:

"No Brasil não podia ser de outra forma. A Côrte vira seu primeiro Rei em D. João VI e seu primeiro Imperador em D. Pedro I. O primeiro, era gordo, obeso, pesado, sujo, lento, desconfiado, sem brilho, escondendo o clarão de sua inteligência como uma jóia aos ladrões. O filho era alto, forte, bonito, azougado, inculto, rude, e bravo como um velho "reitre", vivendo a vida que os sentidos lhe traziam a um cérebro crepitante de atividade desordenada. Com D. Pedro II, tivemos um modelo de empregado público, um exemplar burocrata, professor aposentado, sizudo, metódico, pautado, grave, falando fino, vestindo preto, sem alarde, sem pompa, sem arregatamento, sem decoração.

A etiqueta brasileira é demasiado exigente até causar comichade ou tolerante, a parecer inexistente. O brasileiro habituou-se a ser tratado à distância ou enrolado num abraço. Meio termo não sentimos ou nos magoamos. Cortesia sem intimidade, gentileza sem batida no ombro, amabilidade sem convite de jantar, polidez sem confidências, não se coadunam no código do bom tom social, nas leis tradicionais da nossa fidalguia.

O Conde d'Eu era um afetivo, familiar, amando os prazeres da casa, o encanto das palestras, o brilho verbal, a graça das frases, a felicidade dos remoques.

Quando o brasileiro só se diverte na rua, o príncipe consorte guardava os ritos da convivência doméstica, a memória dos fatos diários da mansão, toda a alegria penetrante e suave do "home

sweet" onde se educara".

Não bastassem os retratos magistrais dos nossos três monarcas, traçados em pinceladas chispantes por Mestre Cascudo, com ênfase em D. Pedro I, que foi capaz de impactar a alma brasileira, criando o estado garanhônico, na frase feliz de Gilberto Felisberto Vasconcellos.

Mestre Cascudo trouxe à tona duas peculiaridades de nossa maneira de ser, de sentir e de reagir: ou somos tratados à distância ou nos enrolamos num abraço; o brasileiro se diverte na rua e não em casa.

Com efeito, não aceitamos o tratamento morno, com hora marcada e moderação nos gestos e palavras. Não distinguimos o limite entre amabilidade, simpatia, solidariedade e intimidade. Ou somos oito ou oitenta. Ou nos derramamos até incomodar, o que nem sempre traduz amizade real, ou nos guardamos emaranhados pelo desprezo e pela indiferença.

Há vinte anos conservo sólida amizade com um cidadão britânico, que ao telefone nunca foi além de um "como vai" sempre no mesmo tom e que pessoalmente jamais passou de aperto de mão quase protocolar. No entanto, não conheço ninguém mais solidário, mais prestativo, mais obsequioso; mais leal, mais hospitaleiro, mais amigo, enfim. Para o brasileiro comum e coerente isso seria o fim e o homem estaria fatalmente no rol dos antipáticos, soberbos, orgulhosos, impopulares. Assim aconteceu com o Conde d'Eu, que ademais estava na incômoda posição de Príncipe consorte.

Outra verdade inelutável está contida nessa averiguação de Câmara Cascudo de que o brasileiro se diverte na rua. Em casa ele é chato, sizado, incômodo, metido a dar regras e muita vez a posar de casta suzana; na birosca, no botequim, no bar, no cabaré, no dancing, ele é a extroversão em pessoa, alegre, brincalhão, amigo da roda com muita anedota picante regada a cerveja, cachaça ou whisky, dependendo do momento e do bolso. Na rua, bela viola, em casa pão bolorento. Outro desafio ao Conde d'Eu, homem doméstico, do recesso do lar, onde se comprazia na companhia da mulher e dos filhos, criando o seu mundo inacessível aos olhos mundanos.

Esse descompasso cultural — de um lado o povo brasileiro com suas maneiras de sentir, de pensar e de agir, de outro o nobre francês com toda uma formação milenar segundo os padrões éticos e os códigos consuetudinários da Corte e da tradição de sua pátria, não podia trazer bons dividendos para este, que passando por soberbo, antipático, arredo, orgulhoso, inamistoso, tornou-se

presa fácil nas mãos dos opositores ao regime, especialmente da ala republicana.

Um jeito de ser fustigado por intencional má avaliação, e, tudo por terra!

Apesar das incompreensões, o soldado Gastão d'Orleans foi de extrema lealdade à pátria de sua consorte: primeiro, porque sempre insistiu em participar da guerra da Tríplice Aliança; depois, porque ao cumprir a última etapa do conflito, no comando das tropas, não deitou sobre os iouros alheios, conforme se propalou na época, mas empenhou-se com garra e perseverança na consolidação da vitória, durante a memorável campanha da Cordilheira, que demandou muita paciência, sangue frio e coragem pessoal.

De 22 de março de 1869, ao término da chamada pequena guerra, em 1º de março de 1870, o Conde d'Eu, investido das funções de comandante em chefe das forças brasileiras em campanha no Paraguai, conduziu-se irrepreensivelmente.

O General Torres Homem, em depoimento para a história escreveu:

"Essa campanha, é justo dizer constituiu o melhor título de nobreza do Príncipe Gastão d'Orleans, que revelou por sua inteligência, energia e atividade, possuir as verdadeiras qualidades de um chefe de exército". Anais da guerra do Brasil com os Estados do Prata e Paraguai, Rio, 1911.

Homem de índole libertária, preocupado já àquela época com os direitos humanos, gestionou junto ao triunvirato que governava o Paraguai já no fim de guerra, que fosse abolida a escravidão no país, o que efetivamente ocorreu a 2 de outubro de 1869, dezoito anos antes do fim do regime no Brasil.

Mas esses feitos foram obumbrados pela lenda impopularizadora do Conde, que, lançadas para produzirem efeitos políticos, caíram no esquecimento nacional, depois que cumpriram sua finalidade.

Esclarece Cascudo:

"O Conde d'Eu veio passando pelas gerações sucessivas como um tipo pouco simpático de homem avarento, deselegante e descortez. Ambicioso, intruso nos conselhos da Corôa, mau companheiro, mau amigo, desprezador das dedicações espontâneas, seco, hirtó, mediocre e orgulhoso".

Atribuíram ao Príncipe consorte a condição de explorador de cortiços, sórdidas moradias coletivas, muito bem estudadas por Aluizio de Azevedo. Mas a verdade era que o Príncipe apenas arrendara a terceiros alguns terrenos seus e os arrendatários é



que constituíram as tais casinhas explorando o negócio tão aviltante e tão condenado na época. Anos mais tarde, o grande criminalista Stelio Galvão Bueno, covardemente assassinado pela mulher em 1950, levaria a mesma pecha.

Ao contrário do desejo popular que imagina o príncipe um ser ostentoso, galante, até pródigo nas suas exteriorizações de luxo e grandeza, o Conde d'Eu vivia economicamente sem fausto e luminárias, gozando as delícias da intimidade de seu lar, preocupado com a boa educação dos filhos. Era um homem frugal, modesto, recatado. daí sua imagem de usurário, mão de vaca, pão duro, sovina, antipático, orgulhoso.

Agripino Grieco, a propósito da preocupação de Lima Barreto com o homem suburbano e seu contexto cultural, disse com razão:

"O povo não gosta de quem lhe fale do povo, preferindo o Paulo Setubal que lhe falou do Príncipe de Nassau..." (Memórias — 2º vol. Rio, 1972). Esse conceito se completa num outro oriundo do talento e da sensibilidade do maranhense Joãozinho Trinta: "Pobre gosta de luxo e riqueza..." Claro, o povo não vê o Príncipe como um ser igual a ele, com as mesmas limitações, com a mesma crueza quotidiana. Para o povo, o Príncipe é um ser quase sobrenatural, uma figura encantada, rica e pródiga, capaz de alimentar elaborações míticas, lendas, folguedos, capaz de mitigar tantas carências e de colaborar em tantos sonhos.

Um príncipe simples, corriqueiro, sem aparência, positivamente não está com nada. E o Conde d'Eu, não estava mesmo.

Ainda preso ao tema, teve Mestre Cascudo essa observação muito válida:

"Príncipe pródigo, faustoso, faulhante de festas e de jóias, mulhereço, "noceur", é uma fonte indireta de renda para os seus detratores. O dinheiro escorrega em aclave suave para as bolsas precavidas dos prestamistas, alfaiates, modistas, floristas, joalheiros, hoteleiros. E um mundo miúdo e canalha, brilhante e cínico, gravita derredor desse príncipe, mariposa tão inútil a si próprio como nocivo à sua raça".

A Brasília de hoje é muito mais principesca que o Palácio Isabel, onde o pacato Conde d'Eu levava sua existência brasileira.

Oliveira Viana, no "Ocaso do Império" posicionou:

"Ninguém foi mais mal compreendido no seu meio do que ele; a maledicência tomou-o à sua conta para impopularizá-lo, projetando a sua personalidade na imaginação das massas, não uma imagem exata, mas uma imagem deformada e caricatural, em que não eram escassos os traços de antipatia e de grotesco".

E Cascudo, atento aos impulsos da alma popular asseverou:

"A mentalidade brasileira só compreenderia um príncipe na acepção tintinabulante e mirabolante do vocábulo. Rei para ele seria D. Pedro I, cavaleiro, conquistador, coberto de medalhas, fazendo discursos nas praças e galopando à frente de regimentos vistosos. O Conde d'Eu não se podia contrafazer. Haveria de ser o que nasceu sendo, homem de hábitos, gostos e costumes modestos, sem rutilâncias e decorações, que denunciam nas almas primitivas a presença dos soberanos. O Jesus Cristo impressionador sempre será o dos milagres, multiplicadores do pão, o caminhador sobre as águas, o aplacador das tempestades, o Deus luminoso, o policromo do Tabor".

Um amigo de São João del Rei me afiançou que o seu maior encanto na Semana Santa de sua terra, sempre esteve na pompa das procissões, na grandiosidade dos eventos, na música das velhas orquestras, na riqueza das montagens, dos andores, das imagens, dos paramentos.

O povo quer festa, muita luz, muita cor, muita ação!

A República, nasceu nos campos do Paraguai e, conforme Cascudo "como não tínhamos uma aristocracia titulada e hereditária que cercasse o trono, defendendo-se, defendendo-o", a monarquia caiu. E o Conde d'Eu percebeu todo o processo e não poucas vezes chamou a atenção do Imperador.

Na verdade o que tínhamos eram nobres de ocasião e de aparência, plebeus promovidos, visando apenas a satisfação da vaidade pessoal, lucros e interesses. Qualquer forma e sistema de governo serviriam, desde que eles seguissem dando as cartas, disputando benesses, intervindo na vida pública, participando do poder.

Como o Príncipe consorte, talvez pela experiência ancestral sabia que a República era inevitável, não o surpreendeu a proclamação de 15 de novembro. Com a mesma sobrançaria e despreendimento com que desembarcou aqui em agosto de 1864, cumpriu a pé o trajeto do Paço ao cais na madrugada de 17 de novembro de 1889, dispensando carros, honrarias, mordomias. Soldado que conhecia como poucos os códigos de ética e os princípios da hierarquia, apresentou ao Tte. Cel. Benjamin Constant, Ministro da Guerra do Governo Provisório, seu pedido de demissão do comando geral da artilharia. Fe-lo com altivez, despojamento e sinceridade e acima de tudo com a segurança que lhe davam os serviços prestados à pátria adotiva e a certeza de que jamais desonrara a farda e o Império.

Com o fim do injusto banimento da Família Imperial, por ato do Presidente Epitacio Pessoa de 3 de setembro de 1920, o Conde d'Eu não demorou-se em viabilizar sua visita ao Brasil. Face ao estado de saúde da Princesa Isabel, veio acompanhado do filho, o ex-Príncipe do Grão Pará, desembarcando no Rio a 8 de janeiro de 1921. A recepção que lhe tributaram fez apagar todos os eventuais dissabores do passado. Os tempos eram outros, e a República já havia causado sérias desilusões. Quantos não terão se arrependido então de não terem colaborado para que raiaesse o terceiro reinado, sob o lema de Augusto Compte: Conservar melhorando?

Mas o Conde d'Eu não ficaria no Brasil por muito tempo. Cumpridos os compromissos, matadas as saudades, voltou à França. A 14 de novembro de 1921, morria a Princesa Isabel. Embora alquebrado, às vésperas do octogésimo aniversário o Conde pensou em voltar ao Rio de Janeiro para as festas do centenário da Independência. Mestre Cascudo testemunhou-lhe as marchas e contra marchas dessa resolução através das cartas que lhe escrevera o Conde. Enfim a travessia e a morte em alto mar a 28 de agosto de 1922, dez dias antes do grande acontecimento nacional.

Feita esta resenha, resumidos os argumentos cascadeanos em defesa do marido da Princesa Isabel, expostas as tomadas sociológicas do Mestre, que opinem os leitores sobre o juízo de Mário de Andrade estampado no início deste ensaio. E que fiquem no ar duas perguntas: Esteve o Brasil daqueles tempos à altura da decência, do caráter e da honestidade do Conde d'Eu? Estará ele hoje preparado para compreender, amar e respeitar um Rei com os atributos de Gastão d'Orleans?

---

## Restos Mortais do General Teles em Crato

Os restos mortais do general Raimundo Teles Pinheiro foram trazidos pela família, para o túmulo dos seus, em Crato. Realiza-se o desejo que ele, em vida, alimentou seguidamente: seu último sono seria no berço querido, onde nasceu e ao qual cultivava entranhado amor telúrico. Houve missa na Capela do Cemitério e na solenidade de transladação usou da palavra o Diretor da ITAYTERA, jornalista J. Lindemberg de Aquino, exaltando as virtudes morais, cívicas e intelectuais do ilustre militar, falecido em Outubro de 1987, em Fortaleza, agora repousando em Crato no seu sono eterno.

# ITINERÁRIO DA AMIZADE

---

"Nunca é tarde para tentar o desconhecido,  
nunca é tarde para ir mais além".

Por isso mesmo, para a realização de um desejo, torna-se necessário a ousadia, já que ousar, no dizer da escritora Ângela Moura "é desafiar padrões, é sair da inércia, do lugar comum, correndo todos os riscos implícitos".

Foi embarcando nesse sentimento de ousadia que me aventurei a mais uma de minhas viagens internacionais, que não deixa de ser um gesto ousado, pelo menos para mim. Desta vez fui conhecer de perto a decantada terra de Portugal, seus "Fados", sua história com os exemplos dos grandes homens, conceituados valores de sua época. É verdade que as viagens alimentam a nossa curiosidade e estimulam, avivam o nosso interesse e o desejo de observar, de pesquisar. Se "tudo é fluxo, nada está parado", por quê vou eu parar agora, podendo aproveitar bem os dias de vida que me restam? Então sigamos o percurso de uma viagem agradabilíssima pela terra dos "pois, pois":

A comitiva da Associação dos Amigos do Porto (Associação da Amizade) que foi fundada em 9 de Fevereiro de 1984, a qual me integrei, partiu de Recife (a sede), com destino à cidade do Porto, a 20.06.93, pela Varig, dando continuidade ao intercâmbio sócio-cultural entre Brasil e Portugal. Artistas plásticos brasileiros iriam realizar a III Exposição na cidade do Porto. Artistas participantes: Átila Silva Calvet (Ascal), Francisco Vidal, Costa Monteiro, Eliane Rodrigues, Lourdes La Greca, Ezilda Goiana, Carmem Regina, bastante conhecidos e que reúnem "as mais diversas expressões estéticas, que têm como instrumento a integração, a gama cromática, a luminosidade, o misticismo e a pujança do Nordeste brasileiro".

Uma grande oportunidade para maior entrelaçamento entre

artistas brasileiros e portugueses. E foi o que aconteceu em agradável noite de coquetel e carinhosa receptividade por parte do nosso povo irmão, exatamente em um dos salões do conceituado Hotel Porto-Sheraton onde os Amigos do Porto se hospedaram.

O representante do Prefeito de Recife, foi o Sr. Marcos Cunha, nessa excursão em que compareceu grande número de brasileiros de bom nível sócio-cultural.

A exposição foi o ponto de partida para as marcantes festividades que se seguiram por todos os preciosos dias determinados no programa do Congresso-promoção da Associação dos Amigos do Porto.

PORTO — é a capital da província do DOURO ao norte de Portugal que sabemos ser das mais antigas nações do continente, situada à margem direita do rio Douro que percorre várias províncias portuguesas. É importante centro de tratamento e comércio de vinho. Por isso é imprescindível, "imperdível", uma visita e provas numas Caves de vinho do Porto. Caves são, podemos dizer, vastas adegas compostas de vários salões onde são armazenados, desde enormes tonéis de vinho até os bem pequenos, com vinhos de espécies, sabores e idades diversas. Sabemos que em Portugal, uma refeição não fica completa sem vinho. E a escolha é ampla. Vinhos maduros, encorpados, aromáticos. Vinhos verdes, captosos, frutados. Espumantes, naturais, nobres, que fazem o prazer de viver. Na cidade do Porto há históricos monumentos, como a Catedral, a Torre dos Clérigos e também praias... Seus bairros são típicos, o Casino da Póvoa bastante frequentado, e, dentre as pontes existentes, destaca-se a de D. Luis I, que foi construída por Eiffel, construtor da famosa torre de Paris.

Merece destaque o coquetel no Roseiral, oferecido pelas autoridades locais ao grupo de brasileiros. Sempre o desembargador português, Gelásio Rocha fazia as devidas apresentações. Na bela área verde do Roseiral, chama atenção uma árvore originária da China, "Mitrosídio", frondosa, florida e linda.

Na visita à cidade histórica de Santa Maria da Feira (primeiro lugar entre os municípios do Distrito de Aveiro), visitamos o Castelo de Santa Maria da Feira, que ergue-se altaneiro em frente à cidade do mesmo nome. Nesse Castelo, no salão da Capela, houve uma exposição de fotografias! "Canastros e Caniços Arouquenses — Terra de Santa Maria, "de Antonio Rocha, prestigiando o programa" Junho Cultural 93".

Na quase totalidade das povoações que constituem o Município de Santa Maria da Feira, é ainda possível encontrar muitos e

diferentes caçastros ou espigueiros, erguendo as formas de madeira por cima das bases em granito amadurecendo ao sol o milho que depois de moido e amassado era levado ao forno para cozer a "broa". Ergue-se na sede do Município um monumento a Fernando Pessoa.

Em AVEIRO, os Amigos do Porto foram recepcionados no palácio do Governo. Falaram o Sr. Governador Gilberto Medeyl e o desembargador Gelásio Rocha. Em belo e empolgante discurso, relembando fatos históricos, agradeceu o presidente do Tribunal de Contas do Recife, Dr. Antonio Correia.

Visitar Aveiro é conhecer páginas de arte religiosa. A arte e a história estão presentes nos seus monumentos, no museu instalado no convento onde viveu e morreu Santa Joana Princesa no século XV. Pela sua fertilidade, grande comércio e indústria, Aveiro, é chamada "cidade Luz de Portugal".

A característica original da cozinha de Aveiro é o que chamam "ovos moles de Aveiro" (em forma de castanhas ou pequenas conchas recheadas de creme de ovos), deliciosos. Nota-se que nas ruas das cidades, vilas e aldeias de Portugal, há sempre azulejos, cujas cores vão do clássico azul a todos os tons do arco-iris, nas fachadas das casas antigas. São o símbolo de uma época, de um gosto, de uma prosperidade mercantil e industrial. Agradabilíssimo o passeio fluvial, em possante e confortável barco, de Aveiro a Torreira. Houve lauto almoço na Prefeitura, onde o cearense Aristides Braga extravasou em bonitas palavras, de maneira eloquente, o agradecimento dos visitantes ao fraternal aconchego dos irmãos portugueses.

Interessante que nas praias de Torreira, vê-se bois puxando as redes repletas de peixes. É costume tradicional, assim nos foi dito.

De regresso à cidade do Porto, os visitantes foram homenageados na Freguesia do Bonfim. Missa solene com membros do coral vestidos a caráter. Após a missa com lindos cânticos, show folclórico no pátio interno da Prefeitura do Bonfim, e em seguida um super bem servido almoço: cabrito ao forno com batatas, foi o prato principal, vinhos de várias culturas e sobremesas deliciosas. Tanta fartura em Portugal!... nossa Mãe! O cabrito que costumam servir, é o resultado da hibridação do caprino com o ovino; chamam "enho", segundo nos foi explicado por um dos secretários da Freguesia do Bonfim. Esse secretário, por sinal muito gentil, ficou conhecido pelos cearenses que compunham a mesa, como o Sílvio Santos portugueses.

O S. João festejado no Porto é bem original. Assemelha-se mais ao nosso Carnaval. A população jovem e adulta, alegre e descontraída, passeia, até corre pelas ruas e avenidas, usando geralmente martelos de plástico coloridos e de diversos tamanhos, com os quais martelam as cabeças dos transeuntes, galhardamente. Vê-se um ou outro balão a subir e algumas festas em determinados espaços. Alegria, descontração, nada de assaltos, embriaguez ou drogas. Apenas divertimento saudável noite a dentro.

A despedida da comitiva brasileira no Porto foi no Palácio da Justiça. Empolgantes discursos, execução de músicas clássicas e folclóricas pela orquestra local, bailados típicos e os belíssimos números musicais executados sobretudo em violinos e flautas por membros exclusivamente do Tribunal de Justiça da cidade, alguns juizes e desembargadores. Em seguida, já às duas da manhã, foi servida uma suculenta e variada ceia, sem esquecer o tradicional "caldo verde"... e tome vinho!

Na sexta-feira 25, as despedidas entre os componentes de jornada dos Amigos do Porto. Alguns voltariam ao Brasil, outros escolheram novos rumos.

Nós cearenses, tomamos o caminho de Lisboa, capital de Portugal, à margem direita do rio Tejo. A larga avenida da Liberdade atinge o Parque Eduardo VII e, também as avenidas Almirante Reis e 24 de Julho, que acompanhando a Costa do Sol, alcança Estoril e Cascais. Fomos hóspedes do Hotel Eduardo VII, por sinal muito bom.

Lisboa dispõe de importante comércio servido por um amplo porto. Tem 42 freguesias, possui vários museus e bibliotecas de importância, belos prédios de moderna arquitetura, um bom aeroporto e um estádio Nacional. É pena que não houve tempo para uma visita ao Mosteiro dos Jerônimos, no Bairro de Belém, em Lisboa. Foi construído em princípios do século XVII, a fim de se cumprir uma promessa de Manuel I pelo sucesso da expedição de Vasco da Gama, na qual ele conseguiu descobrir novo caminho para a Índia. Lisboa... jantar com "fados" na "Adega Machado", implantada no bairro mais fadista da cidade, "BAIRRO ALTO", foi bom conhecer-te.

E o circuito turístico, visitando Estoril, a pitoresca vila de Cascais, e Sintra com seus bosques e magníficos Palácios? O Paço Real de Sintra de importância histórica e artística, compõe-se de construções mouriscas da Idade Média, do Renascimento e da época Manuelina. Num dos píncaros da serra de Sintra está erguido o Castelo da Pena. Boas recordações de Portugal ficaram gravadas

indelevelmente na memória dos visitantes brasileiros deste ano de 1993. Noitadas de sadia e alegre descontração, regadas a um bom vinho.

No Domingo 27, assistimos a Missa no Santuário de Fátima, um deslumbramento de religiosidade, quanta emoção! E as "Grutas de Mira de Aire" as maiores de Portugal a 15 kms de Fátima, abertas ao público todo o ano. São mais de seiscentos degraus a descer até encontrar o leito de um rio lá nas profundezas. A iluminação multicolor dentro da Caverna com várias dependências é deslumbrante, destacando a beleza das excrescências e reentrâncias estranhas e monumentais. Saída da Gruta, por dois elevadores modernos, vencendo uma vertical de 75 metros. De passagem, Alcobaça, e Nazaré, pitoresca aldeia da costa oriental de Portugal, a bela praia repleta de lojas de artesanato regional, onde turistas do mundo inteiro empregam os "escudos" que lhes restam no bolso.

De regresso ao Brasil, feliz por ter recebido da Associação Internacional dos Amigos do Porto — Associação da Amizade — o Certificado de que participei do Vôo Cultural a Portugal, tomando parte em todos os eventos programados.

Os companheiros de jornada do Ceará, Dr. Aristides Braga e Marlene, Dr. Luis e Regina, engenheiro e artista Plástico Vidal e Rosa (chamada carinhosamente de "pegajosa" por não largar o marido um instante sequer), minha filha Valdelice e meu genro Ascal (analista e artista plástico), seguiram viagem a outros países da velha Europa: Espanha, França, Itália.

Até o próximo Congresso... quem sabe, Portugal?

Será um desejo por demais ousado?...

Fortaleza, Julho de 1993

---

---

## BIBLIOTECA PÚBLICA DO CRATO

Há cerca de 60 anos o então Prefeito Alexandre Arraes de Alencar criou e instalou a Biblioteca Pública Municipal de nossa cidade. Ainda hoje vive em prédios alugados, com o acervo cada vez mais desatualizado e sem se modernizar na sua missão, faltando-lhe fichário adequado, microfilmagem, mapoteca, listagem classificatória e atualização editorial.

Já merecia ter um prédio próprio com todos os serviços e equipamentos. A Biblioteca é um grande desafio para qualquer Prefeito do Crato que se decida pela sua modernização.



# PEDROSA: "Sou Um ARTISTA no Mercado"

Tem uma maneira activa e entusiasta de estar na vida. Talvez o seu trabalho de artista tenha contribuído bastante para isso. Comunicativo, alegre, e um tudo-nada aristocrata, Bruno Pedrosa fala entusiasmadamente de si, da vida, do seu trabalho de pintura, dos outros, das feiras de arte internacional e de projecção pessoal.

Margarida Botelho, a propósito da obra de Bruno Pedrosa, escreveu: "o Autor, pesquisador de uma certa quietude de superfícies monocromáticas, agitadas contudo, pelas dissonâncias de textura, é um grave e inquieto, para não dizer insatisfeito carácter dialéctico, atraído pelas incertezas experimentais. É assim que o pintor generaliza e intensifica a oposição entre o "abstracto" e o "concreto", abrindo caminho para invenções mais livres", para acrescentar que este artista "é um artista fascinado pela matéria, pela luz e pelo movimento, é um artista que constrói com o objectivo de obter, em jogos de luz e de cor, uma síntese da forma".

Mas basta de acordes preliminares. Passemos à conversa. Que decorreu assim.

— *Como gostarias que te definissem como artista?*

— Sou um bocado avesso a definições. Desenvolvo ideias, vou-as concretizando lentamente. Invisto muito tempo na procura do essencial, na depuração da forma, como se me encontrasse sentado numa duna observando o deserto (parece uma força de expressão, mas não o é tanto assim). Trabalho muito em áreas artesanais, gosto de fazer, não posso deixar de o fazer. Assim vou definindo o meu trabalho, sem saber, afinal, se concordaria com as definições: que de mim fizessem.

— *Cézanne disse um dia "Quase tudo o que fizemos será insignificante, mas é importante que o façamos". Achas que a vida é feita de actos insignificantes?*

— A afirmação de Cézanne contém a resposta. Os nossos actos, por insignificantes que pareçam, deixam de o ser, pela importância de os praticarmos.

— *Vivemos num mundo em constante mutação. Pensas como Artista que és, que a Arte tem acompanhado essas transformações? Em que aspectos, por exemplo?*

A Arte não acompanha. Antecipa-se. Transforma ela própria ou, para ser mais exacto, provoca a transformação.

È assassinato um Vietcong a sangue frio pelo chefe da polícia de Saigão. Rauschenberg, apropriando-se da notável fotografia de Eddie Adam, denuncia à sociedade a violência da guerra (denuncia a própria sociedade), contribuindo assim para a sua transformação.

Mais recentemente, tivemos o caso das fotografias de Mapplethorpe, que levaram ao banco dos réus o — absolvido pelo bom senso — director do Centro de Arte Contemporânea de Cincinnati. Membros de uma sociedade que se crêem cruzados da causa moral, recusando-se — através das mais diversas reacções — a aceitar o SIDA, a violência sexual, enfim, uma série de problemas com que diariamente se confrontam, chamando de pornográficas às fotografias em causa (o erotismo, também na Arte, tem a idade do Homem). Não podendo vingar-se no já desaparecido Artista, tentaram-no na pessoa do director do Museu que mostrava alguns dos seus trabalhos.

Arte é provocação. O mundo transformar-se-á de modo a que seja a própria sociedade a "absolver" os Artistas, sem terem que ser os tribunais a fazê-lo.

— *O Bruno Pedrosa é um Artista que trabalha para se satisfazer a si mesmo ou para comunicar com os outros?*

— Nunca pensei nisso, de resto é uma questão que não me preocupa nada. O meu trabalho é muito lúcido, dá-me um grande prazer. Os "partos" são por vezes dolorosos, mas a concretização da obra geralmente diverte-me imenso. Depois o comunicar é uma questão de frequência, de comprimento de onda.

— *O que é que pretendes fazer chegar às pessoas através daquilo que pintas?*

— Isto tem a ver a questão anterior. È um problema de comunicação, mas enquanto estou a trabalhar, não estou preocupado em fazer chegar seja o que for a quem quer que seja. Nesse momento estou ocupado na realização da obra, ela mesma. No momento seguinte é a autocrítica, a fruição egoísta do trabalho. Depois, ainda numa fase íntima, a possível discussão com colegas e amigos

Quando chega ao "spectator", importa-me que o meu trabalho reflecta o que de mim contém. Só isso.

— *Sentes-te envolvido em alguma coisa?*

— Parece-me evidente que não. Digamos que faço parte de uma "família" de artistas que sente a matéria de determinada forma, que tem uma forma particular de sentir o Tempo e a História do Homem e que com eles vai dialogando.

— *Como destringas o Homem do Artista?*

— Não os destringo. São como gémeos siameses, amam e sofrem juntos. Por outro lado, se o artista é mais arrojado, o homem é muito mais tímido. Aí surgem alguns problemas de convivência entre ambos, que passam também pela falta de jeito inata que o homem tem para divulgar o trabalho do artista.

— *O Artista Bruno Pedrosa é um artista que vende bem?*

— Pelo menos não cede às pressões do mercado e sente-se muito bem assim.

— *O que é, para ti, a qualidade?*

— A qualidade é o resultado do saber, do querer ser. E do querer saber.

— *E a técnica?*

— O que sustenta, o que dá corpo (e vida) a esse saber, a esse querer ser.

— *O Bruno Pedrosa é um homem de fé?*

— As vezes até acredito que a fé é que nos salva. Mas conto mais com a capacidade de resposta que vem de dentro do que com os agentes exteriores.

— *Francis Picabia era de opinião que "a Arte é um produto farmacêutico para imbecis". Concordas?*

— Creio que, embora o tivesse afirmado, nem ele próprio concordaria com isso. Ele foi um provocador constante e essa foi uma das suas provocações. Por isso alguém lhe chamou "aristocracia da desordem". Com franqueza, interessa-me mais a sua obra do que o que ele próprio possa ter dito dela.

— *Toda a Arte é política ou reflecte mal-entendidos. Queres comentar?*

— Preferiria não o fazer para não ter que recuar a conceitos maoistas, ou entrar nos do foro psicanalítico para os quais não me sinto minimamente vocacionado.

— *Entendes a pintura como uma linguagem "natural" e que o artista é uma voz anónima e impessoalizada?*

— Entendo-a como uma linguagem natural, sem dúvida.

— *Quem são os teus coleccionadores?*

— A resposta não é fácil, pois corro o risco de não responder correctamente à pergunta. Se há áreas de coleccionadores perfei-

tamente identificáveis, outras haverá que nem sequer suspeito que existam.

No entanto, sei que é grande o leque de colecionadores, pelo que me é impossível especificá-los. No fundo, é tão importante o indivíduo que compra uma pintura pequena ou um exemplar de gravura, como o que se interessa por uma grande peça.

— *Entendes a pintura como uma linguagem "natural" e que o artista é uma voz anónima e impessoalizada?*

— Entendo-a como uma linguagem natural, sem dúvidas; mas só será uma linguagem de qualidade se for animada por uma voz muito trabalhada, tratada, polida — a voz do artista.

— *Como vês a pintura que os outros fazem?*

— Gosto ou não, como seria de esperar. Também penso que há a boa e a má pintura. E que aquela que é assim-assim deveria "amadurecer" até ficar boa.

Penso também que não temos que ter complexos em relação a ninguém, temos a pintura que temos. Assumamo-la e defendamo-la.

— *Que projectos tens a curto e a médio prazo?*

— Tenho vários projectos entre mãos, como seja a edição e exposição em Madrid da obra gráfica que neste momento estou a realizar. A edição de três albuns com gravuras e textos de escritores de hoje. Coisas de que depois falaremos.

— *Para terminar: o Artista Bruno Pedrosa é um artista realizado?*

— Não. Quem está realizado, está morto!

No nosso próximo número,  
homenagearemos  
em edição especial, o  
**PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA**

# PEDROSA :

## Do Gosto da Linha ao Encontro da Cor

José F. Guimarães escrevia, recentemente, que "quando qualquer coisa nos prende o olhar de forma a ficarmos suspensos das sugestões que daí dimanam, o discurso crítico tende, por momentos, a esbater-se para, acto contínuo, tentar mostrar, ponto por ponto, as razões de tal sedução".

Ora, a pintura de Pedrosa reflecte, no nosso entendimento, a idéia-imagem do crítico mencionado. É que, ao olharmos um quadro deste artista, abercamos, na globalidade, a fulgurância da sua obra e sentimo-nos agarrados ao seu conteúdo, suspensos da forma apresentada, cingidos ao motivo que evidencia. Há um pendor intrínseco, uma expressividade pendular e uma essência intocável, que assimila uma força ciclópica, exalta uma essência avassaladora e devolve um estudo e uma pesquisa, constantes e inovadoras.

Pedrosa, um eterno insatisfeito da obra realizada, procura, sempre, novas sínteses, num trabalho de elaboração mental, em que articula as múltiplas experiências, fruto da racionalidade do imaginário/criador, com a materialização do rigor imbuído num vocabulário artístico e sequencial que povoa a sua obra.

Os seus óleos estão impregnados duma gramática conceptual de efeitos extraordinários, previamente trabalhados oferecendo na distribuição dos planos e na colocação das cores, dois aspectos fundamentais: o geometrismo que ressalta do enquadramento temático e a filosofia vivencial que subscreve e avaliza.

Este encontro de valores de princípios impõe ao leitor das suas obras, a vontade de interrogar a sua arte. E, a resposta

surge, naturalmente, quando da dissecação da superfície pintada, os olhos bebem o produto criado e o espírito exulta da manifestação expressa na acolhedora riqueza pictórica, materializada nas cambiantes sociais, nos inúmeros indicadores de humanismo, na captação de pontos adstritos ao abstracto no envolvimento da estética que transmite força e harmonia e que irradia intemporalidade, abona renovação, na inovação.

Se a interpretação da arte perante os atributos que explanamos, pode provocar o desnudar do quadro, ou como escreveu Henri Zemer, conservador de estampas do Fogg Museum "a interpretação da arte pode constituir sempre uma violência", temos de concordar que a obra artística para ser viva e entendida precisa de ser interrogada e interpretada. Logo, no nosso entendimento, a arte de Pedrosa, apresenta-se para além do momento, não se confina, somente, ao presente, mas pressupõe um futuro.

Neste sentido, "a violência" que Zemer adianta para a interpretação da obra de arte, constitui para a pintura de Pedrosa uma exigência, porque testemunha uma expressão de justiça num conceito real de sociedade e exhibe um efeito de humanização.

As cores e as formas apreendem um repositório da idéia pictórica, revelando, muitas vezes, vestígios abstractizantes, embora demonstrando o elevado grau do pendor interior/exterior, enraizado numa unidade de valores contrastantes, que absorvem uma opacidade forte ou a alacridade de factores expressos, identificam funções, descobrem atitudes e desenham ambiências.

Há todo um movimento excitante, um perceptível clamor, uma dinâmica que comanda e empurra numa atmosfera que estonteia. Respira-se, por vezes, uma "vaporização" do humano, envolta numa densidade de expectativa, talvez, complexa, captada no cruzamento das linhas que proporcionam, ainda, uma leitura introspectiva.

Pedrosa, um pintor, para quem a arte é novidade, é permanente evolução. Nestas circunstâncias, sustenta nas diferentes fases da sua carreira, um percurso evolutivo que vai do expressionismo à abstracção e da nova figuração ao expressionismo mais gritante.

Pedrosa o artista que exige a si próprio, no dia a dia, algo de novo, testemunhado na pesquisa da forma, uma necessidade que o persegue.

( Entrevista publicada na Revista de Arte Portuguesa, Lisboa, com Bruno Pedrosa, artista plástico do Cariri, Lavras da Mangabeira, quando de sua exposição em Lisboa, Setembro, 91 ).

(Resposta a Uma Enquete)

# INFLUÊNCIA DO CRATO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CARIRI

01. — *Monsenhor Montenegro* : Nós somos alunos do Curso de História da Universidade Regional do Cariri (URCA) e estamos fazendo pesquisas sobre Educação na Região do Cariri. Gostaríamos de ouvir a sua opinião sobre a influência do Crato na História da Educação no Vale do Cariri.

— O Crato, Princesa do Cariri, tem uma História. Tem uma Geografia. Tem uma Vida. Situado no sopé da serra do Araripe, nasceu de simples aglomerado de silvícolas, aldeados por Missionários Capuchinhos. No aldeamento, chamado "Missão do Miranda", aprendia-se a ler escrever, a contar e cantar hinos religiosos, ao lado da aprendizagem do Catecismo. Os índios recebiam Instrução, Educação e Trabalho, e assim conseguiam integrar-se nos benefícios do Cristianismo e da Civilização. Foi à luz da Fé e da Educação que nasceu o Crato. Frei Carlos Maria de Ferrara, Fundador Histórico da Cidade, conseguiu ministrar o mínimo de conhecimentos necessários, criando condições sociais indispensáveis para que a Missão do Miranda conquistasse foros de Vila e mais tarde elevada à categoria de Cidade. *Crato* nasceu privilegiada. Seu nome, derivado do grego *KRATOS*, significa *Força, Vigor, Energia, Valor*.

O sociólogo Joaquim Pimenta definiu Crato assim: "celeiro de riquezas e de homens". O Crato tem a sua história, bem assinalada, na própria história do Ceará. O Crato se fez Luz na terra da Luz. Buscou os fundamentos da sua grandeza na Educação...

Traçou seu itinerário de glória na preocupação do cultivo das letras. Crato é uma Cidade que tem História. Para testemunhar e para atestar a beleza e a grandeza dessa gente inteligente, brava, altiva, humilde e corajosa, transmitindo o ontem e o hoje às gerações do amanhã, aí está "*O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI*", com a sua Revista "*ITAYTERA*", mais do que uma Revista, uma verdadeira Antologia Cultural do Cariri", "documentário que legitima o trabalho intelectual em todos os campos de atividade no plano da inteligência, da história, das tradições, poesia, geografia e jornalismo".

02. — *Qual a influência da Igreja na Educação, na Região do Cariri?*

— Dois acontecimentos importantes ocorreram, na cidade do Crato, com grande repercussão em toda a Província e na circunvizinhança. Esses dois fatos marcantes se deram no ano de 1855 e 1875. *O JORNAL e o EDUCANDÁRIO*, instituições que melhoraram sensivelmente a nossa cultura intelectual criando novos horizontes nas atividades intelectuais... No ano de 1855, foi fundado o jornal semanário "*O ARARIPE*", pelo jornalista João Brígido dos Santos, o primeiro hebdomadário, em ordem cronológica, no interior cearense. Um jornal sério, lutador, defesa intransigente dos problemas vitais do Vale do Cariri. João Brígido, no seu Jornal, soube intensificar o gosto pela imprensa e pelas letras em toda a Região do Cariri. E agora, respondendo a segunda pergunta, qual a influência da Igreja na Educação, na Região do Cariri?

— Lembro o segundo grande acontecimento, realizado no ano de 1875: a fundação do Seminário São José, na cidade de Crato, no dia 7 de março de 1875. O primeiro Bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, transferiu-se de sua sede episcopal, na cidade de Fortaleza, para a cidade do Crato, no sul do Ceará, numa distância de seiscentos quilômetros e chega em Crato pela segunda vez com a finalidade de apressar os trabalhos do Seminário do São José do Crato. Passou 6 (seis) meses em Crato e só regressou quando viu realizado o seu sonho com o funcionamento do Seminário. *Uma Casa de Ensino*, celeiro de vocações, para bem servir à ZONA DO CARIRI e aos sertões dos Estados vizinhos. De sua fundação até agora, tem prestado o Seminário do Crato inestimáveis serviços à Educação de nossa boa gente. Durante longos anos foi ele, nos largos sertões do Nordeste, uma Ilha, a única em que se instrua a juventude de 5 (cinco) Estados brasileiros: *Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí*. Fruto



abençoado da Igreja de Deus, obra maravilhosa que conduziu os destinos desta Região para rumos certos em busca da Educação de seu Povo, transformando a Missão do Miranda, de Frei Carlos Maria de Ferrara, na linda Cidade do Crato, *Princesa do Cariri*.

No ano de 1868, o Apóstolo do Nordeste, Padre Ibiapina, fundou a Casa de Caridade de Crato, obra grandiosa para aqueles tempos atrasados de outrora. Padre Ibiapina, homem de visão, homem de Deus, não quis instalar apenas escolas de aprendizado do alfabeto. Criou múltiplas instalações para alfabetização de moças, ao mesmo tempo que lhes dava profissão condigna para futuramente enfrentar a Vida. A Casa de Caridade de Crato nasceu sob o ciclo benfazejo do ensino de letras, da região e de ofício digno para uma jovem. A Instituição prosperou e foi pioneira, no nosso meio, das benéficas escolas profissionais. É a Igreja influenciando na história da Educação junto ao nosso Povo, através das lições maravilhosas do Mestre Ibiapina.

03. — *Criada a Diocese do Crato, quais foram os Bispos da Diocese e qual sua influência na Educação?*

— Com a criação da Diocese do Crato, foi nomeado o seu Primeiro Bispo, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, grande Sacerdote, Mestre dos melhores, ex-Reitor do Seminário São José do Crato. A 10 de março de 1915, foi eleito Bispo do Crato. Desde então tornou-se a alavanca do progresso do Crato e de toda a Diocese. São suas obras principais: O Colégio Diocesano e a reorganização do Seminário São José, com os Cursos Maior e Menor, Curso Primário, Secundário e Curso de Filosofia e Teologia. Fundou o Colégio Santa Teresa de Jesus, Instituto para o sexo feminino que até hoje vem prestando ótimos serviços à Educação do Crato e da Diocese. A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus foi fundada por Dom Quintino para manter, em primeiro lugar, o Colégio Santa Teresa de Jesus, Educandário que se tornou modelo, na Região do Cariri e em todo o Estado do Ceará. A Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus constitui uma das mais arrojadas iniciativas empreendidas pelo Primeiro Bispo do Crato. Filhas de Santa Teresa, religiosas e educadoras, com as bênçãos de Deus e a proteção do seu Pai Fundador, plantaram a semente principal do Magistério, que brotaria mais tarde provocando a revolução educacional no setor feminino do Crato e de toda a vizinhança. Graças à tenacidade de Dom Quintino, Pastor e Educador, a Congregação e o Colégio Santa Teresa de Jesus

foram crescendo paulatinamente, equacionando o problema mais sério e urgente do aprimoramento da educação da juventude feminina. E já em novembro do ano de 1925, o Colégio Santa Teresa de Jesus é equiparado à Escola Normal Justiniano de Serpa, de Fortaleza. É a influência da Igreja na Educação, cuidando com zelo e perseverança do Ensino em nossa Cidade. Instruindo e educando, formando e preparando a Nova Geração.

O Segundo Bispo da Diocese, *Dom Francisco de Assis Pires*. Foi uma benção especial do Céu a sua eleição para Bispo do Crato. No setor Educação, seguiu o mesmo caminho do seu antecessor. A causa da educação lhe mereceu atenção especial, empenhando todos os seus recursos de zelo apostólico no desenvolvimento da Instrução na sua Diocese. Ampliando as Instituições de Ensino do seu antecessor, assegurou e consolidou a primazia da Diocese, nas Obras Educacionais. Num gesto de generosidade, reintegrou ao patrimônio da Diocese o GINÁSIO DO CRATO, adquirindo o imóvel e direitos desta Instituição e transformando-o em Instituição Diocesana. Sob seu fecundo episcopado, enriquecido de benemerências em todos os aspectos, o Colégio Diocesano do Crato, antes GINÁSIO DO CRATO, alcançou suas grandes vitórias, adquirindo, assim, o renome que goza em toda a hinterlândia nordestina.

*Dom Vicente de Paula Araújo Matos*. Terceiro Bispo da Diocese — Com uma visão ampla do extenso campo de trabalho que lhe competia cultivar, traçou seu Plano de Ação e delineou as metas principais que teria de atingir. Salientou em primeira linha a consolidação da Obra Educacional na Diocese. Deu continuidade ao Plano Educacional dos seus antecessores e fundou A *FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO*. Instalou a *RADIO EDUCADORA DO CARIRI*. Estruturou a *ORGANIZAÇÃO DIOCESANA DE ESCOLAS RADIOFÔNICAS* para alfabetizar adultos à distância. Para levar às populações desassistidas do campo conhecimentos rudimentares e preventivos sobre saúde, higiene, trabalhos domésticos e artesanais, criou a *EQUIPE DE LÍDERES RURAIS*, uma seção do *MEB* e *CETREC* — *CENTRO DE TREINAMENTO DO CRATO*. Fundou o *GINÁSIO* e a *ESCOLA NORMAL MADRE ANA COUTO*, que abriram oportunidade para as famílias de baixa renda educarem seus filhos, criando simultaneamente empregos como meio de amenizar os graves problemas sociais.

É assim que a Igreja do Crato, através dos seus 3 (três) Bispos, Dom Quintino, Dom Francisco e Dom Vicente, vem dando o sinal da sua presença na História da Educação do Crato.

04. — *O Senhor podia citar o nome de 2 (dois) Educadores Eméritos, Mestres renomados, que realizaram uma Obra Educacional Pioneira na História da Educação, na Região Sul do Ceará?*

— Sim. Além de muitos outros, eu lembraria o nome de Monsenhor Francisco de Assis Pita, o nosso conhecido *Mestre Padre Pita* e o de *Monsenhor Jovinião Barreto. Padre Pita* — Uma das figuras mais fascinantes da História da Educação do Crato foi, sem dúvida, o Padre Francisco Pita. Inteligência privilegiada e visão lúcida dos problemas básicos da Região do Cariri, sentiu bem cedo, a realidade ambiente, reclamando com urgência a fundação de um Educandário Regional Modelo, que viesse cuidar, com seriedade, da Educação dos nossos jovens em terras do Cariri. Surgiu, assim, em sede própria, em março de 1927, o *GINÁSIO DO CRATO* em "regime de equiparação prévia", com Inspetor Federal vindo diretamente do Rio de Janeiro, fiscalizando o "Exame de Admissão" ao primeiro ano ginásial, dando início à formação da Primeira Turma de Humanistas, que concluiria o Curso no ano de 1931. Atingindo a Juventude do Sul cearense e dos Estados vizinhos: Pernambuco, Paraíba, Piauí, o Ginásio do Crato transformou-se em modelar estabelecimento de ensino, ostentando eficiente e preparado Corpo Docente a serviço de um Corpo Discente que apresentava alto índice de aproveitamento. O Padre Mestre Diretor, incansável na busca da qualidade do Ensino, contratou Professores dos mais abalizados, um Francês, parisiense, para lecionar o Francês, um inglês para lecionar o inglês. Para reger as cadeiras de Física e Matemática atraiu ao Crato um Professor da escola Politécnica do Recife e para as demais disciplinas, Professores dos melhores da nossa Cidade, como o padre Antônio Gomes de Araújo, o Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, o Padre Osvaldo Rocha, o Professor Álvaro Madeira, sem falar no próprio Diretor, Padre Pita, revelação portentosa do Magistério, no tempo e na época. Transformou-se o Ginásio do Crato num rico Patrimônio da Cultura e do Saber. O Mestre Cláudio Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, ex-aluno do Padre Pita, num gesto de gratidão, fala assim: "Estou convicto de que sem as rajadas habituais da generosidade do grande educador cratense bem diverso teria sido o destino de autênticas vocações para as letras e para a qualificação em grau superior".

O Padre Pita vive no coração de seus amigos.

Grande Sacerdote, Grande Mestre, Grande Educador, Grande Benfeitor do Crato.

*Monsenhor Joviniano Barreto* — **GRANDE PADRE DE DEUS. GRANDE MESTRE — GRANDE EDUCADOR.** Reitor, por muitos anos, do Seminário São José do Crato, foi ali que conseguiu ligar o seu nome à Vida de centenas de Sacerdotes, que enriqueceram o Clero Cearense. Um Educador no sentido autêntico da palavra. Seu Gabinete de Trabalho era um verdadeiro Oráculo. Todos o procuravam, buscando a palavra iluminada, sensata, equilibrada, sempre oportuna e correta para resolver problemas os mais difíceis. Era procurado, frequentemente, por intelectuais e pessoas humildes, por políticos eminentes e sacerdotes ex-alunos ou Padres mais velhos. Era um Guia de consciências, um Condutor de almas, um Educador emérito à altura de sua sublime carreira sacerdotal. Todos os seus atos, realizados no desempenho do seu ministério, eram impregnados do Bom Senso, do equilíbrio, da amorosa solicitude de sentimentos e de vivência cristã. Foi um Educador excepcional, marcando sua passagem pelos postos da Educação com um brilho invulgar. Espírito modelado pelo de São Francisco de Sales, impõe-se pela Bondade e governou pelo coração. O Clero da Diocese do Crato teve em Monsenhor Joviniano o Pai Espiritual. Inteligente e culto era, sem favor, o Padre de mais projeção da nossa Diocese. No campo educacional, suas reais dimensões se revelam no plano do "fazer", realizando verdadeiros milagres, vencendo obstáculos, tão grande era sua capacidade de luta, seu poder de liderança, sua coragem, seu dinamismo, sua tenacidade. Nas décadas de vinte (de 20) e de trinta (de 30), dirigiu o Seminário Diocesano São José, em Crato, mantendo naquele tempo, no interior do Estado, onde tudo era difícil no setor educacional, o Curso Preparatório — *Seminário Menor* e o Curso Superior — *Seminário Maior* com a Filosofia, a Teologia, assumindo, ele mesmo, as Cadeiras mais difíceis: **A FILOSOFIA, a TEOLOGIA DOGMÁTICA e o próprio DIREITO CANÔNICO.** Quando falava, quando dava aulas, quando realizava plenamente o seu trabalho educacional, ministrando os conhecimentos científicos e a mensagem evangélica, dirigia-se mais ao coração do que ao espírito. Era antes um dominador de almas do que arrebatador de inteligências. De uma personalidade comunicativa impressionante, foi verdadeiramente um **GRANDE EDUCADOR**, que bem merece ser lembrado e venerado na história da Educação da Região do Cariri.

**GRANDE MESTRE — GRANDE EDUCADOR — GRANDE PADRE DE DEUS.**

Crato, 1º de setembro de 1992

Festa da nossa Padroeira:

NOSSA SENHORA DA PENHA

---

---

# Réquiem para Arimathéa

---

---

Com *Notícias Acadêmicas* deste mês homenageamos A. Tito Filho, falecido no dia 23 de junho último, na Presidência da Academia Piauiense de Letras.

Desde que há 21 anos sucedeu a Simplicio Mendes, na Presidência, foi incansável no seu trabalho e ardente na sua fé. A fé em construir não um castelo de sonhos, mas uma realidade acadêmica, em que todos hoje acreditam, porque sentem sua presença viva, atuante e corajosa..

Com a divulgação mensal deste Boletim há alguns anos e de uma série numerosa de publicações de outra ordem, difundiu pelo Piauí inteiro e pelo Brasil o nome da Academia, identificando-a com os ideais de todas as demais instituições congêneres e levando a muitas outras a sua mensagem espiritual e os frutos do seu trabalho cultural.

Não havia fato importante ligado à vida da Academia ou pelo qual ela se interessasse, como veículo de cultura, que não fosse divulgado em artigos, comentários ou simples notas, com riqueza de observação e senso crítico.

E tudo era o resultado da dedicação de um homem que harmonizava sua vida com a vida da Academia. Esse homem era José de Arimathéa Tito Filho a quem a estima que lhe devotamos só pode ser excedida pela admiração que lhe devemos.

Jornalista e escritor, filólogo e ensaista, historiador e cronista, as variadas facetas do seu espírito convergiam para um centro comum: a vasta cultura e a humana simplicidade. Cultivando o saber e praticando a virtude, sobretudo a virtude mais virtuosa que é a humildade, dava lições de sabedoria e exemplo de vida edificante. A maior parte de sua vida foi dedicada ao magistério. Era o professor,

Como todo homem de espírito elevado tinha as suas grandes paixões. Pelas coisas terrenas e pelas coisas eternas. Paixão pela Justiça, paixão pela sua terra, sobretudo por aquele pedaço de terra que lhe despertava as afeições mais caras: Teresina. "Teresina

meu amor" era como ele a sentia, perto de si, tão íntima de seu coração, tão verde na sua esperança, tão desprezada em suas relações com o Poder.

Falando de Teresina era como o amante falando de sua amada. A crônica sobre Teresina era uma espécie de redondilha a lembrar estes versos de Camões:

"Que estranho caso de amor!

Que desejado tormento!"

Outra paixão de sua vida: a língua pátria. Era como se fosse Antônio Ferreira na sua exaltação: "Florença, fale, cante, ouça-se e viva". E a paixão pela língua consumia-se na paixão pela palavra, que nele era encantamento, alegria, entusiasmo, vivência cotidiana. Por ser um dom do seu espírito, a palavra era a luz do seu caminho. Caminho tantas vezes rendilhado de sombras, outras vezes marcado de angústia, mas sempre clareado pela grandeza do seu talento e do seu coração.

Se, como dizia Emerson, uma instituição é a sombra alongada de um homem, a Academia, nos anos de sua Presidência, foi a sombra alongada de Arimathéa. Por isso se impôs, tornou-se mais respeitada e querida, centro de atenções, templo de sabedoria, em que muitos sonham entrar, porque lá dentro há algo superior a dominar os espíritos: o culto da inteligência.

A morte veio silenciosamente levá-lo para outro mundo. E ele que amou tanto os livros e que fazia da leitura o seu *pabulum vitae*, hoje só tem uma leitura a deliciá-lo: a do livro da eternidade. Nele não espelha o saber, mas a virtude.

O seráfico São Francisco, amigo das coisas simples, bendizia a irmã morte com esta saudação: "*Bene veniat soror mea mors*": seja bem-vinda minha irmã morte. Essa irmã o acompanhou com seus passos lentos, cansados, invisíveis. Na morte encontrou a liberdade absoluta, pois colocara a sua pena, a sua palavra, o seu talento, a sua fé a serviço dos simples e dos humildes, dos injustiçados e dos oprimidos, lutando contra a ignorância e glorificando a sabedoria.

Em todas as batalhas era "the valiant warrior famed for fight" — O valente guerreiro famoso na peleja.

É assim que o vemos. É com a virtude de um guerreiro famoso e valente que o homenageamos.

(Do Jornal NOTÍCIAS ACADÊMICAS — A. P. Letras — Teresina, Julho, 92).

## PROJETO - "S. O. S. CHAPADA DO ARARIPE"

"Se não houver frutos  
Valeu a beleza das flores  
Se não houver flores  
Valeu a sombra das folhas  
Se não houver folhas  
Valeu a intenção da semente"

*Henfil.*

### 1. IDENTIFICAÇÃO

#### 1.1. NOME DO PROJETO

"S. O. S. CHAPADA DO ARARIPE

#### 1.2. ÁREA ESPECÍFICA

EDUCAÇÃO, CULTURA E TURISMO

#### 1.3. ÓRGÃO PROPONENTE

SECRETARIA DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES

#### 1.4. ÓRGÃOS PROMOTORES

ADMINISTRAÇÃO BARBALHA POPULAR

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI — URCA

IBAMA — CRATO

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE

INSTITUTO ECOLÓGICO CULTURAL MARTINS FILHO

#### 1.5. APOIO

RÁDIO CETAMA

TELECEARÁ

MESBLA

SECRETARIA DE AGRICULTURA DE BARBALHA

## 2. APRESENTAÇÃO

Há muito tempo o Cariri reúne estudiosos, elabora projetos, reclama e grita em defesa da Chapada do Araripe. Muitos sonhos e poucas realizações, além destas constatações... Ano passado perdemos uma excelente oportunidade de colocarmos a nossa Chapada no grito de socorro, em conjunto com as outras matas em perigo pelo Brasil afora, durante a ECO 92. Em muitos Folder's, mapas ecológicos ou de Ecoturismo não constávamos como floresta, fomos esquecidos da Conferência Mundial para o Meio Ambiente. E o pior, nós mesmos fomos os culpados por omissão, ou por esperar que os burocratas das esferas Estadual e Federal se lembrassem de nós.

Todos falam e sabem dos perigos que o Planeta Terra corre, mas poucos tomam consciência de que cada um tem obrigação de, unidos defender o pedaço do Meio Ambiente em que vive. Nossa Chapada só é lembrada quando o fogo domina nossas matas, a cada outubro e novembro...

É para não esquecermos um só dia de defendê-la que lançamos o projeto "S. O. S. CHAPADA DO ARARIPE".

## 3. JUSTIFICATIVA

Já é antiga a preocupação com o estudo e a preservação da Chapada do Araripe. Escritores, Poetas e Cientistas, desde 1841 (Agassis e Gardner) quando se deu o primeiro estudo até os nossos dias, ressaltam a sua fertilidade, a sua Fauna e Flora. Nela se encontra a maior ocorrência de Fósseis do mundo (sem nenhuma proteção governamental permanente para a sua preservação). Dela se disse: "Tudo é Fertilidade, Tudo é Exuberância".

A exuberância e a beleza de suas fontes, dos córregos, das "levadas de água"; as trilhas dentro da floresta, os sítios ao pé da serra abundantes em fruteiras; os engenhos de rapadura, as casas de farinha e a poesia dos canaviais; o pôr-do-sol e as noites de lua cheia na Chapada do Araripe; toda beleza é cantada em versos, transformada em Lendas, Músicas, Arte Popular e Artesanato; o Folclore que emana de suas encostas: As Danças de Reisado, o Maneiro-Pau e as Bandas Cabaçais. É este poético e belo Cariri, que em tudo se espelha e se beneficia da Chapada do Araripe, que iremos resgatar.



No Projeto "S. O. S. . ." levantamos a importância da Chapada do Araripe para o Meio-Ambiente. A formação da floresta pertencente ao Parque Nacional Araripe-Apodi, sua flora, sua fauna; as causas do desmatamento e suas desastrosas consequências no ecossistema do Cariri, e o que devemos fazer para evitar um mal ainda maior.

Discutir Política Ambiental nunca foi tão oportuno como agora no Brasil e no Mundo. Com a Conferência Mundial para o Meio-Ambiente, ECO 92, ficaram informações, experiências, documentos, convênios e indicações para preservação do Planeta Terra. Cabe a nós divulgar a Chapada, suas potencialidades, seus problemas e as soluções a curto prazo que possam compatibilizar as atividades humanas com a preservação dos Recursos Naturais.

Acreditamos que um amplo esclarecimento da população, principalmente a juventude sobre Educação Ambiental virá reverter o quadro de descaso com este imponente Santuário Ecológico do Nordeste.

#### 4. O QUE É A CHAPADA DO ARARIPE

A CHAPADA DO ARARIPE, ocupa uma área de mais de 600.000 Ha, que mede 180 km de comprimento, por uma largura que varia entre 20 e 50 km, alcançando uma altitude de até 900 m. É um maciço que se revestia, antes do desmatamento, de exuberante floresta, rica em preciosas madeiras de lei.

Aqui, a Chapada abriga um dos dez mais importantes sítios fossilíferos do mundo, riquezas minerais como o gesso, fontes de água pura e o que restou daquela exuberante floresta, que serve até hoje como habitat de belíssimas e complexas flora e fauna.

Situa-se a Chapada do Araripe a 400 km do Recife e a 450 km de Fortaleza, capitais respectivamente dos estados nordestinos de Pernambuco e Ceará. Abriga em suas encostas e vales uma população de quase um milhão de pessoas, abrangendo partes dos Estados de Pernambuco, Piauí, Paraíba e Ceará. A Área de Proteção Ambiental — APA se restringe a 6,14% de sua área total, ou seja, 38.262 Ha a Floresta Nacional do Araripe nos municípios de Barbalha, Crato e Jardim.

#### 5. OBJETIVOS

GERAL : Promover uma ampla campanha de divulgação e esclarecimento sobre a Chapada do Araripe,

suas riquezas, seu potencial turístico, econômico e social e os problemas de desmatamento e depre-  
dação da Fauna.

**ESPECÍFICOS :** Contribuir na elaboração do Projeto do Plano  
Diretor da Chapada do Araripe.

Despertar a população para uma consciência eco-  
lógica, principalmente a juventude.

Elaborar projetos de Educação Ambiental para  
a região do Cariri.

Instrumentalizar educadores da região sobre a  
questão ecológica.

Confeccionar material promocional e educativo  
sobre a Chapada do Araripe.

Produção de Vídeos com o Tema Chapada do  
Araripe.

Apoiar projetos na área de Arte, Educação e  
Cultura relacionados à Chapada do Araripe.

## 6. METAS

- Realizar exposições de cartazes, recortes de  
jornais, folder's e revistas divulgadas na ECO  
92;
- Promover exposições de artes plásticas, foto-  
grafia e cartazes ecológicos;
- Lançamento de material promocional como  
camisetas, postais, viseiras e folder's;
- Exibição de Vídeos sobre a Chapada do Ara-  
ripe;
- Mesas redondas e palestras;
- Debates sobre a situação da Chapada do Ara-  
ripe em conjunto com a URCA e o IBAMA;
- Treinamento de Professores da rede Municipal  
sobre Educação Ambiental;
- Formação do Pelotão Ecológico;
- Promover o Ecoturismo;
- Campanha de Reflorestamento.

## 7. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

ITENS	JAN	FEV	MARÇO	ABR	MAIO	JUN	JUL
Produção	X						
Divulgação	X	X	X	X	X	X	X
Lançamento		X					
Realização		X	X	X	X	X	X
Circulação			X	X	X	X	X

### 7.1 CALENDÁRIO DE EXPOSIÇÕES

CIDADE	DATAS	LOCAIS
Juazeiro do Norte	02 a 15.03.93	A ser definido
Jardim	22 a 31.03.93	" " "
Porteiras	05 a 11.04.93	" " "
Brejo Santo	16 a 24.04.93	" " "
Santana do Cariri	03 a 10.05.93	" " "
Nova Olinda	14 a 23.05.93	" " "
Araripe	28 a 07.06.93	" " "
Araripina-Pe.	11 a 20.06.93	" " "
Ouricuri-Pe.	22 a 27.06.93	" " "
Exú-Pe.	01 a 10.07.93	" " "
Moreilândia-Pe.	Julho	" " "
Crato	Julho	" " "

### 8. PROGRAMAÇÃO PROPOSTA

- Exposição ECOS da ECO 92;
- Exposição de Cartazes Ecológicos Teleceará/Mesbla;
- Exposição de Artes Plásticas Chapada do Araripe, Xilogravura e Fotografia;
- Lançamento de Material Promocional, Camisetas e Folder's;
- Exibição de Vídeos: Fátima Façanha, Salesiano e Nordeste Rural;
- Produção de Vídeos Chapada do Araripe-Fósseis, "Chapada do Araripe uma Questão Ecológica" e "Aproveitamento Racional da Chapada do Araripe e Turismo", "Agricultura do Vale do Cariri";
- Mesas redondas;
- Treinamento dos Professores da rede Municipal, Estudo sobre Ecologia e Chapada do Araripe;
- Realizar com a URCA Seminário sobre o Plano Diretor da Chapada do Araripe;
- Formação do Pelotão Ecológico;
- Concurso de Artes Plásticas e Literatura, tema :  
A CHAPADA DO ARARIPE.

## 9. PROJETO: "S. O. S. CHAPADA DO ARARIPE"

PROGRAMAÇÃO	PARTICIPANTES	OBJETIVOS	DATAS E LOCAIS
EXPOSIÇÃO ECOS DA ECO Cartazes e recortes de jornais, revistas e folder's	Estudantes e público em geral	Divulgar o resultado da Conferência Mundial para o Meio Ambiente — ECO 92	08 a 28 de fevereiro/93 Salão da S. C. T. E.
EXPOSIÇÃO CARTAZES ECOLÓGICOS Teleceará/Mesbla	Estudantes e público em geral	Mostrar os Cartazes Ecológicos produzidos em 1992	" " " " " " " " " " " "
EXPOSIÇÃO ARTES PLÁSTICAS	Estudantes e público em geral	Divulgar os trabalhos realizados em fotografias, pinturas e escultura	" " " " " " " " " " " "
EXIBIÇÃO DE VÍDEOS	Estudantes	Exibir os Vídeos sobre a Chapada do Araripe	Dias 09, 16 e 27 de fevereiro de 1993 Salão da S. C. T. E.
LANÇAMENTO DE MATERIAL PROMOCIONAL, Camisetas, Folder's, Postais, etc.	População em geral	Divulgar o Projeto e iniciar Campanha de Preservação da Chapada do Araripe	Dia 08 de fevereiro/93 Salão da S. C. T. E.

9. PROJETO: "S. O. S. CHAPADA DO ARARIPE"

PROGRAMAÇÃO	PARTICIPANTES	OBJETIVOS	DATAS E LOCAIS
PRODUÇÃO DE VIDEOS	Equipe de produção, apoio e técnica	Fornecer elementos para estudo e pesquisa nas áreas: Científica, Tecnológica, Cultural e Sócio Econômica da Chapada do Araripe.	Início das gravações 03 de março/93
MESAS REDONDAS E PALESTRAS	Estudantes, Professores, Técnicos, Instituições, Associações, Grupos e Público em geral.	Fomentar o debate sobre a questão Ecológica em defesa da Chapada do Araripe	Dias 10, 17 e 28 de fevereiro/93 Cine Teatro Neroly
TREINAMENTO DE PROFESSORES	Professores da rede Municipal de Ensino de 1º e 2º Graus	Formação de professores sobre a questão Ecológica e Educacional Ambiental	08 a 12 de fevereiro/93 Cine Teatro Neroly
CONCURSO: ARTES PLÁSTICAS	Estudantes das Escolas do Município de 1º e 2º Graus	Incentivar a produção em Artes Plásticas e Literatura nas Escolas de Barbalha	Lançamento, Regulamento e Inscrições : Dia 08 de fevereiro/93 na S. C. T. E.
RECITAL POÉTICO	Atores da Região	Lançamento do Projeto	Dia 08 de fevereiro/93 Salão

# O PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA

Em 13 de junho de 1763 nascia na Vila de Santos, que tinha então pouco mais de dois mil habitantes, o menino José Antônio de Andrada e Silva, que, com cerca de 60 anos, tornar-se-ia o Patriarca da Independência, filho de Bonifácio José de Andrada, segunda fortuna da Vila, e de dona Maria Bárbara da Silva, casal que teve dez filhos, quatro mulheres e seis homens.

Provinham os Andrada de antiga família portuguesa, dos senhores d'Entre-Homem e Cávado, ligados por laços de parentesco aos Freire de Andrada, condes de Amares e marqueses de Montebelo. E o menino José Antônio, que aos treze anos já figurava como José Bonifácio em recenseamento então realizado, não tardou a revelar o talento que o acompanharia pelo resto de sua vida grandiosa. Para aproveitá-lo, transferiu-se para São Paulo, lá freqüentando o curso do bispo Frei Manuel da Ressurreição com excepcional desempenho, em preparação para o seu ingresso na Universidade de Coimbra.

Assim é que depois de ter estado por pouco tempo no Rio de Janeiro, daí parte em 1783, com vinte anos de idade, para a Europa, onde permaneceria sem interrupção por cerca de trinta e seis longos anos, para o Brasil só retornando com cinqüenta e seis anos, em 1819, acompanhado de sua esposa, dona Narcisa Emília O'Leary de Andrada, de irigem irlandesa, e de suas filhas Gabriela Frederica e Narcisa Cândida, esta filha natural, permanecendo a mais velha. Carlota Emília, já casada com Alexandre Antônio Vandelli, em Portugal.

Convém assim que antes de passar-se à consideração dos acontecimentos que se desenrolaram a partir de seu retorno ao Brasil em 1819 faça-se, ainda que em breve esboço, uma resenha de seus trinta e seis anos na Europa.

A Universidade de Coimbra se achava sob o efeito da reforma pombalina, ao influxo do ideário iluminista do século XVIII, e o jovem José Bonifácio, reafirmando a versatilidade de seu talento, forma-se em Filosofia em 1787 e em leis em 1788, demonstrando embora, durante o curso de filosofia, que, por força da reforma, já compreendia o estudo da matemática e das ciências naturais, especial pendor para as pesquisas científicas.

Assim não é para admirar que, embora tendo logrado em 8 de julho de 1789, perante o Desembargo do Paço, habilitação para o exercício de cargos da magistratura, houvesse preferido, sob os auspícios do Duque de Lafões, dom João de Bragança, primo da rainha dona Maria I e fundador em 1780 da Academia de Ciências de Lisboa, e já como sócio dessa Academia, integrar a Comissão destinada à aquisição, "por meio de viagens literárias e explorações filosóficas, dos conhecimentos mais perfeitos da Minerologia e mais partes da Filosofia e História Natural", consoante o ato do Governo português de 18 de fevereiro de 1790. A Comissão era assim integrada por José Bonifácio e por outros dois jovens, o também brasileiro Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt e Sá, que a chefiaria, e o português Joaquim Pedro Fragoso. E é assim que se vêem José Bonifácio e seus companheiros em plena Paris revolucionária nos anos de 1790 e 1791, de lá partindo para Freiberg, na Saxônia, Tirol, Itália, Suécia e Noruega, em viagem de estudos que durou cerca de dez anos ininterruptos. Em Paris, em Freiberg, na Suécia e na Noruega esteve José Bonifácio em contato com sumidades do mundo científico da época. Em Paris frequentou, além do curso de Mineralogia e Química, a Escola Real de Minas, em Freiberg, durante dois anos, a Escola de Minas de Freiberg, decisiva para sua orientação como mineralogista, na Suécia e na Noruega dedicou-se a investigações que o levaram à caracterização de novas espécies minerais, o que de tudo resultou-lhe o ingresso, em Paris, na Sociedade Filomática de Paris e na Sociedade de História Natural. Em outros países, na Sociedade dos Investigadores da Natureza de Berlim, na Sociedade Mineralógica de Iena, na Academia de Ciências de Estocolmo, na Sociedade Geológica de Londres, na Sociedade Weneriana de Edimburgo, e, ainda, como membro correspondente, no Instituto de França. Nesse interim, publicou diversos e elogiados trabalhos como frutos de seus estudos científicos.

Voltando da longa viagem em 1800 encontra José Bonifácio em Portugal dois de seus irmãos, mais moços do que ele, Antônio Carlos e Martim Francisco. Antônio Carlos, como ele, formado

em filosofia e em direito pela Universidade de Coimbra, Martim Francisco, apenas em filosofia pela mesma Universidade. Grande alegria para José Bonifácio, cujo fado o leva em seguida a aproximar-se de um parente distante, mas homem de grande talento, saber e influência, que logo se tornou amigo e admirador do brasileiro, a quem decidiu aproveitar para a execução de alguns de seus projetos administrativos, e pelo que conseguiu cumulá-lo com designações, incumbências, cargos e nomeações. D. Rodrigo de Souza Coutinho, mas tarde Conde de Linhares.

Assim é que em pouco tempo, viu-se José Bonifácio nomeado em 1801 professor titular da cadeira de Metalúrgica da Universidade de Coimbra, cadeira para ele especialmente criada. Ainda em 1801, Intendente Geral das Minas e Metais do Reino e membro do Tribunal de Minas, que deveria dirigir a Casa da Moeda, Minas e Bosques de todos os domínios portugueses. No mesmo ano, diretor do Real Laboratório da Casa da Moeda de Lisboa. Em 1807, superintendente do Rio Mondego e Obras Públicas de Coimbra. Isto para não falar-se de outros encargos menores, conquanto não menos trabalhosos, e sem contar-se sua nomeação em 1805 para o cargo de desembargador da Relação e Casa do Porto, que por desinteresse não chegou a exercer.

Mas não pararam aí as atividades públicas de José Bonifácio, uma vez que, recusando-se a abandonar Portugal na oportunidade da fuga da família real e de seu numeroso séquito para o Brasil, em 1807, e na iminência da invasão napoleônica, preferiu incorporar-se ao movimento de resistência aos invasores, vindo a assumir pouco depois em Coimbra no posto de tenente-coronel, e em função da competência e bravura demonstradas, o comando do Corpo Militar Acadêmico, inicialmente Corpo Voluntário Acadêmico, até que, tomada a cidade do Porto, foi nomeado seu Intendente de Polícia e Superintendente da Alfândega e Marinha, atividades em que permaneceu até a definitiva retirada dos invasores.

Entretanto, desde 1806 desejava José Bonifácio, saudosos, retornar ao Brasil. A invasão francesa fez com que suspendesse concretização desse sonho, e, cumprida mais essa extraordinária missão, reacendeu-se em seu espírito a ardente vontade de retorno. Mas já então as coisas se lhe tornaram paradoxalmente difíceis. Seu amigo D. Rodrigo de Souza Coutinho fora incluído, como grande amigo do Príncipe Regente D. João, em seu séquito transmigratório, e veio a falecer no Rio de Janeiro como Conde de Linhares em 1812. Sem sucesso os seus reiterados pedidos no sentido da quitação de seus compromissos em Portugal. Mas não



desanimava, e, enquanto isto, como um lenitivo, dedicava-se com amor às atividades de sua eleição na Academia de Ciências de Lisboa, de que chegou a ser Secretário, à espera de sua "carta de alforria", só conseguida em 1819.

Em 1819 retorna por fim ao Brasil, onde esperava dedicar-se em Santos a uma vida pacata com sua família, entregue aos seus estudos e pesquisas.

No Rio de Janeiro foi muito bem recebido e, por influência de seu amigo e admirador Tomás Antônio de Vila Nova Portugal, dos altos conselhos do Rei, foi convidado para o exercício de elevadas funções públicas, que não aceitou, preferindo, como já se assinalou, ir viver pacatamente em Santos, o que não impediu, entretanto, dados os seus reconhecidos méritos, que fosse agraciado por D. João VI com o título de conselheiro, conforme a Carta de Mercê de 18 de agosto de 1820.

Não lhe duraria porém a vilegiatura, eis que não demoraria ver-se envolvido pelos acontecimentos que se seguiram à volta da Corte para Portugal em 24 de abril de 1821.

As Cortes de Lisboa não haviam visto com bons olhos a permanência do Príncipe D. Pedro no Brasil, na condição de Príncipe Regente. Clara era a intenção delas, como os fatos o confirmariam, de degradar o Brasil, que integrava desde 1815 o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, à condição anterior de mera colônia de Portugal. E com isto não concordavam peremptoriamente os brasileiros, não obstante o apoio que no Brasil elas desfrutavam por parte de muitos portugueses e sobretudo de suas tropas, que aqui permaneceram, e desejavam como medida fundamental para o alcance de seus lúgubres intentos a ida do Príncipe para Portugal, em consonância já agora com atos expressos das referidas Cortes.

Foi então que se produziram imediatas e vivas reações por parte dos brasileiros, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, determinando por parte dos paulistas não só o envio ao Príncipe do vibrante ofício de 24 de dezembro de 1821, como a remessa ao Rio de Janeiro de uma representação que lhe seria entregue por quatro delegados especiais, dentre eles José Bonifácio, que passou a integrá-la no lugar de seu irmão e genro Martim Francisco.

Com o prévio conhecimento do ofício paulista e da representação que também lhe faria o Senado da Câmara do Rio de Janeiro, então presidido por José Clemente Pereira, decidiu o Príncipe, em 9 de janeiro de 1822, desobedecendo formal e publicamente a ordem das Cortes, permanecer no Brasil como seu Regente.

Note-se que a substituição de Martim Francisco por José

Bonifácio ter-se-ia dado por pedido secreto do Príncipe, que já teria a intenção de aproveitar-lhe o precioso concurso na empreitada emancipacionista, tanto que, chegando ao Rio a delegação paulista em 17 de janeiro, já dois dias antes havia José Bonifácio sido nomeado Ministro do Reino e dos Estrangeiros, cargo equivalente ao de Primeiro Ministro, e por ele só aceito em causa comum não só a vivas instâncias do Príncipe, como daquela por quem passaria a nutrir profunda amizade e admiração, a Princesa e depois a Imperatriz d. Leopoldina.

Nomeado Ministro, passou José Bonifácio a tomar uma série de providências tendentes não só a assegurar o *status* do Brasil como reino unido ao de Portugal, como a preparar-lhe, se necessário, a independência. No fundo desejava a independência, não só de acordo com suas próprias aspirações de inexcedível patriota, como em consonância com as gerais aspirações dos brasileiros. Havia mister, porém, agir não só com energia, mas também com equilíbrio e cautela, a fim de que não malograssem os dois grandes objetivos: a independência e a preservação da unidade nacional, que só poderia ser politicamente preservada através do monarca, dentro dos princípios de uma monarquia constitucional. Daí sua luta, de um lado, contra os portugueses, dentre os que apoiavam as Cortes de Lisboa, e, de outro, contra os brasileiros que, desconfiados não obstante das intenções do Príncipe, desejavam a independência a qualquer preço, ainda que colocando em risco a consecução daqueles objetivos. E isto para não falar da atuação de outros que, comungando embora com eles, faziam-lhe por mera emulação, um tanto invejosos, velada e por vezes ostensiva oposição, sobretudo através da Maçonaria em que José Bonifácio não confiava inteiramente, e ainda que seu Grão Mestre, a ponto de ter fundado com o Príncipe uma outra Ordem secreta, denominada o Apostolado da Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz, dividida em três "palestras", ou lojas, a saber: "Independência ou Morte", "União e Tranquilidade" e "Firmeza e Lealdade".

No cumprimento de sua invejável missão e para o alcance daqueles importantes desígnios, iniciara José Bonifácio o seu governo coerentemente adotando duas medidas de alto sentido: a primeira, de 21 de janeiro de 1822, ordenando que não se cumprissem leis providas de Portugal sem o prévio "exequatur" do Príncipe Regente; a outra, de 16 de fevereiro, convocando a Junta de Procuradores das Províncias, da qual surgiria já no Império o Conselho de Estado.

E já em 3 de junho de 1822, por influência do açodado grupo

maçônico liderado por Gonçalves Ledo e ouvido o Conselho de Procuradores, expediu-se decreto mandando convocar a "Assembléa Geral Constituinte e Legislativa, composta de deputados das províncias do Brasil".

Com o fim de reforçar sua posição política em face de desinteligência ocorrida entre o governo provincial de São Paulo e seu querido irmão e genro Martim Francisco, desmembrou do seu Ministério a Pasta da Justiça, então conseqüentemente criada, para ela sendo nomeado o então Ministro da Fazenda Caetano Pinto de Miranda Montenegro, vindo o Ministério da Fazenda a ser ocupado em 4 de julho de 1822 por Martim Francisco, homem competente, reto e inflexível, mas sempre extremamente ligado a José Bonifácio.

Vê-se assim que sob a segura supervisão de José Bonifácio, com o integral apoio do Príncipe, ia o Brasil preparando de um modo ordeiro e a passos céleres, o caminho para sua independência. Cumpria ainda assegurar a importante adesão das províncias, eis que a da Bahia se achava dominada pelos portugueses e a de Minas um tanto quanto reticente em face da desconfiança que nutria em relação ao Príncipe, no seu sentir sobretudo um representante da casa reinante portuguesa. E foi ainda José Bonifácio quem aconselhou o Príncipe a visitar Minas, que acabou por solidarizar-se com o movimento emancipacionista.

O País estava assim maduro para ver declarada sua independência pelo Príncipe Regente, a quem o Senado da Câmara do Rio de Janeiro em 13 de maio de 1822, ao ensejo da data natalícia de D. João VI, concedera o título de "Protetor e Defensor Perpétuo do Brasil". E isto mesmo foi posto em evidência no candente Manifesto de 6 de agosto de 1822, da lavra de José Bonifácio, segundo o notável historiador Octávio Tarquínio de Souza. Mais um motivo formal das Cortes de Lisboa e a independência seria declarada.

E o foi em 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga, pelo Príncipe D. Pedro, com a declaração que finalizava com a divisa "Independência ou Morte", ante mais uma investida das Cortes, tentando reconduzir o Brasil ao estado colonial com o anular a convocação do Conselho de Procuradores e despojar o Príncipe de sua autoridade regencial, além de mandar processar todos quanto tivessem procedido contrariamente à sua política.

Declarada a Independência, procederam-se aos preparativos para os atos complementares, com a aclamação de D. Pedro em 12 de outubro seguinte, dia em que completaria 24 anos de idade,

como imperador constitucional do Brasil, e sua soleníssima coroação em 1º de dezembro do mesmo ano, além da instalação da Assembléa Constituinte em 3 de maio de 1823. Enquanto isto, providenciou com sucesso José Bonifácio, através do concurso e do comando do almirante inglês Lord Cochrane, Conde de Dundonald. e posteriormente também Marquês do Maranhão, a retirada da Bahia e do Maranhão das forças portuguesas, resistentes à independência.

Instalada a Assembléa Constituinte sob a irrecusável liderança das três Andrada, que a integravam, José Bonifácio, ainda como Ministro do Império e dos Estrangeiros, é eleito sucessivamente vice-presidente e presidente da Assembléa, desta participando igualmente Martim Francisco, também Ministro da Fazenda, e Antônio Carlos, tribuno eloqüente. E não obstante o enorme apoio por eles dado ao Imperador, mas já então sob a influência do veneno dos áulicos, foram os Ministros demitidos, o que os levou a estabelecerem nem sempre com a necessária contenção uma clara e crescente oposição da Assembléa ao Imperador, pelo que veio este a dissolvê-la em 12 de novembro de 1823, com prisão e o exílio dos Andrada e de outros deputados.

Quase seis anos esteve José Bonifácio exilado na França, e na viagem de volta perde a virtuosa esposa d. Narcisa Emília.

De volta ao Brasil em 1829, e não obstante os acenos do Imperador, cujo prestígio se achava combalido, para que retornasse às funções de Governo, esquivava-se das atividades políticas e por assim dizer acaba por isolar-se em seu retiro da Ilha do Paquetá, assistido por sua filha, a jovem Narcisa Cândida. Cumprira com galhardia sua altíssima missão, mas uma última ainda lhe estava reservada, de elevada distinção, mas que lhe causaria enormes dissabores em parte gerados pela inveja e pelo despeito. É que o Imperador, ao ensejo de sua abdicação em 1831, já não mais tendo em quem confiar, lembra-se então da figura de quem veio a considerar o seu mais verdadeiro, eminente e leal amigo, e o nomeia tutor de seus filhos menores da casa imperial, inclusive do nosso Imperador D. Pedro II, então com cerca de seis anos, cargo de que veio a ser no entanto arbitrariamente suspenso por ato do Governo de 14 de dezembro de 1833, e contra cuja suspensão, para o fiel cumprimento do encargo, reagiu valorosamente o grande Andrada que veio a terminar seus dias em Niterói, onde faleceu em 6 de abril de 1838, com quase setenta e cinco anos de idade.

Este é com justiça o Patriarca de nossa Independência, o homem em cujo ideário político não só se incluíam a independência

e a preservação da integridade da Pátria brasileira, mas ainda o constitucionalismo, a incorporação dos índios à sociedade, a imediata e efetiva coibição do tráfico de escravos, a gradativa, mas acelerada, extinção da escravatura, além de ter preconizado com quase cento e cinqüenta anos de antecedência a centralização da capital do País, e por cuja superioridade, e não obstante a insistência do Imperador, recusou o título de Marquês de Santos e a Grã-Cruz do Cruzeiro, sob a escusa de que só aceitaria, como recompensa pelos serviços prestados à Pátria, que sobre a lápide de sua sepultura o Estado mandasse inscrever estes versos do clássico Antônio Ferreira:

*"Eu desta glória só fico contente,  
Que a minha terra ameí e a minha gente".*

Mas, Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, a vós que fostes também renomado cientista, humanista, latinista, poliglota e primoroso poeta, a Pátria agradecida não poderia cingir-se a tão singela homenagem, em que pese a beleza dos versos do poeta, sobretudo ao que foi o primeiro e o maior de seus estadistas, e vos homenageou mais eloqüentemente concedendo-vos um título mais alto do que o de marquês, do que o de duque, do que o de príncipe ou mesmo o de imperador, concedendo-vos o justo e glorioso título de Patriarca da Independência, e continuou a homenagear-vos de muitos outros modos, erigindo monumentos em vossa honra e glória e cantando-vos os feitos em prosa e verso.

O próprio autor deste elogio dedicou-vos nos idos de 1959 um poema, um pequeno poema, é verdade, mas pela intenção, não menos significativo, e constante do livro *Folhas do Outono*, de 1966 :

#### JOSE BONIFACIO

*Mão poderosa guiou o Príncipe  
para a sonhada Independência...  
O seu vulto ainda ilumina a Pátria!  
Ó mão bendita e majestosa  
do grande Patriarca!*

# QUINTINO CUNHA, Poeta e Repentista

Quintino Cunha foi uma figura quase lendária, considerado por todos que o conheceram ou dele ouviram falar, o maior humorista e o melhor repentista cearense de todos os tempos, jornalista de nomeada, exímio poeta, de inteligência brilhante e lúcida, orador invulgar, autor de apreciável número de trocadilhos oportunos e de bom gosto.

Foi boêmio e dotado, ao mesmo tempo, de "coragem irrefletida e índole aventureira", satírico, descuidado no trajar, perturbando de tal forma os seus contendedores ou opositores, que na qualidade de advogado, jamais perdia uma causa no Tribunal do Júri de Fortaleza e de cidades do interior do Estado.

Dele me lembro, vendo-o atravessar a Praça do Ferreira no centro da capital, usando em um dos pés um velho chinelo, que lhe não maltratava os calos.

Plautus Cunha, seu filho, jornalista, escritor, poeta, para quem Quintino, em carta admirável, afirmara, paternalmente, "terás a perpetuidade no meu coração", reuniu, conservou, comentou e divulgou o que lhe foi possível das obras de seu pai, o imortal vate, de tão fina sensibilidade.

São numerosas as anedotas contadas a seu respeito e os fatos pitorescos em que se viu envolvido. Das fontes que nos oferece Plautus Cunha, e de outras, vão alguns exemplos da atividade intelectual do grande pensador e ardoroso tribuno:

1. Na campanha política de Nilo Peçanha e J. J. Seabra, fazendo blague, dizia: "O Brasil está despedaçado, é preciso uni-lo, ainda que depois *se abra*".

2. A respeito de um júri em Vitória, no Espírito Santo, disse: "Aqui falam os inteligentes e os ignorantes julgam".

3. "O cearense nasce na fé, cria-se na esperança e morre na caridade".

4. Certa vez, ouviu a seguinte crítica: V. Senhoria vem para o tribunal de alpercatas, desmoralizando a profissão, ao que respondeu: "Eu a desmoralizo com os pés e V. Senhoria a desmoraliza com a cabeça".

5. De outra feita também no tribunal do júri, ao seu opositor que lhe afirmou "estou montado na lei", retrucou: "pois é imprudente, não devia montar em animal que não conhece".

6. "O cearense é como o passarinho, tem que voar para fazer o ninho".

7. Disse-lhe uma ocasião, um advogado: "Quintino, você está muito mais velho do que eu", tendo como imediata resposta: "mais velho e menos besta, porque não tenho tempo de pensar na idade".

8. Estando certa vez com o padre Cícero, viu um romeiro entregar dez mil réis ao padre que os guardou, atendendo este depois a um pedinte a quem deu uma moeda como esmola, dizendo a Quintino: o dinheiro entra por um bolso e sai pelo outro, respondendo o poeta: "mas já sai trocado".

9. Chegando cansado a um hotel em Sobral, a proprietária do estabelecimento informou-lhe que não havia acomodação, a não ser um quartinho vago perto do seu e perguntou então a Quintino: "Será que o senhor consegue dormir aqui?"

"Com — sigo — sim", foi a resposta.

10. Recebendo como pilhéria, em dia de aniversário, um chifre numa bandeja, agradeceu o presente em cartão no qual escreveu: "Cada qual dá o que tem".

Gênio do Humorismo sadio, com espírito folgazão, alegre, elevado, em geral só agredia quando ofendido, fazendo-o com resposta imediata e precisa. Para o ataque representado pela ironia, pilhéria infeliz ou deboche, oriundo do recalque, da inveja ou do desejo de humilhar, tinha sempre Quintino Cunha a resposta exata, esmagadora, à altura da insólita agressão.

Não foi apenas servo do humorismo, mas também no terreno da poesia, Quintino Cunha se fez notável e realmente imortal.

Quanto vale uma mulher bonita, perguntou Beni de Carvalho ao poeta, que lhe deu como resposta:

Se for como Maria,

A formosa Maria da Judéia,

Vale o céu, a terra, a noite e o dia,

Vale o pensamento da mais nobre idéia.

Mas se for como Lais e Frinéia,  
Desde D'Artapala à D'Artanéia,  
Se for bonita, rica, fútil e vaidosa  
Enfeitada como um manequim,  
Vale uma surra de "botão de rosa".

*Comunhão da serra e Encontro das águas* bastariam para torná-lo célebre.

Com seu privilegiado talento, cantou as selvas e costumes amazônicos, observou a natureza prodigiosa, estudando costumes e lendas. Aqui encontrou-se com Euclides da Cunha, que lhe perguntou, "que está fazendo caboclo?", tendo como resposta, do ponto em que se achava — "Estou pescando a vida" e se tornaram, desde então, grandes amigos.

*De Comunhão da serra*, veja-se uma estrofe:

E digam que eu não vi a minha serra  
Como uma virgem de grinalda e véu  
Recebendo de Deus, daqui da terra  
A hóstia luminosa lá do céu!

O turista que chega hoje a Manaus se identifica com os rios, a floresta e toda a pujante natureza da Amazônia, e ao contemplar aquele espetáculo inesquecível, extraordinário, sem igual, do encontro das águas, ouve os versos magníficos do poeta de Pelo Solimões, declamados pelo guia que o conduz e assim constituídos, nos quais o poeta descreve, com exatidão e profundo sentimento, o quadro sensacional.

*Encontro das águas. Rios Negro e Solimões.*

Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este  
É o rio Negro, aquele é o Solimões,  
Vê bem como este contra aquele investe,  
Como as saudades com as recordações.

Vê como se separam duas águas,  
Que se querem reunir, mas visualmente;  
É um coração que quer reunir as mágoas  
De um passado, às venturas de um presente.

É um simulacro só, que as águas donas  
Desta terra não seguem curso adverso,  
Todas convergem para o Amazonas,  
O real rei dos rios do universo.



Para o velho Amazonas soberano  
Que, no solo brasileiro, tem o paço:  
Para o Amazonas que nasceu humano,  
Porque afinal é filho de um abraço!

Olha está água que é negra como tinta,  
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;  
Dá por visto o nanquim com que se pinta  
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.

Aquela outra parece amarelaça,  
Muito, no entanto, é também limpa, engana,  
É direito a virtude quando passa  
Pela flexível porta da choupana.

Que profundeza extraordinária, imensa,  
Que profundeza, mais que desconforme!  
Este navio é uma estrela suspensa  
Neste céu d'água, brutalmente enorme.

Se esses dois rios fôssemos, Maria,  
Todas às vezes que nos encontramos,  
Que Amazonas de amor não sairia,  
De mim, de ti, de nós — que nos amamos!...

Culto sacerdote, escritor e poeta de merecimento, afirmou que Quintino Cunha foi incorrigível perdulário, que passou a vida dissipando a flama do gênio e morreu como um franciscano.

Nos instantes em que já lhe chegava a morte o poeta ainda ditou, recomendando a grafia das maiúsculas, em cada verso, o epitáfio para o seu túmulo:

“O Padre Eterno, segundo  
refere a História Sagrada,  
tirou o Mundo do nada  
E eu nada tirei do mundo”.

Grande amigo de Quintino e seu compadre, foi o escritor Leonardo Mota, que reuniu imenso e precioso material folclórico nos seus livros, pesquisou, comentou e divulgou a poesia dos desafios e dos cantadores do Nordeste, focalizando a trova popular e o anedotário como ninguém o fez.

Eu quero tanto ao meu bem  
Que disse ao meu confessor:  
Padre não seja teimoso  
Que eu não largo o meu amor!

É um exemplo das trovas que Leonardo reuniu.

Conta-se de Paula Ney, poeta, jornalista, boêmio, repentista, humorista primoroso e até estudante de medicina, tendo deixado respostas originais nos seus exames na faculdade, que em certa ocasião se dirigiu ao seu amigo e conterrâneo nos seguintes termos:

Quintino, me diz agora  
Como vai a tua Estela?

Ó Ney, por Nossa Senhora,  
Não fale no nome dela!

Sua resposta surgiu pronta, as palavras cortadas com seus lábios finos, nos dois últimos versos em que o poeta suplica ao Ney que não fale o nome daquela que foi o maior amor, amor de que só lhe restava a incurável paixão.

Assim foi Quintino Cunha, a luminosidade em pessoa, cintilando em vida e deixando um rastro de luz, cuja perenidade resiste à ação dos tempos apagadores das criações.

---

---

## CRATO SE RESENTE DE UM ESPAÇO CULTURAL

A cada ano que passa mais avulta a necessidade de ser implantado, em Crato, um ESPAÇO CULTURAL, que possa abrigar as instituições de cultura da cidade, seus equipamentos, Biblioteca, Teatro, salas de concertos, auditório para palestras, debates, simpósios, seminários, lançamento de livros, exposições de pintura, etc.

O Instituto Cultural do Cariri tem terreno, no centro, que se prestaria a essa iniciativa e o coloca à disposição das autoridades, reservando-se o direito de ali instalar sua séde e seus departamentos, seu arquivo e outras dependências próprias das suas atividades.

---

---

*Itaytera - uma revista que traduz a nossa  
cultura e o nosso progresso.*

---

---

# Dom Newton

## Holanda Gurgel

### 4.º Bispo Diocesano

#### do Crato

Obteve a melhor repercussão possível, em toda a Diocese, a nomeação de Dom Newton Holanda Gurgel, pela Santa Sé, no dia 24 de novembro do corrente, para novo Bispo Diocesano do Crato, após exercer por um ano e meio as funções de Administrador Diocesano, em face da renúncia de Dom Vicente Matos, em junho do ano passado, do qual era Bispo Auxiliar desde 1979.

Natural de Acopiara-CE, Dom Newton Holanda Gurgel nasceu em 1º de Novembro de 1923, contando hoje com 70 anos, filho do casal Francisco Gurgel Valente e Aurélia Holanda Gurgel. Iniciou seus estudos eclesiásticos em 1937 no Seminário São José do Crato e os concluiu nos Seminários Arquidiocesanos de Fortaleza e João Pessoa. Ordenou-se em 17 de Dezembro de 1949, em Milagres, em cerimônia oficiada por Dom Francisco de Assis Pires, tendo cantado sua primeira missa em 1º de Janeiro de 1950, na Matriz de Acopiara, sua terra natal. Fez ainda o Curso de Especialização de Filosofia, na Universidade Católica de Salvador-Bahia.

Após sua ordenação sacerdotal, exerceu diversas funções : Vigário da Paróquia de Icó, Vigário-Cooperador de Iguatu, Prefeito de Disciplina, Diretor Espiritual e Reitor do Seminário São José, Vigário-Cooperador de Juazeiro do Norte, Pároco, Professor da Escola Normal e Diretor do Patronato de Campos Sales, Capelão do Patronato Padre Ibiapina, Confessor e Diretor Espiritual do Noviciado da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, em Crato.

Em abril de 1979, foi eleito Bispo-Auxiliar do Crato, cuja sagração foi oficiada pelo Papa João Paulo II em Roma, tendo

assumido suas funções em julho do mesmo ano, passando depois às funções de Coordenador da Pastoral Vocacional da Diocese. Em 1990, foi agraciado com o título de "CIDADÃO CRATENSE" pela Câmara Municipal do Crato.

Com a renúncia de Dom Vicente Matos em junho do ano passado, por problemas de saúde, Dom Newton Holanda Gurgel passou a exercer as funções de Administrador Diocesano até receber comunicação oficial da Santa Sé, através da Nunciatura Apostólica do Brasil, e da Rádio do Vaticano, informando sua eleição para Bispo Diocesano do Crato.

A posse de Dom Newton Holanda Gurgel como quarto Bispo Diocesano do Crato será realizada às 17 horas do próximo dia 9 de janeiro, em concelebração solene, em frente à Sé Catedral, que será presidida por Dom Aloísio Lorscheider, Arcebispo-Metropolitano de Fortaleza, com a presença de outros Bispos convidados.

Registrando o grato evento, a REVISTA ITAYTERA envia sua mensagem de cumprimentos, em nome do Instituto Cultural do Cariri, a Dom Newton Holanda Gurgel, por sua merecida eleição para Bispo Diocesano do Crato, por decisão da Santa Sé, rogando a Deus que cumule sua Excelência Reverendíssima de bênçãos e graças para seu fecundo governo à frente da Diocese do Crato.

---

---

## Presidente do I.C.C. Saúda D. Newton

O Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Presidente do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, enviou ao Exmo. Sr. Dom Newton Holanda Gurgel, recém nomeado Bispo Diocesano do Crato, a seguinte mensagem:

*DOM NEWTON HOLANDA GURGEL*

PALÁCIO EPISCOPAL

CRATO

NOME INSTITUTO CULTURAL CARIRI MEU PRÓPRIO  
CONGRATULO-ME VOSSÊNCIA SUA MERECEIDA NOMEAÇÃO  
BISPO DIOCESANO DIGNO CONTINUADOR MISSÃO APOSTÓ-  
LICA HUMANA SEUS ILUSTRES ANTECESSORES

RESPEITOSAMENTE

RAIMUNDO OLIVEIRA BORGES

Conferência realizada no INSTITUTO DO CEARÁ,  
em Fortaleza, no dia 20 de Setembro de 1993

## EVOcando A FIGURA DO GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Sr. Presidente, Professor Geraldo Nobre

Srs. Pares deste exemplar Instituto do Ceará

Senhoras e Senhores.

Sra. Valdelice Cartaxo Teles e familiares.

Neste momento, dois grandes sentimentos invadem a minha alma: a saudade de um grande amigo e a emoção profunda de recordar a sua vida, tão digna e tão proveitosa.

Aos 90 anos de idade, não seria eu o indicado para ocupar este microfone, certamente reservado a personalidades que receberam de DEUS os dotes e requisitos essenciais aos oradores, mas o faço inspirado nas palavras de GOETHE, o grande orador, romancista e poeta, que dominou a literatura alemã; o qual sugeria aos tímidos: "TEM CONFIANÇA EM TI E VENCERÁS".

Apoio-me também em nosso maravilhoso coração que é sede das emoções e nos leva a descobrir afinidades como afeições, independentes de cor, de status social, etc.

Foi assim que o General Teles e eu nos fizemos irmãos em Cristo. Nossa maneira de pensar nunca sofreu desgastes; foram colóquios explícitos e cordiais.

De antemão, conheceremos a ascendência e descendência de Raimundo Teles Pinheiro, o futuro general, amante das belas letras.

*Titãs do amor em terras caririenses*

Em fins de 1900, Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes, enamorou-se da gentil e graciosa senhorinha Teresa de Jesus Teles. A presença da mulher inteligente quanto recatada, é para os homens, a verdadeira origem de simpatia e amor, ditados pela natureza. Casaram-se.

## *Fruto do amor*

Na manhã do dia 20 de março de 1908, a próspera e bonita cidade do Crato despertou festiva com a notícia do nascimento de um menino que, na pia batismal, receberia o nome de Raimundo. Nasceu na casa de seu avô materno, Teodorico Teles de Quental, na praça São Vicente, atual praça Siqueira Campos. Raimundo é trineto do célebre Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e irmão por parte de pai do General José Monteiro Pinheiro.

De Cícero e Teresa, nasceu mais um filho, José, que morreu aos dois anos de idade. A carinhosa mãe, de compleição profundamente delicada, adoeceu gravemente, sofreu muito e faleceu aos 21 anos de idade, deixando um viúvo transtornado e o filho, Raimundo, órfão do amor materno.

Cícero, no auge do sofrimento, rezava, agradecendo a Deus, a situação de Raimundo, o seu querido primogênito, protegido, então, por Mãe Naninha e tia Clotilde, que contavam com a prestimosidade das queridas pretas Teresa e Maria.

Havia mais duas meninas: Argemira e Elvira, criação carinhosa de D. Naninha, que eram diligentes ao lado de Raimundo.

### *A sorte estava lançada*

Os dias foram passando, deixando Cícero inquieto e nervoso. Aquele homem, de empreendedor que era, tornou-se vagaroso e indeciso. Como tudo, se transforma nesta vida, Cícero, pela ordem divina, retornou aos poucos às suas atividades normais.

Certa tarde, o Cupido, "deus do amor", brincalhão e amigo, apontou o seu arco para o peito de Cícero. A seta, em fração de segundo, atingiu também a estimada sobrinha, Vicência Monteiro Pinheiro. Ficaram noivos e logo marcaram a data do casamento religioso. Desta feliz união criaram sete filhos: José Antonio, Ana, Anusia, Maria Ivauda, Francisca Dionê, Áurea Nilva e Zulene irmãos consanguíneos de Raimundo, o futuro e inconfundível General Teles.

EM SÍNTESE, ouviremos, o que o próprio General Teles escreveu sobre a sua vida.

"Vim ao mundo aos 20 de março de 1908, na casa de meu avô materno e criei-me no sítio "Currais" com temporadas invernosas na "Fazenda Cedro" em Pernambuco, onde me foram ensinadas as primeiras letras do alfabeto, por Artemízia Peixoto. Creio que foi no inverno de 1914, quando lá estava o meu citado avô e a família por ocasião da revolução de Juazeiro comandada pelo Dr.

Floro Bartolomeu da Costa, médico afamado pela competência e coragem. Depois marcou-me a memória os quadros da terrível seca de 1915, cujas cenas de sofrimento acompanhei mesmo dentro da minha cidade, a bela Crato. No fim desse ano frequentei a Escola de D. Vicência Garrido. Embora D. Vicência fosse boníssima, comecei com um entusiasmo que teve duração efêmera. Certa manhã ouvi seus ensinamentos aconselhando sobre o futuro dos bons estudantes. No outro dia, a primeira coisa que fiz foi adquirir por dois vinténs uma "bomba de São João" e à noite detonei-a na porta de minha prima Maria Pinheiro que estava doente e quase morreu do susto. Na tarde seguinte, atirei uma pedra na cabeça de um menino criado pela madrinha Maricota. Em janeiro de 1916, voltei ao Crato e continuei a fazer as piores e perigosas brincadeiras, matando passarinhos com baladeiras, caçando preás, ratos e abelhas na companhia dos primos Elias e Vicente acompanhados dos filhos dos agregados, sempre seguidos por uma matilha de cães barulhentos. Não faltava a disputa em cavalos aos gritos pelas estradas. Depois íamos tomar banho no grande açude onde brincávamos de cangapés e mergulhos perigosos. A verdade é que criei-me livre, ouvindo o farfalhar dos canaviais nos sítios "Currais" e "Francisco Gomes" ondulados pela brisa constante do sopé da majestosa Serra do Araripe. Vivia embevecido com as histórias de bichos, de lutas políticas e de cangaceiros, contadas com simplicidade pelos moradores na "roda do engenho cu na bagaceira". Fui criado sem conhecer o medo, iludindo vigilância de meu pai e de minhas queridas mães protetoras, brancas e pretas. Não posso esquecer a perigosa brincadeira de enfezar cobras cascavéis com varas de pinhão bravo. Em 1916 tudo mudou em Crato. Na casa do tio Antonio Fernandes Lopes, voltei aos estudos. Não faltava a tabuada com o seu cantarolar aos sábados, lições sempre temperadas com as palmatoadas. A professora D. Antonia Teixeira Mendes era enérgica e bondosa.

#### *Florescência de um amor eterno*

Nas férias de junho de 1916, Odite e Eunice que estudavam na escola de D. Rosa Amélia passaram uns dias com a Cirene e Otilia em "Currais", na casa do tio Filé. Após o jantar, por volta das 17 horas eu ia conversar e brincar com elas, sob a rígida vigilância da velha "Dondon", de "cabra cega", "boca de forno" e outros singelos divertimentos, inclusive da "escolha de cores" e eu sempre escolhia a cor lilás que era a preferida por Eunice. Às vezes brincávamos no patamar da "Capela" ou na "Farinhada" quando sovava-se a "massa puba" na gamela. Eu pegava nos

dedos de Eunice e ríamos às pampas. PREDESTINAÇÃO? Precisamente 17 anos depois, ela seria minha extremosa esposa e me proporcionaria 19 anos de vida maravilhosa.

Nas festas de fim de ano, os folguedos que mais nos deliciavam eram o bumba meu boi, o Maneiro Pau, o Pau de Sebo, as pastorinhas e as Cabaçais ou Música de couro. Às noites, eu brincava com o Jader Quesado na praça Siqueira Campos tendo bem viva na lembrança a imagem inocente e gentil da Eunice. Em 1918 a situação mudou. Fui interno no Colégio Diocesano do Crato. Como era natural estranhei sobremodo a mudança de vida, passando do regime de liberdade vigiada para o internato, com regras estabelecidas e totalmente ignoradas. Estranhei o dormitório com camas em alojamentos comunitários, com a utilização de água depositada em jarras de ágata e com mictório em baldes metálicos colocados em biombos dentro do alojamento. Estranhei o rígido regime das aulas e o contato com as matérias novas: Religião, História Sagrada, Português, Aritmética, Geografia, Civilidade, Procedimento e Aplicação que me ocasionaram dificuldades nos primeiros meses. Mesmo assim, sempre tirei boas notas".

Raimundo, o futuro brioso General Raimundo Teles Pinheiro, reiniciou os seus estudos com 10 anos no Colégio Diocesano do Crato. De 1922 a 1928, foi para o Colégio Militar de Fortaleza; de 1930 a 1932, com excepcional alegria, transferiu-se para a Escola Militar em Realengo. Decorridos alguns anos, foi mandado para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Recebeu várias condecorações, inclusive, a de Comendador da Ordem do Mérito Militar. Serviu em 4 batalhões de Infantaria na 25ª C. R. : 2 vezes no Estado Maior do Exército, 3 vezes no Estado Maior da 10ª Região Militar, 2 vezes no Estado Maior da 7ª Região Militar e no Departamento Geral da Administração do Exército, bem como comandou o Colégio Militar de Fortaleza. Teve as suas 3 últimas promoções pelo princípio de merecimento.

Torna-se importante a leitura da carta do General Humberto Castelo Branco a seu respeito:

"O Coronel Raimundo Teles Pinheiro comandou a extinta Escola Preparatória de Fortaleza desde agosto de 1961 com invulgar brilhantismo e a 1º de janeiro de 1962, com a fundação do Colégio Militar, passou a exercer o cargo de seu Comandante. Operou a transformação daquele estabelecimento no atual com grande sensibilidade para os problemas de estrutura e de pessoal, com segu-



rança e voltado para o futuro. Assim é que tudo passou a existir tão bem adequado que mais parece obra exclusivamente criadora. É verdadeiramente o Comandante: tem o ensino sob seu controle, imprime vigor à instrução, dá à educação física o aspecto de fator saudável e indispensável ao setor educativo, a disciplina é também educativa e a administração é para permitir pleno desenvolvimento ao ensino. O seu único objetivo, pois, é o aluno, isto é, o ensino e a educação. O internato e o semi-internato funcionavam a pleno rendimento, graças às suas providências em destaque no meio civil, não só no Ceará como no próprio Nordeste. O seu comando vai projetar-se no futuro dos alunos, por empenhar em tudo os seus elevados sentimentos de homem e suas apreciáveis qualidades militares. Tenho o prazer de, nestes termos, elogiá-lo”.

### *Façamos agora uma cronologia*

Janeiro de 1933 — Raimundo Teles Pinheiro embarcou no vapor Almirante Jaceguai e no dia 12 chegou em Fortaleza. Apresentou-se ao Comandante do 23º BC cel. Alcebiades Barreto. Teve permissão para aproveitar o resto da viagem. Como já havia programado, casou-se com a senhorita Eunice, aquela com quem brincava em 1916. O casamento aconteceu no dia 27, na Igreja da Sé no Crato, no altar de N. Senhora do Rosário, seguindo-se o casamento civil na casa de José Teles. Usaram da palavra o Juiz, Dr. Hermes Parayba, e o Mons. Joviniano Barreto. Após a lua de mel voltaram a Fortaleza, hospedando-se na casa de Edgar e Leticia. No dia 1º de fevereiro compareceu ao 23º BC, ministrando instrução a um pelotão apresentado pelo Tenente Aderson Aquino Pereira. Após várias apresentações entrou em franco trabalho das funções, com muita garra e disposição. Ambientou-se com os companheiros integrando-se plenamente na rotina. Alugou uma casa na Gentilândia, mudou-se depois para a Rua Major Facundo. Nesta época começaram as promoções e contínuas viagens. VEJAMOS :

- 21 de março — auxiliar de Instrutor do Curso de Candidatos;
- 17 de maio — inspecionou os Tiros de Guerra de Juazeiro e Sobral e a Escola de Instrução Militar do Crato;
- 20 de maio — Crato e Juazeiro para novas inspeções, visitando o Cel. Nelson de Alencar — Lameiro;
- 6 de junho — Sobral. Inspeccionou o T.G. Lá conheceu o Dr. José Sabóia e o bispo D. José Tupinambá da Frota;
- 6 de julho — foi promovido ao posto de 2º Tenente, classificado no 23º BC, prestando juramento a 25 de julho.

Numa parada dos trabalhos entrou de férias a 3 de outubro, indo gozá-las no Crato e a 9 de novembro, com o falecimento de sua avó paterna Ana Bezerra Teles, teve mais 8 dias de luto;

21 de dezembro — vai para Juazeiro a fim de examinar o Tiro de Guerra nº 48. Trabalhava durante o dia e pernoitava no Crato com os familiares. Após os exames visitava o Padre Cícero na companhia do primo e amigo José Bezerra de Menezes. Em princípios de janeiro de 1934 regressou do Cariri e de 1º a 15 de fevereiro respondeu pelo comando do P. E. (Pelotão Especial) e da Ajudância do B. C. (Batalhão de Caçadores). Foi nomeado para completar a banca examinadora de alunos do Colégio Militar, sorteado para membro do Conselho Permanente da Justiça, encarregado do IMP ou escrivão do mesmo.

Em 1935, em março, foi surpreendido com a ordem para servir no 21º B. C. (Batalhão de Caçadores) de Natal, onde assumiu o comando das 1ª e 2ª Companhias, em período político agitado. Nesta época adquiriu uma basite gripal violenta, tratando-se com o Dr. Amadeu Sá. Em agosto de 1934 havia sido promovido ao posto de 1º Tenente. Em abril de 1936 foi nomeado escrivão de um IPM.

30 de julho — viagem de inspeção às 8ª, 7ª e 6ª Regiões Militares de Belém, Manaus, São Luiz, Teresina e Fortaleza;

Janeiro de 1939 — transferido para o 23º BC, sendo designado Oficial de Informações. Convidado pelo General Mascarenhas para chefiar a 1ª seção da 25ª CR em Fortaleza, aceitou, realizando duas convocações de Reservistas. Ainda no Curso da 2ª Convocação estudou para o Concurso da Escola do Estado Maior, incentivado por Murilo Borges. Após o concurso foi transferido para o Q. O. e classificado no 14 R. I. e depois retificado para o 37º BC em Caruaru. Em Recife, soube da aprovação no Concurso e, logo depois, foi designado para estagiar nos Estados Unidos, visitando muitos lugares e exercendo várias funções. Quando matriculado na Escola do Estado Maior a 11 de abril de 1946 teve grandes dificuldades em vista do precário estado de saúde de sua esposa, Eunice. Em 1950, a 3 de março, em licença prêmio foi à Europa e na volta, viajando para o Crato, assistiu os últimos dias de sofrimento do seu pai, certo de que nunca lhe dera preocupação. Sempre lhe dera muitas alegrias. Após alguns dias, regressou a Fortaleza onde com muitos companheiros, entre eles o jornalista Osmundo Pontes e Stênio Azevedo empreenderam grande excursão retornando à Capital no dia 28 de julho, cheio de saudades. Após alguns dias, foi ao Crato, onde sua esposa submeteu-se a uma

cirurgia pelo Dr. Antonio Macário de Brito. Em março de 1951, Eunice voltou a sentir os mesmos sintomas e, aconselhada pelo Dr. Haroldo Juaçaba, foi ao Rio de Janeiro para nova cirurgia e obteve bom êxito. Voltou a Fortaleza para aplicações radioterápicas mas, com pouco tempo, retornou ao Sul para uma outra intervenção cirúrgica com o Dr. Fernando Gentil. Apesar dos grandes esforços médicos, ela não resistiu e faleceu no dia 12 de novembro de 1951 na mesa de operação.

O General Teles ficou bastante desolado, mas ouvindo dos médicos que a doença era irreversível, conformou-se com a vontade de Deus. Após a missa de 7º dia, assistida por todos os amigos, inclusive o Coronel Humberto Castelo Branco, recebeu todo apoio dos grandes e devotados amigos de sempre, General Tácito Teófilo e sua esposa Yolanda Teófilo.

Em junho de 1952, Décio Teles foi ao Rio de Janeiro com Isolda e Noélia visitar Irmã Teresa em Teresópolis. Aproveitando o regresso do carro, Raimundo Teles Pinheiro entrou em férias e no dia 14 de julho do mesmo ano contraiu matrimônio com a sua cunhada Valdelice, voltando a sentir-se feliz. Logo depois aceitou o convite para Chefe do Estado Maior, do General Castelo Branco.

Por merecimento foi promovido a Tenente Coronel, classificado no E. M. (Estado Maior) da 1ª Região Militar e designado chefe da 1/EMR (Estado Maior da Região). Retornou ao campo da escrita elaborando a pedido do General Castelo uma conferência sobre a heroína Maria Quitéria de Jesus. A 7 de maio de 1960 teve uma grande alegria, nasceu Eunice, sua afilhada e a menina dos seus olhos.

Na realidade, sua vida foi repleta de condecorações e de muitas viagens. Grandes personalidades gozaram de sua amizade. Além da morte da primeira esposa sofreu um grande abalo com a morte da tia e mãe adotiva Clotilde que substituiu sua mãe quando ele tinha apenas 3 anos de idade.

A partir de 1967 passou a freqüentar o Instituto do Ceará na companhia do Dr. Duque. Por esta época, mais uma excursão à Europa. Depois de tantos trabalhos e doação contínua foi aconselhado pelo médico, Dr. José Nogueira Paes Filho, a deixar o cargo de Presidente da Codagro, evitando preocupações e aborrecimentos.

Em janeiro de 1974, foi eleito Sócio Efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, onde fez grandes amigos.

Com a eleição do Coronel Adauto Bezerra a Governador do Estado, continuou na Presidência do Conselho do SEPROCE e Diretoria da Biblioteca Pública, participando logo mais do Conselho Fiscal das DOCAS.

Fatos outros marcaram sua vida e falar sobre todos eles seria impossível. Podemos destacar as palavras de Antônio Araújo Ribeiro que o sucedeu em 26 de setembro de 1989, tomando posse na Cadeira nº 12 do Instituto Cultural do Cariri. "Raimundo Teles Pinheiro, militar de escol, exemplar no cumprimento do dever, intelectualmente preparado para bem servir à Pátria, nutrindo verdadeira paixão pela causa educacional e pela cultura, conforme atesta a sua vasta folha de serviços ao glorioso Exército Brasileiro".

#### *Vida Literária do General Teles Pinheiro*

Sua mentalidade participativa levou-o a desenvolver o seu grande pendor para assuntos de ordem histórica, social, cultural e militar. Suas produções são as seguintes: *A Heroína e os Bravos*. Fortaleza, 1959, Imprensa Universitária do Ceará. *Estudos Históricos-Militares e outros temas*. Fortaleza, 1977, Imprensa do BNB. *Os Bezerra de Menezes*, em colaboração com Vinicius Barros Leal e Eduardo Bezerra Neto seus grandes amigos. Fortaleza, 1982, Tipografia Minerva. *Retalhos Genealógicos e Outros Retalhos*. Fortaleza, 1983, Tipografia Minerva. *Fiapos*. Fortaleza, 1985, Tipografia Minerva. *Fragmentsos*. Fortaleza, 1986, Secretaria de Cultura e Desporto.

Em novembro de 1965, Raimundo Teles Pinheiro foi promovido a General e com o seu caráter ilibado e trabalhador soube sempre ser fiel aos deveres de militar, honrando o Exército Brasileiro.

No dia 13 de novembro de 1987, dona Valdelice ouviu um gemido surdo e encontrou-o visivelmente abatido. Sentou-se à borda da cama e disse: "Estou muito tonto. Quero tomar o remédio do coração. Quero ir à mesa tomar um pouco de café". Eram exatamente 7 e meia da manhã. Logo depois, o General levantou-se e se dirigiu à sala procurando ler os jornais como fazia diariamente. Suspirou profundo e disse: "EU VOU MORRER. Leve-me para a cama".

D. Valdelice chamou o Dr. Décio e quando chegaram ao Prontocárdio, o General já estava morto. Seu corpo foi velado no Colégio Militar com as honras militares. A família e os amigos sentiram que ele até o último momento conservou a coragem e a lucidez, que são apanágio das grandes e fortes personalidades.

Realmente, o General Raimundo Teles Pinheiro, continua conosco, porque soube desenvolver os talentos que recebeu de Deus e teve uma vida profundamente cristã e operosa.

Finalizando, peço ao Sr. Presidente Dr. Geraldo da Silva Nobre para solicitar aos presentes, um minuto de respeitoso silêncio em homenagem póstuma aos nossos inesquecíveis amigos que se encontram com o Pai Eterno:

José Aurélio Saraiva Câmara  
Ismael Pordeus  
Parsifal Barroso  
Osvaldo Riedel  
Manoel Lima Soares  
Manoel Albano Amora  
Joaryvar Macedo  
Maria Conceição de Sousa  
Raimundo Teles Pinheiro  
Itamar Santiago Espíndola.

Fiquem com Deus, amigos.

Fortaleza, 20 de Setembro de 1993

---

## Impõe-se a reedição de obras raras sobre o Cariri

Tem sido o Instituto Cultural do Cariri visitado amiúde por estudantes de todos os níveis, até universitários, à busca de informações e coleta de dados históricos sobre a região. Como, em geral, o são as demais Bibliotecas da cidade, a do Instituto tem poucas obras dos nossos autores. Isso tem criado dificuldades para os jovens pesquisadores, no preparo de suas monografias e pesquisas.

Impõe-se, portanto, uma corajosa e vigorosa política editorial, por parte da Prefeitura e o próprio Estado do Ceará, para reeditar diversas obras hoje raridades bibliográficas.

Dentre essas obras, poderiam figurar: "O Cariri", de Irineu Pinheiro; "Meu Mundo é uma Farmácia" e "Engenhos de Rapadura do Cariri" de J. de Figueiredo Filho; "Floro Bartolomeu", de Nertan Macêdo; "Cidade do Crato" e "A Cidade de Frei Carlos" do Pe. Antonio Gomes de Araujo. Os estudos genealógicos de Mons. Raimundo Augusto e do Pe. Teodósio Nunes poderiam ser reunidas em publicações. Até mesmo o "Roteiro Biográfico das ruas do Crato", de J. Lindemberg de Aquino.

# Agradecimentos

---

## da Família

---

## Teles Pinheiro

---

Ilmo. Sr. Prof. Geraldo Nobre e seus ilustres Colegas de Mesa;

Ilmo. Sr. Dr. Antenor Gomes de Barros Leal;

Senhores e Senhoras.

A viúva do Gen. Raimundo Teles Pinheiro, D. Valdelice, minha tia e querida madrinha de batismo, a quem muito estimo e aqui presente, a mim outorgou esta honrosa missão de ser a intérprete de seus sentimentos. Eu sou a Eunice, filha de Maria Isolda, consideradas verdadeiramente pelo homenageado como sua neta e filha, respectivamente, além de suas afilhadas de batismo.

Se por um lado sinto a pesada responsabilidade de intérprete da família, por outro, experimento indizível satisfação e alegria de poder agradecer-vos tão gloriosa homenagem ao Gen. Raimundo Teles Pinheiro.

Longe de atitudes formais e sem recorrer a frases convencionais, na mais pura sinceridade e do fundo do nosso coração, nosso muito obrigado.

Quero transmitir um agradecimento especial ao Dr. Antenor Gomes de Barros Leal, quem mui dignamente nos comentou sobre sobre a vida honrosa do Gen. Raimundo Teles Pinheiro.

Entre nós guardamos sua doce memória de um segundo pai, um amigo leal e cordial, sempre prestimoso, que soube cativar a família e os amigos, sempre humano e compreensivo, de caráter inatingível; herdamos um exemplo de vida moldada nos princípios

da verdade, da honestidade, da franqueza, da simplicidade, da justiça e da dignidade.

Eis aqui uma confirmação de sua imortalidade nesta casa, como sócio efetivo no Instituto Histórico do Ceará; como sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri; Correspondente do Instituto Cultural do Vale Caririense e do Instituto Genealógico do Cariri; Ex-Comandante, respectivamente, do extinto C. P. O. R. de Fortaleza, da Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza e do Colégio Militar de Fortaleza, Ex-Chefe do Estado Maior da 10ª Região Militar, e das Subseções de Estatística, História e Geografia da 5ª Seção do Estado Maior do Exército, Ex-Representante do Ministério do Exército no Conselho Nacional de Geografia; Chefe de Seção do Departamento Geral de Administração do Exército; título de "Amigo do Colégio Militar", "Cidadão Honorário de Fortaleza"; Sócio da Associação Cearense de Imprensa — A. C. I.; Comendador da Ordem de Honra ao Mérito Militar; Pesquisador incansável, conhecedor dos grandes momentos da formação do povo brasileiro e do seu espírito de nacionalidade.

A todos vocês nossos sinceros agradecimentos por tão merecida homenagem.

Muito obrigada.

(Discurso pronunciado pela Dra. Eunice Ulisséia Cartaxo Peixoto Maia, neta do General Teles, em agradecimento às palavras do Dr. Antenor Barros Leal, após a sua conferência, no Instituto do Ceará, na noite de 20 de 09.93).

## O DISCURSO EM VÍDEO

Para os que não puderam comparecer e ouvir, pessoalmente, o discurso do Dr. Antenor e os demais que se seguiram, bem como acompanhar a histórica Sessão do Instituto do Ceará que homenageou o General Teles, a viúva do ilustre militar, D. Valdelice, reuniu na noite de 1º de Dezembro de 1993, em sua residência, na Praça da Sé, parentes, amigos e admiradores daquele inesquecível vulto. Foi exibido um filme em vídeo especial, mostrando toda aquela sessão, servindo-se bolos, refrigerantes, café e licores. Uma reunião de elevada distinção e fidalguia, a que estiveram presentes representantes do ICC.

## "O GRUTAC" e o Cine Teatro Municipal

---

É tarefa agradável e, por que não dizer, de grata satisfação, falar sobre o GRUPO TEATRAL DE AMADORES CRATENSES, ao qual pertenço, trazendo indelévels recordações, já que fui dos seus fundadores, juntamente com outros denodados amantes da arte em terras do Cariri, entre eles Salviano Saraiva, Felipe Ribeiro Silva, Dr. José Peixoto Alencar Cortez (Dr. Ribamar), Carlos Pedro e Icléa Teixeira.

Seu primeiro diretor artístico foi o saudoso Waldemar Garcia que, com sábios conhecimentos orientou o Grupo para suas vitoriosas promoções.

Desde sua criação, nosso Grupo tem enfrentado porém vencendo sérios obstáculos, mercê da tenacidade de seus integrantes, pois não dispõe de recursos financeiros nem de um Teatro adequado às funções, embora o "Teatro Rachel de Queiroz" tenha servido de palco para inúmeras apresentações, após a desativação dos tabladros de que dispunham os Cines Moderno e Cassino.

Mesmo assim, o Grupo Teatral de Amadores Cratenses brindou o público com cerca de mais de 40 peças de autores nacionais, entre elas "Joaninha Buscapé", "Vila Rica", "O Mártir do Calvário", "Yayá Boneca", Bombonzinho", "A Cigana me enganou", "Deus lhe pague", "A felicidade pode esperar", "O diabo enlouqueceu", "Pertinho do Céu", "A raposa e as uvas" esta última contando com a honrosa presença, no auditório, da renomada escritora Rachel de Queiróz.

No momento, estamos elaborando, a história do nosso Grupo, onde descrevemos minuciosamente todo o itinerário percorrido até hoje, num exaustivo mas dignificante trabalho de pesquisa, ilustrado com fotos e importantes depoimentos, estando inserido no texto fatos pitorescos ocorridos em torno da nossa vivência teatral, dos quais focaliza um bem interessante: na ausência de locais próprios para encenarmos nossos espetáculos, fazia-mos ensaios às vezes em praças públicas ou então em residências dos atores, até conseguirmos ocasião oportuna para fazer a estréia da peça ensaiada.



Ao longo desses anos, o Grupo já representou também em cidades vizinhas, tem Estatuto registrado, muita disposição, só faltando mesmo um Teatro onde novamente possamos mostrar nosso trabalho.

Não só teatro ocuparia esse espaço, mas cinema, exposições, lançamentos de livros, concertos, debates, simpósios culturais, salas de administração e muito mais.

Finalizando essas observações, o Grupo aguarda e confia na palavra do Sr. Prefeito para que faça construir o nosso Teatro Municipal, com a infra-estrutura necessária para as grandes encenações, com amplo salão e no local pre-determinado. Essa a nossa esperança para prosseguimento das atividades do Grupo Teatral de Amadores Cratenses e dando, é óbvio, oportunidade a que Companhias de outras plagas aqui compareçam para gáudio daqueles que apreciam a arte, desenvolvendo a cultura na região.

---

---

## O ALMIRANTE MAURITI

“O Almirante Joaquim Antônio Cordovil Mauriti pertence a uma geração de marinheiros que iniciaram a sua carreira em luta contra os inimigos da Pátria. Forjou ele a sua têmpera de soldado ao troar dos canhões, e da refrega memorável saiu coberto de glórias, com cicatrizes que valiam mais do que todas as condecorações conquistadas pela bravura e pelo heroísmo.

Nasceu MAURITI na cidade do Rio de Janeiro a 13 de Dezembro de 1846. Fez os preparatórios no Colégio Pedro II. Matriculou-se na Academia de Marinha em 1860. Guarda-marinha em 26 de Novembro de 1862. 2º Tenente em 24 de Novembro de 1864. 1º Tenente a 11 de Janeiro de 1867. Capitão Tenente em 1868. Capitão de Fragata em 1875. Capitão de mar-e-guerra em 1883.

Contra-almirante graduado em 1890. Contra-almirante efetivo em 1892. Vice-almirante graduado em 1902. Efetivo, no mesmo ano. Almirante em 1903. A 12 de Agosto de 1908 assumiu o comando em chefe da Esquadra Nacional, tendo sido, antes, em Dezembro de 1906, chefe do Estado Maior da Armada.

O Almirante MAURITI faleceu em 6 de Janeiro de 1915. É uma das glórias mais puras do Brasil e sua vida um padrão para a mocidade de nossa terra”.

# CARIRI PREOCUPADO COM O FUTURO DA UNIVERSIDADE

Marchando, já, para o seu décimo aniversário, a Universidade Regional do Cariri ainda não conseguiu firmar-se definitivamente, por força de diversas circunstâncias. Repartição estadual, ainda está sujeita a caprichos de certos políticos ou a destempêro de determinados governantes.

Os professores reclamam maior segurança e estabilidade.

A pobreza de recursos inviabiliza os magnos planos do Reitor atual, homem culto, prôbo, esforçado, diligente e versátil.

No seu primeiro decênio, nenhum outro curso superior foi implantado, até agora, na sua área de influência.

Os cursos de Enfermagem e Assistência Social ainda continuam na promessa.

O curso de Odontologia, que teve seu nascedouro em instituição particular, não pôde, até agora, ser encampado pela Urca, criado, instalado e posto a funcionar, pelas condições adversas existentes.

A Prefeitura passou para a Urca o projeto do Ginásio Coberto, do Crato, antes por ela iniciado, por trás da Reitoria atual.

As verbas se acabaram, não foram conseguidos novos recursos, as obras foram paralisadas, não foram adiante.

O Plano do terreno para a Cidade Universitária ainda está no setor de planejamento, não tendo sido, ainda, determinado com exatidão o local exato do campus universitário definitivo. Isso implica numa série de dificuldades, a começar de ordem econômica, e a não implantação desse campus universitário inviabiliza planos futuros como criação do Teatro Universitário, Rádio Universitária, Imprensa Universitária, alojamentos para estudantes, laboratórios, Biblioteca Central, centros científicos e de pesquisas...

Não se pode desconhecer o esforço que as autoridades universitárias desenvolvem para efetivar todos os planos da Urca. Mas tudo tem esbarrado em dificuldades. A atividade de extensão universitária, com cursos, simpósios, conferências, lançamentos literários e científicos, tudo vai andando bem, mas o que se nota é que o organismo universitário ainda é debilitado pela falta de recursos substanciais que garantam a sua definitiva estabilidade.

Í N D I C E

	Pág.
Instalada de Forma Solene a Fundação J. de Figueiredo Filho	2
EDITORIAL — Itaytera, mais uma vez	3
José de Figueiredo Filho e o Crato	5
Realizado o 16º Festival Regional do Folclore	9
Ao Receber a Medalha Clovis Bevilaqua	11
Município de Santana do Cariri com novos Distritos	17
Um Novo Amor	20
Novo Cidadão de Barbalha	21
Alexandre Arrais: 50 Anos Depois	24
Uma Lágrima e nada mais	29
A Noite	30
Oração à Cana	31
Oração de Agradecimento	33
10 Poesias de Dandinha Vilar	36
Que Viva a URCA	41
Uma Família a Serviço do Bem	43
Discurso em Conceição	45
5 Sonetos de Zenith Feitosa	48
Dois Grandes Filhos do Crato: Os Irmãos Denizard e Nertan Macedo	51
O Centenário de um Livro Triste	58
Relembrando o Crato	61
A Farinhada	63
Para Raquel — (Nos seus 15 Anos	65
Voltando às Origens — Triste Lembrança	66
Nossa Casa — S. O. S. Araripe	67
Viagem ao Cariri	68
A Ana Maria	70
Meus Anseios	72
Grata Mensagem	73
Os Caminhos da Arte e as Tarefas do Artista	75
Conselheiro Tristão Entre as Ruas do Crato	88

Í N D I C E

	Pág.
Conselheiro Honorário do C. E. E. . . . .	89
Mons. Francisco Rodrigues Monteiro — (O "Homo Dei")	95
O Apóstolo do Nordeste, Nascido em Sobral pode tornar-se o primeiro Santo genuinamente Brasileiro . . . . .	97
Padre Antonio Vieira, 50 Anos de Sacerdócio . . . . .	102
Monsenhor Antonio da Silva Távora ganha nome de rua . . . . .	106
Apresentando o Livro "O Caso Bagé" . . . . .	107
Reflexões Sobre o Menor Abandonado . . . . .	111
Frei Ambrósio Lobo — Apresentação do Terceiro Volume de "OS CAPUCHINHOS NA BAHIA" . . . . .	113
Crato — Ontem e Hoje . . . . .	115
J. Lindemberg de Aquino eleito Sócio-Correspondente do "Instituto do Museu Jaguaribano" de Aracati . . . . .	119
Vicente Leite . . . . .	121
A Criação da Vila de Aracati e a Praça Cruz das Almas . . . . .	124
D. Pedro II . . . . .	129
Câmara Cascudo e o Conde D'Eu . . . . .	137
Itinerário da Amizade . . . . .	146
PEDROSA: "Sou um Artista no Mercado" . . . . .	151
PEDROSA: Do Gosto da Linha ao Encontro da Cor (Resposta a uma Enquete) — Influência do Crato na História da Educação no Cariri . . . . .	155
Réquiem para Arimathéa . . . . .	163
Projeto — "S. O. S. Chapada do Araripe" . . . . .	165
O Patriarca da Independência . . . . .	172
Quintino Cunha, Poeta e Repentista . . . . .	180
Dom Newton Holanda Gurgel 4º Bispo Diocesano do Crato	185
Evocando a Figura do General Raimundo Teles Pinheiro . . . . .	187
Agradecimentos da Família Teles Pinheiro . . . . .	196
"O GRUTAC" e o Cine Teatro Municipal . . . . .	198
Cariri Preocupado com o Futuro da Universidade . . . . .	200



O INSTITUTO CULTURAL DO  
CARIRI e a Direção da  
Revista Itaytera  
agradecem ao Prefeito  
do Crato, ANTONIO  
PRIMO DE BRITO, pela  
inestimável cooperação  
que permitiu a  
Circulação da presente  
edição.